

Notas
DE
MENTIRA

TRILOGIA ENGANO - LIVRO 01

MEU
marido.
MEU
algoz.

RINA KENT



editora
CABANA VERMELHA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Votos
DE
MENTIRA

TRILOGIA ENGANO - LIVRO 01

MEU
marido.
MEU
algoz.

RINA KENT


publicadora
CABANA VERMELHA

Table of contents

1.	Nota da Autora
1.	Sinopse
2.	Playlist
3.	Prólogo
4.	1
5.	2
6.	3
7.	4
8.	5
9.	6
10.	7
11.	8
12.	9
13.	10
14.	11
15.	12
16.	13
17.	14
18.	15
19.	16
20.	17
21.	18
22.	19
23.	20
24.	21
25.	22
26.	23
27.	24
28.	25
29.	26
30.	27
31.	28
32.	29
33.	30
34.	31
35.	Sobre a Autora

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Table of Contents](#)



Votos
DE
MENTIRA

TRILOGIA ENGANO - LIVRO 01

MEU
marido.
MEU
alcoz.

RINA KENT


editora
CABANA VERMELHA

Título Original: VOW OF DECEPTION

Votos de Mentira Copyright © 2021 Rina Kent

Votos de Mentira Copyright © 2023 Cabana Vermelha

Diretora Editorial: Elaine Cardoso

Assistente Editorial: Tiago Toy

Tradução: Tiago Toy

Preparação: Sara Lima

Revisão: Barbara Pinheiro

Capa: Ellen Ferreira

Diagramação digital: I A N D R A D E

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Sumário

Nota da Autora

Sinopse

Playlist

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Sobre a Autora

Para cada um de nós que desafiou a lógica e se apaixonou pelos vilões.

Nota da Autora

Olá, amigo leitor.

Se você nunca leu meus livros antes, talvez não saiba, mas escrevo romances dark que podem ser perturbadores e inquietantes. Meus livros e personagens principais não são para os fracos.

Votos de Mentira é o primeiro livro de uma trilogia e não é independente.

Inscreva-se na [Newsletter](#) (em inglês) de Rina Kent para receber notícias sobre futuros lançamentos e um presente exclusivo.

Sinopse

Meu marido. Meu algoz.

O homem mais famoso da cidade me oferece um emprego: atuar como sua esposa morta.

Adrian Volkov não é o tipo de pessoa que aceita um “não” como resposta.

Ele comanda com autoridade absoluta e todas as suas ordens são cumpridas.

Quando ele me aborda com a oferta, tenho duas opções: ir para a prisão ou me submeter à sua ira.

Escolho ter um teto sobre minha cabeça. Fingir não seria algo tão difícil, certo?

Errado.

No momento em que entro no papel de sua esposa, tudo sai do controle.

Minha única maneira de sobreviver é por meio de Adrian.

Ou será que não?

Playlist

Snuff – Slipknot

Demons and Angels – LOWBORN

Darkness in Me – Fight The Fade

I Don't Know What to Say – Bring Me The Horizon

Designer Drugs – FNKHOUSER

Virgin – Manchester Orchestra

Simple Math – Manchester Orchestra

Pale Black Eye – Manchester Orchestra

Warning Sign – Coldplay

Hemorrhage – Red

Crawling – Dream State

Ashes – Claire Guerreso

Survivin' – Bastille

Heavy Rain – Solence

Apprehension – Manchester Orchestra

Mighty – Manchester Orchestra

Flares – The Script

Haunted – Acacia Ridge

In The Shadows – Amy Stroup

Under Your Scars – Godsmack

Você pode encontrar a playlist completa no [Spotify](#).

Prólogo

Um doppelgänger pode ser a causa da sua morte.

Existe um mito muito antigo que diz: quando se encontra alguém que é igual a você, um dos dois morrerá.

A pergunta é: *quem?*

Quem morreria primeiro? Eu ou *ela?*

De acordo com o mito, o primeiro a ver o outro está fadado a encontrar o seu fim. Na mesma década. No mesmo ano. Talvez até no mesmo dia.

Levanto minhas mãos trêmulas e vejo o sangue que as cobre, que percorre meus dedos e se infiltra sob as unhas.

Ah.

Acho que significa que a vi primeiro. Fiz o primeiro contato visual.

Que azar. Mas acho que nunca tive sorte. Não quando nasci, e ainda menos quando fui jogada nesta vida.

Minha atenção se concentra no carmesim profundo que cobre as mãos como uma segunda pele. É espesso, pegajoso e sua cor escura fica gravada na minha mente. Esfrego as palmas uma na outra para limpá-lo, mas não adianta. Na verdade, o sangue fresco e quente se espalha mais, como se já tivesse escolhido minhas mãos como residência permanente.

Fecho os olhos, respirando fundo. O som é áspero, gutural, como se longas garras enferrujadas arranhassem a superfície dos meus pulmões.

Não tem problema. Quando abrir os olhos, vou acordar. Isso não é real. É só minha imaginação fértil e superstição unindo forças para torturar minha mente.

Isso. Não. É. Real.

Minhas pálpebras parecem ter sido coladas quando se separam.

O sangue ainda é o mesmo – cálido, grudento e quase preto devido à ausência de luz. Cerro os punhos, meu corpo enrijecendo como um chicote esticado.

Acorde. Acorde logo, caramba.

Minhas unhas afundam nas palmas, e não há nada que eu possa fazer para me livrar disso. Nada interrompe esse ciclo desagradável.

Levanto a cabeça e estudo o ambiente ao meu redor. Árvores selvagens me cercam como um casulo. São tão altas que quase não se consegue ver o firmamento negro pela fresta acima de mim.

As nuvens se concentram sobre a luminosidade prateada da lua, e sinto um calafrio. O suéter fino por cima do vestido de algodão mal me protege.

Sentir frio deveria ser um bom sinal, mas não é. Não é uma indicação clara de que isso é real ou não.

O sangue em minhas mãos não desaparecerá, tampouco o tremor que percorre meu corpo.

Ele está atrás de mim.

Se me encontrar, vai me matar.

Fecho as pálpebras e conto em voz alta:

— Três, dois, um.

Quando volto a abri-las, as árvores são as mesmas, assim como o frio. O sangue está mais gelado agora. Mais espesso. *Mais pegajoso.* Como se um demônio estivesse possuindo minha mente e começasse pelas minhas mãos.

Não.

Cravo as unhas na longa cicatriz em meu pulso e arranho a pele com toda a minha força, na intenção de removê-la e espiar o que há embaixo. Ver o sangue fluindo, e assim distinguir esse pesadelo da realidade.

Se não houver dor, então não é real. É apenas outra manifestação cruel do meu subconsciente, outra autopunição. Logo tudo terá terminado e acordarei sã e salva.

Minha pele se rompe sob a agressão das unhas e uma dor aguda irrompe no ferimento.

Minha boca se abre e uma lágrima brota em minha pálpebra.

Isso é real.

Não é um pesadelo. Não dormi e acordei no inferno. Fui até lá com meus próprios pés.

Não.

Não...

Meus lábios ressecados estremecem quando gotículas de sangue escorrem do ferimento e se juntam à carnificina em minhas mãos.

Tanto sangue assim só pode significar uma coisa.

Tirei uma vida.

Meus demônios, por fim, venceram.

Eles estão em silêncio agora, nem mesmo tentam sussurrar aquelas coisas maliciosas, aqueles pensamentos que me atormentam dia e noite. Eles se tornaram mais barulhentos, golpeando e arranhando os confins da minha cabeça até que eu os ouvisse.

Até que atendesse ao desejo deles.

— Eu não sou uma assassina. Não sou uma assassina... — murmuro as palavras para mim mesma. Talvez, se continuar a fazê-lo, consiga desfazer o que aconteceu.

Talvez possa voltar atrás e mudar tudo.

Olho para o céu sombrio e desolado, as lágrimas agarradas às minhas pálpebras.

— Se houver alguém por aí, por favor, me deixe voltar e mudar isso. Eu não sou essa pessoa. Não me deixem ser essa pessoa. Por favor...

Somente o vento uivante me responde, seu som ecoando na floresta vazia como espíritos vingativos com olhos amarelos e bocas escancaradas.

— P-por favor... — imploro. — Por favor, parem de me torturar com meu próprio eu. *Por favor.*

Sei que minhas súplicas não têm efeito algum, mas é a última esperança a que posso me agarrar. O último fio que pode me salvar. Porque, neste momento, preciso desesperadamente de salvação.

E não confio mais em mim mesma para fazer isso. Se tentar, só vou piorar as coisas. Perderei o controle e seguirei por um caminho sem volta.

Quando der por mim, serei meu próprio demônio.

Minha própria ruína.

Serei aquilo de que fugi durante toda a vida.

— Por favor, faça isso parar. — Minha voz embarga e dou uma

fungada. — Por favor. Farei qualquer coisa.

Desta vez, o vento não é minha resposta. O farfalhar de passos vem do meio das árvores.

Meus pés vacilam e paro de respirar. Meus demônios não poderiam ter me encontrado tão cedo.

Mas... *espere*. Esta é a realidade. Eles não se manifestam na realidade. Isso significa que os passos pertencem a alguém mais perigoso do que eles.

Eu me viro e corro, desviando dos galhos pelo caminho. As folhas caídas estalam sob meus sapatos baixos, mas não paro para pensar no barulho que faço, que indica a minha localização. Isso não é importante no momento. Se eu for pega, serei morta.

Na verdade, meu destino será muito pior do que a morte.

Viva. Você é uma lutadora. Nasceu para viver.

As palavras de mamãe ecoam em minha cabeça, me carregando com uma alta dose de adrenalina. Tenho que viver e me manter assim por nós duas.

Preciso viver.

Os passos se aproximam a cada segundo, até que o baque chega até mim. Não olho nem tento olhar para trás. Em vez disso, uso as árvores como camuflagem, correndo entre elas tão rápido que meus tendões gritam de dor.

Se meu ritmo for irregular, ele não me encontrará. Se eu for imprevisível, conseguirei escapar das garras da morte.

Fui treinada para nunca levar a pior ou ter menos do que mereço. É irônico que *ele* tenha me ensinado isso e agora esteja vindo atrás de mim.

Tão irônico.

Quando as árvores abrem caminho, faço uma parada brusca no topo de um penhasco. Seixos saltam de debaixo dos meus pés e rolam nas enormes pedras e, por fim, para a água escura e turva que se choca contra as rochas. O som das ondas furiosas ecoa no ar como uma sinfonia mortal.

O céu está nublado, projetando uma sombra lúgubre sobre o mar revolto.

Enquanto observo lá embaixo, um pensamento estranho, porém familiar, ressoa em minha cabeça.

Seria tão fácil acabar com isso. Tão fácil.

Basta um passo. Um passo e afogarei meus demônios com as próprias mãos.

Um passo e os matarei de uma vez por todas, para que nunca mais retornem.

— Faça isso.

Um calafrio percorre meu corpo quando ouço a voz sinistra que vem de trás de mim.

Ele me encontrou.

Eu me viro tão rápido que perco o equilíbrio e balanço para trás. Estendo a mão para ele e agarro seu braço com ambas as mãos, fincando as unhas em sua camisa. O sangue se espalha no tecido cinza-claro como prova do meu desespero para viver.

Ele está imóvel, quase como uma estátua de gelo, enquanto permaneço suspensa no ar. Seu rosto está encoberto por sombras e não consigo ver nada, exceto os contornos de sua mandíbula e seu cabelo.

Como sei que ele não fará nenhum movimento para me ajudar, tento usar sua manga para me puxar de volta.

— Você tirou uma vida. — Seu tom calmo, porém ameaçador, me faz hesitar.

Balanço a cabeça com violência.

— Eu n-não queria.

— Mesmo assim, aconteceu.

— Não, por favor... não...

— Morra por seus pecados. — Ele puxa sua mão e cambaleio para trás, caindo no penhasco.

Abro a boca para gritar, mas não sai nenhum som. A queda não é tão dolorosa quanto eu esperava. Pelo contrário... é tranquila.

Depois de uma última olhada na silhueta que me observa, fecho os olhos, liberando as lágrimas.

Finalmente, tudo acabou.

O perfume de rosas se transformou no odor da morte.

Fixo o olhar no sangue que jorra de suas feridas, na vida que teima em deixar seu corpo sem pausa ou dúvidas.

A cor vermelha macula sua pele clara, pintando riachos em seus braços e pernas e contornando seu rosto suave.

Seus olhos estão abertos, mas ela não olha para mim. O azul deles não expressa nada, já existindo em outro lugar ao qual não pertencço.

Apoio sua cabeça em meus braços, acariciando com delicadeza seus cabelos castanho-escuros. Levantando uma mecha molhada, inspiro fundo, procurando o que talvez seja minha última dose de rosas. Não importa se elas são espinhosas e me picariam no processo. O método não tem importância para mim, desde que eu consiga resolver as coisas.

O que me cumprimenta é algo bem distante das rosas. Não é nem mesmo a morte. É pior.

O nada.

Entorpecimento.

Um lugar onde ela não pode e não vai me sentir. Onde acabou com tudo só para poder proteger o coração e a alma.

Só para que pudesse... desaparecer.

Afasto seu cabelo do rosto e pressiono meus lábios em sua testa.

— Eu a encontrarei de novo.

As pessoas dizem que a morte é o fim.

Para mim, é apenas o começo.

Winter

Acho que parei de sentir.

Não que tenha parado de sentir emoções, mas tenho certeza de que perdi a sensibilidade das mãos e dos pés.

Quase posso ver as bolhas de frio nos dedos, dentro das luvas rasgadas e entre os dedos dos pés, cobertos por meias velhas e sapatos masculinos grandes demais, fazendo com que eu me arraste a cada passo. O ar frio ultrapassa até mesmo a barreira dos quatro suéteres finos e do casaco três números maiores.

A temporada de neve chegou com força este ano na cidade de Nova Iorque. Sinto que sou um boneco de neve ambulante com o peso das roupas que estou vestindo. Nenhuma delas é macia ou protetora o suficiente, mas é melhor do que morrer de hipotermia.

Seria irônico morrer de frio quando meu nome é Winter.

O destino é meio cínico, não? Deve ter pensado neste momento quando sussurrou para a minha mãe que ela deveria me dar o nome da mais fria e severa estação do ano.

O destino também escolheu o pior estado para me jogar. Não apenas os invernos aqui são frios, ventosos e úmidos ao extremo, mas os verões também são insuportáveis com toda a umidade.

Mas quem sou eu para reclamar? Pelo menos aqui posso passar despercebida pela multidão.

Como se eu não existisse.

A invisibilidade é uma ferramenta poderosa. Em uma cidade que abriga mais de oito milhões de habitantes, é mesmo fácil para alguém como eu passar despercebido.

No entanto, o frio me obriga a me destacar mais. Quando caminho pelas ruas úmidas em meio a centenas de milhares de pessoas, às vezes recebo olhares. Não são sempre de pena – muitas vezes, são de julgamento. Posso ouvi-los dizer: *“Você poderia ter feito melhor, mocinha.”*

Mas a maioria dos nova-iorquinos é tão indiferente que não dá a mínima para alguém insignificante como eu.

Tento não focar nas pessoas que saem das padarias com comida para viagem, mas não consigo ignorar os cheiros divinos que passam por mim. Abro e fecho a boca, como se isso me desse um gostinho das guloseimas.

Se ao menos eu pudesse tomar uma sopa quente agora ou comer um pedaço de pão fresquinho.

Engulo a saliva que se forma só de pensar nisso. Sempre que sinto fome e não tenho comida, visualizo uma mesa farta de refeições deliciosas e finjo que estou comendo. Mas meu estômago só acredita nisso por meio minuto antes de recomeçar a roncar.

É difícil enganar esse estômago.

Contudo, por mais faminta que esteja, o que eu gostaria mesmo era de beber mais.

Levanto a lata de cerveja embrulhada em um saco de papel marrom e tomo o resto. Lá se vão as últimas gotas que deveriam me ajudar a passar o dia.

Ainda é de tarde e não comi nada nos últimos... quando foi mesmo? Dois dias?

Talvez eu devesse voltar ao abrigo para fazer uma refeição e comer um pedaço de pão...

Afasto o pensamento tão logo ele surge. Nunca mais voltarei àquele lugar, nem que tenha de dormir nas ruas. Acho que devo procurar outro abrigo para passar o resto do inverno, ou então morrerei de frio lá fora.

Meus pés se detêm diante de um pôster emoldurado pendurado na lateral de um prédio. Não sei por que parei.

Não deveria.

Eu não paro – na maioria das vezes.

Não paro e encaro, porque isso chamaria a atenção para mim e arruinaria minhas chances de ter superpoderes de invisibilidade.

Mas, por razões desconhecidas, paro dessa vez. Minha lata vazia está aninhada entre meus dedos enluvados, suspensa no ar enquanto examino o anúncio.

O pôster é do balé da cidade de Nova Iorque, divulgando uma de suas apresentações. A maior parte do cartaz é ocupada por uma mulher usando um vestido de noiva e na ponta da sapatilha. Um véu cobre seu rosto, mas a transparência é suficiente para distinguir a

tristeza, a severidade, o... desespero.

“Giselle” está escrito em letra cursiva sobre sua cabeça. Na parte inferior estão os nomes do diretor e da primeira bailarina, Hannah Max, bem como das outras bailarinas que compõem o espetáculo.

Pisco os olhos uma vez e, por um segundo, vejo meu reflexo no vidro. O casaco engole meu pequeno corpo e os tênis de cano alto superdimensionados parecem sapatos de palhaço. O gorro de inverno de pelo sintético cobre minhas orelhas, e meu cabelo loiro está desgrenhado e oleoso, com as pontas escondidas dentro do casaco. O gorro está um pouco para trás, revelando minhas raízes escuras. Sentindo-me, de alguma forma, subconsciente, puxo o capuz do casaco sobre a cabeça, encobrindo meu rosto.

Agora pareço uma assassina em série.

Ha. Eu riria se pudesse. Os assassinos em série são inteligentes o bastante para não acabarem nas ruas. São espertos para não se afogarem tanto no álcool a ponto de tornar impossível manter um emprego.

Pisco os olhos mais uma vez e o pôster volta a aparecer. Giselle. Balé. Primeira bailarina.

Um súbito desejo de arrancar os olhos da mulher me domina. Inspiro e expiro. Não deveria ter uma reação tão forte por uma estranha.

Eu a odeio. Odeio Hannah Max, Giselle e o balé.

Dando meia-volta, saio antes que seja tentada a esmagar o pôster no chão.

Amasso a lata e jogo em uma lixeira próxima. Essa mudança de humor não é nada boa.

A causa é a falta de álcool no organismo. Não tomei cerveja suficiente hoje para ficar bêbada à luz do dia. O frio se torna mais tolerável quando minha mente está entorpecida. Meus pensamentos não são tão altos e não tenho sentimentos assassinos por causa de um inofensivo pôster de balé.

Sem pensar, atravesso a rua como faço todos os dias. Isso se tornou minha rotina, e nem presto mais atenção.

Esse é o meu erro – pressupor certas coisas.

Não ouço o barulho da buzina até estar no meio da rua.

Meus pés travam como se pesadas pedras os mantivessem colados ao chão. Olhando para as luzes de emergência da van e escutando sua buzina contínua, penso que minha vida de vinte e sete anos, desde o nascimento até agora, passará diante dos meus olhos. É isso que acontece na hora da morte, não é? Eu deveria me lembrar de tudo.

Desde o momento em que minha mãe nos mudou de uma cidade para outra, até a vida me jogar em Nova Iorque.

Desde o momento em que desabrochei, até o acidente que me transformou em uma alcoólatra incurável.

Entretanto, nenhuma dessas lembranças veio à tona. Nem mesmo um fragmento delas. As únicas coisas que invadem minha cabeça são pequenos dedos de pés e mãos. Um rostinho e um corpo minúsculo que a enfermeira colocou em meus braços antes de ser levado embora para sempre.

Um nó se forma em minha garganta e estremeço como uma folha insignificante nas ruas frias de inverno de Nova Iorque.

Prometi viver por ela. Por que diabos estou morrendo agora?

Fecho os olhos. *Sinto muito, minha menina. Sinto muitíssimo.*

Uma mão enorme me agarra pelo cotovelo e me puxa para trás com tanta força que tropeço em meus próprios pés. A mesma mão me segura com cuidado pelo braço para me manter de pé.

Abro os olhos devagar, meio que esperando encontrar minha cabeça embaixo da van. Mas, em vez disso, a buzina toca ao passar por mim, com o motorista gritando pela janela.

— Veja por onde anda, sua puta maluca!

Quando encontro seu olhar, mostro o dedo do meio e o mantenho no ar para garantir que ele veja pelo retrovisor.

Assim que a van desaparece na esquina, volto a tremer. A breve onda de adrenalina que me atingiu ao ser insultada diminui, e agora só consigo pensar que poderia ter morrido.

Que teria *decepcionado* minha filhinha.

— Você está bem?

Eu me viro ao ouvir a voz com sotaque. Por um instante, esqueci que alguém havia me tirado do caminho daquela van. Que se não tivessem me tirado, eu estaria morta.

O homem, que é russo, a julgar pelo sotaque sutil, está parado

na minha frente, ainda com a mão segurando meu cotovelo. É um toque suave se comparado à força bruta que ele usou para me salvar.

Ele é alto e, embora a maioria das pessoas seja maior que meu metro e sessenta e dois, vai muito além disso. Deve ter um metro e oitenta e sete ou mais. Veste camisa e calça pretas com um casaco de cashmere cinza-escuro aberto. Pode ser por causa das cores ou do comprimento do casaco, que chega até os joelhos, mas ele parece elegante, inteligente, uma espécie de advogado, e talvez tenha trabalhado como modelo para pagar a faculdade.

Seu rosto, no entanto, conta outra história. Não que não seja bonito, porque é, com traços angulares e nítidos que combinam com o corpo de modelo. As maçãs do rosto são altas, o que projeta uma sombra no maxilar robusto e com a barba por fazer.

Seus olhos são de um tom intenso de cinza que beira o preto. Porém, a cor de suas roupas pode reforçar a aparência deles. O fato é que eles são muito... desconfortáveis de encarar. Sabe quando algo ou alguém é tão bonito que chega a doer só de se olhar? É o caso desse estranho. Fitar seus olhos, por mais bizarros que sejam, me causa um sentimento de inferioridade do qual não consigo me livrar.

Embora suas palavras transmitam preocupação, não vejo nada em sua expressão facial. Não há a empatia que a maioria das pessoas possui.

Mas, ao mesmo tempo, não parece ser do tipo que finge preocupação. Na verdade, ele seria como o resto dos transeuntes que mal olharam na direção do meu quase acidente.

Eu deveria me sentir grata, mas a única coisa que quero é escapar de suas garras e de seus olhos inquietos. As íris profundas e suplicantes que decifram meu rosto, pouco a pouco.

Pedaço por pedaço.

— Estou bem — consigo dizer, libertando meu cotovelo.

Sua sobrancelha se franze, mas é breve, quase imperceptível, antes que volte à expressão anterior, me soltando com a mesma delicadeza com que me segurava. Espero que ele se vire e vá embora para que possa considerar toda a experiência como uma tarde de inverno azarada.

Mas ele continua ali, imóvel, sem piscar, sem dar um único passo em qualquer direção. Em vez disso, escolhe me observar, com as sobrancelhas grossas se desenhando sobre os olhos, para os quais *não quero olhar*, mas, mesmo assim, me pego sendo arrastada para o cinza

selvagem.

Eles são como a dureza das nuvens e a rajada impiedosa do vento que vem de todas as direções. Posso fingir que não existem, mas ainda assim me fazem perder a sensibilidade de meus membros. Provocam bolhas e dor.

— Tem certeza de que está bem? — ele pergunta outra vez e, por algum motivo, parece que espera ouvir que não estou.

Mas por quê? E com qual objetivo?

Sou apenas uma entre os milhares de sem-teto desta cidade. Um homem como ele, cercado por um impenetrável ar de confiança, sugerindo estar em alguma posição de destaque, não deveria nem ter olhado em minha direção.

Mas olhou.

E agora, quer saber se estou bem. Por estar acostumada à invisibilidade, me sinto inquieta quando de repente sou vista.

Desde que esse desconhecido russo me agarrou pelo braço, sinto uma coceira sob a pele, insistindo que eu volte para as sombras.

Agora.

— Tenho — digo. — Obrigada.

Estou prestes a me virar e ir embora quando a autoridade em sua voz me impede.

— Espere.

Meus sapatos fazem um som de rangido no concreto ao seguir seu comando. Eu não faria isso em condições normais. Não gosto de seguir ordens, e é por isso que estou nesse estado.

Mas algo em seu tom chama minha atenção.

Ele mexe em seu paletó e duas hipóteses surgem em minha cabeça. A primeira é que ele vai sacar uma arma e atirar na minha cabeça por desrespeitá-lo. A segunda é que vai me tratar como muitos outros e me dará dinheiro.

O sentimento de inferioridade volta a me atingir. Embora eu costume aceitar trocados para comprar minha cerveja, não imploro por eles. A ideia de aceitar o dinheiro desse estranho me faz sentir suja, menos do que invisível e mais como um grão de poeira em seus sapatos de couro preto.

Pretendo recusar o dinheiro, mas ele só pega um lenço e o

coloca em minha mão.

— Tem algo em seu rosto.

Sua pele roça em minhas luvas por um segundo e, embora o contato seja breve, eu a vejo.

Uma aliança no dedo esquerdo.

Pego o pedaço de pano e aceno em agradecimento. Não sei por que esperava que sorrisse ou até mesmo acenasse em resposta.

Ele não o faz.

Seus olhos penetram nos meus por alguns segundos, depois ele se vira e vai embora.

Sem mais nem menos.

Ele me apagou de sua tarde de azar e agora está voltando para sua esposa.

Considerando o extremo desconforto que senti em sua presença, imaginei que ficaria aliviada quando ele fosse embora.

Pelo contrário, sinto como se o esterno estivesse cavando o exterior sensível do meu coração.

Que diabo é isso?

Encaro o lenço em minha mão. Ele tem as letras A.V. bordadas e parece ter sido feito à mão. Algo de valor.

Por que ele me daria isso?

Algo em seu rosto.

Há um monte de coisas no meu rosto. Uma camada de sujeira, na verdade, já que não entro em um banheiro público há algum tempo. Ele achou mesmo que um simples lenço seria a solução?

Irritada com o sujeito e com a minha reação em relação a ele, atiro o lenço em uma lata de lixo e sigo na direção oposta.

Preciso de uma refeição quente e de uma cama esta noite, e se isso significar enfrentar mais uma vez o diabo para tê-los, que assim seja.

Winter

Paro antes de dobrar a esquina em direção ao abrigo.

Dizer que vou enfrentar o demônio e de fato fazê-lo são duas coisas diferentes. Afinal de contas, arranhei seu rosto, chutei suas bolas e o empurrei contra a mesa da última vez que o vi.

Ele pode muito bem me pegar e me obrigar a passar um dia na delegacia.

Um grunhido baixo escapa do meu estômago e estremeço quando ele se contorce. Quase posso senti-lo abrir a boca e, ao nada encontrar, emitir um som horrível.

Envolver um braço na barriga, como se isso fosse apaziguar a dor por mágica.

Ok, vou tentar tomar um pouco de sopa e ir embora. Muitos moradores de rua que não passam a noite aqui vêm apenas para comer, então meu plano não deve ser tão complicado.

Puxo o capuz sobre a cabeça e esfrego as mãos em uma tentativa medíocre de aquecê-las ao dobrar a esquina.

Duas viaturas de polícia estão estacionadas em frente ao abrigo com as luzes azuis e vermelhas ligadas. Algumas vans de reportagem estão espalhadas pelo prédio decadente. Repórteres e cinegrafistas circulam por toda parte, como insetos em busca de um pedaço de lixo suculento para atacar.

Não acredito que aquele idiota nojento chamou a polícia e a imprensa por minha causa. Só dei um chute nele. Está bem, talvez eu tenha arranhado seu rosto e lhe dado um soco também, mas foi em legítima defesa. Foi ele quem me chamou em seu escritório e me apalpou onde não devia.

Posso ter pouco – ok, não tenho nada –, mas consigo me proteger de filhos da puta como ele.

Contudo, se eu contar à polícia ou à imprensa, não vão acreditar em mim. Por que o respeitável diretor de um abrigo para os sem-tetos, que também está concorrendo à prefeitura, tocaria em uma pessoa insignificante e suja como eu?

Eu deveria mesmo procurar outro abrigo. Mas será que vão me

deixar entrar se Richard já me colocou na lista restrita?

Foram os arranhões, os socos ou os chutes que o fizeram agir assim? Se foi a última opção, que seja. Porque não me arrependo nem um pouco de ter chutado suas bolas.

Uma pedrinha me atinge na cabeça e me encolho, me virando. Sorrio quando vejo a única pessoa que chamaria de amigo nesta espelunca.

— Larry! — sussurro e grito ao mesmo tempo.

— Venha cá. — Ele faz sinal para que eu me junte a ele em um pequeno beco usado para descartar lixo.

Eu me movo depressa para seu lado e me arrepio com o fedor de sujeira. Não que Larry e eu sejamos as pessoas mais cheirosas, considerando o pouco tempo que temos para tomar banho.

A pele bronzeada de Larry parece ainda mais escura nas sombras. Ele é um homem de meia-idade – por volta dos 50 anos, como me contou – e tem as rugas ao redor dos olhos como prova do tempo que passou nesta terra. Suas feições são duras, angulosas, e o osso de seu nariz se projeta devido a uma antiga fratura.

Ele está vestindo um casaco usado de cashmere de um tom de laranja quente que recebeu de uma instituição de caridade. Suas botas e luvas são azul-marinho. Sem dúvida, seu senso de moda é melhor do que o meu.

Nós nos conhecemos há algumas semanas em uma das estações de metrô e ele dividiu seu jantar comigo. Dei a ele metade da minha preciosa cerveja e, de alguma forma, nos tornamos melhores amigos. O que mais gosto na companhia de Larry é que ele não é do tipo falante. Nós dois sonhamos acordados na presença um do outro, sem nos preocuparmos em fazer muitas perguntas. Encontramos camaradagem no silêncio. Em fechar a porta para o mundo. Mas ele sabe sobre meu problema com o álcool e me disse que é um veterano de guerra.

Larry foi quem me trouxe para esta espelunca, dizendo que teríamos refeições gratuitas e uma cama quentinha. Ficamos um com o outro, então quando um está dormindo, o outro fica de guarda para que ninguém nos toque. Quando não há camas disponíveis, sentamos um ao lado do outro, deito minha cabeça em seu ombro e dormimos assim.

— Te procurei por toda parte — ele diz, ofegante. — Onde esteve?

— Por aí.

— Você roubou cerveja de novo?

— Não!

— Winter... — Ele aperta a ponta do nariz como se eu fosse uma criança insolente.

— Está bem. Só uma. Eu não tinha nenhum troco.

— Concordamos em nunca roubar.

— Tempos de desespero, Larry. Além disso, você sabe que eu não gosto da minha versão sóbria. Ela tem problemas.

— Talvez seja por isso que tenho me sentido desequilibrada a tarde toda. Tenho baixa tolerância ao álcool, mas até eu preciso de mais do que uma única cerveja para me embriagar.

— Winter...

— Deixa isso para lá. — Aponto com desdenho na direção do abrigo. — O que aconteceu aqui?

Ele franze os lábios antes de relaxá-los.

— Eu deveria perguntar isso a você.

— A mim?

— Sim, você. Por que acha que a polícia e a imprensa estão aqui?

— Porque Richard os chamou para me demonizar?

— Não é bem assim.

— E o que foi então?

— Richard foi encontrado morto em seu escritório esta manhã.

Faço uma pausa, uma sensação estranha me agarrando pela garganta e confiscando meu suprimento de ar.

Quando falo, é em um sussurro tenso.

— O quê?

— A equipe de limpeza o encontrou em uma poça de seu próprio sangue e a polícia suspeita que você tenha feito isso.

— *Eu?*

— Sim. Não sei se Richard ligou para eles antes de morrer ou se os funcionários e os outros testemunharam que você foi a última

pessoa que o viu vivo.

Meus punhos se fecham ao meu lado.

— Eu não o matei, Larry. Não fiz isso.

Suas sobrancelhas se contraem sobre os olhos enrugados enquanto ele suspira. Sua pele é grossa e tem algumas manchas, talvez devido à exposição ao sol por tantos anos.

— Eu sei.

— De verdade?

— De verdade, Winter. Você é uma louquinha, mas não é uma assassina.

Sorrio com isso.

— Quem você está chamando de louca, velhote?

— Não sou velho, sua merdinha.

— Você age como um, Larry.

Ele me dá um mata-leão e, em seguida, me empurra às pressas. Larry sempre manteve distância entre nós, como se tivesse medo de me tocar, e sou grata por isso. Não porque seu toque seja ruim, mas porque não gosto de ser tocada. Por isso prefiro a invisibilidade.

— De qualquer forma, precisa partir antes que encontrem você.

— Não. Não fiz nada de errado e, se me esconder, estarei confessando um crime que não cometi.

— Então, o que planeja, mulher? Está pensando em entrar no meio daqueles policiais? O que vai dizer? Tipo, “hummm, ei, policiais, sou a pessoa que vocês acham que matou Richard, mas na verdade não fui eu, que tal só apertarmos as mãos”?

— Vou apenas contar a eles o que aconteceu.

— Ninguém vai acreditar em você, Winter. Suas impressões digitais estão por todo o escritório, e você foi a última pessoa que o viu vivo antes de desaparecer. Você é culpada aos olhos deles. E se for até lá, será presa por vinte anos. Também não conseguirá um bom advogado, porque os designados pelo Estado são uma merda.

Suas palavras penetram em meu cérebro, aos poucos fazendo sentido, mas quero descartá-las o mais rápido possível. Quero que não sejam verdadeiras. Não posso aceitar essa opção.

— Então, o que sugere que eu faça, Larry? Que eu fuja?

O velho estala os dedos.

— Exato. Se esconda por um tempo e depois encontraremos uma maneira de tirá-la da cidade.

É a coisa mais lógica a se fazer, dadas as circunstâncias. É mesmo. Mas sempre me apeguei a essa impiedosa metrópole com supercola. Além disso, é onde tenho lembranças da minha filha e, se for embora, será como abandonar um pedaço de mim.

— Mas... Larry...

Ele suspira, enfiando as mãos no casaco laranja.

— Você não quer se mandar?

Balanço a cabeça.

— Mas você pode ser presa. Tem que partir.

— Eu sei. Você... vem comigo?

— Com certeza, mulher. Nós caminhamos juntos e morremos juntos.

— Parece o slogan de um clube de motoqueiros.

— Eu o roubei. Vamos nessa. — Ele espreita pela esquina, seus olhos cor de avelã brilhando concentrados antes de focar em mim. — Agora, vá. Não fique em lugares abertos e evite as câmeras. Cuidarei de você.

Envolvo-o em um breve abraço.

— Como nos encontraremos de novo?

— Tenho minhas fontes sobre os sem-tetos. Eu a encontrarei. Apenas seja discreta.

Após soltá-lo com relutância, avanço com cuidado pelos fundos do beco.

Olho para trás para ter um último vislumbre de Larry, mas ele já se foi.



Quando não estamos em um abrigo, Larry e eu passamos a noite na estação de metrô. Os bancos são nossos amigos e o silêncio marginal é melhor do que o barulho da cidade lá fora.

Assim, é para lá que vou primeiro, mas logo percebo meu erro quando vejo a notícia sobre a morte de Richard na TV da estação.

Dois homens de meia-idade, que parecem ser fãs de futebol americano, a julgar por seus bonés azuis do Giants, param na minha frente para assistir ao noticiário. Recuo e me camufo na parede para o caso de alguém me reconhecer.

— Que bagunça — um deles diz, acendendo um cigarro, apesar das placas de proibido fumar.

— Talvez seja um sinal de que ele não estava destinado a concorrer à prefeitura — o outro rebate, dando de ombros.

— Não era para ser? Cara, você tem vivido nesta cidade?

— Por quê? O que foi?

— Richard Green era o principal candidato a prefeito. — O fumante se inclina em direção ao amigo e baixa a voz como se estivesse compartilhando segredos da Agência Central de Inteligência. — Há rumores de que recebeu apoio financeiro da máfia.

— A máfia? — o outro diz em um sussurro alto demais.

— Fale baixo, seu idiota. Quer que nos matem?

Zombo da maneira como ele imita os famosos filmes de mafiosos, mas acabo me aproximando mais, embora ainda mantendo distância, para captar melhor a conversa. Se Richard era financiado pela máfia, então os assustadores homens de terno preto fazem mais sentido, pois apareciam de vez em quando e iam direto para o escritório dele.

— São os italianos? — o não fumante pergunta.

O fumante sopra uma nuvem de fumaça e eu tapo o nariz e a boca com as costas da mão para não tossir.

— Não. A Bratva.

— Russos?

— É o que dizem os boatos.

— Os russos imundos estão se envolvendo outra vez na nossa política?

— Sim, cara. E a máfia deles não é brincadeira. Ouvi dizer que matam pessoas como se fossem moscas.

— Este é um país da lei.

O fumante começa a rir e abana a mão para recuperar o fôlego.

— Que lei, cara? Esses monstros fazem a própria lei aonde quer que vão.

— Está dizendo que a morte de Richard não é tão simples como a imprensa está fazendo parecer?

— Sim, estou. É tudo uma distração. — O fumante aponta para a manchete que diz: “Richard Green, candidato a prefeito de Nova Iorque, é morto por um dos sem-tetos do abrigo que dirigia.”

Olho para a TV e franzo a testa. Minha foto deveria estar em todos os noticiários com uma legenda de procurada no topo. Por que o meu nome nem sequer foi mencionado? Será que a polícia ainda não deu declarações concretas à imprensa?

Mas não faz sentido. Minhas impressões digitais estão por toda parte no escritório de Richard, e eu sou, sem dúvida, a principal suspeita. Então, como é possível que eu seja apenas um sem-teto do abrigo? Nem mesmo meu gênero é mencionado.

— Os russos são assustadores, cara — o fumante diz.

— Pior que os italianos?

— Neste momento? Muito pior. O poder e a influência deles são mais profundos do que os de qualquer outro grupo criminoso. — Ele lança o cigarro no concreto sem apagá-lo antes de correr com seu amigo para pegar um trem.

Vou até onde eles estavam e apago o cigarro com a sola do sapato. O assunto na TV mudou para alguma outra notícia mundial e continuo observando a bituca queimada. Em como o fogo deixou uma linha preta no exterior branco. Mesmo depois de ter desaparecido, a evidência permanece.

Assim como minha vida.

Toco a parte inferior do meu abdômen, onde a cicatriz se esconde sob as inúmeras camadas de roupas. Ela ainda arde como se as pontas dos meus dedos estivessem pegando fogo, rompendo as roupas e chamuscando minha pele.

Outro protesto de fome vem do meu estômago e suspiro, saindo da estação. Preciso ir para um lugar mais calmo porque, embora não tenham revelado minha identidade, é só questão de tempo.

A conversa entre os torcedores do Giants continua a ressoar na minha cabeça conforme me esgueiro de um beco para outro, com meus passos leves e rápidos.

Quando o fumante mencionou os russos, o único pensamento que me veio à mente foi o do estranho de hoje cedo. Seu sotaque era muito russo, mas não tão ríspido como já ouvi antes. Era suave, sem esforço, quase como eu imaginaria que a realza russa falaria se aprendesse inglês.

Será que ele faz parte da máfia mencionada pelo homem do cigarro?

Por dentro, sacudo a cabeça. Por que colocá-lo na máfia só por ter sotaque russo? Pode ser um homem de negócios russo, como os milhares que circulam o tempo todo por Nova Iorque.

Ou um espião.

Um arrepio percorre minhas entranhas ao pensar nisso. Preciso mesmo controlar minha imaginação fértil.

Além disso, em que mundo um espião é tão atraente? Exceto James Bond, mas isso é ficção. O desconhecido russo atraiu tanta atenção, e o mais estranho é que parecia um tanto quanto alheio a esse fato. Ou talvez estivesse incomodado, como se não quisesse ser o centro das atenções, mas foi forçado a essa posição de qualquer maneira.

Tiro do bolso o lenço que ele me deu. Bem, eu o joguei no lixo, mas depois o peguei de volta. Não sei por quê. Parecia um desperdício, suponho.

Passando meus dedos enluvados sobre as iniciais, imagino se a esposa dele o confeccionou e se ela o questionará sobre o paradeiro do lenço. Embora ele pareça ser do tipo que questiona, e não o contrário.

Enfiando o lenço de volta no bolso, tiro o estranho da cabeça e dou algumas voltas até chegar a um estacionamento subterrâneo que Larry e eu frequentamos.

O guarda está roncando na entrada, resmungando sobre algum jogador de beisebol ser um idiota. Não é preciso muito esforço para passar por ele. Agora, tudo o que tenho de fazer é sair de manhã cedo, antes que ele acorde.

O estacionamento não é grande nem sofisticado, com capacidade para uns cem carros e metade das vagas nem está ocupada. Apenas um terço das luzes de neon funciona, mas mesmo que todas me cegassem, não faria diferença. Já dormi em lugares piores, com iluminação mais forte e ruídos mais altos.

O segredo da segurança é dormir com um olho aberto. Não literalmente. Mas, na prática, ter um sono leve, de modo que o menor

movimento me desperte.

Quando me sento no chão de cimento entre dois carros e fecho os olhos, estou bem ciente do zumbido das luzes semidestruídas e do barulho dos carros que passam nas ruas acima. Posso até ouvir os murmúrios do guarda, embora não consiga entender suas palavras.

Se ele parar, saberei que está acordado e preciso ficar alerta. Ele poderia chamar a polícia, o que é a última coisa que quero na minha situação atual – ou em qualquer situação, na verdade.

Tento ficar o mais confortável possível em minha posição, embora o frio se infiltre em meus ossos por causa da parede nas minhas costas e do chão sob mim.

Tento não prestar atenção em meu estômago roncando ou na necessidade pulsante de ficar bêbada.

Tento pensar no que fazer daqui para a frente quando me tornar uma procurada pela justiça.

Em pouco tempo, a exaustão me atinge e caio em um sono sem sonhos.

Eu não sonho. Nunca. É como se minha mente tivesse se tornado uma tela em branco desde o acidente.

Os murmúrios param e o guarda começa a falar. Meus olhos se abrem e fico olhando para a pequena abertura à minha frente que serve de janela. Ainda é noite e, a julgar pela falta de carros circulando, já é tarde o suficiente para que nenhum outro veículo venha até aqui.

No entanto, um carro preto entra devagar no estacionamento. É tão silencioso que eu não teria ouvido se não estivesse tão atenta aos ruídos do mundo exterior.

Trago os joelhos até o peito e os envolvo com os braços, depois puxo o capuz do casaco sobre a cabeça para cobri-la por completo. Apenas um de meus olhos espreita por uma fresta estreita.

Contanto que ele não estacione na vaga à minha frente, não terei problemas. É mais lógico escolher uma das inúmeras vagas perto da entrada.

O som se aproxima e avisto o carro preto. Eu me encolho no espaço apertado entre um Hyundai e a parede, agradecendo a tudo que é sagrado por meu tamanho compacto. Ele ajuda em meu esquema de invisibilidade.

Mas, ao fazer isso, bloqueio minha visão do carro. Por longos

segundos, não há som algum. Nem a abertura de portas ou o bipe de uma fechadura.

Agachada, dou uma olhada embaixo do carro e vejo um par de pés masculinos bem na frente do Hyundai. Coloco uma mão com luva na boca para abafar qualquer som.

O cheiro podre de alguma merda que eu tenha tocado provoca uma sensação de náusea e me dá vontade de vomitar.

Respiro pela boca e continuo observando seus pés. Ele usa sapatos marrons e não se move, como se estivesse esperando por algo.

Vá embora. Vá!

Repito o mantra em minha cabeça sem parar, como se fizesse com que as coisas acontecessem.

Minha mãe costumava me dizer que, se você acreditar em algo com força suficiente, vai se tornar realidade.

E, como num passe de mágica, os sapatos marrons se afastam. Solto um suspiro de alívio, mas ele é interrompido quando uma forte mão me puxa de trás do carro pelo capô.

A pressão é tão forte que fico suspensa no ar por um momento, antes que um homem corpulento com feições assustadoras diga com sotaque russo:

— Peguei ela, chefe.

Winter

Peguei ela, chefe.

Não paro para pensar no que essas palavras podem significar. Minha primeira e mais importante função na vida é a sobrevivência. Não estou vivendo para mim. Vivo em nome da minha menina. Pela vida que ela não pôde ter.

O homem que me capturou é corpulento e grande como uma montanha. Sua expressão é austera, dura, como se tivesse nascido com uma carranca permanente. Seu cabelo é curto, loiro e branco, e seus olhos claros são tão frios e impiedosos quanto o gelo.

Assim que ele me coloca de pé, me sacudo para escapar de seu aperto no meu capuz. Esperneando e me debatendo, agarro sua mão e tento afastá-la, mas é como se eu fosse um rato lutando contra um gato.

Ele parece indiferente enquanto me puxa, e meu esforço não o detém nem um pouco. Piso em seu pé, mas o homem só agarra meu capuz com mais força ao continuar me arrastando. Meus pés roçam no chão e perco um dos meus sapatos.

— Socorro! — grito a plenos pulmões. — Socorro...

O homem coloca uma das suas mãos rígidas como pedra em minha boca, isolando qualquer som que eu possa fazer.

Ao contrário do fedor de minhas luvas podres, sua mão tem cheiro de couro e metal. Apesar do odor tolerável, ainda é sufocante, como se eu estivesse sendo enfiada em um espaço pequeno onde não caibo.

Meus membros tremem diante dessa perspectiva. Tento afastar minha mente dela, mas ela já cresceu e se expandiu, rasgando a carne e os ossos para se materializar diante de mim.

Estou em um espaço fechado e escuro, tão escuro que não consigo ver minhas próprias mãos. O odor de urina preenche minhas narinas e minha própria respiração soa como o monstro de olhos vermelhos de meus pesadelos mais aterrorizantes.

Estou presa.

Não consigo sair.

— Me deixe sair — sussurro com um desespero rouco. — Por favor, me deixe sair...

Onde está o monstrinho?

Não!

Arranho a mão que me segura, aquela que vai me matar. Não permitirei.

Preciso viver.

Antes que perceba, sou empurrada para o banco de trás do carro preto. Devia estar tão envolvida naquela lembrança do passado que não prestei atenção na distância pela qual fui arrastada. Loiro Grandalhão me solta e fecha a porta.

Meus dedos tremem, e os resquícios do episódio naquele espaço escuro e apertado ainda pulsam sob a minha pele como um demônio prestes a se manifestar. Após esses episódios, costumo sair para um ambiente aberto e continuar correndo até que o ar queime meus pulmões e apague a imagem.

Mas não agora.

Agora, preciso forçar meu corpo a ficar alerta para que possa sobreviver.

A sobrevivência vem antes de tudo. Antes da dor. Antes das prisões mentais.

Tudo.

Tento abrir a porta antes que Loiro Grandalhão entre no banco do motorista e me leve para Deus sabe onde.

Mas ele não entra no carro.

Em vez disso, fica parado na frente, de costas para mim. Outro homem se junta a ele e, quando se inclina para o lado, vejo seu perfil de relance. Ele é mais baixo e parece mais jovem que Loiro Grandalhão. Seu físico também é mais magro e o paletó do terno não se prende aos ombros como o do outro. Seu cabelo castanho comprido está preso em um coque baixo e seu nariz é torto, o que tenho certeza de já ter visto antes, mas onde?

O momento de hesitação desaparece quando Nariz Torto e Loiro Grandalhão se afastam.

Puxo a maçaneta, mas a porta não se abre.

— Merda.

Enfiando meu pé coberto de meias contra ela, empurro e depois puxo até o calor subir pelas minhas bochechas. Aperto o botão para baixar o vidro, mas também está travado.

— É inútil. Poupe o esforço.

Eu recuo, meus movimentos interrompidos de forma brusca. Em minha névoa de adrenalina, não percebi que havia mais alguém no banco de trás comigo.

Ainda segurando a maçaneta, viro devagar a cabeça, torcendo para que o que acabei de ouvir seja fruto da minha imaginação.

Que eu tenha pensado nele por tanto tempo que esteja começando a ter alucinações.

Mas não estou.

Meus lábios se separam quando me deparo com aqueles olhos cinzentos e intensos de hoje à tarde. Parecem mais escuros, mais sombrios, como se a noite lhes tivesse lançado um feitiço.

Corto o contato visual no mesmo instante, porque, se continuar olhando, minha pele vai se arrepiar, minha cabeça vai ficar tonta e vou sentir vontade de vomitar mesmo que meu estômago esteja vazio.

Com o pé na porta, puxo e empurro a maçaneta com toda a minha força. A princípio, pensei que Loiro Grandalhão poderia ser da polícia e que estava me prendendo por matar Richard, mas é impossível que esse estranho russo seja um policial.

Ele não se parece com um.

Talvez seja um espião, no final das contas. Isso é muito parecido com o início de algum filme de espionagem sobre um pobre-coitado – eu – que será recrutado para trabalhar em segredo para uma agência de inteligência.

Quando todos os esforços não dão resultado, enfio meu cotovelo no vidro. Uma pontada de dor percorre todo o meu braço, mas não vou parar, não até sair daqui.

Está começando a parecer aquela maldita caixa fechada. Preciso *sair*.

Estou prestes a socar o vidro com meu punho, quando a voz do estranho enche o ar:

— É à prova de balas, você só vai se machucar.

Meu braço fica mole ao meu lado. Talvez eu esteja disposta a sacrificar a dor, mas não em troca de nada.

— Já acabou? — ele pergunta no mesmo tom calmo, quase sereno, como a realeza. Sua voz é aveludada, suave como seda, mas ainda assim profunda e masculina.

Não olho para ele e, em vez disso, me atiro para o banco da frente. Se puder abrir a porta ou sair pela janela, correrei e...

Mãos fortes me seguram pelos quadris e me puxam para trás com facilidade e sem qualquer esforço. Agora estou tão perto dele que sua coxa toca a minha.

Espero que ele me solte agora que me tem ao seu lado, mas isso não acontece. Ao contrário, ele aperta meus quadris com mais força e, embora eu esteja usando várias camadas de roupas, posso sentir o calor controlador em suas mãos. É diferente da temperatura do carro. É ardente, abrindo buracos em minhas roupas e mirando em minha pele.

Assim tão perto, posso sentir seu cheiro – ou melhor, sou forçada a inspirá-lo a cada tragada de ar. Seu cheiro é uma mistura de couro e madeira. Poder e mistério.

Ele fala no meu ouvido, seu tom de voz baixando com o propósito de cimentar as palavras em meus ossos:

— É inútil lutar comigo, pois só vai se machucar. Você não está no meu nível, então não me cause problemas ou não hesitarei em entregá-la aos lobos. Estou te dando minha mão, por isso seja grata, agradeça à sua estrela da sorte e aceite-a sem fazer perguntas.

Meus lábios ficaram secos enquanto ele falava. Suas ameaças são claras, mas ele soa como um advogado tranquilo expondo um caso diante de um juiz.

Sua maneira de falar é peculiar. Suas palavras são deliberadas, seguras e têm um tom de comando, sem ser muito direto ao ponto.

— O que quer de mim?

Quero me chutar por causa da voz mansa. Quase pareço assustada. Não, esqueça isso. *Sem dúvida* pareço assustada, porque, caramba, estou mesmo. Conheci esse homem hoje e, em poucas horas, minha vida virou de cabeça para baixo.

Até o momento, meu único propósito era viver, mas mesmo isso parece impossível agora.

— Tenho uma oferta para você, Winter.

Como ele sabe meu nome? Eu gostaria de perguntar, mas seria inútil. Parece o tipo de homem que sabe tudo o que precisa saber.

— Que oferta?

Seus lábios roçam a concha da minha orelha ao murmurar:

— Seja minha esposa.

Winter

Minha mãe costumava dizer que a melhor maneira de desarmar uma pessoa é dizer o que ela menos espera.

Não sei o que pensei que o estranho russo diria, mas “Seja minha esposa” com certeza não era.

Levo alguns segundos com o olhar perdido, presa a um estado de choque do qual não consigo me livrar. Ele permanece calmo, sereno. Inabalável.

Desde que o conheci esta tarde, ele tem sido tão estável quanto um carvalho e tão imutável quanto uma estátua. Agora percebo por que desejei que ele sorrisse antes, por que esperei por isso com a respiração presa. Isso o teria humanizado um pouco, e eu estava desesperada e, de forma irracional, procurando por algum traço humano em suas feições robóticas.

Mas agora? Ele parece uma espécie de força. Uma corrente. Uma tirania prestes a varrer tudo em seu caminho antes de desviar para outra direção.

Seja minha esposa.

Suas palavras, embora ditas com calma, explodem em minha cabeça como os fogos de artifício do 4 de julho. São tão altas que afogam meus próprios pensamentos em uma teia vazia. Estão presas em algum lugar fora de alcance, naquela pequena caixa preta que me causa arrepios sempre que penso nela.

A reação mais apropriada à sua proposta ridícula é gargalhar. Mas não tenho senso de humor para isso. E suspeito que ele não aceitaria bem se eu começasse a rir.

Sua seriedade é tão evidente que transparece em suas feições, em seus trejeitos e até mesmo em sua maneira de falar – como se nunca tivesse sorrido em toda a vida.

Como se o ato de sorrir fosse ofensivo para ele.

Ele e os homens do lado de fora não são normais. Posso ver isso sem precisar saber quem são de fato. Dá para sentir no ar. Tudo mudou na hora em que entraram em cena.

Pessoas perigosas precisam ser tratadas com cautela, não com

força, porque a segunda opção só me machucaria.

— Ser sua esposa? — repito. Meu tom é baixo, mas projeta minha incredulidade.

O estranho russo solta meus quadris e me afasto para o outro lado, aumentando a distância entre nós o máximo possível.

A falta de seu toque é como a perda de calor durante uma tempestade de gelo. Contudo, prefiro congelar a ser queimada até a morte por ele.

— Correto.

Ele entrelaça os dedos no colo. São longos e bem-cuidados, e não posso deixar de olhar para a aliança de casamento em sua mão esquerda.

— Você já é casado.

Seu olhar desce para a aliança como se a tivesse esquecido. Seus cílios grossos e pretos emolduram seus olhos enquanto ele a estuda por um momento. Sua expressão é esquisita. Quando alguém pensa em seu cônjuge, é normal que a fisionomia se suavize por adoração ou se torne sombria por tristeza ou desespero.

Ele não tem nenhuma dessas expressões.

A forma como seus lábios se estreitam sugere que ele quer estrangular o anel e a pessoa que o colocou em seu dedo.

Antes que possa entender melhor sua reação, sua atenção passa da mão para mim, e as emoções que pensei ter visto em seus olhos de aço desaparecem como se nunca tivessem existido.

— Você vai fingir ser minha esposa.

— Fingir?

Não sei por que continuo fazendo essas perguntas, alimentando essa conversa, mas a situação é tão surreal que sinto como se tivesse sido lançada em um daqueles contos de Natal.

— Minha esposa faleceu há algumas semanas e não há ninguém que possa desempenhar suas funções, portanto, você será sua substituta.

— Ah. — Não queria ter falado em voz alta, mas acabou escapando.

Eu o encaro de uma perspectiva diferente. Em sua postura ereta e confiante, em sua escolha de roupas escuras, em seu cabelo preto e

barba espessa, nas sombras causadas por suas maçãs do rosto. E, por fim, a escuridão em seus olhos cinzentos que parecem ter sido recortados do céu sombrio de Nova Iorque.

Será que me senti desconfortável em sua presença devido a essa energia negativa que ele projeta? Agora que descobri que é a morte recente de sua esposa a razão por trás dessa energia, não sei como reagir.

Ainda assim, o mal-estar espreita sob a minha pele como um vaso sanguíneo coagulado, bloqueando o fluxo normal de oxigênio para o coração.

As mãos dele, embora repousem no colo, parecem apertar minha alma, pressionando-a e tentando rompê-la.

Isso é... perigoso. Aterrorizante, na verdade.

Posso ter ido parar nas ruas, mas meus instintos continuam funcionando e, pelo menos, são capazes de reconhecer o perigo.

E esse homem é a definição dele.

Sua boa aparência, seu físico forte e sua confiança natural não me enganam. Ao contrário, eu os vejo como suas ferramentas de destruição.

— Sinto muito por sua esposa — digo com toda a calma. — Mas não posso ajudar.

— Não preciso de suas desculpas fingidas. Apenas faça o que te foi pedido.

— Não ouviu o que eu disse? Não posso ser sua esposa.

— Sim, você pode. Na verdade, você é a única pessoa capaz de assumir esse papel.

— A única? Você está me *vendo*?

Ele tamborila os dedos nas coxas enquanto seu olhar desliza do meu rosto para o meu torso e desce até o meu pé sem o sapato. Fui eu quem perguntou se ele me viu, mas agora que estou presa sob seu escrutínio, a sensação de inferioridade de hoje à tarde volta a me dominar.

Ele deve estar vendo um monstro, um monstro fedorento, e embora eu nunca me sinta constrangida com meu estilo de vida, agora me sinto. A sensação indesejada se abate sobre mim com uma dureza que tira meu fôlego.

Começo a me encolher, mas me contenho.

— Estou vendo você. — Sua fala é pausada, quase como se existisse um significado diferente por trás de cada palavra. O batuque de seus dedos é interrompido. — Estou vendo muito bem.

— Então... deve perceber que não sirvo para ser esposa de ninguém.

Muito menos a dele.

Ele tira a mão do bolso do paletó e espero que saque uma arma e me dê um tiro na cara por desperdiçar seu tempo. No entanto, ele pega uma carteira de couro preta e tira uma foto dela.

Um ligeiro arfar escapa de meus lábios quando vejo a mulher na imagem. O retrato a mostra em um vestido de noiva. Seu cabelo castanho-escuro está preso em um elegante coque, revelando seu delicado pescoço. O decote cai sobre seus ombros, acentuando suas curvas e sua clavícula.

Seu nariz é pequeno e o contorno de seu rosto é bem-definido, mas suave. A maquiagem leve cobre sua pele clara, realçando uma beleza discreta. Seus lábios carnudos são pintados em uma cor nude e a sombra dos olhos segue o mesmo tom.

Seus olhos são de um azul-turquesa tão azul que é como se ela estivesse olhando para a minha alma e esperando receber o olhar de volta.

Um pequeno sorriso desponta em sua boca. É um sorriso misterioso, quase como se ela não quisesse sorrir, ou talvez tenha um propósito diferente por trás dele.

Mas sua beleza e elegância não são o motivo de meus dedos trêmulos.

É ela *toda*.

Estou olhando para uma versão de mim mesma, de cabelos escuros, limpa e bem-cuidada. Mal me lembro da última vez em que estive tão arrumada quanto ela, mas me lembro de meu reflexo no espelho do hospital há algumas semanas, e eu com certeza era igual a essa mulher, só que com cabelos loiros.

— É por isso que só pode ser você.

Eu me assusto com a voz do desconhecido. Enquanto estive perdida na foto de sua esposa, quase me esqueci de que ele permanecia ali o tempo todo.

— Mas como...?

— Como? — ele repete com um leve franzir de sobrancelhas.

— Como isso é possível? Eu era filha única, então ela... — Dou outra olhada na foto. — Ela não pode ser minha gêmea ou irmã.

— Vocês não têm vínculo de sangue.

— Então, como explica a semelhança?

Assustadora, por sinal. Ela tem até a cor dos meus olhos, o que sempre achei raro.

— Acredita em doppelgängers, Winter?

— Doppelgängers? — zombo. — Está brincando?

— Pareço ser do tipo que brinca? — A autoridade em seu tom faz com que eu me grude contra a porta fechada do carro. Que merda. Ele é mesmo assustador.

— N-não.

— Correto.

— Está dizendo que ela e eu somos doppelgängers? Como isso é possível?

— É mais comum do que você pensa.

— Eu ainda... não acredito nisso.

— Não importa no que você acredita. Isso já está acontecendo.

— Já está acontecendo?

— Sim. Você será minha esposa.

— Não. Eu não concordei com isso.

— Não concordou com isso — ele reflete, como se minhas palavras fossem de alguma forma cômicas. — Acredita que tem essa opção? Quem você pensa que é?

Eu me espremo cada vez mais contra a porta, até sentir a maçaneta afundar em minhas costas.

— Sou uma pessoa livre.

— Livre? Como define liberdade? É dormir em estacionamentos e implorar por comida?

— A maneira como vivo não é da sua conta.

— Não revide minhas palavras ou não vai gostar da minha reação.

Ele demonstra tanta calma ao fazer a ameaça, mas isso não diminui o impacto dela. Gostaria de poder me fundir ao assoalho ou à porta – não sou exigente.

Ele me encara por um instante a mais, certificando-se de que suas palavras atingiram o alvo, antes de continuar:

— Você terá um teto sobre sua cabeça, uma cama confortável para dormir e refeições quentes o dia todo.

O cenário que descreve é tentador, mas *ele* não é. Está longe de ser. É tão assustador que até mesmo sentar ao seu lado me causa ansiedade. Sinto que preciso estar em modo de luta ou fuga perto dele. Na verdade, tenho que optar pela fuga, já que lutar com certeza me mataria.

Portanto, embora eu queira todas as coisas que listou, o preço delas – estar com ele – não é um valor que posso pagar.

Preciso encontrar uma forma de escapar.

— Se ainda não estiver convencida, tudo bem.

Levanto a cabeça para encontrar seu olhar vazio.

— Vai me deixar ir?

— Se assim desejar.

Estreito os olhos.

— Sério?

— Sim, mas a polícia está de prontidão a algumas quadras daqui. Assim que sair deste carro, será presa pelo assassinato de Richard Green.

Arquejo. Como... como ele sabe disso?

— Impedi a polícia e a imprensa de divulgarem seu nome e foto, mas se preferir viver nas ruas, não vai se importar com a prisão. Você deveria me agradecer, na verdade. Eles pelo menos dão refeições lá.

Posso sentir o carro se fechando em mim, seus assentos se transformando em tentáculos para me sufocar.

Ele planejou tudo, desde o assassinato até a polícia e como nunca mencionaram nenhum detalhe sobre mim. Mas tem jogado suas cartas, uma a uma, de forma metódica e psicopática. Para começar, não planejou me dar nenhuma escolha. Veio com o objetivo de me tornar sua esposa, e nada posso fazer para escapar desse destino.

— Por que... — engulo as lágrimas e o nó na garganta — ... por que não usou essa ameaça desde o início? Por que me deu a esperança de poder recusar?

— Não era minha intenção te dar esperança. E você não poderia ter recusado, Winter. Você não é ninguém. Uma coisa que todos pisam sem olhar duas vezes. Um rosto sem nome e esquecível do qual ninguém se lembra. Seja grata pela oferta que fiz. Agradeça e aceite.

Acerto um tapa em seu rosto com tanta força que a dor irrompe em minha palma e desce pelo braço.

Um estranho tipo de raiva tomou conta de mim com suas palavras, e precisei aliviá-la de alguma forma. Foi essa a única solução que meu cérebro encontrou.

Uma solução que, agora percebo, pode custar minha vida.

Os olhos do estranho escurecem e um músculo se contrai sob sua mandíbula coberta de barba por fazer.

Espero que ele me golpeie de volta e comprimo meus lábios trêmulos em antecipação ao impacto.

Porém sua mão envolve minha nuca e me puxa para que meu rosto fique a poucos centímetros do dele.

— A última pessoa que se atreveu a me tocar, está agora enterrada a dois metros de profundidade.

Engulo o nó na garganta. Suas palavras, por si só, estão me sufocando e cavando minha sepultura. Preferia que ele tivesse me batido.

— Esta é a primeira e última vez que faz isso. Se repetir, terá um destino pior do que ser sepultada em uma cova.

Ele me solta com um empurrão e eu recuo cambaleante contra a porta, meu coração batendo tão forte que consigo ouvir o zumbido em meus ouvidos.

— O que vai fazer comigo? — Minha voz é baixa e temerosa.

— O que eu quiser.

Meus dentes rangem por um motivo diferente do frio, mas não consigo resistir à necessidade feroz de perguntar:

— Vai me machucar?

Sua atenção se fixa em mim, seus olhos se tornando cinzentos,

vazios.

— Depende.

— Do quê?

— Se você é boa ou não em seguir ordens.

Eu o encaro e engulo em seco outra vez. Não sou e estou longe de ser. Mas preciso começar a ser, porque não quero dar a esse homem um motivo para me machucar.

Não que ele precise de um.

— Você vai se limpar antes de vir para a minha casa. — Ele me lança um olhar condescendente, reforçando o fato de que me considera uma praga.

— Quando será isso?

— Agora.

— A-agora?

— Tem alguma objeção?

Balanço a cabeça uma vez. Quero encontrar Larry, mas isso pode colocá-lo em perigo com esses homens, então decido não o fazer. Terei oportunidades de vê-lo quando eu for... outra pessoa.

Essa percepção me atinge mais fundo do que eu poderia ter imaginado.

Vou viver como outra pessoa.

Não serei mais Winter Cavanaugh.

Meus pensamentos são reforçados quando o russo diz:

— De agora em diante, você é Lia Volkov. Esposa de Adrian Volkov.

Nunca acreditei em segundas chances.

Acreditar que alguém pode mudar é uma ilusão em noventa e nove por cento dos casos. É perda de tempo e energia.

No entanto, sempre há aquele incômodo um por cento. A anomalia.

O... desvio do comportamento humano.

O fato de ser quase impossível prever ou capturar esse momento é o que o torna especial. Desejável, até.

Um pecado esperando para ser cometido.

Uma rosa intocada prestes a ser colhida para murchar em um lugar distante de seu habitat natural.

E mesmo esse um por cento não é confiável. Não é que as pessoas mudem por vontade própria. Elas são forçadas por fatores externos, por circunstâncias e tragédias.

De certa forma, as segundas chances não existem de verdade. São um mito contado de vez em quando para apaziguar as pessoas emocionalmente frágeis, para que possam esperar por novos dias em vez de entrar em uma espiral de depressão.

No entanto, mais cedo ou mais tarde, percebem que tais coisas não existem e são atingidas por uma forma mais profunda de depressão, que acabará por levá-las à ruína.

Não acredito em mitos. Sou um homem de fatos. Posso distorcê-los a meu favor, usar uma versão distorcida para atingir um determinado fim, mas não vou atrás de ilusões.

E, ainda assim, há uma exceção.

Uma ilusão que *vou* perseguir.

A mulher sentada ao meu lado no banco de trás do meu carro é um mito.

Uma doppelgänger.

— Você acredita em doppelgängers? — Lia me perguntou uma vez quando nos sentamos para tomar o café da manhã.

Levantei uma sobancelha.

— Doppelgängers?

— Não me olhe assim. Eles são reais! Dizem que todos nós temos quarenta pessoas idênticas a nós. Elas estão espalhadas por todo o tempo e espaço, por isso é raríssimo encontrar seu doppelgänger no mesmo tempo e lugar.

— Que lindo.

Ela estreitou os olhos.

— Você não acredita em mim.

— Eu só disse “que lindo”.

— Está sendo sarcástico.

— Estou?

— Sim, você está, Adrian!

— Humm. Como pode ter tanta certeza?

— Não é essa a questão.

— Qual é, então?

— Imagine meu doppelgänger em algum lugar do mundo agora mesmo. — Ela esboçou um leve sorriso. — Se você a visse, não seria capaz de nos distinguir.

— Isso é impossível.

— É possível. Espero que isso aconteça com você.

— Parece que você é a única que deseja conhecê-la. Por que não pede que isso aconteça?

— Não, Adrian! Não podemos encontrar nossos doppelgängers. O primeiro que vir o outro, vai morrer — ela sussurrou as últimas palavras num tom assustado.

O primeiro que vir o outro, vai morrer.

Foi o que aconteceu. Lia viu essa coisa sem-teto e depois desapareceu como se nunca tivesse existido.

Quando você não acredita em algo e isso acontece, acaba culpando esse algo, porque não se pode apenas começar a acreditar no que nunca se acreditou.

Essa mulher é esse algo.

Foi ela quem levou Lia embora e pensou que poderia desperdiçar sua vida nas ruas sujas sem sofrer consequências.

Ela olha pela janela enquanto meu guarda-costas principal, Kolya, dirige o carro pelas ruas movimentadas. Meu outro guarda-costas mais próximo, Yan, está no banco do passageiro, atento à estrada, com a mão junto à arma na cintura. São homens fortes, leais e silenciosos, que falam mais com ações do que com palavras. Do jeito que prefiro.

Winter segura a maçaneta da porta com ambas as mãos. Não pode ser por causa da direção de Kolya, que é suave. Não pode ser por estar hipnotizada pela vista noturna de Nova Iorque, porque seus olhos estão sem foco.

É quase como se ela estivesse fantasiando com a ideia de abrir a porta e saltar enquanto o carro está em alta velocidade na estrada.

Ela é um tanto imprevisível, então eu não descartaria essa possibilidade. Ainda posso sentir a ardência de seu tapa em minha pele, e uma parte de mim exige que a castigue por esse insulto.

Mas, no devido tempo, tudo ficará bem.

Durante o resto do trajeto, ela não olha para mim, talvez com medo de que eu cumpra minhas ameaças.

Ela é inteligente em alguns momentos, mas tem atitudes tolas em outros. Ainda não sabe quem eu sou ou o que faço, mas já percebeu que não sou um homem com quem possa se dar ao luxo de chatear. E, por isso, todas as suas barreiras estão erguidas e envoltas com arame farpado.

O que ela não percebe é que eu posso e vou destruí-las até conseguir o que quero.

Se aprendi alguma coisa com meus pais problemáticos, é que devo ser um rio com uma correnteza forte. Não apenas os outros pensarão duas vezes antes de cruzarem o meu caminho, mas também eliminarei tudo o que estiver nele, sejam amigos, inimigos ou *ela*.

Chegamos a um shopping no centro da cidade. É propriedade da fachada legal da Bratva, a V Corp, a empresa que hoje é gerenciada pela sobrinha-neta do *pakhan*, Rai.

Mas não falei com ela antes de vir aqui, porque ninguém precisa saber disso.

Kolya e Yan saem primeiro e ficam de guarda ao lado do carro, de costas para mim. Winter me olha sob os cílios, questionando em

silêncio a razão de estarmos aqui.

— Tire o casaco — digo a ela.

— Por quê?

— Pare de retrucar e obedeça.

Posso ver a centelha de rebeldia em seus olhos cor de água, a necessidade de me questionar outra vez. Fico esperando por isso, com a intenção de esmagá-la de uma vez por todas, mas ela afasta esse desejo e resolve escolher suas batalhas.

Ela abre o casaco e desce o zíper antes de tirá-lo e colocá-lo no colo. Eu o tiro de suas mãos e o arremesso pela janela. Kolya o pega e segue em direção ao lixo.

Ela acompanha a ação com os olhos arregalados, como se eu tivesse matado seu cachorrinho de estimação.

— Por que fez isso?

— Aquela coisa cheira mal e faz você parecer uma mendiga.

— *Sou* uma mendiga — ela diz, depois contrai os lábios ao perceber o erro.

— O que eu disse sobre retrucar? Quer passar alguns anos na prisão?

— Não.

— Parece que sim.

— Desculpa. Ok?

Não gosto do tom com que ela fala comigo. Não soa como um pedido de desculpas. Pelo contrário, é um tanto sarcástico. Essa mulher é bem diferente da minha Lia.

Decidindo deixar isso de lado por enquanto, eu a estudo, batendo os dedos na perna. Ela está usando jeans largos e um suéter listrado horroroso que engole seu corpo minúsculo, fazendo com que pareça uma criança pubescente fugitiva. Mas essas roupas não fedem como a urina e o vômito do casaco.

No entanto, outra coisa cheira mal.

— Retire as luvas.

Dessa vez, ela não questiona e faz o que lhe foi pedido. Também as joga pela janela. Linhas pretas de sujeira se refugiaram sob suas unhas quebradas e algumas bolhas vermelhas marcam seus

dedos devido ao frio.

Pego alguns lenços umedecidos no console ao lado do banco do motorista. Ela enrijece quando tomo suas mãos nas minhas, suas pupilas se dilatando conforme as limpo. São tão frágeis e pequenas quanto as de Lia, e estão pálidas, quase num nível doentio. Somente as bolhas vermelhas e as veias verdes que aparecem por baixo da pele exibem um pouco de cor.

Enfiando a mão no bolso, pego a aliança de casamento da minha esposa e a coloco em seu dedo. Sua expressão se amplia e ela enrijece, mas mantém a boca fechada.

Em vez de pedir a ela que tire o gorro, eu mesmo o faço. Ela permanece imóvel enquanto seu cabelo loiro oleoso – ou meio loiro – cai sobre seus ombros. Depois de jogar o imundo pedaço de lã pela janela para juntá-lo ao lixo, uso os lenços umedecidos para limpar seu rosto.

Ela tenta fazer isso sozinha, mas basta um simples olhar meu para que abaixe as mãos no colo. Deslizo o pano na sua testa, os contornos suaves de suas bochechas e a crista de seu nariz. Quando passo para seus lábios rachados, eles se separam de leve. Tento encontrar seu olhar para descobrir o que está pensando, mas ela continua olhando para as mãos caídas no colo.

Quando meu polegar se detém na linha de seu lábio inferior, um desejo sombrio se apodera de mim, e fico tentado a mordê-lo e me deliciar com a parte externa rachada. Só para ver se ela grita.

Como se sentisse meus pensamentos, Winter treme, mas não por desejo. É por algo muito diferente.

Medo. Um medo primitivo e potente.

Quando a libero, ela recua contra o assento de couro.

Abrindo a porta do carro, saio e inspiro o ar da noite. Vou até seu lado e abro a dela também.

— Saia.

Ela desce, com cautela, e se arrepia de imediato, envolvendo os braços em torno de si mesma. Quando tiro meu casaco e o coloco em volta dela, me olha com uma expressão estranha, como se não esperasse que alguém como eu fizesse isso.

Kolya tira o casaco e o oferece a mim, mas eu recuso. Não estou com frio. Na verdade, hoje estou mais quente do que o normal.

— Me siga — digo a ela, que começa a mancar.

Quando me viro para inspecionar o problema, ela para, com o pé protegido pela meia apoiado no outro.

Envolvo seu dorso com meu braço, levanto-a sob os joelhos e a carrego no estilo nupcial. Deveria ser um crime como ela é magra e ossuda demais.

Ela estremece, embora seus dedos agarrem minha camisa.

— Posso andar sozinha.

— Está faltando um sapato.

— Posso me virar.

— Ou pode ficar quieta.

— Você... — Ela pigarreia e, como se não quisesse que Kolya e Yan, que estão logo atrás, ouvissem, sussurra: — Você disse que estou fedendo.

— Deixe que eu me preocupe com isso.

Ela abre a boca para argumentar, mas parece pensar melhor e a fecha de novo.

Quando estamos em uma das lojas de departamento e entramos em um dos elevadores, aperto o botão e vamos os quatro para o décimo andar. O shopping está fechado, mas a gerente ficou até mais tarde a meu pedido.

Assim que as portas se abrem, somos recebidos por ela e três de seus funcionários mais confiáveis, que Kolya forçou a assinar um acordo de confidencialidade em sangue antes de irmos buscar Winter. A gerente, uma mulher de 50 anos cujo sorriso parece ter sido pintado em seus lábios, faz um aceno quando chegamos.

Winter não percebe o gesto porque está encantada com a vista – as roupas de grife penduradas sob as fortes luzes brancas, as luxuosas áreas de estar e a decoração de alta classe.

Suas unhas se cravam na minha camisa como se considerasse o lugar uma ameaça. Por outro lado, também me considera uma ameaça, então o gesto nada significa.

Eu a coloco de pé e ela cambaleia antes de ficar ereta. Ao examinar os arredores com seus olhos enormes, se encolhe diante da grandiosidade de tudo. Demora cerca de um minuto até que consiga olhar para a gerente, recebendo seu sorriso com um aceno.

— Eu a quero como nova — digo.

Winter torce o nariz ao ouvir minhas palavras, mas não protesta como eu esperava.

— Sim, senhor — a gerente responde e volta a dirigir seu sorriso para Winter. — Por favor, me siga.

Winter empina o nariz e obedece.

Acompanho com o olhar enquanto ela manca com seu único sapato até desaparecer na esquina, mas meu foco permanece por um segundo a mais no lugar vazio que ela deixou para trás.

Um pigarrear me afasta do pensamento.

— Vai ficar aqui, senhor? — Kolya pergunta em russo. — Yan ou eu podemos levá-la de volta.

— Não tem problema.

Eu me sento num sofá de couro vermelho e pego meu telefone. Kolya e Yan se posicionam de cada lado de mim, com as mãos cruzadas à frente. Yan, em particular, não é fã da minha decisão, e suas feições carrancudas – que rivalizam com as impassíveis de Kolya – foram uma constante durante toda a viagem.

— Relaxe, está bem? — digo em russo.

Cada um deles alonga sua postura, mas não mudam de posição. Eles podem ser meus dois guarda-costas mais próximos, mas são tão diferentes quanto a noite e o dia. Kolya, que é da minha idade, é o mais diplomático – o falador, o pacificador, que pode ou não carregar uma bomba com ele o tempo todo, caso esses métodos de pacificação não funcionem.

Yan é mais jovem, mais imprudente, menos pensador e mais musculoso, sempre pronto para quebrar o pescoço de alguém e amputar o braço de outra pessoa ao mesmo tempo. Seu caráter é evidente em seu cabelo, que mantém comprido, apesar de todos os meus outros homens o criticarem por isso. Ele dá pouca ou nenhuma atenção a eles porque também é cabeça quente e já tem contra si acusações que precisa responder.

Eles estão comigo desde que eu era jovem. No entanto, Kolya e eu criamos Yan. Meu pai os preparou para serem meu círculo íntimo. Na realidade, ele só os trouxe para me espionar, mas as coisas mudaram há muito tempo.

Os músculos de Kolya se flexionam quando ele pega seu celular. Yan sempre o chamou de montanha, por causa de seu físico e de sua personalidade. Meu guarda-costas mais jovem é magro, o que o torna

mais rápido, mas ele ainda tem inveja do fato de que nenhum treinamento poderia torná-lo tão grande quanto Kolya. Meu segundo em comando guarda seu telefone no bolso.

— Igor está tentando falar com você, senhor.

— Ignore.

— Mikhail também.

— Não dê atenção. A menos que seja o *pakhan*, não tenho ninguém a quem responder.

Ele faz um aceno brusco com a cabeça enquanto examino meus e-mails. Troco meu número de telefone de tempos em tempos e, como o fiz recentemente, o grupo de elite da irmandade está incomodando Kolya em meu nome.

Minha posição na Bratva é alta o suficiente para que eu possa desrespeitar os outros líderes. Há quatro *avtoritet*, que são autoridades, os chefes dos brigadeiros, sendo Igor e Mikhail dois deles. Sou um *obshchak*, o que significa que a única pessoa a quem respondo é o próprio *pakhan*.

O único outro membro no meu nível é o *sovietnik*, Vladimir, mas ele não é rigoroso. Nós coexistimos na Bratva como temos feito nos últimos vinte anos, desde que ambos fomos oficialmente recrutados por Nikolai quando tínhamos 15 anos.

Ou, melhor dizendo, Vladimir foi recrutado. Eu nasci neste mundo. Porém, apesar de meu pai ser uma espécie de nobreza na Bratva, tive que me esforçar mais para chegar aonde estou. Cheguei a superar seu posto e continuo a fazê-lo.

Outros acham que estou fazendo isso pela honra da família, quando, na verdade, meu interesse é acabar com tudo o que meu pai fez. Se eu o suprimir, ninguém vai falar dele.

Minha sessão de leitura de e-mails é interrompida por um número que pisca na tela. Não salvo nomes no meu telefone, mesmo que seja criptografado e eu possa destruí-lo no momento em que for roubado.

Um dos benefícios da tirania de meus pais é que me ensinaram a estar sempre pronto. Nunca fazer pouco caso de nada ou ninguém.

Então, quando reconheço os dígitos na tela, olho para Kolya.

— Desde quando Kirill tem meu novo número?

Ele franze a testa.

— Não faço ideia, senhor.

Penso em ignorá-lo como fiz com os outros dois capitães, mas Kirill não liga para conversar.

— Volkov — respondo.

— Morozov — ele imita meu tom fechado.

— O que você quer, Kirill? — falo em russo.

— Não posso checar como você está depois de ter se ausentado da reunião da Bratva? — ele pergunta no mesmo idioma.

— Vou desligar.

— Jesus Cristo. Relaxe um pouco.

— Vou relaxar na morte.

— Duvido.

— Tem alguma razão para sua ligação, Kirill? Porque você acabou de desperdiçar tempo que eu poderia ter usado para descobrir a melhor rota de investimento que a V Corp pode tomar nos próximos meses.

— Estou esperando uma remessa chegar, então você não é o único ocupado, idiota.

— Quer ajuda com a alfândega?

— Já está tudo resolvido. Esse não é o motivo da ligação.

— Então, qual é?

— Informações e rumores que acredito que você deve ficar atento. Por onde devo começar?

Kirill não é do tipo que oferece algo pela bondade de seu coração. É astuto e só dá quando sabe que pode receber o dobro. Se eu receber algo dele agora, não vai hesitar em me pedir coisas no futuro. Poderia desligar e ignorá-lo, mas ele tem suas maneiras de obter detalhes cruciais que nem mesmo eu consigo.

A diferença entre nós é que sou estratégico de forma metódica. Ele é estratégico, mas no sentido caótico. Espera que as coisas aconteçam antes de reagir a elas, o que faz dele o maior oportunista.

— Informações — digo.

Há um farfalhar do lado dele e uma conversa distante em russo. Posso imaginá-lo com seus homens esperando em um armazém isolado, no frio, pela chegada do carregamento.

— O assassinato de Richard Green está sendo investigado.

— Isso não é novidade. Sei que a polícia está envolvida.

— Esta não é uma investigação policial. É do Vladimir. O *pakhan* ordenou que ele averiguasse o caso.

Faço uma pausa enquanto registro suas palavras. Esperava que Sergei me pedisse para investigar mais, não Vladimir.

— Sei o que está pensando — Kirill continua. — Passou a mesma coisa na minha cabeça. Por que pedir a Vladimir se é você quem costuma cuidar dessas coisas? Para sua sorte, tenho um raciocínio rápido e pensei em dois cenários possíveis. Quer ouvir?

— Desembuche. E pare de desperdiçar meu tempo.

— Como consigo lidar com você é um mistério. De qualquer forma, voltemos aos meus cenários. Primeiro, o *pakhan* não quer distraí-lo do crescimento de nossa aliança com os italianos. Segundo — Kirill faz uma pausa para efeito dramático —, ele suspeita de você.

Bato os dedos no braço do sofá enquanto o significado por trás de suas palavras chega até mim em alto e bom som. Se Sergei suspeita de mim, todos os outros também suspeitam. Então, decido sondar Kirill.

— Por que ele suspeitaria de mim?

— Não sei, vou tentar *adivinhar*. — Sua fala é lenta, até demais, fazendo com que as palavras saiam de forma provocativa. — Vejamos. Estávamos todos contando com a possibilidade de Richard se tornar prefeito para que pudéssemos colocar as mãos em remessas fáceis sem ter de ameaçar a DEA (o órgão federal de segurança do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e controle de narcóticos) a cada passo, mas, do nada, ele morreu. De repente, o candidato dos italianos está agora no caminho para ser prefeito. Se eu fosse Sergei, suspeitaria daquele que está se aproximando dos italianos.

Faz sentido. Pelo menos nenhum deles descobriu o motivo real.

— Eu apareceria mais se fosse você — Kirill continua. — Sua ausência só faz com que os outros falem pelas suas costas.

— Os *outros*? Ou seja, você não está envolvido na traição?

— O que pensa que eu sou? Não mordo a mão que me alimenta. Jesus.

— Desligando.

— Não vai perguntar sobre os boatos?

— Não me interessam os boatos.

— É sobre sua esposa.

Meus dedos param de bater por um segundo antes de eu retomar. Se mostrar a Kirill um pingo de interesse, ele se agarrará a isso como um cão raivoso.

Ele é um oportunista – e impiedoso.

— Ainda não estou interessado. — Pareço entediado, mesmo para meus próprios ouvidos.

— Ouça mesmo assim e responda com sim ou não. — Os ruídos russos ficam mais baixos à medida que ele fala. — Mikhail nos disse que a esposa dele viu Lia entrando sozinha na mansão de Sergei à noite. Alguns dizem que ela o está traindo, contando todos os seus segredos para Sergei ou Rai. Outros dizem que ela está tendo um caso com alguém de lá. Alguma dessas coisas é verdade?

Meu maxilar fica tenso.

— Não.

— *Sério?* — ele pergunta arrastando a palavra.

— Acha que eu a deixaria respirar mais um segundo se fosse esse o caso?

— Certo. Você não deixaria. — Ele faz uma pausa enquanto ruídos irrompem do outro lado da linha. — Minha remessa chegou.

O som do bip é a única coisa que ouço depois que ele desliga.

Tiro o telefone do ouvido, segurando-o com força até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Kolya. Yan. Preciso que descubram todos os rumores sobre Lia. Comece investigando o que a esposa de Mikhail está dizendo e siga em frente. Não deixe nada de fora.

— Sim, senhor — Kolya diz.

Fixo o olhar em Yan quando não ouço sua confirmação.

— Há algum problema?

Ele me encara de volta, seus olhos claros se chocando com os meus.

— Além do problema que você criou, *senhor?*

— Yan! — Kolya o fulmina pelo comportamento insubordinado.

Dispenso meu guarda-costas sênior com um gesto.

— Deixe-o continuar. Parece que você tem muito a dizer. Vamos ouvi-lo, Yan.

Ele nem mesmo suaviza o olhar.

— Isso é errado e você sabe disso, senhor. Pare com essa loucura.

Kolya lhe dá um soco no rosto.

— Cale a boca.

O golpe é tão forte que Yan cambaleia para trás, apertando a mandíbula e encarando Kolya com mágoa e raiva. Ele pensa que Kolya o atingiu para causar dor, mas Yan é um idiota às vezes. Não percebe que o sempre tão diplomático Kolya se excedeu e o esmurrou porque isso diminuiria minha reação à sua insolência.

Mas nem mesmo o gesto de Kolya vai salvar Yan.

Eu me levanto e meu segundo em comando tenta me atrapalhar.

— Ele não vai fazer de novo, senhor.

— Boa tentativa, Kolya. — Bato em seu braço enquanto desvio para Yan e o agarro pelo ombro.

Meu guarda-costas fica de pé, com um hematoma vermelho já se formando em sua bochecha. Falo com calma, não deixando minhas emoções me dominarem, mesmo que ele tenha passado muito do limite.

— Você é o guarda-costas de quem, Yan?

— Seu.

— Correto. Então, por que está agindo de outra forma?

— Não foi minha intenção.

— Há quanto tempo me conhece?

— Desde que eu tinha três anos.

— Você tem vinte e cinco agora, então são vinte e dois anos. É muito tempo, não acha?

— Sim.

— Seria uma pena terminar com a cabeça cortada. — Eu o

agarro pela nuca, olhando em seus olhos. — Kolya e eu o criamos e fizemos de você um homem. Não faça com que eu me arrependa disso.

— Mas, chefe...

— Cale a boca, Yan — Kolya grita ao meu lado e consegue silenciar o guarda-costas mais jovem.

Liberto Yan, e Kolya agarra sua nuca e o força a acenar com a cabeça em sinal de desculpas.

Ignorando sua presença mal-humorada, me concentro no trabalho. Passo as próximas duas horas abrindo e-mails e vasculhando as informações que meus vários hackers me enviaram. Algumas são irrelevantes, mas outras são salvas até que eu possa garantir sua integridade.

Durante todo esse tempo, meu foco está disperso pelo que Kirill disse. Embora a primeira parte – que o *pakhan* suspeita de mim – deva chamar minha atenção, é a segunda metade que me preocupa.

Os malditos boatos.

Vou erradicar cada um deles até que a verdade esteja misturada com mentiras.

Sou bom o suficiente para usar essa tática a ponto de enganar até mesmo as pessoas mais próximas a mim.

Como Yan.

Um movimento à minha frente me faz levantar a cabeça.

— Ela está pronta, senhor. — A gerente sorri com orgulho, como se tivesse transformado um patinho feio em um cisne.

Mas não é o caso.

Ela sempre foi um cisne, só que escondido.

Winter sai de trás da gerente para ficar na minha frente.

Como solicitei, seu cabelo é castanho-escuro. Está amarrado em um coque e seu rosto é radiante, embora um pouco magro.

Um vestido bege simples chega até os joelhos, moldando-se à curva de seus seios e quadris. Saltos pretos protegem seus pés. Ela usa a mesma maquiagem da foto de casamento.

A única diferença é que ela não está sorrindo.

Quase como se já estivesse assumindo o lugar de minha esposa.

Como deveria.

Winter não é mais Winter. Ela é Lia.

Ela tirou a vida de minha esposa, e sua punição é passar o resto de sua existência sendo a substituta de Lia.

Vou transformar essa mulher em minha Lia, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Permaneço imóvel como um cadáver sob o escrutínio do estranho.

Adrian. O nome dele é Adrian Volkov e agora devo ser sua esposa.

A equipe me levou para uma sala de massagem especial, me despiu e me colocou em um banho de espuma cheio de rosas, que agora é o meu perfume. Depois de ser definida como lixo, agora me sinto como uma flor colhida no campo.

E não no sentido de que irei para um lugar melhor, mas no sentido de que com certeza vou murchar e perecer.

As mulheres fizeram todo tipo de coisa com meu corpo. Pintaram meu cabelo, me depilaram, fizeram minhas unhas e minha maquiagem. Depois, me enfiaram em um vestido marrom reto um pouco maior do que meu corpo magro. Os saltos são do tamanho perfeito, embora sejam desconfortáveis e eu mal consiga ficar em pé com eles, quanto mais andar.

Durante todo o tempo em que me viraram de um lado para o outro, fazendo isso e aquilo, me senti como uma boneca. O tipo com que se brinca e que depois é jogada fora quando a diversão acaba. Consegui sentir que já estava perdendo o controle.

Eu não queria mudar a cor do meu cabelo. Por mais horrível que fosse, o loiro havia sido uma escolha minha. Quando comentei a respeito, a gerente, que se apresentou como Emily, disse que estava seguindo ordens do sr. Volkov e que nenhum de nós tinha voz em nada.

Decidi não dificultar ainda mais o trabalho dela, considerando que ela e o resto da equipe ficaram até tarde só por minha causa. Para Adrian, pode ser normal fazer isso com outras pessoas, mas não sou como ele. Não gosto de ser a fonte de desconforto dos outros – é uma posição desagradável de se ocupar.

Adrian parece cada vez mais um sociopata, então duvido que se importe com quem possa sofrer por causa de suas exigências. Desde que consiga o que quer, que se danem todos os outros.

Portanto, embora Emily e sua equipe fossem atenciosos, senti calafrios. Nenhuma quantidade de banhos de rosas ou roupas luxuosas

teria feito com que eu me sentisse confortável.

É como se tivesse sido lançada em uma realidade alternativa e estivesse vivendo em um ar denso e turvo desde a tarde de hoje. Desde que fui aprisionada em seus olhos cinzentos. Desde que cometi o erro de existir em seu espaço. E agora, estou começando a achar que será impossível encontrar uma saída.

Mas mesmo que conseguisse, para onde eu iria? Para a cadeia?

Sem dúvida, o desconforto de estar aqui é melhor do que a prisão.

Ou assim eu gostaria de acreditar.

No momento em que me olhei no espelho depois que Emily e os outros terminaram, me deparei com o reflexo da mulher na foto de casamento que Adrian me mostrou.

Lia.

Uma lágrima quase escapou de meus olhos ao pensar que tinha me transformado nela.

Existe algo mais cruel do que apagar a identidade de alguém? Do que apagar a essência de seu ser como se nunca tivesse existido?

Porque é isso que sinto agora, quando estou diante dele. Não sou Winter aos seus olhos. Já sou Lia, e ele pretende cimentar esse fato na medula dos meus ossos daqui para a frente.

Ele não vai conseguir.

Sou Winter Cavanaugh e estou vivendo em nome de mim mesma e da minha filha. Ninguém será capaz de apagar esses fatos da minha cabeça, nem mesmo um homem assustador como Adrian.

Loiro Grandalhão e Nariz Torto estão de cada lado dele. O mais corpulento não olha para mim, mas Nariz Torto me encara por um segundo antes de desviar a atenção para as mãos cruzadas à sua frente.

Há um hematoma vermelho em sua bochecha que eu não havia notado antes e não sei por que não gosto de vê-lo. Não conheço esse homem e tenho certeza de que, se seu chefe lhe dissesse para me executar, ele o faria num piscar de olhos.

Adrian se levanta, me arrancando de meus pensamentos. Ele é alto, moreno e bonito quando está sentado. Mas quando fica de pé, superando minha baixa estatura, sinto a necessidade de fugir da minha própria pele.

Ele faz um gesto com o dedo para que eu me vire. Obedeço, minhas bochechas ardendo com uma raiva reprimida. Sei que me considera de uma classe inferior, mas será que me vê como seu animal de estimação ou algo assim?

— É do seu agrado, senhor? — Emily pergunta, esperançosa, como se a aprovação dele fosse a ruína de sua existência.

Ele acena com a cabeça quando paro, encarando-o. Emily dá um sorriso largo, como se tivesse acabado de agradar o rei da selva e ele fosse lhe recompensar.

— Aqui está o seu casaco, sra. Volkov. — Ela o oferece a mim e visto, agradecida por ele esconder o vestido sem mangas de decote acentuado. Posso ter seios pequenos, mas as curvas deles estavam à mostra.

Adrian me pega pelo cotovelo e me conduz até os elevadores. Loiro Grandalhão e Nariz Torto seguem atrás de nós, mas mantêm distância. Emily e o resto de sua equipe ficam em frente ao vidro transparente do elevador em sinal de respeito.

Adrian deve ser alguém importante se tem escoltas que o seguem por toda parte e funcionários a postos quando sai.

Não acho que seja um espião, mas parece mais perigoso do que um mero homem de negócios. Dou uma olhada nele. Ainda me segura pelo cotovelo, seu toque suave, mas firme. Sei disso porque, quando tento puxar meu braço, ele o aperta mais, impedindo qualquer movimento.

Sua mensagem é clara: devo concordar com o que ele quiser. Assinei meu destino com ele no momento em que fui coagida a tal.

Ou talvez tenha sido quando me viu pela primeira vez e decidi que seria sua esposa.

Quando foi mesmo? Quando me salvou da van? Ou foi quando pediu que eu limpasse meu rosto, como se as manchas nas feições semelhantes às de sua esposa o ofendessem? Ou será que me viu no abrigo e passou a me seguir, desde então?

Durante todo o tempo em que Emily e os outros me transformaram em Lia, fiquei pensando em como ele me encontrou no estacionamento. Não senti ninguém me seguindo, e tenho uma percepção apurada do meu entorno, considerando minha condição de sem-teto.

Ex-sem-teto agora.

Qualquer um dos meus colegas desabrigados se sentiria lisonjeado com essa oportunidade, mas meu estômago está se revirando desde que Loiro Grandalhão me agarrou pelo capuz e me empurrou na direção de seu chefe.

Quando saímos do elevador, Loiro Grandalhão se apressa até o carro e abre a porta traseira. É quando percebo que Adrian está vestindo apenas uma camisa e uma calça.

— Seu casaco está lá em cima. Devemos buscá-lo?

— Não.

— Mas está frio.

Ele fica me olhando por um instante.

— Você está aquecida?

— Sim, mas já estou usando um casaco.

— Então tudo bem. — Ele apoia a palma da mão na parte inferior das minhas costas e coloca a outra na parte de cima do carro para impedir que minha cabeça esbarre ao me guiar para dentro.

Meus dedos tremem e eu os aperto no colo quando sou embalada pelo cheiro de couro dos assentos. Que sentimento é esse? Ninguém deveria ser tão cavalheiresco e, ao mesmo tempo, tão terrivelmente perigoso.

Mas preciso lembrar que ele não está me vendo neste momento. Ele vê Lia *em* mim. Não sei por que isso me faz querer estender a mão e... o quê? Sair da pele dela? Será que ainda é possível?

Assim que Adrian se junta a mim e a escolta toma o lugar na frente, meu estômago ronca. O som é tão alto que Loiro Grandalhão e Nariz Torto ficam imóveis.

Aperto os lábios, mas posso sentir o sangue subindo pelas bochechas. *Que droga.* Nunca me senti envergonhada com minha fome até este exato momento.

O olhar calmo de Adrian se volta para mim, imperturbável, até mesmo entediado. Imagino se ele costuma se irritar, mas logo afasto esse pensamento da minha cabeça. Ele já é assustador em seu estado calmo; nem quero imaginar como fica quando está com raiva.

— O que deseja comer? — ele pergunta.

— Estou bem.

Ele bate o dedo indicador na coxa antes de parar.

— É óbvio que você está com fome. A comida faz parte do acordo, então não precisa ter vergonha de pedir.

Ele está certo. Essa é uma das principais razões pelas quais aceitei a proposta.

— Qualquer coisa. — Minha voz não passa de um sussurro.

— Qualquer coisa não é comida. Escolha algo.

— Não me importo, desde que seja... comida.

— E se eu trazer baratas fritas?

Meu nariz se contrai quando o encaro.

Ele ergue uma sobrancelha diante da minha reação.

— Você disse *qualquer coisa*.

— Não isso.

— Então especifique. Se não se expressar, não receberá nada de mim.

Uau. Ele é sempre assim... irritante?

— Um sanduíche — respondo e fecho a boca, esperando que não tenha notado meu tom.

Se ele o desaprova, não diz nada e, em vez disso, se dirige a Nariz Torto em um idioma estrangeiro que presumo ser russo.

Ele parece um pouco diferente quando fala nessa língua, mas não de uma maneira melhor. Mais como autoritário e inflexível. Também transmite essa vibração com seu sutil sotaque russo, mas é mais claro em sua língua materna. Talvez seja porque eu não fale o idioma.

Nariz Torto acena com a cabeça e sai. Depois de dez minutos de silêncio absoluto, volta com uma sacola de comida para viagem. Fico com água na boca ao sentir o cheiro de pão quente e legumes frescos. Gostaria que Larry estivesse aqui comigo; o homem costuma roubar sanduíches para mim e eu compartilho, mas ele sempre diz que está cheio. Não gosta que eu roube álcool, mas não se importa em roubar comida. O velho tem um senso de moral distorcido.

Entretanto, nenhum dos sanduíches que ele já me trouxe tinha um cheiro tão divino. Como se tivesse saído de um forno.

Meu estômago ronca de novo e, dessa vez, não tento esconder.

Nariz Torto entrega a sacola a Adrian, não a mim. Nem ele nem

Loiro Grandalhão olham em minha direção.

Adrian abre a sacola e me entrega o sanduíche. Nem sequer paro para ver o que tem dentro. Dou uma mordida, enchendo minha boca de uma só vez. Ele derrete na minha língua e nem mastigo direito antes de engolir tudo.

Estou prestes a dar outra mordida quando ele é arrancado de meus dedos.

— O quê... — Olho incrédula para o responsável, Adrian, que roubou meu sanduíche. Não me diga que ele comprou comida para mim só para levá-la embora.

— Coma mais devagar ou vai ter uma indigestão. — Ele arranca um pedaço e o coloca na frente da minha boca. Tento tirá-lo, mas ele balança a cabeça.

Não ligo para o método, desde que eu coma agora, então abro bem a boca e deixo que ele a coloque nela. Engulo de uma só vez.

— Devagar — ele repete, com mais ênfase dessa vez. — Mastigue primeiro.

É então que percebo que estamos nos movendo. Estava tão concentrada no sanduíche que perdi a noção do mundo ao meu redor.

Exceto por Adrian.

De uma forma ou de outra, ele está presente desde que o conheci. É uma força silenciosa que se infiltra aos poucos em minha pele e me faz ofegar por mais – ou menos. De qualquer forma, ele está lá, sob minha pele, e é impossível respirar sem sentir sua presença.

É desconcertante pensar que vivi 27 anos e nunca experimentei tamanha intensidade. Uma demonstração de poder tão... primitiva e silenciosa.

Sempre julguei que as pessoas no poder o garantiam por métodos brutos, que matavam ou tramavam. Que eram barulhentos e ditavam ordens – como Richard. Adrian é o completo oposto dessa noção – ele é quieto, tranquilo, mas exala uma autoridade tão pura que é ainda mais assustador do que aqueles com poder estrondoso.

Quando Adrian me dá outro pedaço do sanduíche, mastigo, deixando o sabor picante explodir em minha boca. É rico e requintado e pode muito bem ser a refeição mais deliciosa que já comi em... todos os tempos.

Não protesto quando continua a me alimentar, seus dedos roçando em meus lábios a cada mordida. Ele tem dedos bastante

masculinos – longos, magros e calejados o suficiente para causar uma sensação estranha sempre que encontram minha pele – não importa como o contato seja breve.

Ele é paciente, sem tentar apressar o processo, como se tivesse todo o tempo do mundo para me alimentar. Seu olhar é de desaprovação, detendo-se quando não mastigo por tempo suficiente ou quando o faço rápido, e essa é a minha dica para ir mais devagar ou a refeição será levada embora.

Quando o sanduíche termina, estou saciada. Não estou estufada, como quando Larry decide fazer uma manobra radical e roubar três sanduíches, mas estou cheia o suficiente para engolir a última mordida com um suspiro. Fecho os olhos para gravar o sabor na memória, caso essa seja a última refeição deliciosa que terei por meses.

Seria perfeito se tivesse álcool também. Posso sentir a dor de cabeça começando na nuca, e não posso me dar ao luxo de ficar sóbria por muito tempo.

Quando abro os olhos, vejo Adrian me observando com atenção. Ele bate com o dedo indicador na coxa em um ritmo calmo, como se estivesse retribuindo minha curiosidade.

Estou prestes a quebrar o contato visual – porque continua sendo enervante – quando seu próximo gesto me detém. Eu não conseguiria desviar o olhar, mesmo que quisesse.

Adrian enfia os dedos indicador e médio na boca, chupando as pontas, que estão um pouco gordurosas devido à forma como ele me alimentou. O jeito que seus lábios envolvem a pele me provoca uma sensação estranha. Quero que pare, mas, ao mesmo tempo, não sei se vou gostar se parar.

Ele estende os dedos e termina lambendo o polegar antes de usar um guardanapo de papel.

Desvio o rosto para olhar pela janela. Os intermináveis edifícios da cidade passam por nós, mas só consigo ver o modo como ele põe os dedos na boca, como se... estivesse colocando-os em outro lugar e...

Meus pensamentos inapropriados são interrompidos quando o carro estaciona em frente a um portão de metal preto, tão alto quanto o de um palácio.

Ele se abre devagar com um rangido estridente que pode ser ouvido de dentro do carro. Loiro Grandalhão entra por ele antes que termine de abrir.

Olho para trás e, de fato, o portão já está se fechando.

É aqui que Adrian mora?

Não estive concentrada no caminho até aqui, mas dirigimos o suficiente para estarmos em algum lugar nos arredores da cidade.

Deixo meu olhar deslizar para a frente, pensando que devo gravar os detalhes em meu cérebro, caso precise mais tarde. Mas para quê e para ir aonde? No momento em que o portão preto se fecha, sinto como se estivesse presa em um labirinto. O fato de Loiro Grandalhão continuar dirigindo pela entrada da garagem pode ter algo a ver com isso, mas essa não é a única razão pela qual sinto que entrei em um lugar que não deveria.

Só consigo distinguir sombras de árvores que parecem fantasmas na soleira do portão de um príncipe rico, esperando para tirar-lhe a vida por sua crueldade. Não havia uma história parecida há muito tempo? Um príncipe que se recusou a alimentar os pobres e foi amaldiçoado por uma bruxa a se tornar uma fera.

O carro enfim para em frente a uma gigantesca mansão.

Não. Parece mais um castelo da época medieval, mas construído nos tempos modernos.

A lua é a única luz que se projeta sobre ela, e quase não é suficiente, pois parte dela está escondida atrás das nuvens.

Uma sombra sinistra cai sobre o prédio sombrio com sua arquitetura de dois andares e seu tamanho imponente, situada em um terreno enorme.

Quando as pessoas veem um edifício grandioso, reagem com admiração ou intimidação, ou ambos. Já eu?

Minha vontade é de fugir.

Como se eu devesse correr em direção ao portão e escalá-lo para escapar.

Adrian e sua escolta saem do carro primeiro. Não estou com pressa. Posso até passar a noite aqui. É quente e os assentos de couro são mais confortáveis do que qualquer coisa em que eu tenha dormido.

Adrian, no entanto, tem outros planos. Ele abre a porta e estende a mão para mim. Eu me sinto tentada a recusar, mas só daria início a uma batalha indesejada. Estou tão cansada dos acontecimentos do dia e tudo o que quero fazer é me enfiar em um canto e dormir.

Por isso, pego sua mão com um suspiro retumbante. Ele me puxa e coloca a palma na parte inferior das minhas costas. O gesto de posse, de reivindicação, não me escapa, mas também não penso muito a respeito, porque ele não está fazendo isso comigo.

Está fazendo com sua esposa.

Desde que eu não me considere sua esposa e consiga separar a realidade do papel que estou desempenhando, tudo ficará bem.

E, mais importante, sobreviverei.

Permito que me conduza até uma porta dupla de metal com um código de acesso na parte superior. Ele passa a ponta do dedo no sensor e a porta se abre com um bipe.

Com delicadeza, ele me impele à sua frente e quase tropeço por causa dos saltos atrozes que machucam meus pés. Adrian passa um braço em minha cintura, me mantendo firme. Assim que me certifico de que posso ficar de pé, tento me afastar.

Sua presença ainda me dá uma sensação estranha. Arrepios misturados com medo e... algo mais que prefiro ignorar.

— Pare de tentar se afastar de mim, Lia.

— Não sou Lia — sussurro.

— Sim, você é, e vai começar a agir como tal.

— Não posso fingir que sou outra mulher.

Ele faz uma pausa, o dedo batendo uma vez na coxa.

— Você acabou de retrucar?

— Não. — Minha voz é baixa. Não quero provocar a ira dele agora. Agora ou nunca, aliás.

Ele não parece convencido, mas diz com muita calma:

— Sua presença aqui é por um único motivo: ser Lia. Você aprenderá a agir como tal. Na verdade, você será ela.

É, tá certo.

Mas não digo isso, pois, a julgar pela breve demonstração de raiva que ele acabou de manifestar, só me traria problemas.

Espero que Loiro Grandalhão e Nariz Torto nos acompanhem, mas não o fazem. A porta se fecha atrás de nós com um clique e uma luz automática se acende em uma ampla área de recepção com paredes brancas, piso de madeira escura e um lustre redondo no teto.

Há uma mesa branca simples no meio do salão, cercada por cadeiras de encosto alto de cor creme. Uma escadaria larga e ampla com corrimão branco leva ao andar de cima. O hall é elegante e sugere um gosto minimalista e refinado, mas há algo errado.

Não há fotos de família nem quadros. Nada.

É como se nenhum ser humano vivesse nesta casa. Ela é limpa, mas impessoal.

Ainda estou estudando o ambiente quando um som suave de batida vem do andar de cima. Fico paralisada, com os dedos cravados nas palmas. Talvez minha premonição sobre esta casa esteja se tornando realidade, e serei mesmo atacada.

Mas então reconheço o barulho. Não é ameaçador; pelo contrário, parece...

Meus pensamentos se perdem quando os passos se aproximam e um pequeno humano aparece no topo da escada. Ele desce, segurando os balaústres a cada passo, com seus dedos minúsculos envolvendo-os como um grampo. Não parece ter mais de cinco anos, se tanto.

Não há dúvida de quem é o garotinho.

Ele é igualzinho a Adrian, com os cabelos escuros e olhos cinzentos. Só que os dele são mais claros e maiores.

Minhas suspeitas são confirmadas quando ele desce os últimos dois degraus, gritando:

— Papai!

Enquanto corre em nossa direção, com o foco nos próprios pés, como se não quisesse perder de vista seus passos, meus calcanhares vacilam. Um peso duro e inflexível empurra minha caixa torácica como se quisesse esmagar os ossos e perfurar meu coração.

A visão do garoto me traz lembranças que mantive enterradas por tanto tempo.

Mãos e pés minúsculos.

Um rostinho pequeno.

O cheiro de um bebê.

— Devagar, Jeremy — Adrian diz ao meu lado, mas o ouço como se estivesse debaixo d'água.

O menino, Jeremy, levanta a cabeça e para no meio da corrida. Seus enormes olhos cinzentos encontram os meus e se arregalam ainda

mais quando ele sussurra:

— Mamãe...?

Não sei se é a palavra ou a maneira como me olha ao dizer isso, como se tivesse encontrado o mundo depois de tê-lo perdido, mas lágrimas que não derramava há muito tempo brotam de meus olhos.

Elas escorrem forte e rápido pelo meu rosto, encharcando minha pele e arrancando um soluço da minha garganta.

— Lia? — Adrian me segura pelos ombros, abaixando a cabeça para poder me olhar de frente. Minha visão está tão embaçada que não consigo vê-lo. É então que percebo que estou tremendo e que meus membros não conseguem mais me sustentar.

— Lia!

— Eu *não* sou Lia — sussurro antes que a escuridão me leve para longe.

O corpo de Lia cai mole em meus braços, com as pálpebras fechadas e o suor cobrindo suas têmporas. Seguro sua pequena figura contra mim pela cintura enquanto suas pernas perdem toda a força.

Colocando meu braço sob seus joelhos, eu a levanto como fiz antes. Sua cabeça balança em uma posição estranha antes de pousar em meu ombro. Seus lábios se contorcem e seu rosto fica tão pálido que as veias aparecem mais visíveis em sua pele.

— Mamãe...?

Olho para Jeremy, que está segurando um soldado de brinquedo e lutando contra as lágrimas. Deveria estar na cama a essa hora, mas aqui está ele. Deve ter enganado a babá para que pudesse descer e me encontrar. Ele tem feito muito isso nas últimas semanas, querendo me ver e fazendo birra para que eu lhe dê atenção.

Sei bem por que ele está agindo assim. Depois de perder a mãe, não queria me perder também. Às vezes, entra escondido no meu quarto apenas para ter certeza de que estou lá.

— Ela só dormiu, Malysh — digo com um sotaque americano. O sotaque russo é para certas situações e o americano é para outras.

Como fui criado por uma mãe metade americana e um pai russo puro, os sotaques são naturais para mim.

Jeremy, por outro lado, passou a maior parte do tempo com Lia, que só fala inglês, e por isso fica confuso quando me comunico em russo. Embora isso possa mudar no futuro, não o forcerei a entender agora. É o pior momento para aumentar seu estresse.

— Sua mãe só dormiu.

— É mesmo? — Ele funga.

— Correto.

— Mas..., mas você disse que ela estava fazendo uma viagem longa. Quer dizer que a viagem acabou, papai?

— Sim, Malysh.

— E ela vai estar aqui todos os dias... — A voz dele se quebra com a esperança surgindo em seus enormes olhos.

Minha atenção se volta para o corpo imóvel dela antes de voltar a me concentrar em meu filho.

— Prometo.

— Você sempre cumpre sua palavra.

— Sim, cumpro. Ela o verá amanhã, está bem?

Ele vira a cabeça para o lado, bufando.

— Eu não quero.

— Ainda está bravo com ela?

— Você não está, papai? — Ele funga e enxuga as lágrimas com as costas da mão. — Ela foi embora sem se despedir.

— Mas agora ela voltou.

— Mesmo assim, não quero vê-la.

Ele sobe as escadas, seu corpo pequeno emanando mais energia do que um garoto com o dobro de sua idade. Sem dúvida, tem o temperamento da mãe.

Ainda carregando Lia, me aproximo da entrada e clico no interfone que se conecta ao rádio de Kolya.

— Entre e certifique-se de que Jeremy vá dormir.

— Sim, senhor.

Eu a levo para cima, dois degraus de cada vez, e sigo para o quarto principal. Quando a coloco na cama de plataforma alta, deixo sua cabeça cair suavemente no travesseiro.

Ela não se mexe enquanto tiro seus sapatos e os coloco aos pés da cama. Alguns cortes cobrem seus tornozelos e as solas dos pés são ásperas ao toque. Elas também estão frias, então as ponho na cama e puxo o edredom para cobri-las. Quando a manobro para tirar o casaco, ela continua sem demonstrar qualquer reação.

Seguro suas mãos nas minhas e observo as bolhas que não deveriam estar em sua pele. Elas também estão geladas, como se seu cérebro ainda pensasse que ela está dormindo nas ruas, em estacionamentos sujos e frios.

Levando as palmas de suas mãos à minha boca, sopro até que estejam quentes o suficiente e depois as coloco sob as cobertas. Estou prestes a deixá-la mais confortável quando uma batida soa na porta.

Puxo o edredom até seu queixo e dou uma última olhada em

seu rosto.

— Volto já, Lenochka.

Depois de sair, fecho a porta devagar, tomando cuidado para não fazer barulho.

Kolya está parado no corredor, bloqueando minha visão e com a testa franzida.

— Jeremy está dormindo?

— Sim, mas o menino estava estressado. — Ele faz uma pausa.

— Se tem algo a dizer, diga, Kolya. Não tenho a noite toda.

— Ele pareceu assustado depois que me contou que... bem, que a mãe dele adormeceu enquanto estava de pé.

Pelo menos, ele acredita que ela dormiu.

— Senhor.

— O que foi?

— Posso falar sem restrições?

Levanto uma sobrancelha.

— Quando você não fez isso?

— Isso não está certo.

— Isso?

— Tudo isso. — Ele faz um gesto com a cabeça para a porta fechada do quarto. — Ela aqui. Agora.

— Yan está reclamando com você?

— Não.

— Não precisa protegê-lo, Kolya. Você o está estragando.

— Isso não tem a ver com Yan e você sabe muito bem disso.

— Deixe que eu me preocupe com as coisas aqui enquanto você fica de olho no que está acontecendo no resto da irmandade. Não podemos ser deixados para trás.

— Não seremos, mas ela...

— Pare de falar dela, Kolya. Já está feito. Ela está aqui e pronto.

— Ela desmaiou, senhor.

— Como sabe disso?

— As pessoas não adormecem de pé. Eu não sou o Jeremy.

— Ela ficará bem.

— E se ela...

— Kolya — interrompo, minha voz endurecendo. — Chega.

— Isso pode sair pela culatra.

— Eu disse para parar de falar dela, porra!

Ele me olha com um olhar de desaprovação, um que diz “você está fodido e me arrependo de ter ficado ao seu lado por trinta anos”, mas sabe que não deve me testar em circunstâncias como essas, então faz um aceno e vai embora.

Desabotoo a camisa no caminho de volta ao meu quarto.

Esta noite será longa pra caralho.

Winter

— Lenchka.

Resmungo durante o sono, sentindo a cabeça pesada e dolorida, como se um martelo a estivesse golpeando.

Minha respiração é interrompida.

Ofego, mas me deparo com algo... macio? Meus olhos se abrem e me vejo de bruços, com o rosto aninhado em um travesseiro.

Dedos longos abrem o zíper do meu vestido e deslizam o tecido pelo meu corpo.

Por um segundo, estou tão desorientada que nem sei onde estou, muito menos o que está acontecendo. Não deveria estar dormindo em uma cama, e não uma cama qualquer; esta é quente, macia, com cheiro de madeira misteriosa e couro nobre.

A realidade volta à tona com uma força vertiginosa que me faz respirar fundo.

Vim com Adrian para a casa dele. Depois que vi seu filho, tive uma lembrança visceral da minha filha e então... o quê?

O que aconteceu depois disso? Onde estou?

Mais importante ainda, o que está acontecendo agora?

O ar se choca contra minha pele nua, provocando arrepios. O vestido se foi e estou usando apenas um sutiã sem alças e a calcinha de renda que Emily me deu. Meus ombros se enrijecem e o suor cobre minha testa. Tenho pavor de olhar para trás e ver a expressão de seus olhos neste momento. Se fizer isso, estarei presa e serei levada a um ponto sem retorno. Todavia, o fato de não olhar para ele não diminui sua presença ou o calor avassalador que emana. Irradia de minha pele como a lambida de chamas – ou o beijo da morte.

Minha mente dispara em todas as direções à medida que a realidade do que está acontecendo se instala no fundo do meu estômago com um baque.

Adrian não poderia ser tão cruel a ponto de fazer isso, poderia?

O que estou pensando? É claro que ele é. Tudo o que tem feito até agora para me ter sob seu controle só prova o quanto é capaz de

fazer para conseguir o que quer.

Talvez... talvez se eu fingir que estou dormindo, ele pare. Talvez só quisesse tirar meu vestido.

Mesmo ao pensar isso, sei que estou apenas me enganando. Ele não é do tipo que pode ser detido. Sei disso, vi em seus olhos e sinto agora com seu intenso toque.

— O que está fazendo? — Minha voz é lenta, quebrada e aterrorizada.

— Não fale. — Ele está usando um sotaque americano. Não há mais sotaque russo agora.

Ele abre a alça do sutiã e enrijeço quando o puxa por baixo de mim, me deixando seminua. Meus seios encontram o colchão macio, mas a sensação é de metal frio, pronto para cortar meus mamilos.

— Adrian, por favor... — sussurro e uma lágrima rola pela minha bochecha. — Não faça isso.

— Fazer o quê?

— O que está fazendo. Estou com medo.

— Você gosta de ter medo.

— N-não...

— Sim, você gosta. Você também gosta de implorar, Lenchka, então implore.

Seus dedos se prendem ao cós da calcinha, e um soluço atravessa minha garganta.

— Por favor... por favor... não...

Ele puxa a calcinha pelas minhas pernas de uma só vez e eu grito, um soluço alto ecoando no ar.

Suas mãos grandes, que notei mais cedo – e nas quais continuei pensando, inclusive –, me agarram pelos quadris em um aperto implacável quando ele mergulha dentro de mim por trás.

Meu grito rouco rompe o silêncio quando seu pênis me rasga. É duro, impiedoso e tem o objetivo de punir.

Ele não me dá tempo para me acostumar e avança com um ritmo crescente. Minhas paredes internas ardem com o desconforto, o poder e a violação.

Meus gritos e soluços ecoam no ar enquanto imploro e gemo.

Mas meu corpo não se move. Nem mesmo um pouco. Não tento me agarrar a ele, me debater ou me contorcer.

Não tento fazer nada.

Se o fizer, ele vai me machucar. Vai me bater. Vai me fazer sangrar.

Assim, permaneço como uma boneca sendo usada e abusada sem lutar.

Tento escapar para dentro de minha cabeça, mas suas investidas me impedem. Há um poder animalesco por trás delas, algo que tem por objetivo me manter no aqui e agora, para fazer com que sinta cada segundo do que está acontecendo.

Proibir que eu vá a qualquer outro lugar é mais cruel do que o ato brutal em si. Monstruoso, até.

Minha cabeça afunda no travesseiro para abafar meus gritos, minhas lágrimas, tudo. Meus dedos se cravam no colchão e os dedos dos pés retesam, mas nada apaga o sofrimento ou a mistura de sentimentos que me invadem de uma só vez.

Rezo para que termine, mas continua sem parar. Ele não termina. Não me libera da minha agonia.

E logo me encontro outra vez em meus pensamentos. Fecho os olhos e tento recordar o lugar mais bonito em que já estive. Um jardim verde com rosas coloridas e pássaros cantando.

Mas, então, o céu escurece e todas as flores derramam um líquido escarlate que parece... sangue.

Ofego, meus olhos arregalados quando ele sai de dentro de mim e me vira para encará-lo.

Adrian está nu, seu peito musculoso coberto por uma camada de suor nos pelos finos. Ele tem tatuagens em ambos os braços, mas não consigo identificá-las na escuridão.

Até mesmo seu rosto está obscurecido, como se fosse o Ceifador vindo para tirar minha vida.

— Onde se meteu, Lenchka? Mantenha sua atenção em mim quando eu estiver fodendo você.

— Por favor... Adrian... por favor... — Minha voz se quebra a cada palavra. — Por favor... pare...

Ele volta a me penetrar e minha cabeça rola para trás com a força da estocada. Meus soluços e lágrimas são cortados pelas suas

investidas.

E então estou emitindo sons estranhos – mais longos, agudos, e não são soluços. Meu corpo se contrai com algo diferente de desconforto, e formigamentos acentuados assolam o fundo do meu ventre.

— Está estrangulando o meu pau, Lenchka — ele grita. — Você vai gozar?

Sacudo a cabeça sem parar, mas, mesmo assim, uma onda de calor explode sob minha pele e grito por um motivo bem diferente.

Gostaria de estar de frente para o travesseiro para poder abafar minha voz, mas como isso não é possível, uso a mão, mordendo-a com toda a força.

As sensações que me percorrem são como se eu estivesse sendo libertada daquela caixa preta. Estou tropeçando em meus próprios pés, correndo em direção ao ar livre conforme ele atinge meus pulmões com uma explosão. Meu corpo inteiro treme e meu íntimo é uma miscelânea de formigamentos e tremores.

Espero que Adrian termine, mas ele continua sem descanso, como uma máquina cujo botão não desliga. Meu corpo desliza pelo colchão e a cabeceira da cama bate na parede com cada movimento. Ele levanta minha perna no ar e mete em mim com energia renovada, como se tivesse acabado de começar. Seus dedos se enterram em minha pele e ele aperta meu mamilo com tanta força que vejo estrelas de neon na escuridão.

A mesma onda de antes volta a me atingir e, dessa vez, não tenho energia nem para gritar.

Estou tão longe que acho que nunca mais voltarei.

Mas volto.

Meu corpo está mole no colchão, pois o efeito posterior do orgasmo faz com que meus membros tremam.

Adrian ainda não terminou.

— Por favor... — soluço. — Não aguento mais... *por favor*.

— Você pode. Sua boceta foi feita para mim, Lenchka.

— Adrian... pare.

— Não.

— Pare! — grito e meus olhos se abrem.

Estou de barriga para baixo na cama, de bruços. O suor me cobre sob as roupas e os lençóis.

Uso o vestido que Emily escolheu para mim e... meus dedos estão dentro da calcinha, entrando e saindo da minha boceta.

Minha boceta *encharcada*.

Minha outra mão belisca meu mamilo por baixo do sutiã.

Eu me assusto e me sento, tirando as mãos como se tivesse sido pega me masturbando em praça pública. Minha boca se abre ao ver os fluidos cobrindo os dedos que estavam entre as pernas.

Levantando o vestido, fico mortificada com a visão. A parte interna das minhas coxas está pegajosa e minha calcinha está arruinada. Não só isso, mas meus mamilos doem, latejando contra o material do sutiã.

Será que... foi tudo um sonho?

Não. Eu não sonho – muito menos em ser estuprada.

E, no entanto, estou sozinha no quarto e minhas roupas continuam intactas. Estava até coberta por um edredom. Sem mencionar a evidência em meus dedos me encarando.

Por que eu estaria me masturbando com um pesadelo desses?

Recuo contra a cabeceira da cama, puxando minhas pernas até o peito e espero... o quê? Um sinal de que não tenho o tipo de mente depravada que me provoca com esse tipo de sonho?

Mantenha a calma, Winter. Foi só um pesadelo. Não é real.

Saio com cuidado da cama e dou uma olhada embaixo. Prendo a respiração, esperando que algum tipo de monstro salte sobre de mim.

Não sinto qualquer alívio quando não encontro ninguém.

Porque sei, apenas sei que os monstros reais são mais perigosos. Parecem humanos, também, antes de liberarem seu lado bestial no mundo.

Como em meu pesadelo.

O quarto em que estou tem a cama *king size* em que acordei com uma cabeceira de metal, decorada com detalhes dourados. Uma cômoda combinando com um grande espelho está bem em frente e chego a me assustar quando passo por ela e percebo minha sombra.

Vou até a única porta à vista e rezo para que seja um banheiro.

Preciso me lavar, para remover toda a viscosidade que se agarra ao meu corpo.

Assim que a abro, congelo no vão da porta.

Adrian está dentro de uma banheira cheia de água. Seus olhos estão fechados, a cabeça inclinada para o lado e os braços cruzados sobre o peito.

Por um segundo, não sei se ele está de fato dormindo ou... morto.

Quero dar meia-volta e ir embora. Melhor ainda, quero minha vida despreocupada nas ruas de volta. Depois do sonho cruel que acabei de ter, a última coisa que quero é falar com Adrian.

Mas ele pode estar morto – ou vai estar, se continuar dormindo em uma banheira.

Meus passos são cuidadosos e lentos quando me aproximo dele. Toco seu ombro e fico paralisada.

Marcas de mordida.

Minha mão tem uma marca de quando a mordi durante o pesadelo.

Foi mesmo um pesadelo?

Antes que possa pensar nisso, uma forte mão agarra meu pulso e me puxa. Grito ao perder o equilíbrio.

— Está finalmente acordada, Lenchka.

Winter

Minha boca escancara quando meu joelho atinge a borda da banheira.

Estando tão perto, me sinto refém dele – e não é só por causa de seu aperto em meu pulso. Ele está nu e, embora a água cubra a maior parte do corpo, a transparência expõe cada centímetro.

Seus ombros são largos, emoldurando bíceps definidos. Tatuagens pretas estão gravadas ao longo do comprimento do braço esticado que me segura. Sua outra mão repousa perto da cintura afilada que leva a um abdômen duro como rocha.

Não tenho certeza se é por causa da água, mas suas coxas parecem poderosas e rígidas como naqueles comerciais de jogadores de futebol americano. Eu me forço a olhar para outro lugar e não para seu pênis semiereto.

Como é possível que alguém exale tamanha perfeição física? Sua beleza não é estrondosa como a de uma estrela de cinema ou de um modelo. É silenciosa, assim como sua personalidade. Letal, inclusive, porque se seus olhos fossem uma faca, eu estaria sangrando nesta banheira agora mesmo.

Franzo a testa diante dessa imagem. Sangrando...

Adrian interrompe minha linha de raciocínio quando leva minha mão ao nariz e um músculo se move sob sua mandíbula enquanto ele dá um longo suspiro.

— Você estava se tocando, Lia?

— Não... — Minha voz é sufocada, abafada e um pouco rouca, como se eu ainda estivesse presa naquele pesadelo.

— Não minta para mim. — Seu tom é calmo, mas ameaçador.
— Sinto o cheiro de sua boceta nestes dedos.

— Eu disse que não.

— Essa é sua primeira advertência. Minta para mim de novo e a castigarei.

As lembranças do sonho me prendem pela garganta e sufocam cada grama de ar do ambiente ao meu redor.

Ele vai arrancar minha roupa e me foder agora. Vai me tomar

como um animal e me deixar sem nada. Confiscará meu poder e minha vontade.

Ele segura meu pulso com firmeza e aquece minha pele com mil chamas, na intenção de me queimar de dentro para fora.

Meus lábios estremeçam e cravo as unhas na borda de cerâmica da banheira para me segurar numa posição curvada.

— Por favor... não... não...

Adrian solta minha mão e cambaleio até bater com as costas na porta de vidro do chuveiro. Permaneço ali, com as mãos espalmadas na superfície fria e os pés descalços balançando contra os azulejos.

— O que há de errado? — ele fala com seu sotaque russo, não com o americano do meu pesadelo.

— N-nada.

Ao se levantar, está todo molhado e... nu.

Completamente nu.

Embora eu tenha tido um vislumbre dele na banheira, nada teria me preparado para essa visão. Suas coxas são musculosas e mais altas do que eu esperava. Pelos finos formam uma trilha em seu peito esticado e descem até...

Levanto o olhar antes de começar a contemplar seu pênis. Em minha tentativa de observar tudo, menos ele, sou pega de surpresa por suas tatuagens. Vi uma antes, mas não a outra. Seus dois braços são tatuados. Mangas inteiras de tinta preta se entrelaçam em seus braços como um labirinto.

Assim como no pesadelo.

Embora eu tenha alucinado sobre morder minha mão, isso não pode ser inventado. Nunca vi Adrian sem roupa, então não há como adivinhar que tem os braços tatuados.

Pego a coisa mais próxima que consigo encontrar, que por acaso é uma garrafa de sabão de cerâmica, e aponto na direção dele.

— Fique longe de mim!

— Lia — Adrian diz o nome baixinho.

— Eu não sou Lia! Sou Winter!

— Se acalme. — Ele continua se aproximando de mim, com passos silenciosos que mal consigo ouvir.

— Eu disse para ficar longe de mim! — grito, minha voz ficando histérica.

Ele para, levantando a mão.

— Tudo bem. Estou me afastando, então abaixe isso.

Sacudo a cabeça com força, fincando as unhas na cerâmica.

— Vou embora. Não vou passar nem mais um minuto neste lugar maldito ou com você!

Uma sombra paira sobre suas feições, intensa e silenciosa, quase como se ele estivesse... com raiva. Por que estaria? Sou eu quem está furiosa. Eu é que fui forçada a sair de meu casulo de segurança para estar aqui.

— Me dê essa garrafa, Lia.

— Não! E pare de me chamar de Lia!

Minhas mãos se agitam e ouço o estalo antes de vê-lo. A garrafa bate na parede e se espatifa. O sabonete líquido branco escorre pela minha mão e cai no chão, deixando um rastro de sangue.

Uma peça de cerâmica quebrada penetrou em minha pele. Uma pontada de dor explode em minha pele antes que o sangue flua de minha palma. Solto o que resta da garrafa, deixando-a cair no chão.

— Merda! — Adrian corre em minha direção e arranca o caco, deixando um pequeno corte que queima quando o sabão se mistura com a ferida. Sua sobrelanceira se enrugou sobre os olhos escuros e ele franze os lábios.

Eu me debato contra ele.

— Me solte, seu monstro! Me solte!

— *Pare* — ele ordena e vacila, amolecendo.

A palavra, apesar de singular, é tão autoritária que meus músculos se contraem ao ouvi-la.

Adrian pega uma toalha bege, coloca embaixo da pia e pressiona contra a minha mão. Ele suspira aliviado ao ver a pouca quantidade de sangue. Como se estivesse preocupado comigo. Como se meu bem-estar significasse algo em suas intenções.

Por que está agindo assim? Não consigo entender por que não age como o demônio insensível que deveria.

Sua atenção não se desvia da minha palma enquanto ele fala:

— Não sei por que está se comportando assim de repente, então por que não me diz?

— Está tentando fingir que não sabe?

— Sei o quê?

Pressiono os lábios. Um segundo atrás, eu tinha certeza de que não era um pesadelo, mas agora, não tenho tanta certeza. Entretanto, a marca da mordida e as tatuagens não podem ter sido fruto de minha imaginação.

— Você acabou de me estuprar. — Minha voz começa baixa, depois aumenta. — Você me violentou, mesmo quando implorei que parasse!

A mão de Adrian se detém em meu ferimento e ele me encara com seus olhos escuros. Pela primeira vez desde que o conheci, eu gostaria *muito* de poder ver por trás desses olhos. Só para saber o que se passa lá dentro. Que tipo de pensamentos permeiam seu cérebro anormal?

— Eu não te estupro — ele diz, de forma muito casual.

— Espera que eu acredite nisso?

— Deveria.

— Eu sei o que senti.

Foi um pesadelo muito vívido, muito... real. Tão real que ainda posso sentir suas investidas em mim.

— Se eu quisesse transar com você, não precisaria estuprá-la. — Ele desliza a toalha sobre minha mão. — O que a faz pensar que fiz isso?

— Acabei de dizer, eu senti.

— Sentiu como? — Sua voz é calma demais para essa conversa. Exasperante. Quero invadir sua armadura e arrancá-lo dela, se é que há algo para arrancar. Às vezes, ele parece uma concha.

Um nada que não pode ser tocado ou afetado.

— Que tipo de pergunta é essa? Eu apenas senti. Além disso, mordi minha mão quando você me estuprou, e veja! — Mostro a ele as marcas de dentes na palma da mão que não está machucada. — Como explica isso?

— Você pode ter mordido enquanto dormia.

— Isso não é possível, porque durmo completamente imóvel. E

mais — faço sinal para seus braços —, como posso ter visto suas tatuagens no sonho se nunca as vi antes?

— Poderia estar projetando o fato de vê-las agora para o passado.

— Isso não faz o menor sentido! Pensa que sou idiota?

— E você pensa que tenho a obrigação de te dar explicações?
— Sua voz perde toda a casualidade, diminuindo, endurecendo, *sufocando*. — Não preciso forçá-la a nada e, por isso, não a estuprei. Deve ter sido um pesadelo.

— Não pode ter sido um. Eu não sonho.

— Então deve estar começando a tê-los.

— Não tente me fazer parecer louca. Eu não sou.

Ele para de esfregar a toalha sobre a ferida.

— Está doendo?

Sua pergunta me pega desprevenida e faço uma pausa, fechando minhas pernas.

— Está, Lia? Porque se, como me disse, eu a estuprasse, você não seria capaz de se mover.

— Eu...

— O quê?

— Não, não está. — Além da calcinha encharcada, não há nenhum desconforto entre minhas pernas ou em meus músculos. Considerando que faz muito tempo que não faço sexo, eu estaria dolorida.

— Aí está a sua resposta.

Ele joga a toalha na pia e vai até o armário, pegando um kit de primeiros-socorros.

Os músculos de seus ombros se tensionam com o movimento e suas tatuagens se expandem. Quero examiná-las, para ver se há algum símbolo que reconheço, mas sua nudez total não me ajuda em minha tentativa de me concentrar.

Não quero mesmo ficar olhando para ele neste momento.

Forçando meu olhar para longe, me concentro em um ponto invisível na parede oposta. Uma sensação de alívio se apodera aos poucos de mim ao perceber que aquilo não passou de um pesadelo.

Não me importo se foi o meu primeiro ou se, de alguma forma, se aproximou tanto da realidade. Talvez seja isso que acontece quando você não sonha; seu primeiro sonho é uma experiência visceral e horrível.

A razão de eu querer tanto que seja um pesadelo não é só por causa dos danos mentais. É porque não lutei. Por ter tido um *orgasmo*. Por ter me tocado naquele ato nojento.

Afastando esses pensamentos, tento respirar, mesmo que só um pouco, considerando que Adrian ainda está aqui e sua presença sempre rouba um pouco do meu ar, se não todo.

Ele pega um curativo e o coloca no pequeno corte em minha palma.

— Nunca mais faça isso de novo.

— Isso?

— O frasco. Você deveria ter me entregado quando mandei.

— Eu não estava raciocinando direito — murmuro com desdém. Mas se pensei com isso que ele deixaria as coisas de lado, estou longe de estar certa.

Os olhos de Adrian escurecem e o ar fica pesado por conta de seu humor. Ele se eleva sobre mim até eu precisar inclinar a cabeça para trás para olhar para ele, e ele repete devagar:

— Você não estava *raciocinando*.

— Eu... não estava.

— De agora em diante, você vai pensar antes de agir.

— Ok.

— Nada de ok. Diga.

— Eu vou pensar.

Caramba. O que há de errado com ele?

— Vá tomar banho e se trocar. Teremos café da manhã em meia hora.

Com as cortinas do quarto fechadas, nem percebi que já era de manhã.

— Ok.

Ele estreita os olhos.

— Pare de falar isso.

— Por quê?

— E pare de retrucar.

— Só estou perguntando por quê.

— Porque não combina com você.

— Acho que não combina com sua esposa — murmuro.

— O que acabou de dizer?

— Nada — murmuro diante da severidade em seu tom. Não se deve brincar com esse homem.

Com a toalha, ele recolhe os cacos, um a um, mas em vez de jogá-los no lixo, os leva consigo ao sair.

Tento desviar o olhar, mas não consigo parar de olhar para sua bunda firme e suas pernas longas. Nunca vi um físico tão perfeito antes, mas não é só isso. É a maneira como ele se comporta e a confiança absoluta que exala, mesmo nu.

É uma posição vulnerável para a maioria das pessoas, mas Adrian age como se estivesse em um terno elegante. É preciso muita disciplina mental para transmitir essa vibração.

É fascinante e perigoso.

Um homem como Adrian deveria vir com um aviso de perigo, e não apenas por causa de sua tenaz autoconfiança, mas por ele como um todo.

Levo alguns segundos para chacoalhar a cabeça e parar de admirá-lo.

Assim que ele sai, tranco a porta do banheiro antes de me despir e tomar um banho rápido. Não confio em ninguém, e Adrian está no topo dessa lista.

Quando termino, me enrolo em um roupão, cubro o cabelo com uma toalha e abro a porta do banheiro. Após me certificar de que não há ninguém, entro no quarto e noto outra porta no canto que dá para um *closet*.

Entro com cuidado e me assusto quando uma luz branca automática se acende. Paro para observar as intermináveis fileiras de roupas, acessórios e sapatos. À esquerda, há inúmeros ternos e camisas, a maioria preta, cinza e azul-escuro.

É evidente que Adrian não gosta de roupas chamativas, e é

compreensível. Ele já é bastante chamativo sem elas, e esse tipo de cor combina com seu caráter misterioso.

À direita, os tons são mais claros, mais variados, mas são... chatos. Assim como o vestido que usei ontem, a maior parte do que presumo ser o guarda-roupa de Lia é composta de saias de terno em cores suaves como bege, caramelo e cinza. Seus vestidos são retos e na altura do joelho. Não há um único par de jeans, uma jaqueta jeans ou qualquer coisa que não pareça imitar o estilo da Rainha da Inglaterra.

É estranho remexer nas roupas de uma mulher morta, mas faço isso de qualquer maneira porque não quero usar outro vestido e saltos altos hoje.

Depois do que pareceram horas de busca no fundo do armário, encontro um short jeans bonito e uma camiseta rosa com a inscrição “Especial”. Embora prefira as roupas mais pesadas e quentes por causa do clima, a casa de Adrian já é quente, então posso usá-las aqui dentro. Eu os visto e uso um cachecol rosa como cinto para os shorts, já que são um pouco maiores. Afinal, Lia e eu não somos do mesmo tamanho.

Um item a menos na escala assustadora.

Não encontro nenhum tênis, então opto por sapatilhas rosa. Uso um lenço semelhante ao meu cinto para prender o cabelo em um rabo de cavalo comprido.

Olhando no espelho, sorrio satisfeita com o resultado. No entanto, meu sorriso logo desaparece quando me lembro de que, quando estava grávida, comprei roupas iguais para mãe e filha para que pudéssemos nos vestir da mesma forma.

Nunca tive a chance de fazê-lo.

Recusando-me a ficar presa nas lembranças dela, saio do quarto e olho para todos os lados, tentando determinar onde fica a sala de jantar. Presumo que seja no andar de baixo e desço os degraus sem pressa. Ou melhor, com cautela.

Mesmo à luz do dia, este lugar ainda me dá calafrios. Na verdade, é pior. Não só me dá calafrios, como aumentam a cada minuto que passo entre essas paredes.

Paro no pé da escada, imaginando o que fazer agora.

— Sra. Volkov?

A princípio, não reconheço o nome, mas depois me viro, concluindo que é de Lia e, portanto, meu.

Uma mulher de meia-idade, que parece estar na casa dos 50 anos, me olha com uma expressão vazia. Ela é alta, muito mais alta do que eu. Seu cabelo loiro com mechas brancas está preso em um coque apertado e seu rosto é quadrado, o que, somado à sua expressão rígida, a faz parecer aquela professora do ensino médio que todos tivemos, em cuja aula ninguém ousava respirar.

Ela me examina como se eu estivesse desrespeitando o código de vestimenta da escola.

— Sim? — Não pareço convincente, mas também não tenho certeza de como agir. Se eu perguntar onde fica a sala de jantar, isso não me faria passar logo por uma impostora?

— O que está fazendo aqui? — O sotaque dela é russo, embora discreto.

— Estou procurando por Adrian. — Pelo menos isso soou um pouco plausível.

— Me siga.

Ela se vira e caminha para a esquerda, sem esperar que eu a acompanhe.

Não tenho escolha a não ser segui-la, então vou atrás dela por um longo corredor. Ela abre um conjunto de portas duplas e faz sinal para que eu entre.

Eu o faço, consciente de cada passo que dou.

Respiro fundo quando encontro Adrian sentado com o garotinho de ontem, Jeremy.

Tenho certeza de que meu alívio tem a ver com a criança, não com o pai. Apesar de minha reação ao ver Jeremy pela primeira vez, não teve nada a ver com ele e tudo a ver comigo e com o passado ainda enrolado em minha garganta como um laço.

Adrian está vestido com calça preta e camisa azul-marinho. Sombrio, elegante e típico dele. Ele ergue a cabeça assim que entro, mas desvio o olhar depressa, pois não quero ficar presa naqueles tons cinzentos logo de manhã.

A rígida professora caminha até um assento vazio à esquerda de Adrian, apontando para ele.

— Seu café da manhã está pronto, sra. Volkov.

Odeio esse nome, o fato de ser uma extensão de Adrian. Que o sobrenome dele seja o meu.

Contudo, ao ouvir “café da manhã”, não tenho tempo para pensar no assunto. Quando foi a última vez que jantei e depois tomei café da manhã como uma pessoa normal?

Talvez há uma semana, quando Larry trouxe sanduíches. E eles não cheiravam tão bem quanto o bacon e os ovos na mesa. Sinto falta de Larry e gostaria de poder oferecer a ele um pouco do que tem aqui.

Assim que me sento, percebo três pares de olhos me observando como se eu fosse um alienígena. O quê? Nem comecei a comer ainda, e estava planejando fazê-lo com calma, não como a porca que fui ontem à noite.

Levanto a cabeça e vejo os olhos escuros de Adrian me fazendo de refém.

— O que está acontecendo? — sussurro.

— O que está vestindo?

Olho para mim mesma e percebo o que todos estão olhando.

— Roupas.

— Sei que são roupas. — Ele abaixa a voz, e presumo que seja porque não quer que Jeremy ouça o quanto seu pai é babaca. — Mas não são suas roupas.

— Sim, são. Estavam no *closet*. — Tentando mudar de assunto, pego um pedaço de pão e sorrio para Jeremy, que está passando a colher pela geleia em seu prato. — Você quer um sanduíche?

Eu não sabia o que esperava como resposta, mas com certeza não era uma carranca.

Ele me encara, com a mão apertando a colher. Eu não deveria ser a mãe dele? Talvez eu seja a madrastra dele.

— Não estou falando com você. — Ele faz beicinho.

— Jeremy — Adrian repreende.

— Ela foi embora, papai! E vai fazer isso de novo. — Ele balança os pezinhos para baixo antes de pular da cadeira — Estou cheio.

E com isso, se vira para sair.

— Jeremy! — chamo seu nome, mas ele já está correndo para fora da sala de jantar.

Ignoro meu café da manhã e me levanto para segui-lo. Não me importa que não seja meu filho, a dor em seu rosto era tão profunda.

Nenhuma criança merece sentir emoções fortes como essa. Sei melhor do que ninguém, considerando minha própria infância. Adrian segura meu pulso.

— Não o siga.

— Mas...

Ele puxa meu braço e arquejo quando sou forçada a encontrar seu olhar quando ele diz:

— Você tem que responder a mim primeiro.

Não posso acreditar nesse homem. É óbvio que seu filho está magoado, e ele só se concentra a quem eu devo responder?

Que tipo de homem opressor ele é?

Tento soltar minha mão, mas ele me puxa para a cadeira.

— Se sente.

— Jeremy precisa de mim.

— Precisa de você? — ele repete com uma ameaça velada. — Quem você pensa que é?

— Sua esposa. Você me transformou nela, lembra?

— E acha que, como num passe de mágica, isso a torna mãe dele?

Pois é. Não sou. Por que estou tão irritada? Adrian é o pai dele e não parece se importar, então eu não deveria me preocupar com isso.

E, no entanto, me preocupo.

Chamas ferventes borbulham em minhas veias pela maneira como Adrian dispensou o filho de forma tão casual. Pessoas como ele não merecem ter filhos – ou qualquer outra pessoa.

Ele volta a cortar seus ovos como se nada tivesse acontecido, seus dedos manejando a faca com uma facilidade extraordinária. Com os lábios franzidos, decido tomar o café da manhã também. Afinal, essa é a razão de eu estar aqui.

Comer.

Preparo um sanduíche duplo de manteiga e geleia, usando três fatias de torrada, e dou uma mordida generosa. Um suspiro involuntário sai de meus lábios quando a comida se acomoda em meu estômago. Só quando tomo um gole do café com leite, como prefiro, é que percebo que Adrian e sua severa professora estão me observando. Seus olhares estão atentos, sem piscar, como se eu fosse um animal no zoológico.

Será que fiz algo contra a etiqueta ou algo assim? Tomei o cuidado de comer devagar.

Meu marido de mentira toma um gole do próprio café – preto como sua alma – e continua a me observar por cima da xícara. Juro por Deus que ele tem o olhar de um assassino. Sem pronunciar uma única palavra, consegue me levar à beirada da cadeira.

— Esta é Oglá. — Adrian faz um sinal com a cabeça para a professora severa. — Pode lhe perguntar qualquer coisa sobre como você costumava agir. Ela sabe que você perdeu a memória.

Estou prestes a dizer que não perdi a memória, que estou apenas representando um papel, mas então percebo sua intenção. Se disser a todos que perdi a memória, ele e eu poderemos nos safar de muitas coisas quando eu agir de forma diferente do que Lia costumava fazer.

Ele é inteligente, assim como a maioria dos idiotas.

A professora severa, Oglá, me dá um aceno brusco, que retribuo com outro, inseguro.

Ele continua a me observar comer com seu jeito irritante. Eu me forço a mastigar mais devagar, mas seu olhar é o que vai me dar indigestão.

— Você tem permissão para circular pela propriedade, exceto pela casa de hóspedes.

Ele tem uma casa de hóspedes? Estava escuro ontem à noite, então não conseguiria vê-la nem se tentasse.

Agora que mencionou o lugar e me proibiu de ir até lá, minha atenção foi despertada. A curiosidade é mórbida, como um animal faminto exigindo um pedaço de carne. Teria sido melhor se, para começo de conversa, não tivesse me avisado.

— Você não deve sair de casa.

— Não sou sua prisioneira, Adrian.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Você é o que eu digo que é. Títulos têm pouco ou nenhum valor e cabe a você decidir como usá-los. Se preferir se chamar de princesa em vez de prisioneira, faça isso. Mesmo assim, você não tem permissão para sair, a menos que seja escoltada e com a minha permissão.

Ele acabou de dizer escoltada?

— O que disse mesmo que faz?

— Eu não disse o que faço.

— Bem, deveria, porque não estou entendendo essas suas medidas malucas.

Ele estreita os olhos para mim enquanto Ogla me encara com dureza, como se eu fosse uma criança petulante cujas mãos ela queria bater.

— O que foi? — digo para os dois, depois tomo um gole do meu café. — Estou fazendo uma pergunta genuína. Se não quiser que eu saiba, tudo bem, mas se for um espião e eu agir contra a etiqueta, você será o único culpado.

Adrian pousa a xícara de café com calma na mesa.

— Saia, Ogla.

Eu me enrijeço diante de sua enganosa tranquilidade. Talvez o que eu disse também tenha sido considerado retrucar. Mas não fui sarcástica. Tenho certeza disso.

Mesmo com a atitude de Ogla, quero implorar que fique. Não quero ficar sozinha com Adrian neste momento.

A porta se fecha com uma finalidade que ecoa em meu peito.

O ar muda, engrossando com palavras não ditas e uma tensão que pode ser cortada com uma faca.

Permaneço imóvel, meus dedos agarrados à xícara de café, mas não me atrevo a beber.

O corpo de Adrian se torna monumental. Ele ainda está sentado, mas quase posso sentir sua sombra pairando sobre mim como uma ameaça.

— O que eu disse sobre retrucar?

— Não foi minha intenção — desabafo. — Foi só uma pergunta.

Quando ele se levanta, minha coluna enrijece à sua aproximação. Continuo olhando para a torrada inacabada na mesa, esperando que, de alguma forma, eu me transforme nela ou na xícara de café ou em qualquer um dos utensílios, só para escapar do seu escrutínio.

Adrian coloca dois dedos sob meu queixo e o levanta. Quero desviar o rosto, e não é só pelo desconforto geral que seus olhos me causam. Agora, eles estão mais concentrados, mais duros, como se ele

tivesse acumulado toda a sua desaprovação em relação a mim desde o momento em que nos conhecemos.

— Não me desrespeite na frente dos funcionários. Não me desrespeite. Ponto-final.

— Ok.

— Eu mandei parar de falar essa maldita palavra.

— Tudo bem. De acordo.

— Isso é sarcasmo?

— Não?

— Por que isso foi uma pergunta?

— Eu não sei.

A única certeza que tenho agora é a de querer ir embora.

Quanto mais sua pele está na minha, mais penso no pesadelo. A forma como seu corpo violou o meu e como não resisti.

A frustração é tão profunda que quero compensar isso agora, na vida real, mas até eu sei que, se tentar machucá-lo, pagarei o preço.

Seus dedos vão do meu queixo ao meu pescoço, provocando tremores e arrepios. Espero que me sufoque ou algo assim, mas ele me agarra pelo ombro, e seus olhos cinzentos escurecem como no pesadelo.

— Curve-se.

— P-por quê?

— Eu disse que, se retrucar, será punida.

Meus lábios se entreabrem com essa palavra. *Punida*. Uma guerra estoura em meu peito e minhas coxas tremem enquanto tento barganhar:

— Mas não foi de propósito.

— Não ligo. Se me desafiar, será castigada. É simples assim.

— Não farei de novo. Prometo.

— A menos que conheça sua punição, você continuará a agir dessa forma.

— Apenas me dê uma chance.

— Tenho sido tolerante desde a noite passada, Lia, mas você

continua a me desafiar e a se opor a mim.

— Não, não estou me opondo.

— Aí está, um pequeno exemplo. Parece que você não entende a realidade da situação, e fico feliz em gravá-la fundo em seus ossos.

Seu tom, embora calmo, me arrepia até o canto mais profundo da minha alma.

— Adrian... por favor...

— Cada minuto que você desperdiçar do meu tempo será extraído da sua carne.

Ele me agarra pelo ombro, me forçando a ficar de pé. Solto a xícara de café com um gemido de dor.

Minhas pernas tremem quando ele empurra a cadeira para longe, seu rangido no chão reproduzindo o som de arranhões nas paredes do meu coração.

Em vez de esperar que eu atenda às suas ordens, Adrian vira a toalha de mesa que contém todos os pratos e a afasta com um puxão impiedoso. Os pratos se chocam e as xícaras de café se derramam no tecido e respingam no chão.

— Adrian... — digo, na tentativa de um último apelo. — *Por favor.*

— É cedo demais para implorar, Lia. Guarde para quando realmente precisar.

Ele toca o meio das minhas costas e me empurra contra a mesa. Minha bochecha encontra a superfície fria de madeira, e tento não começar a hiperventilar.

Odeio o fato de meu corpo estar em total estado de alerta. Como um estranho zumbido formiga no fundo do meu estômago, apertando-o, *despertando-o*.

Adrian, por outro lado, está seguro, confiante, cada um de seus movimentos com um propósito destinado a ser cumprido. Ele caminha até ficar de frente para mim e solta o cachecol que prende o short, depois abre o botão.

Fecho os olhos por um instante quando o tecido desliza por minhas pernas e se amontoa em meus tornozelos. Tento não pensar no que ele está vendo, na minha posição – curvada com a bunda para cima e à sua plena disposição.

Não é difícil esquecer isso quando sua mão encontra meu

traseiro.

O primeiro tapa reverbera no ar, duro e feio. Embora eu ainda esteja de calcinha, minha nádega fica em chamas.

No segundo tapa, todo o meu corpo se inclina para a frente na superfície de madeira. Agarro a borda da mesa com dedos rígidos à medida que a dor flamejante aumenta.

Sua mão é dura, impiedosa, com o único propósito de me punir, de consolidar sua autoridade sob minha pele.

Mas nessa demonstração de autoridade, por mais calma e imponente que seja, ele me mostra uma parte dele que eu nunca tinha visto antes.

O controle.

Ele se destaca com isso. Na verdade, está me punindo para garantir que eu não o desafie. E com cada tapa na minha bunda, ele grava esse controle em todo o meu ser.

Eu gostaria de não ter reagido. Melhor ainda, gostaria de encarar como fiz no pesadelo – como uma violação. Em vez disso, um choque de sensações explode em minha pele a cada uma de suas investidas. É como se algo estivesse adormecido e ele o estivesse sondando, despertando-o.

A reação do meu corpo ao seu toque me assusta mais do que a punição. Mais do que o pesadelo.

Mais do que qualquer coisa que eu já tenha experimentado antes.

Adrian prende meu rabo de cavalo com a fita que eu usava para amarrá-lo e me puxa.

— Quem te deu permissão para se vestir assim?

Fecho os lábios com força, não apenas porque me recuso a falar com ele, mas para silenciar o estranho calor que percorre minhas pernas, meu estômago e até meus mamilos.

Deve ser por causa da ansiedade e do medo. Eu me recuso a acreditar que o motivo seja outro.

Adrian dá outro tapa na minha bunda e um som desesperado sai da minha boca. Aprisiono meu lábio sob os dentes com tanta força que sinto o gosto metálico no quinto tapa.

Estou pronta para sangrar meus lábios e cortar minha língua para não lhe mostrar o impacto que está causando em mim. Ele não

terá a satisfação de me ver sucumbir.

Ninguém terá.

Mesmo que minhas entranhas implorem e se revoltam para soltar mais sons.

— Você vai saber qual é o seu lugar. — *Um tapa*. — Não vai me contrariar. — *Outro tapa*. — Está claro?

— Sim... sim... por favor, pare. — Eu soluço, mas por algo diferente de dor.

A parte interna das minhas coxas está quente, formigando, estimulada por cada bofetada. Não gosto disso e daria tudo para que acabasse.

Ele faz uma pausa.

— Vai fazer o que eu mandar?

— Sim... — Minha voz é ofegante, até mesmo sensual.

Quando o próximo tapa não vem, imagino que ele vai me soltar, mas então dois de seus dedos deslizam em minhas dobras sobre o tecido da calcinha.

Minha cabeça se inclina para trás para fitá-lo ao mesmo tempo em que um sorriso malicioso pinta seus lábios. Ele parece um vilão que acabou de encontrar seu próximo alvo.

— Então é por isso que queria que eu parasse. Gostou de ser punida? É divertido?

Sacudo a cabeça em frenesi, refutando a evidência de que ele está deslizando os dedos em minha...

Ele se inclina até que seus lábios encontrem a concha da minha orelha.

— Sua boceta molhada diz o contrário.

— Não... — Continuo balançando a cabeça, sem querer acreditar que me excito com esse tipo de depravação.

Sou uma pessoa sem graça e sempre serei.

— Pare de negar, Lenchka.

Esse apelido de novo. Não sei o que significa, mas o odeio. Não quero ser chamada por ele. Não quero que ele me use como se eu fosse mesmo sua esposa.

Eu não sou. Estou apenas desempenhando um papel para poder

sobreviver.

— Não — digo, mais clara dessa vez.

Ele continua acariciando minhas dobras por cima do pano e fecho os olhos, esperando que a sensação desapareça, mas a cada pincelada, minha pele se aquece a um nível alarmante. As marcas das mãos que deixou em minha bunda estão mais quentes do que quando estava me batendo, agravando minha agonia.

— Pode teimar o quanto quiser, mas não pode negar a si mesma, Lenchka. — Ele enfia a mão sob a parte da frente da minha calcinha e seu polegar encontra a pele nua que sua equipe depilou com cera.

Vai direto ao ponto inchado do meu clitóris, como se já soubesse onde está, mesmo sem olhar. Quando o toca uma vez, minhas costas se erguem da mesa. Junto com seus toques experientes nas minhas dobras e a estimulação da minha bunda, sinto que vou incendiar.

Apenas com as mãos, ele me empurra para uma borda íngreme. Posso sentir os ruídos tentando me libertar e mordo o lábio com mais força, sentindo o gosto de metal.

Porém, desta vez, não consigo controlar a explosão que se acende em meu âmago e irrompe por todo o meu corpo.

Ela se arrasta para fora de mim pouco a pouco, mas quando me envolve, estou perdida. Sem escapatória nenhuma.

Continuo mordendo o lábio, mesmo quando tremo com o prazer violento arrancado de mim. Mesmo quando a sensação fica tão intensa que quero berrar. Mesmo quando me silenciar é como se eu estivesse roubando meu próprio prazer. Meu desejo. Minha terrível luxúria.

Um tremor ainda me atinge depois que Adrian tira a mão da calcinha. No entanto, ele não solta meu cabelo e permanece assim por tempo suficiente para que o calor em minha bunda se dissipe.

Quero dar uma olhada nele, para ver como o demônio fica depois de conseguir o que quer. Mas não tenho a chance de argumentar contra esse pensamento quando ele me vira. De costas contra a mesa, acho que vai me foder ou algo assim, mas continua a me olhar daquela maneira inquietante e inexpressiva.

Não acredito que estou pensando isso, mas prefiro o modo como seus olhos escurecem. Pelo menos assim posso dizer que ele está descontente. Mas agora? Parece um muro alto e maciço, impossível de

escalar ou destruir.

Quanto mais me observa, mais superficial fica minha respiração. Odeio estar sob sua vigilância. Ou sob seu teto. Odeio estar sob qualquer coisa dele.

Quando passa a ponta do dedo em meu lábio inferior, ele me força a soltá-lo dos dentes. Esqueci que continuava sufocando minha voz mesmo depois de ter atingido o orgasmo.

Ele acaricia a pele ferida, mas está longe de ser um gesto de carinho. É enganoso, grosseiro e insensível.

— Esconda-se o quanto quiser, mas cedo ou tarde vou trazê-la à tona.

Boa sorte em procurar o que não existe.

Adrian Volkov pode ter pensado que tirou a sorte grande ao encontrar a sócia de sua falecida esposa, mas o que ele não sabe é que tropeçou em uma concha.

E, dentro dessa concha, não há nada que ele possa trazer à tona.

Continuo jogada na mesa muito depois de Adrian sair. Não olhei para ele porque, se o tivesse feito, me assustaria com a escuridão absoluta em seus olhos.

Meus shorts ainda estão amontoados nos tornozelos porque não tive energia para subi-los. Minha dignidade também está em algum lugar no chão, já que fico aqui, abraçada à mesa, mesmo depois de o clique da porta ter ecoado no silêncio da sala de jantar.

Não quero pensar no que acabou de acontecer ou na minha reação embaraçosa, mas não quer dizer que eu não possa sentir. As marcas das mãos, as chamas na minha bunda. O maldito formigamento em meu âmago.

Fechando os olhos, respiro fundo e me endireito. O movimento altera o formigamento, e é como se meu mundo estivesse em chamas. Tomo cuidado ao subir o short, mas minha bunda está queimando. A fricção provoca um gemido. Não me preocupo em escondê-lo agora, já que ele não está aqui e não vai poder me ouvir.

Isso é tão errado.

Preciso de uma bebida. *Ou duas.*

Estou sóbria há tempo demais e talvez seja por isso que estou reagindo assim. Se estiver meio bêbada, como de costume – ou melhor ainda, completamente bêbada –, voltarei ao meu estado robótico, em que mal sinto algo.

Larry nunca aprovou meus hábitos alcoólicos e sinto falta dele, mas não posso vê-lo, então essa situação exige mais bebidas.

Procuro nos armários de madeira instalados nas laterais da sala, mas não encontro nada. É provável que guardem o álcool na cozinha.

Depois de sair da sala de jantar, sigo o caminho que Oglá me mostrou mais cedo até chegar à entrada. Vou na direção oposta, presumindo ser onde fica a cozinha.

E, de fato, eu a encontro. O espaço é grande e muito mais limpo do que qualquer cozinha que já tenha visto. Os balcões brancos brilham e os utensílios de cozinha de aço inoxidável ocupam uma parte deles, esperando para serem usados.

Tenho receio de tocar em qualquer coisa para não estragar algo. Mas minha urgência em beber supera esse sentimento. Há uma dor constante na frente da minha cabeça que só diminuirá com o álcool.

Começo pela geladeira. Há água, frutas, legumes e garrafas de suco. Mas não há sinal de cerveja. Então, passo para os armários, verificando-os um a um. Encontro cereais, talvez para Jeremy, temperos, alguns utensílios, e ainda não há vestígios de álcool.

Minha busca se torna mais desesperada à medida que abro e fecho todos os armários, remexendo-os como louca.

— Está procurando alguma coisa, sra. Volkov?

Recuo, mas minha mão permanece na alça do armário quando encaro Oglá. Ela está na entrada, com a expressão fechada de sempre.

— Eu... humm... Você sabe onde está a cerveja?

— Nós não temos cerveja.

Adrian parece ser o tipo de esnobe que não bebe cerveja, então faz sentido. Tento de novo.

— Uísque?

— Não.

— Vinho?

— Não.

— Vocês têm alguma bebida alcoólica aqui?

— Não.

— Como isso é possível? Adrian não bebe?

— Não em casa, sra. Volkov.

Quero perguntar o motivo, mas o tom e a expressão distantes me impedem. De qualquer forma, duvido que responderia.

A falta de álcool está fazendo minha cabeça doer. E piora a cada segundo. Todo viciado como eu se agarra à promessa da próxima dose, um gole, algo para aliviar a dor. Ao contrário da crença comum, nós suportamos, mas somente porque nosso cérebro está sintonizado com a ideia de gratificação instantânea após um certo tempo de espera. Agora que o meu descobriu que não haverá álcool, ele está tentando abrir minha cabeça e, por isso, cederei às suas exigências.

— Vou ao supermercado comprar cerveja. Posso pedir para

colocarem na conta de Adrian? — pergunto a Ogla de forma casual, tentando passar por ela.

Ela levanta o braço, bloqueando minha saída.

— O sr. Volkov deu instruções claras de que não deve sair da propriedade.

O idiota mencionou esse detalhe.

— Não vai demorar — negocio.

— Não.

— Você não manda em mim, Ogla. Posso empurrá-la e sair.

— Eu não o recomendaria, sra. Volkov. Você será impedida pelos guardas do lado de fora com métodos menos gentis.

Ele tem mais escolta lá fora? Pensei que Loiro Grandalhão e Nariz Torto fossem os únicos, e presumi que o seguiam aonde quer que ele fosse.

— Então vá você — digo com esperança.

Ela balança a cabeça uma vez.

— Um dos guardas pode ir, então?

— Não é permitido o consumo de álcool na casa. Terá de se acostumar.

Não posso apenas me acostumar. Na maior parte de minha vida, estive bêbada. Está bem, é exagero, mas sempre estive meio bêbada e foi assim que consegui não pensar tanto nas coisas. Foi assim que anestesiei meus sentimentos.

Se estiver sóbria, todas as minhas emoções serão cruas e sem filtros, como tudo o que vivenciei esta manhã. Pensando bem, é provável que o pesadelo tenha ocorrido porque não dormi alcoolizada. Não quero descobrir o que acontecerá se continuar assim.

Não estou pronta para isso.

Gostaria de poder entrar em contato com Larry para que ele me traga cerveja. Mas seria tão difícil quanto procurar uma formiga específica em um formigueiro. Larry sempre foi o único a fazer a busca, e não o contrário.

Além disso, não tenho a menor ideia de onde esta mansão está localizada e a que distância fica da cidade.

E se eu tentar escapar, Adrian vai me entregar para a polícia

sem pensar duas vezes.

Ogla continua me observando como se esperasse uma nova barganha, mas já sei que ela é causa perdida. Não tenho dúvidas de que vai relatar tudo o que eu disser ou fizer a Adrian, portanto, tenho de ser esperta ao lidar com ela.

Fico olhando para ela, encarando sua malícia silenciosa com contemplação. Adrian disse que posso lhe perguntar sobre qualquer coisa que “não me lembro”. Humpf. Filho da puta manipulador.

— Ei, Ogla.

— Sim?

— O que Adrian faz mesmo?

Ela faz uma pausa como se não esperasse a pergunta, depois diz:

— Por que quer saber?

— Ele disse para te perguntar qualquer coisa e acredito que minha pergunta se enquadre nessa categoria. Tenho certeza de que eu sabia tudo sobre o trabalho dele antes de perder a memória, então você vai ter que atualizá-la para mim.

Espero por sua negativa, mas ela diz:

— O sr. Volkov faz parte da máfia russa.

No final das contas, ele não é um espião, mas não me surpreende. Ele pode se passar por um mafioso, embora seu estilo e suas características sejam sofisticados.

A conversa que ouvi dos torcedores do Giants sobre a Bratva volta à tona e engulo em seco. Disseram que eram pessoas perigosas que não hesitavam em matar. Não que eu deva me espantar que Adrian seja um assassino, mas essa informação coloca tudo em uma perspectiva real – e aterrorizante.

Ele é uma dessas pessoas perigosas. Não é apenas a vibração que transmite. Toda a sua existência está preparada para provocar medo no coração de qualquer pessoa que fale sobre ele ou sua organização.

— Parte dela? — pergunto, decidida a continuar sondando Ogla. Preciso de uma avaliação precisa da minha situação para poder lidar com ela.

— Sim.

— O que significa fazer parte?

— Significa que ele é um membro.

Conseguir informações dessa mulher é como arrancar os dentes, mas controlo a impaciência.

— Ele parece mais importante, com guardas e morando em uma mansão.

— E é mesmo.

— Quanto mais?

— Logo abaixo do *pakhan*.

Ouvi esse termo uma vez.

— Esse é o líder da máfia?

— O líder da irmandade. O sr. Volkov é o cérebro por trás da maioria das operações.

Mais uma vez, deveria estar surpresa, mas não é o caso. Adrian parece o tipo de filho da puta que traça estratégias em segundo plano para infligir mais danos com menos baixas.

Mas agora que sei que ele está em um nível *tão alto*, não entendo o porquê da súbita ansiedade. Mil pensamentos ocupam minha mente e o mais proeminente é que eu não deveria estar aqui. O segundo é que me coloquei em apuros.

No entanto, não é como se eu tivesse escolha. Ou me tornava a esposa de um mafioso ou apodrecia na cadeia.

Porém, quanto mais tempo passo na companhia de Adrian, mais a sério considero a ideia da prisão.

— Se já terminou seu café da manhã, precisa estudar — Ogla chama minha atenção para o presente.

— Estudar?

— Venha comigo.

Eu a sigo, incerta de seu objetivo. Ela me leva a uma área de estar e faz um gesto para o centro, no qual há um iPad e um telefone.

— Esse será seu telefone. Meu número é o três na discagem rápida. Kolya é o dois.

— Kolya?

— É o segundo no comando do sr. Volkov.

— Ah, ele é Loiro Grandalhão ou Nariz Torto?

Ela faz uma pausa, talvez por causa dos termos que usei.

— O maior.

— Qual é o nome do Nariz Torto?

— Yan. Ele é o quatro na discagem rápida.

— Me deixe adivinhar. Adrian é o um?

— Sim, mas não deve ligar para ele a menos que seja uma questão de vida ou morte e não consiga falar com nenhum de nós.

— Não vou ligar para ele de jeito nenhum, muito obrigada — murmuro.

Ela franze os olhos, mas não comenta meu tom, então pergunto:

— O iPad é para meu entretenimento?

— É para estudar.

— Estudar o quê?

— A irmandade. Você é a esposa do sr. Volkov e, embora não a leve para sair com frequência, precisa fazer algumas aparições anuais ao lado dele. Para isso, é preciso conhecer a estrutura, a hierarquia e aprender os nomes de todos os membros da irmandade e de seu círculo mais próximo.

— Mas por quê? Achei que ele diria a todos que perdi a memória.

— Está fora de questão, sra. Volkov. A senhora precisa agir como antes.

— Mas vocês sabem. A senhora, Kolya e Yan.

— Somos leais ao sr. Volkov. As pessoas de fora não são. — Ela ergue o queixo em direção ao iPad. — Espera-se que você aprenda tudo em uma semana. Se tiver dúvidas, me pergunte.

Então, ela se vira e sai, os saltos fazendo barulho no piso de madeira. Eu me jogo no sofá e estremeço quando minha bunda arde, a sensação da mão de Adrian voltando à tona em minha mente. A maneira como me tocou com tanta firmeza, com tanta certeza, sem nenhuma hesitação. Ele provocou uma parte de mim que eu achava que não existia, uma parte que me intrigou e me assustou ao mesmo tempo. Mas o medo está mais presente, isso não posso negar.

Pego e abro o iPad para encontrar um documento com centenas

de páginas. Caramba. Quem se deu ao trabalho de escrever tudo isso? Nunca fui muito de ler, então será como tirar leite de pedra.

Mas, olha só, pelo menos há fotos embaixo de cada nome.

Estou prestes a começar quando me lembro de algo bem mais importante que tudo isso.

Jeremy.

Eu estava tão preocupada com meu desejo por álcool – e ainda estou – que me esqueci dele. Abandono o iPad e enfio o celular no bolso antes de subir as escadas, onde presumo que seja seu quarto. Vou em direção ao quarto de Adrian, imaginando que ele e Lia teriam colocado o filho próximo a eles.

Depois de tentar algumas portas, não encontro o quarto de Jeremy. Preciso de mais algumas tentativas no lado oposto do corredor antes de avistar uma jovem fechando uma porta. Ela é loira e tem o cabelo curto, não de forma provocativa, mais no estilo nerd que gosta de livros. Suas bochechas e nariz são cobertos de sardas e sua pele é cor de mel. Ela carrega uma bandeja de cereais que parece não ter sido tocada e não me nota ao seguir pelo corredor. Há outras escadas ali? Vou explorá-las mais tarde.

Eu me aproximo do quarto do qual ela saiu e paro em frente, respirando fundo antes de abrir a porta.

Jeremy está sentado no chão, cercado por inúmeros brinquedos. Seu cabelo cai sobre a testa, precisando ser cortado com urgência. Seus olhos são de um tom cinza que parece misterioso, mesmo para uma criança. Parece tanto com Adrian que chega a ser perturbador.

Embora esteja brincando, não há expressão de alegria. Apenas concentração e tristeza, como se algo dentro dele faltasse e ele estivesse tentando suprir essa carência com a brincadeira.

— Oi, Jeremy — digo de mansinho.

Seus olhos se arregalam, os dedos paralisam em um soldadinho de brinquedo, mas então ele o levanta e o joga contra meu peito. O boneco atinge meu esterno antes de cair no chão.

— Saia daqui!

Quanta agressividade.

No entanto, por algum motivo, consigo ver além de seu comportamento e entender por que está agindo dessa forma.

Seu olhar diz tudo. É parte do motivo pelo qual passei mal e desmaiei quando o encontrei pela primeira vez. Compartilho esse olhar, mas do lado oposto.

Ele sente falta da mãe e eu sinto falta da minha filha.

Somos duas peças incompletas que podem ter sido unidas pelo destino.

Ou pelo idiota do pai dele.

Quando não faço menção de ir embora, ele arremessa outro soldado contra mim.

— Eu disse para ir embora.

Fecho a porta e me aproximo bem devagar para não provocar nenhuma reação negativa. Quando não joga mais nada em mim, eu me agacho à sua frente, ficando no mesmo nível que ele e suavizo minha voz.

— Você está triste por eu ter ido embora, Jeremy?

— Não. — Seus lábios tremem com a palavra enquanto ele pega um soldado em cada mão.

— Mas eu estava. — Minha própria voz treme quando vejo minha filha através de seus olhos inocentes. — Senti tanto a sua falta que não conseguiria sobreviver no mundo sem você. Ele se tornou tão sombrio e entediante. Tudo o que eu queria era te encontrar.

— E por que não encontrou? — ele sussurra, olhando para mim por baixo dos cílios.

— Porque preciso viver por nós dois. Eu não podia morrer, querido.

— Você ia morrer? — A voz dele contém tanto medo que, por dentro, me dou uma bronca.

— Não, claro que não.

— Sério?

— Sério. Estou aqui, não estou?

Ele bate as cabeças dos dois soldados e os encara enquanto murmura:

— Você vai partir de novo?

— De jeito nenhum. — Eu queria que fosse uma mentira, mas as palavras saem de minha boca como a coisa mais verdadeira que já

disse.

Antes que eu possa pensar nisso, Jeremy se lança sobre mim em um abraço apertado. Seus braços envolvem minha cintura com uma força que me derruba de bunda no chão.

Posso senti-lo fungar contra meu peito:

— S-senti sua falta, mamãe. Por favor, não me deixe.

— Nunca. — As palavras escapam com tanta convicção que me deixam sem fôlego. Eu o abraço e beijo sua cabeça, sentindo seu cheiro sem pressa. Ele é como um pequeno marshmallow, macio e lindo.

— Não se torne um fantasma também — ele choraminga.

— Um fantasma?

Ele acena com a cabeça em meu peito sem levantar o rosto.

— Você era um fantasma no outro dia. Eu não gosto da mamãe fantasma. Ela era assustadora.

Nossas reuniões para discutir os assuntos da irmandade são a menor das minhas preocupações agora.

Ou, na verdade, na maior parte do tempo.

Tenho meu papel a desempenhar, e ele está nos bastidores. As decisões que o *pakhan* toma são diretamente influenciadas pela minha opinião, que é respaldada por minhas fontes.

Minha ascensão nas fileiras da irmandade para me tornar um de seus pilares mais indispensáveis não aconteceu por pura sorte. Não cheguei até aqui pelo uso da força, como Damien, nem pela manipulação, como Kirill.

Foi pela lógica.

Percebi logo no início que, para continuar subindo na Bratva, eu precisava de sistemas. Homens de confiança – Kolya e Yan, embora este último esteja abusando. Hackers. Informantes em todas as organizações possíveis.

Embora esses elementos estivessem em vigor na época de meu pai, não eram utilizados em sua capacidade total. Mudei isso e fiz deles a parte mais forte da irmandade.

Poder não é dar ordens e levantar armas. Não é declarar guerras e comandar ataques em uma demonstração de masculinidade.

O verdadeiro poder está em um estado de calma, silenciado em tons baixos e temido em público.

Foi nisso que me tornei. Aquele cuja sombra todos sentem, mesmo quando não estou presente, seja na irmandade ou fora dela.

Podem não gostar de mim – e muitos não gostam –, mas me temem. Devido aos meus sistemas, não sabem se tenho imagens deles em posições comprometedoras. Por exemplo, em uma reunião não autorizada com um chefe de cartel na América do Sul. Ou em um iate navegando no Mar Mediterrâneo que desviaram de sua organização. E, quem sabe, na casa do prefeito, transando com ele e sua esposa quando deveriam estar apenas de olho neles.

É fácil vigiar todo mundo nos limites de minha casa. O sistema que passei muito tempo construindo funciona com perfeição, sem que eu precise mais intervir em seu curso.

Uma vez que meus inimigos – e supostos irmãos – sabem que sou poderoso o suficiente para esmagá-los, não ousam me desafiar. Alguns ainda tentam me eliminar de vez em quando, mas graças ao meu sistema, aos hackers e a Kolya, acabam fracassando.

Eles chegaram perto uma vez. Apenas *uma*. E descobrirei o motivo pelo qual meu sistema falhou naquela ocasião, nem que seja a última coisa que eu faça.

Devido ao meu papel invisível na irmandade, não preciso participar das reuniões. Isso é algo que os outros membros do grupo de elite sempre me censuram. Mas o *pakhan* anterior, Nikolai, e o atual, seu irmão, Sergei, sempre me isentaram da tarefa de estar presente. Eles são inteligentes o suficiente para reconhecer que é melhor eu colocar meu sistema em prática e lhes trazer resultados.

Ou, pelo menos, pensei que Sergei soubesse.

Embora ele tenha aceitado minha maneira de fazer as coisas, suas recentes suspeitas sobre mim são problemáticas. Agora, preciso provar minha lealdade mais uma vez, mas não posso ser óbvio, pois isso o deixará ainda mais em alerta.

Estamos em sua mansão, situada nos arredores do Brooklyn. Esta casa tem sido usada como o complexo da irmandade em Nova Iorque há décadas. Quando meu pai me trouxe para cá em minha infância, achei que ela fosse um monstro, mas não tão monstruoso quanto nossa própria casa.

Sento-me à direita de Sergei na mesa de reuniões, com um copo de conhaque que não estou bebendo. O *pakhan* está na casa dos 60 anos e tem escondido seu câncer da irmandade. Eu já havia descoberto logo depois que ele o descobriu.

Sim, tenho até espiões em meu próprio *pakhan*. As pessoas transbordam de segredos e são esses segredos que me mantêm um passo à frente. Os homens aqui usam pistolas como suas armas. A minha é a informação. Ela é mais mortal, mais rápida e mais eficiente.

A razão pela qual não derrubei Sergei usando sua fraqueza – o câncer – é porque isso causaria uma mudança de poder. Embora não me importe em instigar o caos, não estou com disposição para lidar com isso em um momento como este.

Somente os mais altos da irmandade podem participar do café

da manhã na casa do *pakhan*. Por respeito, o número de guardas presentes é limitado aos nossos soldados mais graduados. Kolya está atrás de mim, tão seguro e forte quanto uma montanha. Yan permanece do lado de fora.

Os outros quatro reis ocupam o restante dos assentos. Igor e Mikhail são da época de Sergei, portanto, são antigos e preferem falar russo a inglês. Os outros dois, Kirill e Damien, moram nos Estados Unidos há tempo suficiente para falar um inglês com pouco sotaque.

Eu estou em uma posição intermediária. Uma espécie de bastardo russo.

Dois outros membros se juntam a nós. A primeira é Rai, sobrinha-neta de Sergei, neta do *pakhan* anterior e a única mulher que tem coragem suficiente para entrar em uma reunião da irmandade.

Ela agora é uma frequentadora assídua, apesar de estar grávida de três meses. Sua barriga está começando a aparecer, mas isso não a impede de vir aqui, como pensa ser seu direito.

Ela não tem. E se fosse qualquer outra mulher, teria sido banida, mas sua relação com o *pakhan* anterior e o atual impede que a maioria dos homens daqui a expulse.

Também pode ter a ver com seu marido, que está sentado ao seu lado. Ele é um assassino de aluguel – um franco-atirador – e todos sabem que não devem provocá-lo, sobretudo quando se trata dela.

O motivo pelo qual quero atirar em seus olhos não é o fato de ela ser mulher ou de estar tentando eliminar meus espiões da V Corp, a frente legítima da irmandade, da qual é a diretora-executiva. É porque ela se intrometeu em algo que não deveria.

Foi por causa dela que perdi Lia, e não vou descansar até saber o motivo.

Enquanto Sergei fala do nosso recente confronto com os irlandeses e uma possível trégua com o novo líder mais jovem, fico olhando para a cadeira vazia à sua esquerda. A de Vladimir.

Ele não perde as reuniões. Eu sim. Por isso, sua ausência não só confirma as palavras de Kirill, mas também significa que Vladimir está se esforçando muito para isso.

— O que acha, Adrian? — Sergei me pergunta.

— Os irlandeses não aceitarão uma aliança tão cedo depois de nossa recente disputa. Matamos muitos de seus homens e isso não desaparece com uma simples mudança de liderança. Devemos dar

tempo a eles — digo, como se estivesse ouvindo tudo o que estão falando. Sou excelente na arte de enganar. Desde que era criança.

Meus pais se certificaram disso.

Depois de um aceno de Sergei, a reunião prossegue com algumas estratégias que deixo passar despercebidas. Estou esperando uma chance de perguntar sobre Vladimir sem dar nas vistas.

Embora meu sistema seja eficiente, Vladimir o conhece e, portanto, é capaz de evitá-lo. Não de todo, mas mesmo essa pequena lacuna é suficiente para que eu possa me livrar dele. Não posso tomar nenhuma decisão antes de saber o que está tramando. Caso contrário, seriam tentativas inúteis no escuro que poderiam – e iriam – acabar se voltando contra mim.

Assim que Kirill menciona algo sobre uma remessa de drogas, tomo um gole da minha bebida e falo casualmente:

— Vladimir não deveria ajudar?

— Vladimir está ocupado com outra coisa — Sergei diz com um gesto desdenhoso. — Damien, você ajuda.

— Mas isso é chato, *pakhan* — o último reclama como uma criança que não pode brincar com seus brinquedos, ou seja, armas.

— Está dizendo não para mim?

— Claro que não. Fico feliz em ser útil. — Ele suspira e pega um cigarro, depois murmura baixinho para Kirill: — Filho da puta.

Kirill apenas sorri e ajusta seus óculos de armação preta com o dedo médio.

— Com o que Vladimir está ocupado? — pergunto sem rodeios, ao que Kirill levanta uma sobrancelha. Ele sabe que evito conflitos diretos, a menos que sejam necessários.

— Todos vocês saberão quando eu assim permitir. — Sergei se levanta, sinalizando o fim da reunião. — Falaremos mais sobre o aniversário de Igor, que organizarei em sua homenagem. Todos estão convidados.

— Sim, *pakhan* — todos os outros concordam.

Em vez de ir embora, Sergei me encara, fixando-se em mim com uma expressão solene.

— Traga Lia também.

— Ela não tem se sentido bem — digo em tom calmo, embora

uma parte de mim esteja se aproximando do ponto de ignição.

— Ela não pode estar tão indisposta para ir ao aniversário de Igor a convite do próprio *pakhan*. — Suas palavras têm a intenção de servir como represália.

— Sim, Adrian. — Rai se junta ao seu tio-avô, falando num sotaque americano perfeito. — Traga Lia. Temos *muito* o que conversar.

Não deixo de notar como ela diz “muito”. Eu poderia sacar minha arma, atirar na cara dela e de seu tio-avô e torturar sua escolta para obter respostas. Mas isso faria com que eu fosse morto pelo resto dos homens daqui ou por seus guardas, e não posso morrer ainda.

— Certifique-se de que ela estará lá — Sergei ordena em um tom que não dá margem a negociações.

— Sim, *pakhan* — digo com indiferença, quase como se estivesse tranquilo com a perspectiva de trazer Lia quando ela ainda não está pronta.

Sergei sai, seguido por todos os outros, exceto por Kirill, que fica para trás de propósito. Restamos apenas nós dois, Kolya e seu guarda sênior, Aleksander, que é alto, mas magro e tem o rosto de uma mulher ou de um adolescente púbere.

Kirill ajeita seus óculos de armação preta, e seus lábios se movem em um sorriso sardônico.

— Perguntar do querido Vladimir foi imprudente, Adrian. Não sei se você é imprudente.

— Às vezes, a melhor defesa é um bom ataque.

— E, às vezes, o ataque direto faz com que você revele todas as suas cartas.

— Não precisa se preocupar, Morozov. Tenho mais cartas na manga.

Seus lábios se inclinam em um sorriso feio.

— Não me ameace quando posso ser seu aliado, Adrian.

Eu me levanto e Kolya fica de prontidão ao meu lado.

— Não preciso de aliados.

— Isso é o que diz agora, mas haverá um dia em que mudará de ideia.

— Duvido.

— Quer apostar?

— Tente outra vez em dez anos, Morozov.

Ele dá uma risadinha.

— Guarde meu número, Volkov. Talvez precise dele. — Sua voz ecoa atrás de mim enquanto me dirijo à entrada.

Assim que estou no carro e Yan sai da propriedade, digo a Kolya:

— Quero que vigiem Kirill.

— Já temos alguém atrás dele.

— Quero mais um. Três, se necessário.

— Sim, senhor.

— Aleksander também. Sigam-no.

— Considere feito.

— O que aconteceu? — Yan olha para mim pelo retrovisor, depois desliza o olhar para Kolya antes de voltar a se concentrar na estrada.

Bato o dedo na coxa.

— Kirill sabe de alguma coisa ou não estaria agindo de forma tão presunçosa.

O silêncio cai no carro antes que Yan diga em voz baixa:

— Você acha que ele sabe sobre a sra. Volkov?

— Não tenho certeza, mas o que ele sabe eu também preciso saber. Está entendido?

— Sim, senhor — dizem os dois.



Passo a maior parte do dia em meu escritório na V Corp verificando os relatórios financeiros para evitar que minha cabeça se desvie para direções indesejadas. Mas, ao mesmo tempo, encontro soluções. É isso que faço quando estou sobrecarregado pelo trabalho. Penso e deixo minha mente entrar em ação.

Tento encurralar Rai, mas, pelo que parece, ela tem uma

consulta médica hoje e foi para casa mais cedo.

Haverá outro dia e ela me responderá, não importa quais métodos eu tenha que usar.

Perco a noção do tempo e só percebo que são dez da noite quando Kolya me informa do fato. Estive tão concentrado em encontrar uma solução que permitisse a Lia faltar ao aniversário de Igor que me esqueci dela.

Isso está errado.

Não é que tenha me esquecido dela. Apenas tentei tirá-la de meus pensamentos imediatos porque, se a mantiver lá, não conseguirei fazer nada.

Ainda mais depois de como gozou nos meus dedos após algumas palmadas. Ela se soltou por completo, sem restrições, como se estivesse esperando pelo meu toque todo esse tempo.

A visão do sangue em seus lábios não sai da minha mente, e a maneira como abafou a voz ainda mexe com meus nervos.

Isso vai mudar.

Ela vai mudar.

Kolya, Yan e eu chegamos em casa por volta das dez e meia. Não me preocupo em encontrar Oglá, porque agora que não estou tentando manter Lia fora de meus pensamentos, ela é a única coisa que ocupa meu cérebro.

Vou para o nosso quarto e fico parado na porta. Ela não está lá. Também não a encontro no banheiro.

Por um segundo, fico parado no lugar, imaginando para onde ela poderia ter ido. Não pode ter saído da propriedade, pois Oglá ou meus guardas teriam me informado. Sei disso, mas a possibilidade mexe comigo.

Ela está aqui. Sei que está. Posso sentir sua presença nas paredes da casa, posso vê-la sem ter que me esforçar muito.

Vou até o quarto de Jeremy e, quando abro a porta, a visão perante mim me deixa de boca aberta. Lia está dormindo na cama do meu filho, segurando-o contra o peito.

Os dedinhos dele estão enrolados na cintura dela e um pequeno sorriso esboça seu rosto sonolento.

O quarto está caótico, como se um exército de crianças tivesse brincado aqui. Seus soldadinhos estão espalhados pelo chão, cercados

por uma dúzia de desenhos e cachecóis coloridos.

Ela passou o dia inteiro com Jeremy?

Meu olhar volta para eles, para a forma como seu short jeans sobe pelas coxas nuas e como a blusa abraça a cintura, revelando o umbigo.

O visual todo é incomum, mas não impediu que meu pênis endurecesse esta manhã – ou que começasse a endurecer agora.

Ouçó passos suaves às minhas costas e não me dou ao trabalho de me virar quando Ogla para atrás de mim.

— O que eles fizeram?

— Brincaram, depois desenharam, e então...

Minha atenção se volta para ela por um breve segundo.

— O quê?

Ela pigarreia.

— Ela tocou uma música escandalosa e fez Jeremy dançar com ela enquanto enrolava todos os tipos de cachecóis em volta deles.

Meus lábios se contraem.

— Como Jeremy se comportou?

— Ele estava rindo e gargalhando o dia todo e não queria sair do lado dela.

— Mais alguma coisa?

— Ela não aprendeu nada com o iPad que você deixou, senhor.

Por que não estou surpreso?

— Você vai visitar a sra. Volkov, senhor? — Ogla pergunta.

Eu lhe lanço um olhar de espanto.

— Não esta. A outra. — Sua voz diminui. — Algo estranho aconteceu com ela e precisa de sua atenção.

Um rangido me faz acordar.

Protejo Jeremy com a mão, mas, por sorte, ele não se mexe.

Estudo o ambiente ao meu redor em busca da origem do som. O quarto está vazio, com exceção de mim e de Jeremy, mas o ruído continua, mais alto desta vez, aumentando para uma intensidade aterrorizante antes que uma música clássica estridente soe do lado de fora.

Meu olhar se volta para Jeremy, que ainda dorme tranquilo, com sua pequena mão em volta da minha cintura. Ele não quis me soltar, com medo do fantasma me levar embora.

Não tenho certeza do que ele quis dizer com isso, mas as crianças de sua idade têm uma imaginação fértil, então pode ser qualquer coisa. Jeremy é inteligente e percebe rápido as coisas. Sempre que lhe ensino algo, seu cérebro logo absorve e, em pouco tempo, ele me imita.

Uma vertigem avassaladora toma conta de mim sempre que me chama de mamãe. Não mereço isso, mas é a melhor coisa que me aconteceu desde que assumi o lugar de Lia. Com o apego de Jeremy, posso fingir que minha existência tem um propósito, afinal de contas.

A música clássica está mais alta agora, angustiada, quase como o clímax de uma cena. Quem tocaria música no meio da noite com uma criança dormindo?

Removendo os dedos de Jeremy com cuidado, eu o cubro com o edredom e me aproximo devagar da borda do colchão. No caminho para a porta, piso em alguns de seus brinquedos, mas não dói como quando pisei neles ao levá-lo para a cama mais cedo.

Abro a porta em silêncio e fecho ao sair. A música está ensurdecadora agora, quase como se eu estivesse em uma ópera. Uma estranha sensação me prende pela nuca como cordas de marionete quando desço as escadas. Eu me seguro no corrimão para me equilibrar, porque parece que quem está segurando as cordas vai me empurrar para a morte.

A música está vindo da sala de estar para onde Ogla me levou esta manhã. Paro na entrada quando descubro a razão por trás da

música.

Uma mulher.

Ela está de pé no meio da sala, usando um vestido de noiva que vai até abaixo dos joelhos. É idêntico ao que vi no pôster de Giselle. As sapatilhas de balé cobrem seus pés, com as fitas enroladas nas panturrilhas.

Ela está na ponta da sapatilha, com as costas arqueadas em um ângulo sublime. Um véu cobre seu rosto, e não consigo vê-lo porque ela está de costas para mim.

Quem é essa mulher? E por que está dançando no meio da sala de estar de Adrian? Será amante dele ou algo do tipo?

Ela gira ao som da música em uma perna, com a outra esticada no ar. Deve doer. Ficar na ponta por tanto tempo é pura tortura e tensiona os músculos e os tendões; é por isso que deve ser feito em intervalos curtos.

Tento me aproximar para poder vê-la ou detê-la, mas ela salta, gira e arqueia as costas. Em seguida, está correndo de um lado para o outro da sala, segurando a cabeça e ouvindo a música angustiada num ato de pura loucura.

Meus pés congelam enquanto observo sua insanidade evoluir com seus movimentos de dança.

É Giselle.

A música sobe em um crescendo quando ela cai no chão antes de voltar a se equilibrar na ponta, balançando de um lado para o outro.

Manchas de sangue estouram em seus pés, encharcando as sapatilhas de cetim com um tom marfim.

Arquejo.

— Ei, pare!

Ela não para. Seus movimentos se tornam frenéticos, severos e descontrolados. O sangue macula seus dois pés, mas é como se ela não sentisse a dor ao ficar na ponta repetidas vezes.

— Pare... — Eu soluço com a música alta. — Pare com isso!

Ela se afasta de mim, sua cabeça se inclinando em posições erráticas antes de voltar ao lugar.

O sangue respinga em sua pele clara e deixa manchas por todo

o carpete.

Quero correr até ela, abraçá-la e forçá-la a parar com aquilo, mas meus pés não se movem. As cordas da marionete me mantêm no lugar e não consigo alcançá-las atrás de mim para cortá-las.

— Pare com isso! — Minha voz está histérica, à beira de algo que nem mesmo eu reconheço.

Ela para na ponta e se vira para mim, ainda na mesma posição.

Meus lábios se separam ao vê-la.

Sou eu.

Ou uma réplica bem próxima de mim, pelo menos.

O rosto sob o véu é igualzinho ao meu. Lágrimas de sangue escorrem por suas bochechas, deixando rastros vermelhos no véu e no vestido.

— Você parou? — ela sussurra.

Um estalo doentio de ossos ecoa no ar e suas pernas cedem por baixo dela.

— Nããããoo! — grito.

Corro em sua direção, mas sou puxada para trás pelas cordas de marionete presas à minha nuca.

Meus olhos se abrem e engasgo com um soluço.

Por um segundo, acho que vou me encontrar no meio do sangue, ou que vou testemunhar a fratura em suas pernas – os ossos salientes ou a pele quebrada e ensanguentada.

Em vez disso, estou na cama de Jeremy, com os braços envolvendo seu corpo pequeno enquanto ele se aconchega em mim.

Não há música tocando lá fora e nada perturba a paz.

Um longo suspiro abandona meus pulmões ao murmurar:

— Não foi real. Nada daquilo foi real.

— O que não foi?

Eu guincho com a voz calma que vem de trás de mim e viro a cabeça, meus dedos ainda tremendo, mas não solto Jeremy. Desde que o abracei esta manhã, tenho tido essa necessidade mórbida de protegê-lo, pensando que, se não o fizer, será como perder minha filhinha de novo.

Adrian está sentado sob a luz tênue. Apenas a luminosidade do telefone aninhado entre seus dedos longos é uma ruptura na escuridão. Pode ser por causa da sombra que a tela projeta em seu rosto, mas ele parece mais assustador agora. Não há luz presente em sua escuridão. Não há fuga. Nenhum alívio.

Ele é como um senhor das trevas sentado em seu trono.

Um demônio.

Um monstro.

Um vilão.

A necessidade inata de fugir que sinto desde que entrei nesta casa – bem, desde que o conheci – volta com tudo.

— Você não respondeu à minha pergunta, Lia — ele me lembra de forma muito casual. Ou o que parece ser casual, porque é fingido. Quase posso ouvir seu tom real, que é fechado, áspero e suga a essência da minha alma.

Tudo nele é afiado e tem arestas. Os botões superiores de sua camisa estão desabotoados, revelando um indício do peito poderoso. Ele está meio relaxado no assento, com as longas pernas cruzadas na altura dos tornozelos. *Meio*, porque sua postura ainda está ereta e ele parece pronto para atacar a qualquer momento, se julgar necessário.

Há quanto tempo está sentado nas sombras, afinal?

E por que estou tendo um pesadelo atrás do outro desde que me trouxe para cá?

— Lia. — A palavra contém mais avisos do que deveria ser possível.

— Você não precisa saber.

Eu me sento com calma, soltando os dedos de Jeremy da minha cintura. Ele murmura algo em seu sono, e penteio seus cabelos escuros ao colocá-lo sob as cobertas pintadas com naves espaciais e estrelas.

— São dois castigos.

Minha cabeça se levanta para encarar Adrian.

— Mas... por quê?

— Um por não aprender a lista que Ogla lhe deu e o segundo por agora.

Sabia que Ogla era sua espiã.

— Mas não retruquei agora.

— Me desafiar é equivalente a retrucar. Não responder às minhas perguntas também é motivo de punição.

— Talvez devesse me fazer uma lista como a da máfia para que eu possa aprendê-la e contorná-la por mágica.

— E essa é a terceira.

— Não pode estar falando sério.

— Estou sim. Quatro.

— Não posso falar nada? — retruco.

— Não nesse tom. Cinco.

— Pare com isso e admita que você é um depravado que gosta de me bater.

— Seis.

Abro a boca para dizer algo, mas logo a fecho, percebendo que qualquer coisa que eu diga só vai piorar a situação.

Maldito seja.

Adrian me perturba tanto que continuo fazendo seu jogo e me enfiando em um buraco com ele. O pesadelo visceral que acabei de vivenciar também não ajuda em nada. Desde que acordei, tenho estado nervosa e desorientada, com pouco ou nenhum controle sobre minhas reações.

— Vá em frente, Lia. — O tom sereno, porém ameaçador, ressoa no ar. — Estou interessadíssimo em ver até onde a contagem pode chegar.

Quando permaneço em silêncio pela pura força do meu autocontrole, um pequeno sorriso se insinua em seus lábios.

— Agora, me conte o que achou que não era real.

— Um pesadelo — digo em voz baixa, porque se falar mais alto, brigarei com ele. Ele está me provocando para aumentar o número de punições, e não vou lhe dar essa satisfação.

Seu dedo bate na coxa uma vez.

— Que tipo de pesadelo?

— Não é da sua conta.

— E esse é o sétimo.

— O quê?

— Oito.

— Não tenho permissão para guardar meus pesadelos para mim?

— Não desde que entrou na minha casa.

Ele deixa o telefone no colo, coloca os dois cotovelos nos joelhos e se inclina para a frente, entrelaçando os dedos sob o queixo.

Embora estejamos no escuro, quase posso ver a escuridão de seus olhos. Não é apenas algo visual, mas pode ser sentido no ar, deixando um gosto amargo em minha língua.

— Você parece não entender a situação, então me deixe explicar pela última vez, Lia. Você é minha esposa, minha propriedade, minha *coisa*. Significa que você segue a linha que eu traço e toma as decisões que permito. Se eu disser para deixar sua vontade na porta, você deixa. Se disser que vai entrar às cegas em um poço, você entra. Na minha casa, minha palavra é lei e minhas decisões são definitivas. Se sentir a necessidade de me desafiar, faça isso. Vou aproveitar cada segundo em que a chicotearei até a submissão.

Minha mandíbula dói e percebo que é porque a apertei com força durante todo o tempo em que ele falou. Nunca senti tanta vontade de sair da minha pele como neste exato momento. Quero sair voando daqui, ir para algum lugar, qualquer lugar, onde a presença dele não aperte minha garganta com mãos imaginárias.

Mas a parte sã do meu cérebro sabe que não tenho escolha, que não posso lidar com a vida na prisão, não importa o quanto eu me ache forte. Estar com ele não é uma escolha, é o único meio de sobrevivência que tenho.

O destino não é cruel? Por que minha segurança está vinculada a um dos homens mais perigosos do mundo?

Adrian se levanta e me aproximo de Jeremy, como se uma criança pudesse me ajudar nessa situação.

— Levante-se — ele ordena.

— Por quê?

— Nove. A cada segundo de desobediência, a contagem vai aumentar.

— Só estou perguntando. — Tento não me irritar, sem sucesso.

— Dez. Nesse ritmo, sua noite será *longa*, Lia.

Não deixo de notar o toque de sadismo quando ele diz “longa”. Não há dúvida de que o filho da puta se excita com a ideia de me punir.

É um maldito depravado.

Eu me levanto, pois não quero *mesmo* que a contagem chegue a onze.

— Me siga.

Adrian se dirige à porta sem me esperar.

Olho de relance para o rosto tranquilo de Jeremy dormindo, esperando que eu possa, de alguma forma, me fundir com seu colchão ou suas cobertas.

Minha hesitação não dura muito, pois sigo os passos de Adrian e fecho a porta de Jeremy sem fazer barulho.

Minhas pernas tremem a cada passo que dou. O suor se acumula em minha testa e os nós dos meus dedos ficam brancos de tanto apertá-los em punhos.

As pessoas dizem que conhecem o medo. Como quando seu carro quase bate ou quando presenciam uma cena sangrenta nas ruas, mas esse não é o medo de verdade. O verdadeiro horror é o desconhecido.

A incerteza do destino de uma pessoa é o pior tipo de terror.

Ela se enrosca em minha caixa torácica como fios, tentando quebrar os ossos e perfurar meu coração no processo.

A escuridão não é assustadora; o que existe nela é. E, neste momento, essa escuridão é preenchida pela presença silenciosa, mas letal, de Adrian.

Meu olhar se concentra em suas costas, na ondulação de seus músculos por baixo da camisa e na tinta que aparece abaixo das mangas enroladas pela metade. Seus passos são firmes, como se essa confusão fosse normal.

Como se pegar uma mulher sem-teto e forçá-la a fazer o papel de sua esposa fosse algo aceitável. Será que esse homem sente alguma coisa? Será que ele tem um órgão pulsante como o que bate dentro de mim ou é uma espécie diferente de coração que apenas bombeia sangue nas veias?

Se ele se importava tanto com sua esposa, como poderia trocá-

la por uma falsa com tanta facilidade?

Talvez a tenha usado como está me usando. Homens do tipo dele não criam vínculos e não passam de monstros sem coração que só sabem tomar.

Quando Adrian entra no quarto e fecha a porta atrás de nós, gostaria que o medo fosse o único sentimento que me habita. Que o aperto em meu estômago fosse resultado da adrenalina e não de alguma outra sensação perturbadora que não quero nomear.

Porque sei que ele não me chamou aqui apenas para dormir. Sei que existe algum plano selvagem sendo arquitetado em sua cabeça perturbada neste momento.

Minha necessidade de fugir diminui aos poucos, substituída por um estranho tipo de aceitação.

Vai passar, assim como tudo em minha vida.

Desde que não perceba minha reação, ele não vai me afetar.

Adrian desafivela o cinto e encaro, paralisada, presa em um estado de torpor, conforme ele o enrola na mão, com uma expressão vazia no rosto.

— Fique de joelhos.

Meu olhar selvagem foge de seus olhos vagos para o cinto enrolado em sua mão.

Ele deve estar brincando.

Mas não está.

Adrian disse que não é do tipo que brinca, e acredito.

Fiquei me encolhendo o dia todo com a sensação das marcas de mão que ele deixou na minha bunda, então acredito de todo o coração que vai me chicotear com o cinto agora.

— Por favor, não... — Não quero recorrer à súplica e, assim que digo as palavras, sei que é um desperdício de energia. Sei que alguém como ele não se deixa dissuadir por apelos ou lágrimas. Pelo contrário, se diverte com isso. Assim como se excita ao me punir.

Portanto, quando diz suas próximas palavras, fico surpresa.

— O que está disposta a fazer em vez disso?

— Qualquer coisa — respondo.

— Vou te foder contra a parede.

— Tudo bem... — Hesito por um segundo, um pouco apreensiva com sua intensidade. Vi o tamanho de seu pênis, sei que vai doer pra caramba, e um homem como Adrian parece gostar de sexo bruto.

No entanto, concordar com isso é a melhor escolha. Transar ou ser chicoteada. Sim, não é preciso ser um gênio para decidir.

— E você não vai morder o lábio. Não vai sufocar seus gemidos enquanto sua boceta aperta meu pau com força.

— Não — rebato.

Adrian inclina a cabeça para o lado como se eu fosse algum tipo de problema e ele estivesse considerando se quer resolvê-lo ou erradicá-lo de uma vez por todas.

— Não?

— Você pode me foder, mas não tem o direito de me dizer

como reagir. — Meu silêncio é meu único mecanismo de defesa contra ele, minha última armadura, e se eu deixar que me tire isso também, então estarei mesmo ferrada. Minha identidade será apagada e não passarei de uma versão desbotada de sua esposa.

— Então, não aceito.

— O q-quê?

— Ou você se liberta por inteiro ou aceita sua punição.

Eu o encaro, meus punhos doloridos pela força com que os aperto. Minhas unhas se cravam tão fundo nas palmas que fico surpresa de não ter sangrado.

Respirando bem fundo, fico de joelhos.

Ao fazer isso, percebo uma sombra de decepção e algo mais cruzando seu rosto.

Que se dane. Ele não vai acabar comigo.

Meu nome é Winter Cavanaugh. Não sou Lia Volkov e não sou, de jeito nenhum, a esposa desse louco.

Entoo essas palavras na cabeça para me preparar ante o que está por vir. Dizer que não estou assustada seria uma mentira, mas minha dignidade me mantém íntegra.

— É uma pena que você tenha escolhido o caminho mais difícil. Lamentável mesmo. — A suavidade de sua voz provoca arrepios no meu corpo.

— Você tem suas condições e eu tenho as minhas.

— Se agarrar às suas condições só vai aumentar seu sofrimento. Entenda isso, Lia. Eu não devo ser contrariado ou desafiado. Quanto mais me pressiona, mais implacável me torno. Quanto mais me desafia, mais severo reajo. Você *não* quer que eu reaja, e sem dúvida não quer ver meu lado desumano. Tenho te mostrado misericórdia, então seja grata.

— Misericórdia? — Pretendo zombar, mas meus lábios tremem devido ao ataque de suas palavras. — Em que mundo suas ações são uma demonstração de misericórdia?

— Acredite em mim, elas são.

— Você pode pensar nelas como tal, pode se considerar uma espécie de deus distorcido e gracioso, mas não é. Você é cruel e insensível. É brutal e sádico. É pervertido, também, porque se excita ao infligir dor. Seu comportamento calmo não me engana, nem seu

senso deturpado de *benevolência*. Seu único objetivo é ferir e tomar como bem entender. Então não fique aí, segurando o maldito *cinto* e dizendo que está demonstrando misericórdia.

Respiro com dificuldade depois da minha explosão e estou preparada para que o número de punições aumente, porque é isso que filhos da puta doentios como Adrian fazem; usam qualquer chance para virar as circunstâncias contra você.

Valeria a pena.

Pela primeira vez desde que entrei em seu radar, disse o que pensava.

Um objeto frio toca minha bochecha – o cinto. Ele o encosta de leve em minha pele – com carinho, até –, mas sua expressão permanece a mesma, impassível e inalcançável.

— Se sou pervertido por gostar de infligir dor, o que você é se gosta dela?

Minhas bochechas se ruborizam, tanto por sua declaração quanto, ainda mais, por sua admissão velada. Que ele gosta *mesmo* de infligir dor. Que eu não estava errada por reconhecer sua necessidade de controle. Mas empurro isso para a parte de trás da cabeça ao levantar o queixo.

— Não sinto prazer nisso.

— Você gozou em meus dedos esta manhã com uma simples palmada. O que acha que vai acontecer quando eu a chicotear?

— *Nada*.

— Acredita mesmo nisso ou está torcendo para ser verdade? Se for a segunda opção, recomendo que abandone essas esperanças, pois aprenderá da maneira mais difícil que fui mesmo tolerante. Que te dei liberdade e você perdeu esses privilégios ao resistir a mim.

— Acabe logo com isso.

— Você vai se arrepender de sua insolência quando sua pele estiver vermelha, Lia.

A ameaça dita com frieza me cobre de arrepios e, para minha desgraça, nem todos se devem ao pavor.

Adrian me toma em seus braços e ofego quando me leva até a cama. Por um momento, me distraio com o quanto sou pequena em seu colo, como ele poderia me esmagar em pedaços irreparáveis sem esforço.

Ele me joga no colchão, com o rosto para baixo, e a cama afunda sob o nosso peso. Será que mudou de ideia?

Eu me levanto de quatro, mas não chego a comemorar quando ele coloca a palma da mão na parte inferior das minhas costas, me mantendo no lugar. Meu coração dispara e ganha velocidade quando sua mão deixa minhas costas e roça em meus cabelos.

Ao contrário de antes, seu toque é gentil, ou finge ser, pelo menos. Seus dedos se afundam em meus fios e percebo com horror que estou me pressionando contra sua palma.

Tento me debater contra Adrian, mas ele prende os dedos em meu cabelo e os aperta, deixando claro, sem dizer uma palavra, que não devo enfrentá-lo.

Eu não conseguiria, mesmo que quisesse.

Estou congelada, presa no anzol e chumbada nas profundezas de sua calma arrepiante. Na superfície, é pura fachada, e estou aprendendo do jeito mais difícil que ele tem várias camadas. Quanto mais as descasco, mais profundas e obscuras se tornam. Cada uma mais alarmante do que a anterior.

— Última chance, Lia.

Ele acaricia meu cabelo como um amante carinhoso.

Fico olhando para a cabeceira de metal com seus exóticos detalhes dourados, me recusando a encará-lo.

— Última chance de permitir que me domine? Nunca.

— Como quiser, Lenchka.

Meus músculos se contraem sempre que me chama assim, e não tenho ideia se é bom ou ruim. Assim como a maioria das coisas que faz com meu corpo, seja como me toca ou me manipula. Quero me convencer de que as odeio, que não as suporto e nem a *ele*. No entanto, uma coisa mórbida em meu interior sai do controle sempre que encosta em mim. Sempre que está próximo. Quero pensar que sou atraída pelo fato de Adrian ser diferente, silencioso, porém letal, mas é algo mais sombrio e incisivo do que eu gostaria de admitir.

Adrian retira sem pressa o lenço que prendia meu cabelo. Em seguida, puxa meus pulsos para cima e os amarra em um canto de metal perto da cabeceira da cama que parece ter sido projetado para esse fim.

Será que ele também fez isso com sua esposa?

Afastando esse pensamento, testo o nó, mas não se move. Não está apertado o suficiente para causar dor ou cortar minha circulação, mas vai impedir que eu me mova ou solte as mãos.

Um pânico repentino se expande em minha caixa torácica como um incêndio, corroendo tudo em seu rastro. Ele pode me machucar e não conseguirei me defender.

— Não precisa me amarrar. — A emoção é evidente em minha voz, e eu a odeio. Odeio permitir que ele me veja assim.

— Então, vai fazer o que pedi? Vai se oferecer por completo?

— Não!

— Sendo assim, será do meu jeito.

— Adrian...

— Sim?

Posso senti-lo se posicionando atrás de mim, e isso me enche de horror e de um tipo de antecipação doentia que só experimentei uma vez, quando ele me curvou sobre a mesa esta manhã.

— Há alguma maneira de você parar com isso?

— Não, a menos que escolha minha outra opção.

— Você já está saciado? Se eu te der mais, será suficiente? Você tirou *tudo* de mim, tudo. Por que está exigindo mais?

O calor dele irradia contra minhas costas, embora não esteja me tocando, e faz coisas estranhas comigo – coisas que me fazem contrair as coxas.

— Eu não tirei tudo de você, Lia. Você quer acreditar nisso porque é fácil culpar os outros por seus erros, mas não significa que seja verdade.

— Você me trouxe aqui e roubou minha vida.

— Correção: eu a salvei dela.

— Primeiro, você se acha misericordioso e, agora, acredita que é um salvador? Você precisa rever seus conceitos!

Seus dedos se esgueiram pela minha clavícula e enrijeço quando eles vão até o meu queixo, sustentando-o à medida que seus lábios encontram meu ouvido e sussurram palavras quentes e sombrias:

— Talvez *you* precise.

Meus pulmões ardem e é então que percebo que não respiro desde que ele me agarrou. Seus dedos são carinhosos, mas não poderiam ser mais brutais.

— Me diga para te foder — ele sussurra com a voz áspera.

— Me fode — murmuro —, mas não vai ouvir *nada*.

Percebo que meu desafio atingiu uma linha vermelha invisível quando suas unhas cravam em minha pele por breves segundos antes de me soltar.

— Fui generoso o suficiente para te dar duas chances, mas sua escolha foi péssima. Como já disse, me desafiar só vai me fazer acabar com a sua teimosia. Me desafiar é como nadar contra a maré, você vai acabar se cansando e vai ser levada pela correnteza. Entenda: eu faço os desafios, e não o contrário. É hora de aprender isso.

Sua voz impassível não deveria ter nenhum efeito sobre mim, mas prende meus músculos com rigidez.

Ele abaixa meu short pelas coxas e, embora seja semelhante ao que fez hoje de manhã, a sensação é diferente, dez vezes mais intensa. Suas mãos são como lava de um vulcão ativo, ou talvez seja a minha pele.

Seu dedo se enrola no elástico da calcinha.

— Você ainda está usando as de hoje de manhã. Gostou de andar por aí o dia todo, lembrando como sua boceta se desfez com meus dedos?

Minhas bochechas ardem quando falo:

— Claro que não. Não tive tempo de me trocar.

— Você não encontrou tempo para se trocar.

— É sério.

— Eu disse alguma coisa?

— Seu tom de voz diz tudo. Acha que estou mentindo.

— E está? — Ele percorre minha entrada macia e me arrepio com o contato. — É por isso que já está molhada?

Fecho os olhos quando ele tira a calcinha e desliza os dedos em minhas dobras escorregadias, acariciando-as, avaliando-as com extremo cuidado.

— Ainda nem comecei a tocá-la e, mesmo assim, seu corpo está ardendo de ansiedade pelo castigo. Para alguém que se mostrava

arrogante e poderosa há apenas alguns minutos, parece que a promessa de punição foi suficiente para despertar seus segredos mais profundos e sombrios. Você reconhece o que é isso, Lenchka?

Sacudo a cabeça com violência, mas paro quando ele afasta meu cabelo para o lado para que seus lábios possam encontrar minha orelha. Com meus olhos fechados, tudo é intensificado – seu toque insensível, seu hálito quente e seu cheiro, aquela perigosa mistura de madeira e couro.

— Você é uma masoquista para o meu sadismo, Lia.

— Cale a boca!

— E agora são onze. Abra seus olhos ou serão doze.

Obedeço sem pressa, encarando minhas mãos amarradas, sentindo a impotência dentro de mim. E, no entanto, um certo tipo de liberdade me domina. Algo que só senti quando estava bêbada, perambulando pelas ruas sem nenhum objetivo além de permanecer viva.

— Agora comece a contar ou a quantidade vai aumentar.

Não sei o que ele quer dizer até o cinto assobiar no ar antes de descer na minha bunda. Um grito borbulha em minha garganta quando uma dor aguda explode em minha pele. Se pensei que sua mão era dolorosa, o cinto está em uma categoria à parte. O vergão que deixa em minha pele dói e queima, trazendo lágrimas aos meus olhos.

Quero gritar, para expressar a agonia física, mas me recuso a mostrar a ele minha dor e meu prazer. Mordo o lábio.

— Quer que a contagem aumente, Lia?

— Um. — Minha voz treme ao dizer a palavra.

Ela mal sai antes do cinto bater mais uma vez. Eu me sacudo, prendendo o lábio com tanta força que quase rompo a pele mal cicatrizada desta manhã. Demoro alguns segundos para murmurar:

— D-dois...

— Eu me pergunto, por quanto tempo acha que pode se proteger de mim? Será que vale a pena?

Mais uma cintada. E outra.

— Três... quatro.

Agora estou soluçando, minhas lágrimas molhando o travesseiro enquanto meus dentes rompem a pele. O sangue cobre

meus lábios, me forçando a sentir o gosto metálico, mas não grito. Nem mesmo uma vez. Também não imploro para que pare, porque isso só roubaria minha dignidade.

— Faça do seu jeito. — Sua voz é tão calma e, ao mesmo tempo, tão sombria que um arrepio por algo muito diferente da dor faz meu corpo de refém.

No sétimo golpe, acho que vou parar de sentir minha bunda de vez, mas não é o caso.

Longe disso.

E é com horror que me dou conta da razão por trás da mudança.

Adrian passa os dedos nos vergões e sibilo, mas o som está prestes a se transformar em outra coisa quando ele desliza o polegar na pele machucada, confundindo a dor com uma suavidade da qual nunca pensei que fosse capaz.

Uma suavidade que confisca meu ar e interrompe meus soluços angustiados.

Algo em mim se agita e treme com a necessidade de fricção.

Espere. O quê?

— O que está fazendo? — Minha voz treme tanto quanto meu interior, cheio de lágrimas e confusão, tanto por seu comportamento quanto pelo meu.

— Shhh...

Ele mergulha um dedo dentro de mim e me sacudo com a violenta invasão.

É como ser arrancada de uma fase da existência e empurrada para outra.

— Ahhh... — Abafo minha voz mordendo o travesseiro. Droga. Uma mistura eufórica de sensações se eleva e aterrissa dentro de mim com um baque tão ressonante que a vibração ecoa em meu ouvido.

O cinto atinge minha bunda três vezes seguidas e grito no travesseiro. A mistura da agonia e do que está acontecendo na minha boceta me transformam em uma pilha de lágrimas. Quero que acabe, mas, ao mesmo tempo, mal consigo me impedir de empurrar sua mão para aliviar a dor dentro de mim.

— Por que parou de contar?

Por um momento, meu cérebro confuso me diz para parar de contar, para deixar a contagem aumentar, para ver até onde posso ir antes de entrar em colapso.

Mas não dá para confiar no meu cérebro neste momento.

Ele está sucumbindo às necessidades do meu corpo e perdendo toda a lógica.

Solto o travesseiro, deixando uma mancha de sangue e choro nele enquanto choramingo:

— O-oito... nove... d-dez.

Adrian insere outro dedo e sinto que estou desintegrando, me dizimando no caminho de sua destruição. Minhas paredes internas se fecham em torno de seus dedos e grito de alívio quando ele os mexe, me dando a fricção de que eu precisava desde a primeira vez que seu cinto tocou minha bunda.

Tento me mexer e me contorcer, mas as amarras me mantêm presa no lugar, e não tenho chance de me mover. Estou em total desamparo em suas mãos, uma marionete com a qual ele pode fazer o que quiser. E, por um segundo, me rendo a esse destino quando Adrian me bate pela última vez.

— Onze! — grito quando o orgasmo me invade ao mesmo tempo que a agressão. Meu coração dispara em minha garganta e acho que vou parar de respirar e morrer nas garras do prazer e da dor.

É um êxtase sombrio, uma felicidade demente que beira a insanidade. Mesmo assim, cada parte de mim anseia por ele, se entrega a ele sem pensar.

Mordo o travesseiro para abafar meus gemidos, o desafio em mim queimando tão forte quanto o orgasmo.

Algo frio e tenso envolve minha garganta, e ofego quando percebo que é o cinto. Adrian me levanta com ele. Minhas costas se arqueiam, mas aperto os dentes no travesseiro, fazendo-o subir comigo.

Seus lábios provocam arrepios em minha alma quando ele sussurra em voz baixa contra a concha do meu ouvido:

— Solte.

Sacudo a cabeça com força.

— Solte logo, Lia.

Encontro seu olhar vazio com minha ousadia e balanço a

cabeça mais uma vez.

Adrian puxa o travesseiro e tira o cinto ao me virar. A dor explode em meu traseiro quando ele roça no colchão.

Minhas mãos amarradas se contorcem antes de serem colocadas por cima da minha cabeça. Agora que não estou mais mordendo o travesseiro, posso sentir outros sons tentando escapar. Volto a contrair os lábios, sem me importar com o sangue que continua escorrendo da minha boca.

Adrian afasta minhas pernas e abre caminho entre elas. Ele é tão grande e vigoroso que sinto que é capaz de me rasgar ao meio a cada estocada.

Cada movimento contra o colchão causa uma fricção avassaladora na minha bunda. Eu gostaria que isso fosse tudo. Gostaria que a dor e o ressentimento fossem tudo o que sinto agora. Gostaria que não houvesse um choque de prazer saindo dos vergões ardentes e indo direto para minha boceta. Os formigamentos remanescentes do meu orgasmo se intensificam a um nível insuportável.

Preciso de alguma coisa. Não sei o que, mas o orgasmo não foi suficiente.

Adrian abre a calça e prendo a respiração quando ele libera o pênis. Era uma visão magnífica quando estava semiereto da outra vez, mas agora que está duro e com veias furiosas visíveis na superfície, tenho medo.

Porém, para meu horror, não estou apenas assustada. Uma sensação mórbida de expectativa se infiltra em meu peito e se aninha entre meus ossos.

Saber que ele ficou duro ao me chicotear, que se excitou ao me causar dor, deveria ser degradante, até mesmo uma blasfêmia, mas não é.

Adrian agarra o pau inchado e o aperta com força, como se tivesse raiva dele – ou talvez a raiva seja contra mim.

Seus músculos se flexionam sob a camisa com o esforço, e seus antebraços marcados parecem etéreos, firmes e prontos para infligir tanto prazer quanto dor.

Uma gota de líquido pré-ejaculatório escorre por seu pênis e mordo meu lábio com mais força, incapaz de desviar o olhar dele ou do seu pau.

Meu coração dói e minhas coxas se contraem.

Acho que estou destruída. Porque, neste momento, tenho pensamentos que não deveria, em hipótese alguma, ter por esse homem.

Pensamentos que acabarão em minha ruína.

— Quer que eu te foda, Lia? — Sua voz é rouca, cheia de escuridão e luxúria, que parecem andar de mãos dadas com ele. Como se para ele não fosse possível sentir prazer a menos que seja tão desvairado quanto sua cabeça perturbada.

Eu não sou como ele. Digo a mim mesma que sou normal. *Sou uma pessoa muito comum.* E, no entanto, não balanço a cabeça. Sei que deveria; deveria mandá-lo se ferrar, que nunca iria querer que ele me fodesse.

Mas não o faço.

Ainda estou presa à visão dele se masturbando. Como seus músculos e tatuagens se contraem com o movimento. Como seus olhos brilham e piscam do cinza para uma cor mais escura. Quero saber se sua expressão permanecerá a mesma quando estiver dentro de mim.

Preciso saber se irei afetá-lo como quando me puniu, e se dessa vez será mais violento.

Por isso, abro mais as pernas em uma forma de convite, um do qual sei que me arrependerei na manhã seguinte. Mas já estou aqui e não tenho para onde ir. Ele deixou claro desde o início que acabaria me fodendo, então qual é o sentido de adiar o inevitável?

— Quer que eu enfie nessa boceta apertada até você gritar?

Quero desviar o olhar, porque tenho quase certeza de que ele consegue perceber o constrangimento em minhas bochechas queimadas, mas me força a continuar encarando-o.

— Vai deixar que eu te foda com força, não vai? Que eu a encha com minha porra como uma boa esposa.

Eu não sou sua esposa.

Quero gritar, mas não o faço, porque isso com certeza arruinaria o momento, e minha boceta está se apertando querendo outro orgasmo.

Isso é tão fodido. Estou quase implorando ao homem que açoitou minha bunda com o cinto para me foder logo depois de me levar ao orgasmo.

— Solte o lábio — ele ordena, os movimentos de seu punho ficando mais rápidos.

Sacudo a cabeça uma vez.

Ainda segurando o pau, Adrian passa o cinto em volta da minha garganta e me levanta para que eu fique suspensa no ar, com as mãos presas à coluna da cama atrás de mim.

Esperava que a posição fosse desconfortável, mas, para minha surpresa, não é.

— Abra a boca.

Eu não abro, sacudindo a cabeça uma vez. Adrian agarra minha regata e a rasga no meio. Arquejo quando ele levanta o sutiã, expondo meus seios. Quero me virar para não ter que vê-lo olhando para eles. Eles são pequenos e sempre achei que eram a parte mais desagradável de mim.

Adrian, no entanto, continua estudando-os como se fossem peças de arte de um museu. Meus dentes se soltam um pouco do meu lábio diante do seu olhar.

Put a merda.

Sei que ele imagina estar olhando para sua esposa, e não para mim, mas o quanto uma mulher pode ser sortuda por ter um homem a olhando dessa forma? Como se ele fosse destruir o mundo, desde que ela permaneça segura?

Meus mamilos incham sob seu olhar, endurecendo a ponto de doerem, e então algo quente os cobre.

Seu esperma.

Que cai nos meus seios e escorre pela minha barriga até chegar à minha boceta molhada.

Quase choro de decepção ao entender que ele fez isso para não ter que me foder.

Como se meus pensamentos estivessem escritos em meu rosto, Adrian limpa o sangue do canto do meu lábio.

— Se continuar com esse comportamento, nunca vai ter meu pau, Lenchka.

Fecho os olhos para não chorar de frustração, tanto comigo mesma quanto com ele. Por que estou tão decepcionada por ele não ter me comido?

Não deveria. Eu o *odeio*.

Adrian solta minhas mãos e elas caem frouxas do meu lado. Ele desaparece no banheiro e meus olhos começam a ceder, com a exaustão me dominando. Depois, vejo sua silhueta reaparecendo ao meu lado. Ele está com as calças fechadas como se nada tivesse acontecido.

Um kit de primeiros-socorros está pendurado em sua mão direita e um pano úmido na esquerda. Ele remove minha blusa e sutiã rasgados antes de limpar seu esperma do meu peito. Quero soltar um som – não sei qual, mas o prendo dentro de mim.

Depois de terminar, ele me vira e suspiro de contentamento quando a pressão diminui em minha bunda. Ele aplica algo frio nela, e sibilo quando queima.

— Isso vai passar em um segundo.

Murmuro algo que soa como um protesto, mas logo me distraio à medida que ele continua a esfregar minha bunda em círculos suaves.

Seus dedos são longos, um pouco calejados, e a sensação é boa demais. Não deveriam. Não deveriam *mesmo*.

Acho que adormeci, porque, de repente, ouço o telefone tocar e sinto os dedos de Adrian acariciando meu cabelo quando ele diz:

— O que ela fez agora?

E, em seguida, um suspiro.

— Já estou indo.

Não vá embora, grito em minha cabeça. Eu não sou ela. Não vá até ela.

Mas seus dedos deixam meu cabelo e o colchão desce. Embora não veja o vazio, eu o sinto nos cantos mais escuros do meu coração.

Estou sozinha.

Uma lágrima desce pela minha bochecha, e não tenho a menor ideia do porquê ou de quem é essa “ela” a quem me referi.

Winter

— Você tem uma missão. Puxar a porra do gatilho.

Não.

— Mamãe?

Abro os olhos, com o coração martelando tão alto que tudo o que ouço são suas batidas. Jeremy está empoleirado em cima de mim, com sua mãozinha puxando minha camisola.

Espere. Uma camisola. Achei que tinha dormido nua. Quando foi que vesti isso?

— Mamãe? — Jeremy chama outra vez, seu queixo tremendo.

— Oi, querido. Bom dia.

— B-bom dia.

Ele funga, limpando os olhos com as costas da mão.

Passo meu polegar sobre suas lágrimas.

— Por que está chorando?

— Porque você não estava lá quando acordei hoje. Achei que tinha ido embora de novo.

— Eu disse que não vou embora. Não acredita em mim?

Seus olhos cinzentos estão embaçados pelas lágrimas.

— Mas você sempre desaparece, mamãe.

Eu desapareço? Quero dizer, Lia desaparece? Por que ela faria isso? Na verdade, tendo passado um tempo com Adrian, sei muito bem por que ela o faria. Ele não é o tipo de homem com quem alguém ficaria de bom grado.

É a encarnação do diabo. Um idiota odioso cujo único objetivo é destruir qualquer pessoa em seu caminho.

Mas, mesmo assim, Jeremy é filho dela. Lia não deveria tê-lo deixado com esse tipo de homem. Nenhum deles merece a bênção que é Jeremy.

Suavizando a voz, sorrio para ele.

— Não vou fazer isso de novo, meu anjinho.

— Sério?

— Sério, então pare de chorar.

Enxugo suas bochechas com as pontas dos dedos.

— Você disse que dormiria comigo, mamãe.

— Seu pai tinha outros planos. Converse com ele sobre isso.

Preciso de tudo em mim para não dizer que seu pai é um idiota.

Eu me agito para me sentar e a dor explode em toda a minha bunda e na parte interna das coxas. Eu me contorço, agarrando a coluna da cama para me equilibrar.

Estou dolorida como nunca estive antes e ele nem sequer me fodeu – e não o faria, segundo suas palavras.

Minhas entranhas ardem com a lembrança das impiedosas chicotadas de Adrian e do tipo depravado de prazer que seus dedos arrancaram de mim.

Não importava o quanto resistisse, o quanto quisesse odiar. Ele me curvou à sua vontade a ponto de eu ansiar por isso. Eu o desejava como nunca desejei nada.

Mas agora gostaria de poder incinerar a noite passada e tudo o que veio com ela de minhas memórias.

— Está machucada, mamãe?

Sorriso.

— Um pouco.

— Vou dar um beijo para melhorar.

Eu rio, depois lhe ofereço minha bochecha.

— Pode beijar.

Ele me beija, com suas mãozinhas envolvendo meu pescoço. Não posso deixar de sentir a necessidade de abraçá-lo, então o pego e o sento no meu colo, ignorando a pontada de dor na bunda.

— Você gosta de conchinha, Jer?

— O que significa conchinha?

Ah, o pobre garoto tem pais horríveis. Eu o puxo debaixo do cobertor e o seguro perto de mim, afastando o cabelo de seus olhos.

— Isso se chama conchinha.

Ele sorri.

— Você vai fazer conchinha em mim todos os dias?

— Todos os dias e depois... — Eu me afasto, fazendo cócegas em sua barriga. — Vou atacar você.

Ele começa a dar risadas incontroláveis.

— Não, mamãe, não! Não!

— Você já era, Jer.

— Mamãe!

Ele solta uma gargalhada enquanto tenta proteger o estômago.

Sua alegria é contagiante e caio na gargalhada com ele. E, sem mais nem menos, meu dia começa da melhor maneira possível.

Exceto pela dor na bunda e a outra na nuca. Poderia ter ignorado minha necessidade de álcool ontem, mas acho que não posso continuar outro dia assim.

Depois que tomo banho e ajudo Jeremy com o dele, nos vestimos com cores iguais. Calça preta e camisa de flanela verde. Uso um cachecol como cinto. Não encontro nenhuma outra camiseta regata – depois que o monstro rasgou a única disponível. Então, visto uma de manga curta e a torço na parte de baixo, depois a prendo em um nó de modo que mostre meu umbigo. Estou usando salto alto hoje porque sinto que preciso de altura para combinar com o corte da calça.

Jeremy coloca seus óculos de sol de armação branca e eu encontro outros semelhantes em minha gaveta. Não importa que estejamos em um ambiente fechado. Tiro várias selfies com o anjinho porque acreditamos que somos a dupla mais legal de mãe e filho. Jeremy posa e sorri como um modelo profissional, rindo sem parar sempre que tento fazer cócegas em sua barriga.

Depois da sessão de fotos, abandonamos os óculos escuros e toco uma música pop espanhola no meu celular no quarto dele. Os olhos de Jeremy se arregalam quando pego sua mão e começamos a dançar.

Ele mexe um pouco os quadris e, quando o giro, suspira em meio ao riso.

— Faça isso, mamãe! — ele exclama.

— Fazer o quê? — grito por cima da música.

— Gire como a moça bonita.

Ele faz um gesto para uma bailarina em um globo de neve pousado em sua mesa de cabeceira.

Meu sorriso se desfaz quando a vejo, a maneira como ela está na ponta da sapatilha com a neve ao seu redor. A primeira imagem que me vem à mente é de pernas quebradas, ossos salientes e sangue.

Muito sangue.

— Mamãe?

Jeremy para de dançar e percebo que é porque também parei.

Tiro meu olhar do globo de neve e sorrio para ele.

— Sim?

— Não se preocupe. Você é mais bonita do que ela.

Essa inocência angelical.

— Sou mesmo?

— Você é a mais bonita de todas.

— Obrigada, meu anjo. — Escovo seu cabelo. — Está com fome?

— Sim!

— Vamos lá, então.

Desligo a música e seguro sua mão enquanto descemos as escadas.

Assim que chegamos à sala de jantar, o clima muda. Oglá está nos esperando com uma carranca e um óbvio desprezo por nossas roupas. Mas a pessoa que eu mais temia ver e que empurrei para o fundo da minha mente desde que acordei não está aqui.

— Onde está Adrian? — pergunto antes de conseguir me conter.

— Trabalhando em seu escritório. — Ela faz uma pausa. — Ele não deve ser incomodado.

Eu, com certeza, não o incomodaria. Pelo contrário, estou aliviada por não ter que enfrentá-lo esta manhã e poder tomar um café da manhã tranquilo com Jeremy.

Ou *quase* tranquilo, já que Oglá continua nos observando por

Adrian como um falcão.

Eu a ignoro ao me sentar ao lado de Jeremy. Minha bunda arde e fecho os olhos para que a dor passe. Mas não passa. Cada mudança de posição estimula os vergões e, para meu horror, provoca um formigamento em meu âmago.

Que droga.

Ignoro a situação entre minhas coxas e me concentro em alimentar Jeremy e a mim mesma.

Parece quase surreal que eu tenha tomado café da manhã dois dias seguidos e que não tenha pulado uma refeição desde aquele sanduíche que comi no carro de Adrian. Sinto que foi há muito tempo, embora tenham se passado menos de quarenta e oito horas.

Mas acho que tanta coisa aconteceu em um espaço de tempo tão curto que acabei entrando de forma mecânica na rotina. A principal coisa com a qual não estou acostumada é a falta de álcool. Não importa o quanto encha o estômago, minhas têmporas latejam, exigindo bebida.

Há mais uma coisa com a qual não estou acostumada. A ardência na bunda. É como agulhas, desconfortável, mas minha mente continua reproduzindo a noite passada como o filme mais recente e emocionante que já vi. Todos os detalhes estão gravados em minha memória como um roteiro sagrado. Incluindo a parte em que eu disse a Adrian para não ir ao encontro dela. Deve ter sido outro pesadelo.

Este lugar foi feito pelo próprio Satanás – também conhecido como Adrian. Desde que cheguei aqui, tenho tido um pesadelo aterrorizante atrás do outro.

Depois do café da manhã, levo Jeremy para brincar no jardim. Algo para o qual Oglá faz cara feia, e eu a lembro, de modo muito casual, que Adrian disse que tenho acesso a qualquer parte da casa.

Já estou confinada aqui. Quero pelo menos sentir um pouco de ar fresco.

Hoje está frio, embora o céu não esteja de todo cinza, então me certifico de que Jeremy e eu estejamos com nossos casacos antes de sairmos.

Alguns guardas vestidos com uniformes e jaquetas pretas do exército estão espalhados pela propriedade a cada poucos metros. Alguns têm rifles gigantescos pendurados nos ombros ou no peito, e seus rostos são solenes, fechados e sem nenhuma emoção. Tal como seu chefe ditador.

Aperto a mão de Jeremy, com medo de que o machuquem de alguma forma, mas ele parece alheio a eles. Deve ter se acostumado com a presença deles ao longo dos anos. Como é triste para uma criança crescer em meio a pessoas perigosas e armas como essas.

Ele me conduz a um gazebo de madeira sob uma grande árvore. Há uma mesa no meio e dois bancos compridos de cada lado. Inúmeros soldados e brinquedos já o aguardam.

Pouso na mesa o iPad que Ogla enfiou em minha mão esta manhã para aprender sobre os Bratva e blá-blá-blá. Vou dar uma olhada nele mais tarde, porque não quero dar a Adrian mais um motivo para me castigar.

Assim que nos acomodamos, um guarda se posiciona bem atrás de nós. Espero que não esteja nos vigiando com um rifle pendurado no ombro.

Levanto a cabeça e logo sinto uma sensação de familiaridade. Nariz Torto – Yan – está na entrada do gazebo e, embora esteja vestido com uniforme preto como os demais, não exhibe seu rifle. Tenho certeza de que ele tem uma arma em algum lugar, mas agradeço por não a estar esfregando na minha cara.

— Bom dia, Yan — Jeremy diz distraído, enquanto junta alguns de seus soldadinhos. Ele está sentado tão perto de mim que sua coxa toca a minha e seus pés estão pendurados no banco.

— Bom dia — Yan cumprimenta, acenando com a cabeça em minha direção.

— Bom dia — deixo escapar, incerta de como devo falar com ele.

Agora que não está sendo ofuscado por Kolya e Adrian e que posso observá-lo de perto, vejo como Yan é bonito. Seu corpo é mais magro do que o de Adrian e Kolya, suas feições mais suaves, menos reservadas, e seus cílios são grossos, quase femininos. Junto com seu cabelo comprido, sua aparência o torna mais acessível do que os outros dois.

Além disso, ele não tem uma carranca permanente como os outros. Sua expressão também não é acolhedora, apenas neutra. Todos esses fatores combinados fazem de Yan a pessoa de quem acredito que poderia me aproximar mais aqui. Por alguma razão, sinto que preciso de aliados além do anjo sentado ao meu lado.

— Você cuida de Jeremy o tempo todo? — pergunto.

— Cuido.

— Yan brinca comigo às vezes — Jeremy informa. — Está tudo bem, Yan. Eu tenho a mamãe agora.

Sorrio com isso e, embora Yan não retribua, sua expressão se suaviza.

— Você está aqui há muito tempo? — pergunto a Yan.

— Desde que eu tinha três anos.

Percebo que, enquanto fala, Yan não faz contato visual comigo, preferindo se concentrar em Jeremy, então faço o mesmo e pego alguns de seus brinquedos, sem saber por quê.

— Isso é bastante tempo.

— Pode-se dizer que sim.

— Você... conhecia Lia? — murmuro, para que Jeremy não ouça. — Quero dizer, *eu* antes de... você sabe...

— Kolya e eu a pegamos naquele estacionamento, sra. Volkov. Nós sabemos.

Certo. Eles sabem. Então, além de Adrian, Kolya e Yan também sabem que sou uma impostora. Isso me faz sentir mais próxima e mais à vontade com Yan.

— Por favor, não me chame de sra. Volkov.

— Você é.

— Você sabe que não sou.

Ele alonga sua postura, mas não diz nada, então eu repito:

— Então, você a conhecia?

— Sim. — A resposta é curta, mas não incisiva, o que significa que não se opõe a outras perguntas.

— Quantos anos ela tinha?

— Ela fez 30 anos faz pouco tempo.

— Há quanto tempo estava casada com Adrian?

— Desde que tinha 24.

São seis anos – muito tempo para passar na companhia do demônio. Estou aqui há apenas dois dias e já parecem uma eternidade.

— Quantos anos Adrian tem?

— Ele tem 36, e essa é a única pergunta que responderei sobre

ele.

Seu significado é óbvio. Yan vai satisfazer minha curiosidade a respeito de Lia, mas não de Adrian. É um tipo de lealdade admirável, mesmo que isso me deixe no escuro quando se trata do meu falso marido.

Eu deveria começar a chamá-lo de meu sequestrador e desumanizá-lo um pouco.

— Você era próximo de Lia?

— Eu era seu guarda quando o chefe não precisava de mim.

— Me deixe adivinhar. Agora, você está preso a mim?

— É meu dever. — Sua voz é calma, com um toque de hesitação, como se quisesse dizer algo mais.

Meu olhar o examina na tentativa de ler sua expressão, mas ele balança um pouco a cabeça, ainda olhando para Jeremy.

Baixo os olhos e passo os dedos pelo cabelo do garoto enquanto ele enfrenta um jogo interminável semelhante ao Lego.

— Como ela morreu? — murmuro.

— Ela só morreu. — Agora sua voz está truncada, fechada, sem dar espaço para mais nada.

A mensagem é clara: *o tempo das perguntas acabou.*

Mas uma infinidade delas continua se multiplicando em minha cabeça. Por exemplo, que tipo de mulher ela era? Que tipo de mãe? Esposa? Adrian a amava?

Dou uma bufada por dentro com essa pergunta. Aquele demônio não é capaz de ter emoções, muito menos algo que exija dar mais do que receber.

Mas ele se esforçou muito para substituí-la por mim, então talvez sentisse algo por ela.

Ou talvez estivesse apenas obcecado por ela e me infligisse isso. Ele me chamou de sua coisa, e pessoas como Adrian não gostam que sua propriedade seja tirada.

Não que gostem delas, mas anseiam pela sensação de poder que vem com a posse de tais coisas.

As coisas são Lia... e agora, eu.

Dedos fantasmagóricos percorrem meu corpo com esse

pensamento e afastou depressa a sensação, decidindo me concentrar em Jeremy.

Ao que parece, ele está tentando construir uma zona de guerra para seus soldados de brinquedo usando peças de encaixar de plástico. Parece bem fácil.

Errado.

Montá-las é muito mais difícil do que imaginei e tenho que trapacear usando o YouTube. Yan me pega pesquisando no celular nas costas de Jeremy, mas não diz nada, sua atenção logo se voltando para o nada.

Quero pedir sua ajuda, mas sou impedida pelo orgulho. Sem dúvida, posso fazer isso, por mais complicado que seja. O que andam vendendo para as crianças hoje em dia?

Depois de tentar, sem sucesso, juntar duas peças incompatíveis, Jeremy faz uma careta para mim como se eu tivesse chutado seu cachorrinho.

— Assim não, mamãe.

— Estou tentando, Jer.

Mesmo com o YouTube, essa coisa é sofisticada demais para ser montada.

— Você nunca faz isso direito, mamãe.

Seus olhinhos me julgam como os do pai. *Jesus*. Adrian tem nota máxima por clonar a si mesmo.

Despenteio o cabelo dele.

— Ei, está dizendo que sou péssima?

— Não, mas o papai faz melhor.

— Ele brinca com você? — Sou tão descrente quanto me sinto. Tive a impressão de que Adrian mal dá atenção ao filho.

Minha atenção se volta para Yan, em busca de algum tipo de confirmação. Mas ele não esboça qualquer reação, continuando parado como um pilar.

Jeremy levanta um ombro.

— Às vezes.

— Sinto muito, Jer.

— Não tem problema. — Ele sorri, mostrando os dentes. —

Papai está ocupado.

Meu Deus. Esse garotinho foi criado para ser um homem em uma idade tão precoce. Nenhuma criança deve achar que está tudo bem pelo fato de o pai passar mais tempo com o trabalho do que com ele. Nenhuma criança deveria ficar feliz pelo fato de o pai brincar com ela apenas às vezes.

Se não pode criar um filho, por que trazê-lo ao mundo?

A parte de trás do meu pescoço se arrepia, como se Adrian estivesse sentindo meus pensamentos sobre ele e fosse me punir por tê-los.

Jeremy pega duas peças e as junta com um clique. *Meu Deus.* Ele sabe fazer isso melhor do que eu. Espero que seja porque já o tenha feito inúmeras vezes e não porque sou mesmo péssima.

— Não se sente mal por ele não estar mais por perto? — pergunto.

— Não.

— Por que não?

— Porque o papai ficou comigo quando você era um fantasma, mamãe.

Winter

Franzo a testa. É a segunda vez que ele usa essa palavra.

— Por que diz que eu era um fantasma, Jer?

— Porque você era — ele diz com indiferença, seus pés balançando para a frente e para trás. — Eu fui te ver.

— Foi me ver?

— Sim. — Ele aponta para a direita. — Lá.

Meus olhos seguem a direção de seu dedo. É um pequeno prédio branco, separado da casa. Não parece tão bem conservado quanto a mansão principal. Rachaduras cobrem o exterior e trepadeiras de hera crescem em suas paredes, revestindo a maior parte.

Na hora, o lugar me dá uma sensação horrível, como um gosto amargo misturado com vômito.

Percebo que é a casa de hóspedes da qual Adrian me disse para ficar longe, e tenho toda a intenção de obedecer. Mas as palavras de Jeremy de como eu – a verdadeira Lia – era um fantasma me deixam confusa. O que poderia estar lá dentro para uma criança pensar que é “fantasmagórico”?

Estou prestes a perguntar a Yan, mas meu olhar se desloca para a esquerda e paro. Na casa principal, Adrian me encara pela janela panorâmica. Ele está atrás de uma mesa no que presumo ser seu escritório. Três monitores estão à sua frente, mas sua atenção está toda voltada para mim enquanto bate com o dedo indicador na superfície de madeira.

Ele me observa com tanta atenção que parece estar por cima de mim e sugando a minha alma. Tento quebrar o contato visual, mas a intensidade absoluta de seus olhos cinzentos e penetrantes me toma como refém.

Adrian está apenas me olhando, mas é mais profundo, como uma exigência, um chamado – para quê, eu não sei.

O que você quer de mim?, grito com os olhos, franzindo os lábios, mas o foco dele não muda.

Sou a primeira a desviar, porque olhá-lo nos olhos ainda é

desconfortável. Ainda é como estar sendo sufocada por mãos invisíveis. O ato não é real, mas é tão palpável quanto a queimação em meus pulmões e as contrações em meu estômago.

É um passo a mais do que quando o conheci. Naquela época, era apenas uma sensação de mal-estar. Agora, posso decifrar a razão por trás desse sentimento – é o despertar aterrorizante de um lado meu que tanto odeio. Toda vez que vejo seus olhos, só consigo pensar em quanta depravação se esconde por trás de sua calma. E no quanto anseio por isso, como nunca desejei igual.

Depois de perder minha mãe e minha filha, pensei que esta vida tinha acabado. Não queria mais nada.

Adrian provou que eu estava errada.

O homem é casado, ou viúvo, e gozei sem pudor em seus dedos.
Duas vezes.

Sacudo minha cabeça por dentro. Não é como se eu tivesse ido até ele ou pudesse fugir. Ele é o culpado por ter substituído sua esposa tão cedo.

Continuo brincando com Jeremy, tentando ignorar o olhar de Adrian, como se estivesse arrancando minha pele, camada por camada. Consigo soltar a respiração apenas quando Kolya se junta a ele e sua atenção é desviada de mim.

Jeremy e eu almoçamos juntos e peço a Yan que venha conosco. Depois de viver nas ruas por tanto tempo, aprendi a compartilhar minhas refeições, em especial com pessoas com quem me sinto à vontade. Gostaria que Larry estivesse por perto e, como não tenho como entrar em contato com ele, finjo que Yan é seu substituto.

O guarda balança a cabeça e Oglá me lança um de seus olhares de julgamento por ter sugerido a ideia.

Adrian ainda está preso em seu escritório e não se junta a nós para o almoço. Algo que quero ignorar, mas que me faz pensar durante toda a refeição.

Depois que coloco Jeremy para dormir, uma sensação de vazio ecoa em meu peito.

Até aqui, o anjinho tem me mantido ocupada, mas agora que está dormindo, nada mais pode me ajudar.

O vazio é terrível para mim. Se eu não ocupar minha mente, ela me ocupará, e isso é a última coisa que quero, tendo em vista os malditos pesadelos que não costumo ter.

Tento procurar álcool na cozinha e não encontro nada de novo. Ao sair, Oglá me surpreende ao aparecer do nada, em sua postura rígida. A mulher está em toda parte.

Coloco a mão no peito.

— Você me assustou.

— Aprendeu alguma coisa sobre os Bratva?

— Sim, fiz alguns progressos. — Enquanto eu lia uma história para Jeremy.

— Que tipo de progresso?

— Sei que o nome do *pakhan* é Sergei Sorlov.

— É Sokolov.

— É a mesma coisa.

— Não é a mesma coisa — ela repreende com uma seriedade rígida. — Se disser o sobrenome do *pakhan* errado, o sr. Volkov vai pagar o preço.

— Adrian não é de alto escalão?

— Isso não faz dele alguém à prova de balas. Na verdade, é mais examinado do que qualquer outro e sua punição seria a mais brutal possível para servir de exemplo. Portanto, por tudo o que é mais sagrado, pare de brincar e leve a sério.

Odeio que ela esteja me fazendo sentir como uma criança petulante, mas, ao mesmo tempo, consigo ver a sinceridade em seus olhos. Sua lealdade a Adrian é o seu incentivo e não importa o quanto odeie o homem, se algo acontecer com ele, Jeremy ficará sem pai e toda a casa desmoronará.

Não é o que eu quero.

Uma ideia surge em minha cabeça. Como meu papel é bastante importante para Adrian, posso usar isso a meu favor.

— Eu entendo, Oglá. — Suavizo meu tom de voz. — Adrian vai sair para uma pausa em breve?

— Não.

— Ele não tem que ir trabalhar ou algo assim?

Ela estreita os olhos.

— Se você tivesse passado da primeira página do documento, teria visto por si mesma.

E com isso, ela se vira e sai, seus saltos fazendo barulho pelo corredor. Não quero *mesmo* chamar alguém de vadia, mas Ogla está seguindo nessa direção com louvor.

Depois de pegar o iPad, dou uma volta até encontrar o escritório de Adrian. Como ele fica no andar térreo e o vi do jardim, não demora muito para descobrir onde está localizado.

A porta está fechada e, como Ogla disse que eu não deveria incomodá-lo quando estivesse trabalhando, decido me ocupar até que ele saia. Não é como se eu estivesse morrendo de vontade de ter outro confronto com o demônio.

Há uma pequena sala de estar em frente ao escritório. Eu me deito de costas no sofá e chuto meus sapatos para longe, suspirando de contentamento. Com uma das pernas pendurada no braço do sofá, uso o braço como travesseiro enquanto leio o iPad.

Com certeza, como disse Ogla, os deveres de Adrian estão descritos na segunda página do documento. Seu trabalho consiste em encontrar as pessoas certas para subornar para a irmandade. Sua inteligência crítica permite que a Bratva de Sergei Sokolov esteja à frente de todas as outras organizações criminosas. Como ele desempenha um papel secundário, Adrian trabalha em casa e quase nunca aparece em público.

Criminoso. Verificado, verificado e verificado.

Não que eu esperasse algo diferente. Afinal de contas, ele me incriminou por assassinato com muita facilidade.

Olho para sua foto no topo da página. Ele está em pé em uma grande inauguração, vestindo um smoking e segurando uma tesoura enorme para cortar uma fita vermelha. O idiota é bonito demais. Bem que poderia ser um pouco mais baixo ou ter uma barriga de cerveja. Poderia, pelo menos, não ter tatuagens. Mas não, ele tem que se encaixar em todos os quesitos.

A imagem está focada sobretudo nele, mas à sua direita há uma mulher loira usando um terninho elegante e um sorriso firme. Ela é deslumbrante – tão deslumbrante que uma sensação estranha mexe com minhas entranhas ao vê-la ao seu lado.

Viro as páginas para tentar encontrá-la no documento. Não preciso procurar por muito tempo.

Há uma foto dela em um vestido de noiva, e uma sensação ainda mais estranha de alívio me atinge.

Rai Sokolov é a sobrinha-neta do *pakhan* e alguém importante

na empresa da irmandade, a V Corp. Ao observá-la, uma sensação incômoda, diferente daquela de antes, toma conta de mim.

Sinto que a conheço, mas de onde? Será que estava em uma das instituições de caridade das quais Larry e eu recebemos comida?

A porta do escritório se abre e olho para a frente para ser cumprimentada por um Kolya carrancudo. Adrian vem logo em seguida e para ao lado de seu guarda, seus olhos escurecendo tão rápido que fico sem fôlego.

Qual o problema?

Olho para mim mesma, para o caso de um dos botões da minha camisa estar aberto ou algo assim.

— Se levante — Adrian ordena.

— Por quê? Estou lendo o documento que você me deu. Se eu não o ler, estarei em apuros, e se o fizer, também estarei em apuros? Se decida.

Adrian me alcança em dois passos e me agarra pelo braço, fazendo com que o iPad caia no sofá. Solto um gritinho quando ele me puxa para ficar de pé e desfaz o nó da minha camisa para que ela cubra minha bunda.

Fico encarando, sem palavras, quando Kolya faz um aceno brusco com a cabeça e sai pelo corredor.

— Não se vista assim de novo. — A voz de Adrian está carregada de ameaça.

— Não gosto do guarda-roupa. É chato.

Ele aperta minha camisa com os dedos e me puxa contra seu peito. Minhas mãos pousam em sua parede de músculos enquanto meus olhos arregalados se chocam com os frios dele.

— Não estou nem aí para o fato de ser chato. Não se vista dessa maneira na frente dos meus homens, nem se deite como fez agora. Está claro?

— Não vejo nada de mais nisso.

— O problema é que ninguém olha para você como eu olho. Ninguém pode ter uma visão do que é meu.

Aí está. O senso de propriedade. A obsessão sutil que ele não demonstra de forma aberta, mas que pode ser sentida mesmo assim.

— Não sou uma coisa sua, Adrian.

— Isso é um não, Lia? — Sua voz baixa e, quando fico em silêncio, ele continua: — Eu disse ou não disse que você deve fazer o que eu mandar? Ou sua bunda está com vontade de levar outra surra?

Eu o encaro, mas logo suavizo minha expressão porque o que tenho em mente é mais importante.

Respirando fundo, aliso uma ruga invisível em sua camisa, algo para o qual ele estreita os olhos, provavelmente questionando meus motivos.

Preciso mesmo fazer isso direito. Se eu despertar seus alertas, ele nunca concederá meu desejo.

— Tudo bem — digo. — Farei o que você disser.

— *Sério?* — ele pergunta lentamente, declarando sem rodeios que não acredita em mim.

— De verdade. Não quero ser punida de novo.

— Você não quer ser punida — ele repete, o que estou começando a achar que é sua maneira de ler as entrelinhas das minhas palavras.

— Não quero.

— Veremos.

— Se... — Engulo em seco. — Se eu for boazinha, não deveria ser recompensada?

— Recompensada. Então é isso que você quer. Como deseja ser *recompensada*, Lia?

— É simples, na verdade. Por tudo que te agradar, ganho algo em troca.

— Você já está ganhando um teto sobre sua cabeça, refeições gratuitas e imunidade da prisão. Acha que pode pedir outras coisas?

— Esse era o acordo original. Você não mencionou punições naquela época, mas as incluiu. Eu as aceitei, portanto, agora, você deve aceitar minha sugestão.

— Mas você aceitou?

— Aceitei o quê?

— Suas punições.

Seus olhos imploram pelos meus com tanta intensidade que a sensação de sufocamento volta com força.

— Faria alguma diferença se eu tivesse aceitado?

— Na verdade, não, mas eu gostaria de saber.

— Se não faz diferença, por que seria importante se você soubesse?

— Eu poderei decidir se devo continuar a pressioná-la, Lenochka. — Sua voz escurece com intenções ocultas. — Então, diga, preciso aprimorar meus métodos? Ou já está mais esperta e abandonou o hábito de me questionar?

Quero cravar as unhas em seu peito, rasgar a superfície e examinar sua caixa torácica para ver se seu coração é mesmo podre. Quanto mais converso com ele, mais tenho certeza de que seus sentimentos não existem. Que Adrian é um demônio com tendências psicopáticas destinado apenas a causar estragos em tudo o que estiver em seu caminho.

Embora odeie me curvar a ele com tanta facilidade, tenho um objetivo, e antagonizá-lo é a maneira mais segura de impedir que eu atinja minha meta.

De qualquer forma, o que mostro por fora não importa. Por dentro, eu o abomino em absoluto, e isso é suficiente para minha autoestima.

— Estou me acostumando com as punições. É justo que as recompensas também sejam incluídas.

— Não me importo em ser justo.

— Adrian, por favor. — Estou implorando, mas em um tom exasperado. — Prometo não pedir nada extravagante.

— Ainda assim, não.

— Ok, vamos fazer assim.

— Essa é a primeira do dia.

— O quê? Por quê?

— O que falei sobre dizer “ok”?

Nossa.

— Ok... quero dizer, tudo bem. *Tudo bem.* Que tal se eu pedir apenas uma recompensa por dia?

Ele balança a cabeça.

— Uma vez dia sim, dia não?

— Não.

— Duas vezes por semana?

— Uma vez por semana e eu julgarei se é razoável ou não.

Solto um gritinho.

— Sim!

Em minha alegria por ter vencido uma contra o próprio demônio, me pego prestes a abraçá-lo antes de me lembrar quem ele é. Não importa o que me conceda, *não* serei grata. Não o humanizarei.

Adrian me encara com o que parece ser aprovação, e tento não me deixar levar por isso.

A palavra-chave é *tentar*.

A atenção de Adrian é como um poderoso ímã do qual não consigo escapar. Um buraco negro que engole tudo ao seu redor.

Mas a verdade é que ele só está vendo Lia em mim.

E estou longe de ser ela ou seu fantasma. Sou uma casca que precisa voltar ao seu estado entorpecido antes que me torne um perigo para a vida dele e de seu filho.

Meus dedos batem na madeira da mesa enquanto olho para o feed na minha tela.

Kolya está sentado à minha frente, me contando dos últimos relatórios da V Corp, mas minha concentração está dispersa e quase não presto atenção em suas palavras.

Lia está abraçada a Jeremy, com as pernas enroladas uma na outra e dormindo na cama dele. Seu vestido sobe pela coxa clara, mal escondendo a fenda de sua bunda. Mesmo através do monitor, posso ver os vergões vermelhos na parte de trás de suas coxas, causados pelo castigo da noite passada. Não me contive, e ela se contorceu e se remexeu mais do que das outras vezes.

Ela quase gritou. *Quase.*

Nos últimos dias, ela desenvolveu o hábito de cochilar com Jeremy. Algo que deixa meu filho em êxtase.

Faz uma semana que passou a fazer parte da vida dele, e ele não tem dúvidas de que ela é sua mãe.

Durante esse curto período de tempo, Lia tem feito coisas estranhas, como vesti-los com roupas combinando e dançar com eles nos corredores – coisas de que Oglá não gosta. Sua babá quase não trabalha, porque Lia faz questão de ser a única cuidadora, professora e companheira de brincadeiras de Jeremy. Em pouco tempo, eles se tornaram inseparáveis, seu vínculo crescendo natural, sem a necessidade de minha interferência.

Entretanto, sua influência não é lá tão positiva. Embora eu esteja feliz por Jeremy estar saindo de sua concha, ela está lhe ensinando coisas desnecessárias, como assobiar ou correr para dentro de casa enquanto brincam de esconde-esconde. Muitas vezes esbarro neles, e ela usa a presença de Jeremy como escudo para escapar de minhas perguntas.

À noite, porém, quando Jeremy está dormindo, ela não consegue me evitar. No início, tentou me convencer de que é melhor dormir com o garoto porque ele precisa mais dela, mas depois que isso terminou com sua punição, ela começou a vir para o quarto por vontade própria.

Seus movimentos continuam hesitantes, com uma leve pontada de medo em seus olhos azul-claros. Mas no momento em que a toco, ela desmorona, sem asas para mantê-la de pé.

Isso não se deve à sua falta de resistência, porque ela resiste, lutando com unhas e dentes.

Lia ainda morde o lábio ou o travesseiro para abafar qualquer som que possa fazer. Ainda me encara com desafio depois do orgasmo. Ainda se afasta de mim quando dorme e vai para a beirada da cama para manter a maior distância possível de mim. Ela ainda se enrijece como uma tábua sempre que coloco um braço em volta de sua cintura e encosto meu peito na pele delicada de suas costas.

Estou esperando que ela se recupere com o tempo, mas não sou um homem paciente. Correção: não sou um homem paciente quando se trata *dela*.

Em outras esferas da minha vida, sou o epítome das decisões firmes. Não me permito ficar agitado ou perder a cabeça; isso só me levaria a tomar decisões precipitadas e, por fim, à minha queda.

No entanto, quando se trata de Lia, pareço perder de vista meu *modus operandi*. Não ajuda o fato de ela me desafiar a cada passo do caminho. Mesmo quando está se despedaçando em meus dedos.

Ela parece tão complacente quando está dormindo, com os lábios entreabertos e as linhas suaves do rosto numa eterna paz.

Se ao menos fosse tão dócil quando acordada.

Talvez seja o seu rosto adormecido que me impeça. Talvez seja seu relacionamento com Jeremy.

Mas já faz algum tempo que estou adiando o inevitável. Preciso dar o próximo passo com ela antes que seja tarde demais.

— Kirill não mostrou nenhuma atividade suspeita — Kolya diz, batendo o dedo em seu notebook.

Quando recebeu treinamento militar, Kolya se destacou tanto no departamento intelectual quanto no físico. De certa forma, ele é o segundo em comando mais valioso de toda a irmandade. E é inteligente o suficiente para esconder seu valor real para que o *pakhan* não o tome para si. Nikolai Sokolov chegou perto uma vez, mas morreu antes que pudesse lutar comigo por ele.

— Não permita que os homens se descuidem ao redor de Kirill — digo, ainda observando Lia. — Ele deve estar esperando uma oportunidade para atacar.

— Eles são meus melhores homens. Não vão decepcioná-lo.

— Veremos. — Faço uma pausa, batendo na escrivaninha. — E quanto a Vladimir?

— Não podemos ter certeza. — Kolya faz uma pausa e olha por um instante para a tela do notebook antes de seus olhos castanhos voltarem para mim. — Está mantendo suas cartas bem guardadas, mas como o *pakhan* não se pronunciou, ele não sabe de nada.

— Ele não sabe de nada ainda. Isso pode mudar a qualquer momento.

Kolya digita mais algumas coisas no notebook.

— Os movimentos de Vladimir têm sido normais. Ele não fez nada de anormal, exceto ir à delegacia de polícia.

— Talvez esteja recebendo ajuda.

— De quem?

— Mikhail. Igor. *Rai* — artigo bem o nome dela. — Fique de olho nos três e no marido dela. Ele tem amigos assassinos e não hesitaria em usar suas informações se achar que isso a beneficiaria.

— E quanto a Damien e Kirill?

— Kirill não teria me contado se fosse escolher o lado oposto. Seu jogo é diferente dos assuntos internos. E Damien não se envolve em nada que não lhe permita usar os punhos.

— É para já.

— E, Kolya?

— Sim? — Ele levanta a cabeça.

— Precisamos ter uma reunião com os italianos.

Seu pomo de Adão sobe e desce ao engolir em seco. Nada provoca essa reação em meu segundo em comando. Nem sangue, nem matar, nem mesmo bombardear um lugar só para me tirar de lá. Quando tínhamos vinte e poucos anos, matou sozinho cinco homens para me salvar de uma tentativa de assassinato.

Ele é o homem mais corajoso e leal que conheço, e isso tem sido testado ao longo dos vinte e cinco anos em que nos conhecemos. O fato de estar demonstrando um pouco de desconforto neste momento é por uma razão, e apenas uma.

Ele está preocupado com minha vida.

— Sou contra isso, senhor.

— Não pedi sua opinião. Só disse que vai acontecer.

— Com todo o respeito, se Sergei ou qualquer um dos outros descobrir, será o último golpe. Eles terão todos os motivos para questionar sua lealdade.

— Já estão questionando. É melhor fazer as coisas acontecerem.

— Suspeitar de você e ter provas são coisas muito diferentes. Isso fará com que seja morto. Você deve ficar longe dos italianos por algum tempo, até sabermos o que Vladimir está fazendo.

— Sabe muito bem que não tenho tempo.

— Poderia arranjar algum.

— O tempo é como uma bomba-relógio: quanto mais espero, mais rápido me aproximo do fim.

Ele dá um suspiro pesado, passando a mão em seus cabelos claros.

— O que foi, Kolya? Se tem algo a dizer, diga.

— Lembra de quando aquele homem tentou matá-lo há algum tempo? Nós o perseguimos, acompanhados por Damien e Kirill, e o encontramos morto?

— Sim. — Eu nunca poderia esquecer a única tentativa de assassinato que meu sistema não conseguiu identificar.

Em geral, encontro o autor do crime e faço dele um exemplo. Mas não dessa vez. Não apenas o mercenário que foi enviado para me matar levou um tiro na nuca, mas também encontramos evidências de que alguém retirou a bala dele.

— Tenho a premonição de que o passado se repetirá e a solução será eliminada diante de nossos olhos.

— Desde quando se tornou supersticioso?

— Desde aquela época. — Sua voz é dura e, embora eu saiba que suas preocupações são genuínas, também tenho certeza de que, se não der um passo agora, tudo cairá como um castelo de cartas.

— A reunião será no dia do aniversário de Igor. — Bato meus dedos na mesa. — Faremos com que pareça normal. Se eu convencer Lazlo Luciano a nos ceder um encontro com seu candidato a prefeito, isso apaziguará Sergei.

— Você pode usar seu trunfo.

— Não — digo com firmeza.

— Mas estamos em tempos de desespero.

— Eu disse não, Kolya, e não se fala mais nisso.

Ele franze os lábios, mas evita dizer mais bobagens.

Essa é uma das melhores qualidades de Kolya. Ele sabe quando deve ficar quieto e quando deve falar.

Meu olhar volta para o monitor quando percebo algum movimento. Lia abraça Jeremy com força, a ponto de ele se contorcer para acordar. Meu corpo inteiro fica rígido e estou prestes a ir até lá, até que Jeremy começa a rir quando ela faz cócegas em sua barriga.

Meu corpo relaxa um pouco, mas continuo a observá-los conforme ela o ajuda a vestir o casaco e coloca um cachecol em seu pescoço antes de vestir seu próprio casaco e sair. Navego pela câmera do corredor e depois pelas escadas, acompanhando cada movimento deles.

Em pouco tempo, eles se dirigem ao gazebo no jardim. Há uma câmera lá, mas, em vez disso, eu os observo pela janela. Vejo Yan, que está em um canto do gazebo, com uma postura relaxada, mas alerta.

Jeremy e Lia ainda estão se esforçando para construir a zona de guerra dele, ou melhor, *ela* está se esforçando. É a centésima tentativa, e Jeremy continua lhe trazendo um modelo após o outro, querendo que todos estejam prontos.

Suas sobrancelhas se franzem de concentração e ela respira fundo de frustração quando não dá certo. Ela não tem a menor paciência, e é por isso que arranja um castigo – ou alguns – todas as noites. Ainda retruca e fala o que não deve, mesmo quando sabe que isso a colocará em apuros. Às vezes, vejo o arrependimento, mas outras vezes, sua expressão diz: “Que se dane, vai acontecer de qualquer maneira, então por que adiar?”

Depois de algumas tentativas fracassadas, Lia chama Yan, que se junta a eles. Ela faz um gesto para o banco, convidando-o a se sentar, mas ele balança a cabeça uma vez. O olhar alerta de Yan encontra o meu através da janela, e estou quase indo até lá e lhe dando uma surra.

Sei que não é culpa de Yan, mas meu cérebro não consegue ver além da mão de Lia na dele. *A mão de Lia na dele.*

Como se sentisse meus planos assassinos, Yan se afasta depressa, mas não apazigua o fogo que queima em meu peito.

Olhando-o de cima, faço sinal para que se levante e ele começa a obedecer, mas Lia coloca uma mão em seu joelho, forçando-o a ficar.

Já chega. Vou matá-lo.

Inclino a cabeça para o lado e faço sinal para que ele saia. Nesse momento, Lia se vira e me encara, com os olhos apertados e os lábios franzidos, e então fala sem fazer nenhum som:

— Pare com isso.

Eu, parar com isso?

Pego o celular e digito uma mensagem para ela.

Adrian: Venha aqui.

Ela olha para a tela por um segundo, com os lábios apertados, antes de digitar de volta em alta velocidade.

Lia: Não. Estou brincando com Jeremy.

Adrian: Já são três, Lenchka.

Seus olhos se arregalam e ela encontra os meus através da janela.

Lia: Não fiz nada de errado hoje.

Adrian: Você tocou no Yan duas vezes e acabou de recusar uma ordem direta. Três.

Lia: Você é impossível.

Adrian: Vou te mostrar o quanto posso ficar impossível se não chegar aqui no próximo minuto.

Lia me encara pela janela, seu temperamento aumentando a cada segundo antes de digitar.

Lia: Não.

Adrian: Então diga a Yan para vir.

Uma carranca marca sua testa delicada.

Lia: Por quê?

Adrian: Para que ele pague por ter tocado em você.

Lia: Ele não fez isso. Fui eu.

Adrian: Não importa.

O fato de Lia estar defendendo-o piora o caso dele, e quanto mais fica do lado de Yan, mais fundo fica a cova do homem.

Lia: Você precisa de ajuda, sabia?

Adrian: E já são quatro.

Lia se levanta de repente, jogando o celular ao lado de Jeremy. Ele a encara com olhos inseguros, mas logo sorri quando ela beija suas bochechas e parece dizer que não vai demorar.

Yan também se levanta, mas permanece ao lado de Jeremy.

Kolya, que deve ter testemunhado tudo, se levanta e pega seu notebook.

— Estarei no anexo se precisar de mim.

— O que foi? — pergunto quando ele hesita.

— Por que mantém Yan como guarda dela se não confia nele perto dela?

— Estou testando ele.

— Você o está treinando.

— É a mesma coisa.

— Mesmo assim.

— Pare de mimá-lo, Kolya. Ele não é mais uma criança. Na verdade, ele é mais astuto e trabalha sob a superfície mais do que você pode ver.

— Só está dizendo isso porque ele é próximo da sra. Volkov.

— E você só o está defendendo porque se recusa a reconhecer no que ele se transformou. Não consegue enxergar?

Ele franze a testa.

— Enxergar o quê?

— Yan não é mais o garotinho que costumava segui-lo aonde quer que você fosse.

Ele faz uma pausa como se quisesse dizer algo, mas pensa melhor, acena com a cabeça e sai.

Desligo os monitores e vou até o frigobar para me servir de um copo de conhaque com gelo. Quando volto a me acomodar na cadeira, a porta se abre com a fúria de Lia, que entra e a fecha com força.

Sem pressa, eu a convido para se sentar. Ela tirou o casaco e está usando um vestido rosa-claro que se achata na curva de seus seios e cintura até cair na altura dos joelhos. Suas bochechas estão

vermelhas, os lábios franzidos, acentuando o corte de quando os mordeu a ponto de tirar sangue.

Isso vai mudar.

Mais cedo ou mais tarde, esse hábito vai desaparecer.

Mais cedo ou mais tarde, ela será minha por completo. Literal e figurativamente. Em todos os sentidos.

Clico no controle remoto, fazendo com que as cortinas se fechem, protegendo-nos do mundo exterior.

— O que você quer? — ela diz.

— E já são cinco, Lenchka. — Faço sinal para que ela se aproxime. — Agora, venha cá.

Meu temperamento está prestes a explodir e trazer o inferno à Terra.

Estou tentada a sair do escritório – que se danem os castigos noturnos. De qualquer forma, o tarado sempre encontra um motivo para me espancar ou me chicotear, portanto, esta noite não vai ser diferente.

Sua missão é não permitir que eu me sente com conforto e sentir cada chicotada de seu castigo sempre que me movo. Sinto sua presença comigo o tempo todo, mesmo quando não estamos nos vendo. É um lembrete persistente de meus orgasmos vergonhosos e de como meu corpo reage à dor como estímulo em vez de desconforto.

A pior parte é que agora espero ansiosa pela noite. Fico na expectativa de todas as coisas que ele vai fazer comigo no confinamento das paredes do quarto. Às vezes, me deito imóvel pela manhã e me sinto uma vadia por assumir o papel de outra mulher e ter orgasmo na cama em que ela dormiu por anos. Eu me sinto uma impostora e um ser humano horrível.

Mas, ao cair da noite, todos esses pensamentos desaparecem, exceto pela sensação de sua pele na minha. O cheiro de sua colônia. O poder absoluto de sua presença.

Digo a mim mesma para odiá-lo, para detestá-lo, para me rebelar contra ele, mas de que adianta? Posso abafar meus orgasmos e me afastar, mas ele é uma constante da qual é impossível me livrar. Pode ter me confiscado das ruas, mas não me forçou a usufruir de suas carícias. Isso foi tudo por minha conta. Escolhi desfrutar de sua brutalidade, de seu toque, e até mesmo desejá-lo depois de ter um gostinho.

Agora que estamos em seu escritório, a sensação é diferente da do quarto. Não há vozes me dizendo que isso é errado ou que este lugar pertencia à sua esposa.

Desde o dia em que esperei por ele no sofá do lado de fora, tenho evitado este lugar, então é a primeira vez que entro aqui. Como Adrian, o escritório exala uma intensa vibração masculina. O *lounge* tem um sofá de couro preto com encosto alto e cadeiras. Até mesmo o vidro do centro é preto. A mesa de madeira marrom-escura é encimada por três monitores e ele se senta em uma cadeira grande que

fica pequena diante de seu corpo musculoso. Fico surpresa ao encontrar prateleiras do chão ao teto cheias de livros intermináveis em ambos os lados dele.

Talvez sejam para exibição.

Ele me chama com um dedo.

— Venha cá.

Meus olhos se arregalam quando ele leva um copo à boca e os pedaços de gelo fazem um som de redemoinho, tilintando de forma tentadora.

Puta merda. *Álcool.*

Aquela mentirosa da Oglá me disse que não havia nada na casa. É óbvio que Adrian está bebendo um pouco agora.

Tenho me esforçado ao máximo para não cometer erros a fim de ser recompensada e poder pedir álcool. No entanto, minha boca costuma me trazer problemas, porque não suporto a tirania de Adrian, então acabo sendo punida todas as noites.

Ou talvez você queira ser punida todas as noites.

Enfio essa ideia em uma caixa preta no fundo da minha mente.

Durante todo esse tempo, tenho me agarrado à esperança de que poderei ficar pelo menos um pouco bêbada.

Agora, as coisas mudaram. Adrian tem álcool neste lugar. Se eu soubesse, teria entrado em seu escritório antes.

Um plano se forma em minha cabeça enquanto me aproximo dele. Sua fachada calma não me engana, porque isso é apenas uma camada de camuflagem para esconder sua natureza observadora. Já perdi a conta do número de vezes que o peguei me examinando, seja pela janela do escritório ou enquanto eu estava dormindo.

É assustador e faz minha pele se arrepiar, mas não é só por causa do ato em si. É porque, às vezes, ele parece mesmo estar vendo através de mim. Devido a essa capacidade, será capaz de descobrir se estou sendo falsa ou genuína, então escondo minha raiva enquanto balanço os quadris com delicadeza.

Estou usando um vestido rosa suave que tem uma saia skatista em vez dos vestidos retos do armário de Lia. Nem preciso dizer que precisei procurar muito para encontrá-la. Também estou usando salto alto para dar um pouco mais de altura às minhas pernas curtas.

Meu cabelo está solto e retoquei a maquiagem depois que

Jeremy e eu acordamos do nosso cochilo. Portanto, tenho confiança em minha aparência. O que não confio é na minha capacidade de fazer um jogo de sedução com alguém como Adrian.

Ele não é apenas observador, mas também tem a habilidade de penetrar na alma de alguém sem armadura.

Paro a um braço de distância dele e inalo um pouco de ar. O cheiro de conhaque é quase suficiente para me deixar bêbada. Eu mataria por um gole. Apenas um, *um único gole*. Mas não importa o quanto o deseje, me forço a não olhar para o copo aninhado entre seus dedos magros.

Se o fizer, Adrian vai ler meus pensamentos.

Ele inclina a cabeça para o lado, como se estivesse tentando atravessar o meu crânio e espiar dentro da minha cabeça.

— O que achou que estava fazendo com Yan?

— Eu só o convidei para brincar conosco. Está frio do lado de fora do gazebo.

— Yan não brinca com você. O fato de ele estar com frio ou morrer congelado não é da sua conta.

— Você é sempre tão insensível, mesmo com seus próprios homens?

— Por quê? — Ele inclina ainda mais a cabeça. — Está ofendida por causa dele, Lenchka?

— Claro que estou. Você não merece a lealdade dele.

— Não o toque mais. Não faça convites, e nem mesmo fale com ele.

— Foi inocente.

— Inocente — ele repete, como se a perspectiva fosse impossível.

— Foi.

— Inocente ou não. Não vai se repetir.

— Ou o quê? Vai me punir? — Resisto ao impulso de zombar, porque isso faz parte de seu *modus operandi*.

— Isso é evidente. No entanto, não é o único preço. Qualquer um que se atreva a tocá-la também vai pagar. Na verdade, se eu pegar alguém olhando para você, esse alguém vai desejar nunca ter nascido.

— Está falando sério? — Sei que está, portanto, minha pergunta é retórica, mas Adrian acena com a cabeça mesmo assim.

— Vá em frente e me teste, Lenochka. Se preferir ver esse meu lado mais cedo do que mais tarde, se quiser ver Yan sendo espancado até ter alguns ossos quebrados, pode continuar com essa atitude.

— Você é louco. — Minha voz treme quando as imagens de Yan sendo espancado surgem em minha cabeça.

— Ainda não viu nada da minha loucura, então não me provoque.

— Você é um maldito ditador. Não sei como Lia ficou com você todo esse tempo. Se eu fosse ela, já teria ido embora muito antes.

Eu me arrependo das palavras assim que as digo. Adrian acredita que sou Lia, e acabei de quebrar o feitiço que ele aceitou como verdade por uma semana inteira.

Sua expressão escurece e fico tentada a sair correndo do cômodo. Melhor ainda, de fugir da casa.

Mas algo me mantém firme no lugar. Deve ser o álcool. Não. Com certeza é o álcool que me faz ficar aqui.

Adrian me agarra pelo pulso e grito quando minha bunda latejante encontra a borda da escrivaninha. Ele vira a cadeira para a frente e abre as pernas, me prendendo entre elas.

O calor de sua pele me captura em suas profundezas escuras, me puxando para baixo. Estamos separados por sua calça e meu vestido, mas não importa. O poder que ele exerce sobre mim é magnético e continua piorando, não melhorando.

Ele coloca uma mão possessiva em volta do meu quadril e me arrepio quando fala com calma:

— Você teria ido embora?

— Teria — sussurro com sinceridade, porque não adianta mentir agora. Ele vai perceber.

— Mas como teria saído quando está sendo monitorada?

Levanto o queixo.

— Teria encontrado uma maneira.

— Como...

— Me vestiria de empregada ou de entregador ou algo assim.

Seus lábios se inclinam no que parece ser um sorriso, mas não é. Eu o vi todos os dias durante uma semana inteira e nunca o vi sorrir, nem mesmo quando fala com o filho.

— Como escaparia dos meus guardas e da minha segurança?

— Não sei. Um deles sem dúvida ficaria com pena de mim e me ajudaria.

— Teria pena e a ajudaria. Interessante.

A maneira como ele pondera as palavras faz parecer que se trata de uma situação real, não hipotética.

Dou de ombros.

— Nem todo mundo é tão insensível quanto você.

— E depois? — ele sonda.

— E depois, o quê?

— Digamos que tenha conseguido escapar. Como sobreviveria lá fora?

— Eu deixaria o estado, iria para o sul e trabalharia como garçoneiro ou algo do tipo.

— E pensa que se livraria de mim assim tão fácil?

— Poderia tentar.

— E se eu a pegasse? E se você falhasse?

— Eu tentaria de novo. Não pararia de tentar até conseguir.

Sua mandíbula se fecha como se eu tivesse socado seu rosto, e seus dedos se cravam com força na minha cintura.

— Você não vai conseguir, Lia. Nunca.

— É só uma situação hipotética. — Eu me encolho. — Ai. Isso dói.

Ele afrouxa o aperto no meu quadril, mas não me solta. Seu rosto ainda está fechado e não sei por quê. Será que é porque Lia tentou escapar? Espero que ela tenha conseguido.

Uma sensação estranha se apodera de mim ao pensar que sua fuga só poderia ter sido bem-sucedida porque ela acabou morta.

A conversa escureceu suas feições, suas maçãs do rosto parecem mais acentuadas, mais duras, como se fossem capazes de cortar. Não quero que ele fique de mau humor quando preciso de uma bebida

agora, então pigarreio, apontando para a biblioteca.

— Você leu algum desses livros?

— Por quê? Interessada em ler algum?

— Não, obrigada. Estou terminando de ler aquele documento enorme.

— Não gosta de ler?

— Não. Prefiro música. — Faço uma pausa. — Você também não deve gostar de ler e só os guarda para se exibir.

— Li todos os livros deste escritório.

— Não pode ser.

— Sim, eu costumava me sentar e ler o máximo possível quando meu pai trabalhava aqui.

Eu me lembro dos memorandos do documento que mencionava seu pai, Georgy Volkov, também líder da Bratva. Sua foto mostrava feições sombrias e assustadoras, como se ele partisse uma pessoa em duas se ela se dirigisse a ele. Adrian compartilha algumas de suas características, mas sua aparência e seu físico são mais sofisticados do que os de seu pai. Ele pode muito bem ser considerado um cavalheiro honrado em público, quando, na verdade, é um laçao do demônio.

Georgy faleceu quando Adrian tinha vinte e poucos anos, e Adrian herdou tudo, expandindo sua influência até se tornar quem é hoje.

No entanto, não houve menção à mãe dele, então pergunto:

— Sua mãe teve influência em seus hábitos de leitura?

Ele levanta uma sobrancelha como se não estivesse esperando a pergunta.

— Talvez.

— Isso é um sim ou um não?

— Nenhum dos dois. Por isso é um talvez.

Estreito os olhos. Ele está me provocando?

— Por que sua mãe não estava no documento?

— Porque ela não existia.

— Ah. Ela morreu quando você era jovem?

— Algo do gênero.

Todas suas respostas são vagas, para dizer o mínimo. Não consigo entender o que quer ou não dizer, mas, ao mesmo tempo, ele não recusa de todo minhas perguntas. Na verdade, a conversa o deixou um pouco mais solto, a ponto de sua pegada em minha cintura parecer íntima. Não é mais para garantir seu controle sobre mim, mas mais como se quisesse me tocar.

— Sua infância foi como a de Jeremy? — pergunto.

— Como a de Jeremy?

— Tipo, seu pai era ausente e sua mãe tinha que cuidar de você?

— Foi o contrário.

— Sua mãe não estava presente?

Adrian não diz nada, seus olhos me observam, mas não parece que me veem. Sinto como se estivesse perdendo o controle sobre ele, então desabafo:

— Se você mesmo teve um pai ausente, não deveria se sensibilizar mais com a situação de Jeremy?

Um pouco da luz volta a seus olhos quando ele menciona o filho.

— O que tem a situação de Jeremy?

— Ele mal o vê, mesmo que você trabalhe em casa.

— Nós nos vemos o bastante.

— Você já leu uma história para ele dormir?

— Ele já passou dessa fase.

— Ele só tem 5 anos, Adrian. Não passou da hora das histórias de dormir. Além disso, ele sente sua falta.

— Como sabe disso?

— Toda vez que fazemos algo, ele nunca deixa de mencionar quando o fez com você ou o que você contou a ele sobre o assunto. Ele está olhando para você o tempo todo; por que você não olha para ele? — Minha voz embarga e tento pigarrear.

Ele não sabe a sorte que tem por ter um anjo como Jeremy como filho. Adrian passa o polegar embaixo do meu olho, com uma expressão mais calma, quase como se não quisesse que eu chorasse. O babaca não parece se importar com os soluços dos meus orgasmos quando me castiga.

— E quanto a você? — ele sussurra.

— Eu?

— Você olha para mim?

— Não tenho motivo para olhar para você.

— Não?

— Não. Sinto muito se acha que sou sua esposa, mas não sou.

— Sim, você é, Lia.

— Meu nome é Winter.

A escuridão que eu achava que tinha desaparecido volta aos olhos dele.

— São seis.

— Você não pode apagar meu nome. É Winter. Pelo menos me chame assim quando estivermos nós dois.

— Sete, Lia.

Pressiono os lábios, sentindo mais lágrimas brotarem. Não sei por que o fato de se recusar a me chamar pelo meu nome tem esse efeito em mim, por que parece que ele está me ferindo mais do que qualquer outra punição. Não deveria, mas, ainda assim, um sentimento mórbido rói minhas entranhas, exigindo que eu vença essa batalha.

Porque, a cada dia que passa, minha identidade real se desintegra e sinto que me tornarei Lia em pouco tempo.

— Pode jogar seus jogos doentios o quanto quiser, Adrian, mas não será capaz de apagar quem eu sou. *O que eu sou.*

— Oito.

Eu deveria me poupar e manter minha boca fechada, mas não o faço. Não posso. Ele precisa saber que tenho personalidade própria, que não pode me transformar em sua esposa morta.

— Meu nome é Winter Cavanaugh e nasci em Michigan. Meu pai morreu quando eu era criança, e minha mãe nos fez mudar para Nova Iorque por causa do trabalho.

— Cale a boca.

— Não! Você vai me ouvir, porque não sou apenas uma boneca inflável que está fazendo o papel doentio de sua esposa morta. Eu sou humana. Tenho sentimentos. *Eu sinto.* — Respiro fundo antes de

continuar: — Depois que minha mãe nos trouxe para cá, fiz aulas de balé, embora fossem muito caras. Quando minha mãe não podia mais pagar por elas, minha professora me colocou sob sua proteção como um caso de caridade e pagou por elas em nome da minha mãe, porque não suportava ver meu talento ser desperdiçado. E sabe de uma coisa? Eu era uma bailarina brilhante *pra caramba*. Deixava todos os meus colegas de classe verdes de inveja porque tinha tornozelos fortes e conseguia ficar na ponta da sapatilha desde os 11 anos. Eu era muito boa. Mas foi também nessa época que as crianças ricas começaram a se juntar contra mim, me chamando de caso de caridade. Sabe qual é a sensação de crescer pobre, Adrian? Claro que não sabe. Você teve seu pai mafioso e rico.

— Vai ficar quieta?

— Não. Você *vai* ouvir. Desta vez, você vai ouvir, porra. Fui recrutada como reserva no balé da cidade de Nova Iorque quando tinha 16 anos. Achei que a minha vida e a de minha mãe seria um arco-íris. Mas não, as bailarinas de lá não gostavam de mim e garantiram que eu soubesse disso. Elas me intimidavam, substituíam minhas sapatilhas surradas por outras piores. Roubavam meus curativos, protetores de dedo do pé e minhas bandagens elásticas e rasgavam meus collants antes de apresentações importantes para me impedir de subir ao palco. Mas eu tinha uma amiga que me ajudou. Ela me ajudava e me protegia. Às vezes, me deixava dançar em seu lugar. Ela me apoiou durante todos esses anos e, embora suas habilidades não fossem diferentes das minhas, ela se tornou uma primeira bailarina aos 20 anos. Eu não fui muito longe. Só fiquei lá, em segundo plano, como uma coitada, mas não me resenti por isso. Fiquei feliz por ela. Comemorei com ela e fiquei grata por poder manter um teto sobre nossas cabeças.

“Mas sabe o que aconteceu depois? Descobri que era ela quem me mantinha em segundo plano. Todo o seu comportamento agradável era uma tática para me manter sob seu controle. Eu era tão idiota. Tão *idiota*. Depois disso, passei a odiar tanto a dança que desisti. Deixei aquele mundo e tudo o que vinha com ele. Mas ela nunca saiu de minha mente. Ela permaneceu no fundo da cabeça e em meus pesadelos. Estava lá quando eu era uma simples garçonne e via seus pôsteres nas ruas. Ela disse que queria um último favor. Teve a coragem de pedir um favor. Mas eu não podia dizer não, e sabe por quê? Porque minha mãe estava morrendo, e engravidei de um homem cujo nome não me lembro e minha filha nasceu com pulmões fracos. Aceitei a oferta da bailarina, que incluía ter minha filha arrancada das minhas mãos logo após o nascimento. Quando contei à minha mãe o que estava fazendo para garantir nosso futuro, ela me condenou ao

inferno, mas não parei. Não podia me dar ao luxo de parar. Mas não tive sucesso. Sofri um acidente em que minha cabeça quase foi decepada. Quando acordei no hospital, minha mãe tinha ido embora.”

Estou soluçando agora, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Os pulmões da minha filha desistiram e ela foi embora logo depois. Foi assim que fui parar nas ruas. Foi assim que me tornei uma sombra de pessoa, uma sem-teto, uma ninguém. Então, não, Adrian. Eu *não sou* Lia. Meu nome e minha identidade são as últimas coisas que tenho, então não se atreva a tirá-los também.

Já estou ofegante quando termino de contar a minha história. Nunca esperei que fosse desabafar como se as palavras estivessem queimando minha língua. A única outra pessoa que conhece minha história é Larry, e só contei a ele em pequenas doses. Não de uma vez só, como acabei de fazer.

Se eu esperava compaixão de Adrian, ele não demonstrou nenhuma. Sua expressão continua a mesma.

— Qual foi o favor que ela te pediu?

— O quê?

— Você disse que ela te pediu um favor. Qual foi?

— Por que quer saber?

— Diga.

— N-não.

Ele estreita os olhos.

— Por que não?

— Porque não me orgulho disso.

— Você disse que não teve sucesso.

— Eu queria ter tido. Acho que é isso que conta para mim.

Ele fica em silêncio por muito tempo e acho que vai me fazer outra pergunta, mas não faz. Seus ombros estão tensos por baixo da camisa cinza-claro e a intensidade sutil em seus olhos cresce a cada segundo.

Se não soubesse, diria que está com raiva. Mas por quê? Por eu não ter respondido sua pergunta?

— Vá para a mesa, Lia.

Qualquer esperança de que ele me chamasse pelo meu nome se despedaça e se dissipa ao fundo. Dói mais do que qualquer coisa que tenha feito comigo. Pior do que as chicotadas de seu cinto e os tapas de suas mãos. Pior do que me privar do álcool.

Porque, nesse momento, percebo que ele nunca vai me ver. Que, assim como no balé, sou apenas uma sombra de outra pessoa.

Uma ninguém insignificante.

Winter

Quando levo mais de um segundo para subir na mesa, Adrian coloca as mãos em volta da minha cintura, me levanta e me coloca sobre ela.

Agora estou na mira direta de seu olhar implacável. Quero gritar e berrar, bater e arranhar. Posso sentir uma birra ou um colapso – ou ambos – se formando no fundo do meu cérebro, mas os contendo ao olhar para a parede atrás dele.

— Levante suas pernas e abra bem — ele ordena.

Faço o que ele diz, com os calcanhares apoiados na borda da mesa. Meus movimentos são mecânicos, na melhor das hipóteses, e fico grata por isso. Espero que a dormência tome conta de mim, porque é disso que preciso agora.

Se estiver entorpecida, não sentirei as bordas afiadas cavando meu coração. Se estiver entorpecida, não odiarei uma mulher morta por ela ainda viver em mim. Porque ela continua viva para Adrian enquanto eu não existo.

— Olhe para mim.

Eu não olho, meu foco roubado pela parede branca atrás dele.

— Lia.

Eu não sou Lia. Pare de me chamar de Lia. Mas não digo isso, porque não importa. Não para Adrian.

— Nove agora.

Permaneço em silêncio. Adrian pode fazer o que quiser com meu corpo. De qualquer forma, ele já acha que é de Lia em vez de meu.

— Dez. — Ele olha para o relógio. — A contagem vai aumentar a cada minuto que você não olhar para mim.

Meu olhar desliza para o dele, e espero que pareça tão morto quanto sinto por dentro. Espero que veja a crueldade do que está fazendo comigo, a maneira como está apagando minha identidade. Mas será que se importaria se o visse? Será que dedicaria um segundo de seu precioso tempo para pensar no que a mulher que ele trouxe da rua sente?

Sem dúvida, não.

Adrian leva o copo de conhaque aos lábios, e a maior parte do gelo já derreteu. Quero tomar um gole mais do que qualquer outra coisa no mundo. A bebida apagaria meus sentimentos e me deixaria entorpecida outra vez. Se ficar bêbada, não vai doer se ele estiver vendo outra mulher através de mim.

Parecendo notar minha concentração em seu drinque, Adrian faz uma pausa antes de se levantar.

— Fique aí e levante o vestido.

Faço o que ele diz, observando enquanto vai até o frigobar e enche o copo com mais gelo e álcool.

Quando retorna, estou segurando o vestido na altura da barriga, sentada na mesa, seminua, com apenas a calcinha de renda branca cobrindo minha boceta. Ele se senta em sua cadeira e toma outro gole de conhaque como se estivesse me provocando. Depois, enrola algo na boca antes de se inclinar e pressionar seus lábios frios na parte interna da minha coxa.

Arquejo e me apoio em uma das mãos. Ele percorre minha coxa com beijos, passando a ponta do gelo na minha pele aquecida. Ele derrete em questão de segundos, deixando rastros quentes e frios. Adrian pega outro, desta vez com os dentes, e faz um novo rastro, retomando de onde o primeiro parou.

Por um momento, perco de vista o conhaque, pois toda a minha atenção está voltada para o ponto em que o gelo encontra a minha pele, para a forma como os lábios dele roçam de leve a minha coxa, com a barba por fazer criando um atrito insuportável.

Minha cabeça rola para trás e mordo o lábio inferior ao tentar fechar as pernas.

— Mantenha abertas — ele ordena, com o copo a meio caminho de sua boca. — Quantos?

— O quê?

— Esqueceu como contar, Lenchka?

Ah, então essa é sua versão doentia de punição hoje. Prefiro a dor aguda. Pelo menos assim posso pensar nele como um psicopata pervertido que eu deveria odiar.

— Lia...

— D-fois. — Minha voz treme. Odeio esse nome, odeio Adrian

e odeio a maneira como consegue fazer eu me sentir invisível.

Adrian molha os lábios e desliza mais dois cubos de gelo pela parte interna da minha coxa antes de passar para a outra, dando-lhe a mesma atenção atormentadora. No oitavo, já estou delirando. Ele sempre para logo antes de seus lábios ou da pedra de gelo tocar a bainha da minha calcinha, como se o fizesse de propósito, me torturando e me transformando em uma versão de mim mesma *que não reconheço*.

Estou ofegante, meu coração batendo descompassado, conforme ele abaixa minha calcinha pelas pernas e depois a joga no chão. Ele é deliberado, lento, como se soubesse bem o efeito do que está fazendo comigo.

— Quantos, Lia?

— Oito... — expiro.

Tomando outro gole do conhaque, ele coloca mais um cubo de gelo entre os dentes. Respiro fundo ao ver o gelo molhando seus lábios, escorrendo pelo queixo coberto de barba por fazer. Mas essa é a única visão que tenho antes que ele desapareça entre minhas pernas. O gelo encontra minhas dobras encharcadas e a superfície rígida me faz estremecer.

Não importa o quanto eu tenha antecipado o contato, no momento em que acontece, parece que são fogos de artifício e explosões que nunca pensei serem possíveis.

Adrian agarra minhas coxas, me prendendo no lugar e empurrando o cubo contra meu ponto mais sensível. O frio deveria afogar minha libido, mas ela só aumenta. Pode ser porque a minha temperatura quente a derrete em um segundo ou por causa do toque consciente de Adrian ou de sua língua contra o meu clitóris.

Assim que o cubo desaparece, ele pega outro e larga o copo na mesa. Eu deveria aproveitar a chance e tomar um gole, mas não consigo me mexer. Estou presa no lugar e não é por causa dos dedos dele cravados em minhas coxas. Se eu tirar a mão, sinto que de alguma forma vou desabar.

Adrian empurra o gelo contra a minha fenda e grito antes de morder o lábio para abafar o som. Mas ele não para por aí.

Sua língua mordisca meu clitóris quando dois de seus dedos empurram o gelo para dentro de mim. Minhas costas arqueiam e a ponta do meu calcanhar quase escorrega da borda da mesa.

Ele me lambe de forma bruta, diligente, como se estivesse me

punindo e recompensando ao mesmo tempo. Como se estivesse adorando meu corpo e lhe dando uma lição de uma só vez.

Posso sentir o gelo derretendo dentro de mim, o que só aumenta o prazer que sinto no clitóris. Seus dentes enviam choques elétricos ao meu âmago. Ele chupa, mordisca e depois passa a língua na parte secreta de mim que não deveria conhecer tão bem.

Minha cabeça se choca contra um dos monitores curvos enquanto me entrego com um grito abafado. Incapaz de segurar o vestido, deixo que ele caia, cobrindo sua cabeça enquanto me deixo embalar. Minhas pernas desistem de lutar para se manterem eretas e tombam, tremendo e pendendo da borda da mesa.

Adrian sai de debaixo do meu vestido, lambendo os lábios. Desvio o olhar dele para recuperar o fôlego. Não quero encará-lo, a arrogância estampada em seu rosto, a maneira como se sente tão presunçoso por me possuir. Por eu ser sua maldita Lenochka.

Não sou.

Ele segura meu queixo com dois dedos e me força a fitá-lo.

— Você não contou.

— Nove. Dez. — Minha voz está um pouco acima de um murmúrio quando olho para sua mão. Ele leva o copo de conhaque aos lábios e meu coração se despedaça.

Ele vai terminar e eu não ganharei nada com tudo isso.

— Você quer essa bebida? — ele pergunta despreocupado, como se não estivesse vendo a ânsia em meu rosto.

É um jogo doentio, mas não importa o quanto eu queira a bebida, não vou entrar nele.

— Qual o objetivo? Você vai dizer não.

— Pode provar.

— Sério? — Minha voz sai carregada de desconfiança.

— Venha cá. — Adrian me puxa pelo braço e eu me levanto cambaleante até ficar de pé, com as pernas trêmulas, diante dele. Ele me vira e me senta em seu colo, ficando de frente para a escrivaninha.

Minhas costas ficam coladas à sua sólida parede de músculos e minhas pernas estão entre as dele. Uma protuberância se insinua em meu traseiro dolorido, e é preciso tudo em mim para me manter imóvel, para não me contorcer ou me mexer contra ela.

— Prenda seus pés na cadeira, Lenochka. Quero ter acesso à sua boceta enquanto você bebe.

Faço o que ele manda e prendo os dois pés na cadeira, o que abre mais minhas pernas. Sua mão livre serpenteia por baixo do meu vestido até me tocar.

Um arrepio me envolve e tento não me transformar em uma folha trêmula em seus braços.

Adrian esvazia o copo, deixando apenas um gole.

— Abra a boca.

Eu não quero, não quero mesmo, porque a minha boca é o lugar de onde virão todos aqueles ruídos constrangedores, mas ele não está me estimulando no momento. A questão é o álcool.

Abro a boca devagar. Mas, em vez de me oferecer as gotas restantes de conhaque, como eu esperava, Adrian bebe e, antes que eu possa protestar, ele deixa o copo cair na mesa enquanto os dedos de sua outra mão envolvem minha garganta e levantam meu queixo. Seus lábios encontram os meus e reconheço o gosto forte do álcool. É leve, mas suficiente para subir à minha cabeça.

Na verdade, não. Não é o álcool que me sobe à cabeça. É um gosto diferente.

É de Adrian.

Ele chupa minha língua em um beijo com a boca aberta, implorando, explorando e roubando todo o meu bom senso. É carinhoso, mas duro. Apaixonado, mas exigente. Da mesma forma que me devorou há apenas um minuto.

Adrian nunca me beijou antes e, no entanto, parece que estamos nos beijando desde que nos conhecemos. Como se o beijo fosse o ponto alto de nossas existências. Ele está tão empenhado que parece estar tentando extrair algo de mim usando a minha boca. Seu vigor desperta o meu e não consigo evitar a necessidade de beijá-lo de volta, de tentar dar tanto quanto ele. A sintonia é tão grande que meu corpo parece estar se fundindo com o dele.

Eu me embriago com ele, não com o álcool.

Adrian enfia dois dedos em mim e gemo em sua boca. Um gemido lhe escapa como se o som fosse a maior excitação que ele já ouviu. Quero me afastar de sua boca, abafar minha voz como costumo fazer, mas Adrian me mantém no lugar enquanto enfia e tira os dedos de dentro de mim. Arquejo quando adiciona um terceiro, me

preenchendo como nunca antes.

Meu Deus.

Adrian devora meus lábios e minha língua ao mesmo tempo em que me fode com os dedos. Aperto minha bunda contra sua coxa, desesperada pela liberação que só ele pode proporcionar. Ele fica duro como uma rocha, seu pênis crescendo a cada segundo. Uma pontada de medo misturada com expectativa me invade.

Se os três dedos dele estão me preenchendo, como será a sensação de seu pênis? Eu o vi algumas vezes quando Adrian me fez vê-lo se masturbar. Sei que é enorme quando está duro, e não deveria estar pensando nele dentro de mim agora em vez de seus dedos.

Mas o simples pensamento é suficiente para me levar ao limite.

Eu me afasto de seus lábios e mordo o braço que está segurando minha garganta quando gozo. Deve doer, mas Adrian não emite nenhum som. No máximo, ele permanece imóvel, até mesmo seus dedos se detêm enquanto me deixo levar pela onda do meu orgasmo.

Estou respirando com dificuldade, meus dentes e lábios ainda presos em seu braço, quando ele pergunta baixinho:

— Algum dia vai me deixar ouvir sua voz?

Solto seu braço e o encaro, observando o leve sulco em sua testa, a decepção que sinto em sua postura.

— Algum dia vai me chamar de Winter? — murmuro de volta.

Ele balança a cabeça uma vez.

Tenho vontade de chorar. Quero cair da cadeira e me dissolver com o carpete. Mas, em vez disso, digo:

— Então nunca vai ouvir minha voz, Adrian. Porque é minha, não de Lia.

Uma pequena batida na porta soa antes que ele possa responder. Congelo, meu coração disparando no peito. Não tranquei a porta e, se alguém entrar, vai me flagrar sentada no colo de Adrian com os dedos dentro de mim.

— Quem é? — Adrian pergunta com sua voz forte, sem tentar me soltar. Ele tem tanta certeza de que ninguém vai abrir a porta, mas, por outro lado, este é o seu castelo. Por que alguém em sã consciência o desafiaria?

— Papai, a mamãe está aí?

Arfo ao ouvir a voz de Jeremy e tento me desvencilhar do controle de Adrian, mas ele me mantém unida a ele pelos dedos ainda dentro de mim.

— Me solte. Seu filho está lá fora.

Ele me olha quando fala com Jeremy:

— Está.

— Posso entrar? — pergunta o garotinho.

Sacudo a cabeça desesperada, mas Adrian diz:

— Pode.

— Você está louco? — sibilo baixinho.

— Você disse que não passo muito tempo com ele.

— Não foi isso que quis dizer... — Minhas palavras se perdem quando a porta se abre e Jeremy entra, carregando um de seus soldadinhos de brinquedo. Abaixo os pés e aliso o vestido nas coxas para esconder a posição em que seu pai está me segurando.

— O que vocês estão fazendo? — Jeremy para à nossa direita, seus olhos inocentes indo de mim para Adrian.

Seu pai permanece em silêncio, deixando a responsabilidade para mim. Idiota. Dou um sorriso.

— Seu pai estava me mostrando algo.

— É mesmo?

Adrian passa um braço em volta da minha cintura e encosta o queixo no meu ombro. O gesto é novo e parece íntimo, ainda mais do que seus dedos dentro de mim, e me faz estremecer.

— É sim.

— Posso ver também?

— Não! — exclamo, depois sorrio. — Quero dizer, eu estava indo até você para que pudéssemos brincar juntos.

— O papai pode vir também? — Jeremy pergunta devagar, quase com timidez, e quero socar Adrian por fazê-lo se sentir assim.

— Posso sim, Malysh.

Os olhos de Jeremy se arregalam ao mesmo tempo que os meus, e nós dois dizemos:

— Pode?

Adrian me lança um olhar divertido.

— Posso.

Jeremy pega minha mão e tenta me puxar com ele. Dou uma cotovelada em Adrian para que me solte e ele o faz, mas não antes de morder a concha da minha orelha.

Com um lenço de papel, ele limpa a mão antes de pegar minha calcinha do chão em um piscar. Minhas bochechas se inflamam. Esqueci por completo que ela estava ali.

Em vez de jogá-la no lixo ou escondê-la em uma de suas gavetas, Adrian a enfia no bolso da calça. Abro a boca para protestar, mas então me lembro de Jeremy.

Ele enfia o soldado no bolso e coloca a mão na do pai – não na que estava dentro de mim, graças a Deus.

Adrian segue o exemplo do filho e nos leva para fora do escritório, falando dos seus soldados. Pelo menos um de nós está confortável. Sinto que minhas pernas vão parar de me sustentar de tanto tremer.

— Ei, papai. — Jeremy olha fixo para o pai.

— Sim? — Percebo que a voz de Adrian está mais suave quando ele fala com o filho. Ainda tem aquela intensidade, mas não a dirige a Jeremy.

— Posso ficar com a mamãe?

Os olhos cinzentos de Adrian deslizam para mim antes que ele volte a se concentrar no filho.

— Você já a tem.

— Agora não. À noite. Quero que a mamãe durma comigo, mas ela disse que tenho que te pedir isso.

As chamadas sobem por minhas bochechas. O garoto levou essa sugestão a sério.

— Ela disse, hein? — Adrian encontra meu olhar com um pequeno sorriso que me deixa sem fôlego. Caramba. Não é nem mesmo um sorriso completo, mas sinto estar sendo atacada.

— Uhum — Jeremy diz, alheio à tensão que se forma no ar. — Então, posso ficar com ela?

— Você já fica com ela durante o dia, então não.

— Por favor, papai.

— Você quer que eu fique sozinho, Malysh?

— Não.

— Então tem que me dar sua mãe durante a noite.

— Você também precisa da mamãe, papai?

Adrian faz uma pausa antes de dizer com calma e assertividade:

— Preciso.

Meu coração dispara, tropeçando e se apertando contra minha caixa torácica, como se quisesse escapar de seu confinamento. Suas palavras não deveriam ter esse efeito em mim. Eu deveria pensar que ele só precisa de mim porque quer sua dose diária e doentia de me punir, mas a expressão em seus olhos diz algo diferente.

Seus olhos, que sempre considerei desconfortáveis, agora são sufocantes, tentando me fazer ouvir palavras que não quero escutar.

— Tudo bem, papai. — Jeremy sorri para mim. — Vamos compartilhar a mamãe, então.

— Obrigado, Malysh. — Adrian sorri para o filho e, mais uma vez, sou pega de surpresa.

Que direito ele tem de sorrir assim?

Adrian me ajuda a vestir o casaco e o abotoa até o fim antes de colocar um cachecol em volta do meu pescoço. Em seguida, faz o mesmo com Jeremy e o levanta em seus braços.

Não quero me concentrar nisso, em como ele pode ser um pai carinhoso, mas a cena toca algo dentro de mim quando saímos.

Nós três nos sentamos no gazebo, onde a zona de guerra de Jeremy segue incompleta. O anjinho se acomoda entre nós, os pés balançando com alegria, e sua atenção se volta de mim para o pai. Quem sabe há quanto tempo os pais não brincam com ele?

— A mamãe não sabe como fazer isso, papai.

Os lábios de Adrian se contraem um pouco.

— Ei, isso não é verdade. Eu estava indo devagar, para que ele aprendesse.

— Lento demais, pelo visto. — Adrian estuda as peças erradas, encaixadas umas nas outras. — Tem certeza de que não é você quem está aprendendo?

Flexiono os dedos.

— Sim, tenho certeza.

— Você é uma péssima mentirosa, Lenochka.

— Não estou mentindo.

— É o que todos os mentirosos dizem.

Eu o encaro por cima da cabeça de Jeremy, e ele faz o mesmo, com uma expressão relaxada, quase extrovertida.

— Como é possível saber quando alguém está mentindo com tanta facilidade?

— Então admite que estava mentindo?

— Não.

Faço uma careta formando “Jeremy” com os lábios, para que ele não me rotule de mentirosa na frente do menino.

Os lábios de Adrian formam um pequeno sorriso. Puxa vida. Ainda bem que seus sorrisos não são frequentes, caso contrário, eu teria uma parada cardíaca. Parece estar de muito bom humor no momento e me pergunto o que o desencadeou. Será que foi o castigo que recebi em seu escritório ou o simples fato de estar aqui comigo e com Jeremy? Conhecendo seu caráter controlador e dominante, o motivo deve ser o primeiro.

Ele pega algumas peças do jogo de Jeremy e as monta sem quebrar o contato visual comigo.

— A não ser que você tenha sido treinado para mentir, as pessoas têm sinais. O roçar de um nariz ou de uma nuca, a inquietação ou o olhar em uma direção diferente para invocar uma mentira. A razão disso é que mentir não é algo natural e requer muita energia, portanto, a maior parte do oxigênio no sangue vai para o cérebro, deixando o resto dos membros dormentes ou frios. É por isso que você está flexionando os dedos.

Eu os aperto no meu casaco e Adrian me encara com diversão, sem dúvida achando graça em me encurralar.

Jeremy me lança um olhar de desaprovação.

— Mentir é ruim, mamãe.

— Eu não estava mentindo, Jer. — Suavizo o meu tom, mesmo quando olho para Adrian.

— Ok — ele concorda sem hesitar, como o anjinho que é. — Ensine a mamãe como criar a minha zona de guerra, papai.

— Humm. — A cabeça de Adrian se inclina para o lado em minha direção. — Acho que ensinarei.

Pressiono os lábios, mas ele se limita a enrolar o cachecol no meu pescoço antes de começar a trabalhar. Em menos de quinze minutos, ele termina de construir toda a zona de guerra.

Tento não me impressionar, mas me impressiono.

— Viva, papai! — Jeremy dá um beijo na bochecha do pai, com a alegria brilhando em seus olhos arregalados.

Adrian me encara.

— Acho que sua mãe também deveria demonstrar gratidão, não é mesmo, Malysh?

— Sim, mamãe! Beije o papai.

Encaro Adrian pela maneira como ele está manipulando uma criança, mas não faço disso um problema ao me inclinar e pressionar meus lábios contra a barba por fazer em sua bochecha.

Por uma fração de segundo, parece normal, como se fôssemos de fato uma família no jardim, fazendo coisas de família.

Estou prestes a me afastar quando meu olhar se volta para cima. Não sei por que olho na direção da casa de hóspedes em um momento como esse. E não sei por que meus olhos se voltam de imediato para cima.

Tudo o que sei é que eu não deveria ter feito isso. Não deveria *mesmo*.

Uma figura me encara da janela. Seu rosto é tão pálido quanto sua camisola, mas seus olhos são de um azul furioso ao me fitar.

Meus olhos.

O fantasma que Jeremy mencionou me encara e parece estar pronto para me matar.

— Levante seus braços.

Obedeço à ordem de Adrian para que ele possa deslizar a camisola sedosa pelo meu corpo. Ela é macia, aconchegante, mas ainda é demais contra minha pele sensível.

Acabamos de terminar outra sessão de punição. Dessa vez, foram três orgasmos sucessivos por eu ter respondido a ele três vezes hoje.

O número vem diminuindo na última semana. Talvez um dia chegue a zero e eu possa receber minha recompensa, mas não parece que isso vá acontecer tão cedo.

Já se passaram duas semanas desde que cheguei à casa de Adrian, e ele sempre, sem falta, encontra algo para me punir. Acho que também não estou sendo cuidadosa o suficiente, mas ele não é nem um pouco tolerante.

Se eu disser “ok”, é um.

Se perguntar por que, é dois.

Se não olhar para ele enquanto estiver me fodendo com os dedos ou com a boca, é três.

Se me chamar de Lia e eu não responder na hora, é quatro.

Não há como vencer, visto que ele estabeleceu todas as circunstâncias para que trabalhassem a seu favor.

Todas as noites, depois que Jeremy vai dormir, venho para o quarto com o coração na garganta, na expectativa do que ele fará em seguida. Às vezes, ele não espera até essa hora e me chama ao escritório para que possa aplicar a punição. Em seguida, reinicia a contagem para garantir que suas mãos estejam ocupadas durante a noite.

Mãos que no momento abotoam a parte de cima da minha camisola. Mãos grandes e cheias de veias com dedos longos e magros que eu não conseguiria parar de olhar, mesmo que quisesse.

Mãos que podem trazer prazer ou dor – ou ambos –, dependendo do humor de seu dono.

Meus olhos estão marejados e me sinto exausta com o número de orgasmos provocados por ele de uma só vez, mas continuo sentada em frente à cômoda enquanto Adrian se ajoelha diante de mim.

Mesmo que esteja ajoelhado, não diminui em nada o seu poder. O domínio que exerce sobre mim – fisicamente, pelo menos.

Apenas fisicamente.

Ele acabou de me dar banho. Desde aquele dia em seu escritório, tem se mostrado aberto para cuidar de mim. Ensaboou todo o meu corpo e até lavou meu cabelo. Em um determinado momento, minhas pernas não conseguiram me sustentar e me sentei no chão do chuveiro. Adrian se ajoelhou atrás de mim e terminou de lavar meu cabelo. Suas mãos estavam sobre mim – nos ombros, nas costas, entre as pernas e sobre a cicatriz de nascença.

Foi demais. Ainda é. Não quero que ele cuide de mim dessa maneira. Não gosto que cuidem de mim. Faz eu me sentir fraca – mais fraca do que a situação em que fui jogada. E, com certeza, não quero que Adrian o faça. Porque ele não é genuíno. Ou talvez seja, mas não em relação a mim.

É em relação à sua esposa.

Ele agora está de calça de moletom preta e sem camisa. Observo os sulcos duros de seu abdômen e os pelos finos em seu peito masculino. Eu me pergunto por que não tem tatuagens ali.

Seus braços e mãos são cobertos delas, mas mesmo quando as observo, não consigo entender o significado da maioria. Há uma bússola em seu antebraço, mas não acho que indique uma direção. Há pássaros fugindo na parte superior de seus ombros. Uma flor sangrenta está gravada no meio de um mapa intrincado que não parece ser do mundo. Talvez seja um mapa da Rússia. Imagino o que estaria pensando quando as fez.

Mas por que eu me preocuparia? Não sou nada para esse homem. Apenas uma substituta.

Tento memorizar essas palavras para não me deixar levar por seu toque gentil, pela forma como seus dedos roçam a protuberância de meus seios de vez em quando.

Ele não vê você, Winter. Ele vê Lia.

Minha mente volta à figura que vi nas janelas naquele dia em que beijei seu rosto.

A mulher pálida com olhos furiosos, que se parecia comigo.

Quando pisquei os olhos, ela desapareceu.

Ou era imaginação minha ou o fantasma de Lia estava mesmo lá. Preferi a primeira opção porque a segunda me aterrorizava.

Sempre que Jeremy e eu brincamos no gazebo, fico olhando para aquela mesma janela para o caso de ela reaparecer.

Nunca mais aconteceu.

Eu teria uma chance melhor de descobrir se minhas alucinações são verdadeiras ou não se fosse até lá, mas os guardas de Adrian ficam de olho no jardim – ou em nós – o dia todo. Sem mencionar que o próprio está sempre nos observando como um falcão da janela de seu escritório.

Yan também está sempre lá.

O único momento em que eu poderia entrar na casa de hóspedes sem ser notada seria durante a noite. E isso me dá muito medo.

Esta casa me apavora.

O homem à minha frente me assusta ainda mais porque é por ele que me sinto como se estivesse entrando em um território maldito.

Adrian se levanta quando termina e se posiciona atrás de mim, pegando o secador. O zumbido lento da máquina enche a sala conforme ele retira a toalha da minha cabeça e seca meu cabelo.

O arrepio que sinto não é causado pelo meu cabelo molhado encontrando meu pescoço. Mantenho os olhos baixos porque não quero me olhar no espelho e vê-lo cuidando de mim e secando meu cabelo. Não quero me deixar levar por esses momentos que não se destinam a mim.

Lia era uma mulher de sorte. Ou talvez fosse o contrário, considerando o modo selvagem com que ele me toca – no caso, *a toca*.

Imagino como foi a sensação de ter um homem tão duro como Adrian cuidando de Lia dessa maneira, como se ela fosse seu mundo. Será que sua esposa sentia os mesmos formigamentos que eu ou os considerava sufocantes, como eu deveria?

Imagino se ele também a fez esperar antes de fodê-la. Por dentro, sacudo a cabeça. Por que estou pensando nele a fodendo? Ou a mim?

É que não faz sentido ele continuar gozando na minha barriga, nos meus seios ou até mesmo na minha bunda. Sua ereção parece

dolorosa, mas ele ainda se recusa a me foder.

Eu me recuso a permitir que me ouça gemer ou gritar, então acho que isso não acontecerá em um futuro próximo.

Foi o que ele fez com Lia?

— Como foi seu casamento com Lia? — pergunto antes que possa me conter.

Minha voz é baixa em comparação com a do secador, então rezo para todas as estrelas para que não tenha me ouvido.

Mas então ele diz:

— Foi um casamento.

Minha humilhação por ter sido ouvida desaparece com sua resposta. Ele tem essa maneira irritante de evitar perguntas. Não se recusa a responder, mas diz algo vago ou reformula a pergunta original.

— Como se conheceram?

— Por que quer saber?

Afinal, por que eu quero saber? Por que estou interessada em saber sobre ele e sua esposa?

Batendo as unhas, continuo encarando-as.

— Achei que deveria saber, caso alguém pergunte.

— A versão oficial é que nos conhecemos em uma festa.

Minha cabeça se levanta devagar e eu o encaro pelo espelho.

— Existe uma versão não oficial?

Ele parece concentrado em meu cabelo ao falar:

— Correto.

— E qual seria?

— É um segredo entre mim e Lia.

— Pensei que eu fosse Lia.

— Pensei que não gostasse de ser chamada de Lia.

Ele passa os dedos pelo meu cabelo que seca rápido.

— Você ainda me obriga a fazer o papel dela.

— Você ainda acha que não é ela e isso não a torna

conhecedora dos nossos segredos.

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas decido não o fazer, porque não importa o que eu diga vai sair pela culatra.

O imbecil está tentando me apagar por completo para que eu me torne sua esposa. Se baixar a guarda, não vai sobrar nada de mim.

— Você vai me acompanhar a uma festa de aniversário daqui a alguns dias — ele anuncia do nada, desligando o secador e escovando meu cabelo.

— Festa de aniversário de quem?

— De Igor.

Estreito os olhos.

— Igor Petrov?

Ele assente.

— O que sabe sobre ele?

Faço uma pausa, me sentindo atacada de repente por um questionário. Tento me lembrar dos detalhes que li.

— Ele ocupa um cargo mais alto na irmandade. Não tão alto quanto você, mas sua posição é notável.

— E?

— E o quê?

— Sua família. Quantos membros tem?

— Eu... não me lembro.

Ele me olha pelo espelho.

— O quê? Há gente demais em sua organização e sou péssima com nomes. Tenho certeza de que ficarei bem quando os conhecer.

Ele passa a mão no meu cabelo e o puxa para trás, inclinando minha cabeça para olhar nos meus olhos.

— Você vai saber tudo sobre eles antes do aniversário. Não é permitido, sob nenhuma circunstância, cometer erros. Está claro?

— Ok, quero dizer, está. Está claro!

Caramba. Ele tem um jeito estranho de passar de gentil a severo em uma fração de segundo. É como se tivesse dupla personalidade ou algo do gênero.

— Oglá vai te fazer perguntas até ter certeza de que aprendeu tudo.

— Adorável — murmuro.

— O que foi isso, Lenchka?

— Nada.

Ele aperta meu cabelo com mais força, mas deixa o cabelo e o assunto de lado.

— Vamos dormir.

Adrian estende a mão, e quero recusá-la. Quero fingir que não existe, mas só resultaria em mais punição e quero muito dormir.

Como em todas as noites, tento ir para a beirada da cama, de costas para ele. Adrian não me impede, como de costume, mas me abraça por trás, com o joelho entre as minhas coxas e o queixo apoiado no meu ombro. Ele cheira a madeira e gel de banho. Limpo e forte, como tudo nele.

Sua mão passa por baixo do meu braço e envolve minha barriga. Às vezes, agarra meu seio e, distraído, provoca um mamilo até que fique sensível e dolorido.

Fico olhando para a luz suave da mesa de cabeceira, tentando apagar sua existência do ambiente, fingindo que sua pele não está cobrindo a minha.

Que não sou uma refém em meu próprio corpo.

Se eu, pelo menos, tivesse tomado um drinque, não estaria me sentindo tão vítima agora. Eu estaria anestesiando, tudo.

Quatorze dias sem álcool – além daquele leve gostinho que precedeu o primeiro e único beijo de Adrian.

Não acho que eu era tão alcoólatra assim se consegui passar duas semanas sem uma gota. Talvez tenha apenas me convencido de que era uma.

De certa forma, meus desejos desapareceram, mas meu anseio por aquele estado de espírito que o álcool me proporcionava é real e sempre presente.

Adrian traça uma linha invisível sobre o tecido em minha barriga e é hipnotizante – como seu toque. Adormeço quase de imediato.

Eu não deveria me sentir segura o bastante para adormecer no

abraço de um monstro como Adrian, mas é o que acontece.

Um pequeno som me faz abrir os olhos. Ainda estou dormindo de lado, com Adrian enrolado em mim.

Pisco os olhos para afastar o sono quando o som volta a soar. É quase como os passos de uma criança, mas são mais pesados do que os de Jeremy.

Algo se choca contra a maçaneta da porta. Ela gira, mas volta para o lugar por causa da fechadura.

Quem tentaria vir ao quarto principal à noite? Os guardas de Adrian não entram, com exceção de Kolya e Yan, às vezes, mas nunca à noite. Oglá também nunca nos incomoda a essa hora.

Todos os sons desaparecem e acho que estou imaginando coisas, mas a maçaneta está emperrada outra vez, fazendo um barulho mais forte.

Arquejo, me sentando na cama e puxando o lençol para o meu peito. Os braços de Adrian caem em volta de mim e eu sacudo seu ombro, hesitante no início, mas com mais urgência a cada segundo que passa.

— Adrian... acorde...

A maçaneta da porta continua girando e balançando com velocidade supersônica.

— Adrian! — sibilo, mas ele não se mexe.

A porta se abre e respiro fundo diante da visão.

O fantasma que vi na janela está parado na porta. Seu vestido branco liso cai até abaixo dos joelhos. Seu cabelo está amarrado para trás e seu rosto é pálido, mas, fora isso, é uma réplica de mim. Até mesmo seus olhos escuros e bochechas encovadas se parecem com os meus de quando vivia nas ruas.

— L-Lia...? — sussurro.

— Então, você sabe quem eu sou, e ainda assim ousa roubar meu marido como se fosse um direito dado por Deus.

Sacudo minha cabeça com força.

— Não... eu não fiz isso...

— Vagabunda destruidora de lares.

Sacudo a cabeça de novo.

— Eu não queria... Adrian...

Estendo a mão para acordá-lo, mas sou impedida por sua voz áspera.

— Não toque nele! Saia!

— Não posso...

Agora estou chorando, minha voz rouca com as tentativas de expressar em palavras que não queria isso. Nunca pensei em tomar seu lugar, seu nome ou seu marido.

Ela se aproxima de mim e cruzo as mãos na frente do rosto para protegê-lo. Mas ela não me alcança. Em vez disso, um som gorgolejante surge no silêncio.

Espio por entre os dedos e suspiro quando uma mancha de sangue explode na camisola de Lia, com algo afiado se projetando de seu abdômen – uma faca.

Um corpo largo está atrás dela, o mesmo que a esfaqueou, e acho que é um dos guardas, mas seu rosto está encoberto.

O pescoço de Lia se inclina em uma posição não natural, mas seus olhos permanecem em mim, me observando, me seguindo, me assustando pra caramba.

É como se Lia quisesse me arrastar com ela para qualquer lugar que esteja indo.

Bato com a palma da mão na boca para abafar um suspiro, mas uma coisa dura de metal bate em meus lábios.

Confusa, olho para minha mão e vejo meus dedos enrolados em uma arma.

Mas o quê...?

— Atire — sussurra a sombra atrás de Lia. Sua voz é monótona, quase robótica. — Você tem uma missão.

— Atirar em quem? — Não faço ideia por que essa pergunta me escapa, porque não importa. Não vou fazer isso.

— Eu matei essa vadia por você. Puxe. O. Gatilho.

Sacudo a cabeça com violência, mas então uma risada sinistra escapa da sombra. É longa e irrita meus nervos como unhas arranhando as paredes do meu cérebro.

— Pare com isso — sibilo.

— Você já tirou uma vida. O que significa mais uma?

— Não...

— Não consegue ver? Já está feito.

— O quê?

— Sua arma.

Olho para minha mão e vejo com horror minha arma apontar e meu dedo pressionar o gatilho.

Em cheio no peito de Adrian.

Ele nem se mexe à medida que uma mancha de sangue cobre seu ombro e peito, depois forma uma poça ao seu redor, encharcando os lençóis.

— Nãããão! — grito e meu mundo fica escuro.

Que barulho é esse?

Um som gorgolejante ecoa no ar como se alguém estivesse se engasgando com o próprio sangue.

Ou vômito.

Meus olhos se abrem. Fico em alerta imediato, meu coração batendo forte conforme a cena se materializa diante de mim.

Lia se debate em seu sono, seus pés chutam no ar e seu corpo pesa como uma pedra sendo jogada no fundo de um oceano.

As duas mãos estão fechadas com tanta força que há um corte na palma provocado pelas unhas e gotículas de sangue colorem de vermelho os lençóis brancos.

Mas não foi isso que me acordou. Foi o som.

O gorgolejo.

O engasgo com sua própria saliva.

Duas linhas de baba descem pelo queixo e pescoço, uma espuma se formando em sua boca.

— Lia!

Ela não mostra sinais de ter me ouvido e continua se debatendo, se contorcendo. Gorgolejando.

Enfio dois dedos em sua boca e a abro bem na tentativa de ajudá-la a respirar.

Ela não respira.

É como se estivesse bloqueando a própria traqueia com uma mordada imaginária.

— Lia! Acorde!

Coloco uma mão sob sua cabeça, levantando-a com cuidado. Ela arrasta os lençóis com a mão fechada, seu corpo ainda rígido como uma tábua.

Sua cabeça se move para os lados e depois rola tanto para trás que a posição teria quebrado seu pescoço se ela estivesse sozinha.

Apoio sua nuca e continuo a sondar sua boca aberta com a outra mão.

Seus lábios estão ficando azuis e seu rosto, avermelhado. Ela não está respirando e não o faz há pelo menos um minuto.

— Lia!

Eu a sacudo, mas sem resultado.

Ela está perdida em algum lugar que não consigo alcançar.

Em algum lugar onde possa se manter escondida de mim, trancada a sete chaves. Nada a fará sair.

Exceto, talvez...

— Winter — chamo com cautela, ao que ela inspira fundo, arfando e tossindo quando o ar atinge seus pulmões. Solto sua boca para que ela possa respirar direito.

Enquanto a observo inalar oxigênio nos pulmões, permitindo que a vida volte, eu deveria estar aliviado. E estou. Contudo, fios de arame farpado serpenteiam em volta do meu peito, perfurando minha pele, centímetro a centímetro.

Seus olhos se abrem devagar, mas o azul está vazio, como se não soubesse quem é ou onde está.

Prendo a respiração quando os segundos passam e ela permanece assim, presa em um transe.

— Lenchka?

Ela pisca uma, duas vezes, antes que seu olhar encontre o meu. A umidade se acumula em seus olhos e uma lágrima desliza por sua bochecha. Eu a enxugo com a ponta do polegar enquanto ela treme sem parar em meus braços.

Parecendo ter saído de seu transe, ela se levanta e se ajoelha na cama à minha frente. Sua expressão agora é frenética, pois agarra meu bíceps, move a mão para cima e depois examina a lateral do meu corpo, o peito e até as costas.

Ela me toca em todos os lugares, sentindo, inspecionando, alheia ao tesão que senti no curto espaço de tempo em que me acariciou.

Estou com os testículos inchados desde que ela entrou no quarto, mas não posso transar com ela ainda. Não quando está tendo todos esses pesadelos e erguendo suas defesas.

— Você não foi baleado — ela diz em um sussurro.

— Pareço ter sido? — Tento manter minha voz calma, apesar de minha mandíbula estar cerrada, e não apenas por estar duro, mas por ela ter respondido a Winter e não a Lia.

— Não. Mas parecia tão real, tão visceral...

Ela apalpa minha bochecha e congela quando sente minha mandíbula se contrair sob seu aperto, então logo abaixa a mão.

— Outro pesadelo?

Ela acena com a cabeça uma vez.

Não é a primeira vez que tenho que acordá-la por causa de um pesadelo. Aconteceu duas vezes na semana passada, mas ela não abriu os olhos nem falou. Apenas voltou a dormir, então duvido que se lembre deles.

Mas eu me lembro.

Os sons gorgolejantes e sufocantes que faz são como meu inferno feito sob encomenda. Às vezes, ouço mesmo quando estou acordado e tenho que verificar as câmeras para ver se está acontecendo em tempo real.

— Lia estava lá — ela diz em voz baixa. — Ela queria me matar e então... então...

Toco seu braço com delicadeza.

— Não precisa falar a respeito.

Ela me encara com seus olhos enormes. Estão perdidos, como se não soubesse para quem está olhando e, de alguma forma, continuasse presa no pesadelo.

— Por que me trouxe aqui, Adrian? — ela murmura com a voz embargada.

— Você sabe.

— Porque me pareço com Lia?

Assinto com a cabeça.

— Eu não sou ela. E quanto mais me compara a ela, mais sinto que estou sendo apagada, esquecida. Não quero ser esquecida.

Eu a pego pelo braço e tento enfiá-la sob o lençol.

— Durma por enquanto.

— Não. — Ela solta o braço. — Eu não quero dormir.

— Então o que você quer?

— Winter. Pelo menos uma vez, me chame de Winter. *Por favor.*

Eu chamei e odiei. Odiei tanto que quero derramar alvejante na minha garganta.

— Não.

— Por favor... — Lágrimas escorrem pelo rosto. — Por favor, não me apague. Por favor, Adrian.

— Não me implore por algo assim. Você é Lia. Se acostume com isso.

Um soluço sai de sua garganta e seus lábios se contraem, um deles machucado e cortado pelo tanto que ela o morde.

É preciso curar isso antes que seja vista em público. Ela precisa sair dessa, mas sei que não será fácil fazê-la obedecer. Isto é, se é que é possível.

Dessa vez, ela não resiste quando a coloco sob as cobertas. Fecha os olhos de bom grado e sussurra:

— Gostaria de nunca ter te encontrado.

Meus lábios roçam em sua testa.

— Eu a encontrarei quantas vezes for preciso.

Três dias depois, vamos à festa.

Embora, a julgar pelo número de guardas armados, não chamaria isso de festa.

É a primeira vez que saio da casa de Adrian desde que cheguei e, ainda que pensasse que seria libertador, de certa forma é mais sufocante.

Parte disso se deve ao número de guardas que nos acompanham em um carro separado. Cinco, além de Kolya e Yan.

Em parte, porque Jeremy chorou quando contei que não leria uma história para ele dormir esta noite. Suas lágrimas abriram um buraco em meu peito que ainda não foi reparado.

Esta noite está errada em todos os níveis. Será que vou cometer um erro? Será que todos os avisos de Adrian e Ogla se tornarão realidade? Quero voltar para o quarto de Jeremy, beijar suas bochechas macias e fingir que o mundo inteiro só existe por causa dele.

Mas aqui estou eu, no meio de uma festa, comemorando o aniversário de um homem que nunca vi antes.

O *pakhan*, Sergei, decidiu comemorar o aniversário de Igor em sua mansão, o que parece ser uma grande honra. O complexo da irmandade é enorme, ainda maior do que a casa de Adrian, e tem um jardim que se estende por quilômetros. É cercado por muros altos e câmeras piscando em todos os cantos.

Parece mais assustador do que o lugar que deixei para trás, mais vazio, *maior*. O que é estranho, pois acho a casa de Adrian aterrorizante. Sempre que ando pelos corredores, sinto que as paredes escancaram a boca e gritam na minha cara – ou me arrastam para o nada. Sua alma é tão obscura quanto a de seu dono.

A casa de Sergei Sokolov é assustadora por causa de sua falta de familiaridade, do nervosismo que fica me perturbando, da pressão absoluta de, por algum motivo, cometer um erro. E se alguém descobrir que não sou Lia? E se eu colocar Adrian em perigo e fazer com que Jeremy perca o pai?

— Relaxe. — Adrian coloca a mão em volta da minha mão enluvada que agarra sua jaqueta. — Vai dar tudo certo.

Suas palavras acalmam de imediato minhas entranhas agitadas. Não sei o que há em sua voz que é calmante. Não deveria ser, considerando como ela é profunda, mas durante momentos insondáveis, parece que é a única âncora de que preciso.

— Tudo o que precisa fazer é ficar em silêncio. Todos estão acostumados com isso.

Sua mão cai da minha, e tenho vontade de agarrá-la e trazê-la de volta. Mesmo através da luva, seu toque ofereceu a quantidade certa de conforto que eu precisava.

Mas Adrian tem se dedicado a me privar do que preciso nos últimos dias. Desde a noite em que sonhei com Lia sendo morta por uma sombra desconhecida e eu atirando nele, ele tem se afastado de mim.

Ainda cuida de mim – passa pomada no meu lábio cortado, seca meu cabelo com secador, enrola um lenço no meu pescoço quando acha que está frio. Mas não me toca de forma sexual.

Não há punição.

Nenhum orgasmo.

Nada.

Até retruquei com ele durante o café da manhã, tanto que as sobrelhas de Oglá encontraram a linha do cabelo e ela acabou me mandando calar a boca.

Mas não calei. Continuei fazendo todas as coisas que sei que Adrian odeia. Já lhe disse “ok” mais vezes do que pensei que poderia, mas ele me ignorou. Uso regatas na frente de Yan, e ele apenas dispensa o guarda da casa.

Ainda me acaricia por trás todas as noites, mas seu toque parece mecânico e distante. Ele tem estado tão ausente que acho que talvez nunca consiga alcançá-lo. Isso deveria me alegrar.

Final de contas, quero que me deixe em paz. Mas será que quero mesmo?

A resposta é não.

Desde que se afastou, fiquei perplexa com o quanto me acostumei com ele, com suas punições. Com sua... proximidade.

Ele arrancou tudo como se nunca tivesse existido e quero exigir

que me diga por quê. Quero bater o pé e fazer isso parar.

É mais cruel do que se nunca mais tivesse colocado suas mãos em mim.

O toque de agora é a primeira vez que o sinto perto de mim em três dias, e quero lutar com unhas e dentes para mantê-lo.

Eu o observo com discrição, absorvendo o máximo possível de sua aparência. Está usando um smoking preto feito sob medida. Faz com que pareça mais alto – o que não deveria ser possível com sua altura –, mais sisudo e mais parecido com um executivo. Seu cabelo está penteado para trás e sua barba espessa contribui para sua imponência. A roupa esconde suas tatuagens, dando-lhe uma imagem de cavalheiro, como alguém que se vê na capa da Forbes.

Escolhi um vestido para combinar com ele. Não faço ideia por que fiz isso, mas achei que ficaríamos bem juntos se eu usasse um vestido preto. É um daqueles justos nos seios e na cintura, mas que cai solto até o chão, com a cauda me seguindo a cada movimento. Prendi o cabelo em um coque elegante e coloquei brincos pendentes.

Eles combinam com a pequena bolsa em minha mão, que contém meu telefone. Completei o visual com elegantes luvas brancas do armário de Lia e o par de saltos mais alto que encontrei. Dói, mas não queria que minha altura me deixasse com complexo de inferioridade.

A reunião está a todo vapor. Homens e mulheres estão vestidos para a ocasião e conversando com animação entre si. A música clássica toca ao fundo e, de alguma forma, o som me transmite um pouco de serenidade, uma promessa de que tudo vai ficar bem.

Adrian me leva até onde três homens idosos estão sentados em uma área de estar. Parecem estar em uma liga própria mesmo antes de nos aproximarmos deles. Homens altos e corpulentos, como Kolya, ficam atrás de suas cadeiras como estátuas, e sei que não hesitarão em usar as armas escondidas sob seus paletós.

Não é surpresa que estejam separados do resto da multidão. O que está no meio é o próprio *pakhan*, Sergei. À sua direita está o homem do momento, Igor Petrov. O da esquerda é Mikhail Kozlov. Os três têm o dobro da minha idade e são os pilares da máfia russa em Nova Iorque, além do pai de Adrian e do irmão de Sergei, que já morreram.

Para ocupar minha mente nos últimos dias, passei todo o meu tempo no documento sobre a irmandade e a rede de outros anéis do crime organizado relacionados a ela.

Até Oglá ficou impressionada com o quanto aprendi, e isso já é demais.

— Adrian. — Sergei faz um gesto para ele, falando com um sotaque russo pronunciado. — Venha. Venha.

Adrian pega sua mão, beija-a e a coloca em sua testa. Eu faço o mesmo porque é o que se espera quando se está na presença do líder de uma organização assustadora.

— Lia. — Os olhos de Sergei me examinam como se verificando se algo está faltando. — Sua aparência é boa para alguém que não estava bem.

— Obrigada — falo com um sorriso. — Eu não poderia perder o aniversário de Igor.

— Muito agradecido — Igor diz com um sotaque russo semelhante, em um tom nada acolhedor.

— Feliz aniversário. Eu lhe trouxe algo, embora não seja muito.
Ele levanta uma sobrancelha.

— Já recebi o presente de Adrian.

Os olhos de Adrian se encontram com os meus por um breve segundo. Pois é. Não contei a ele do meu presente para Igor. Será que estou passando dos limites? E se for um insulto para ele? Mas, se eu voltar atrás agora, vai parecer ainda mais suspeito.

— É um presente à parte.

— À parte? — É Mikhail quem pergunta, puxando as palavras, e de imediato não gosto dele. — Desde quando sua esposa traz presentes à parte, Adrian?

Meu pseudomarido permanece em silêncio, por isso falo com calma, quase como se não estivesse intimidada pelo que acabou de acontecer.

— Achei que, como Igor comeria muito bolo açucarado hoje, eu deveria acrescentar mais um bolo especial de aniversário.

— Na idade dele, isso é demais — Sergei diz.

— Ele tem razão — Igor concorda a contragosto. — Minha esposa não aprovaria tanto açúcar.

— É isso que torna o meu especial. Ele tem um tipo de açúcar que não prejudica sua saúde. Experimente. — Eu sorrio. — Se não gostar, eu o compensarei.

Igor acena com a cabeça, mas as rugas não diminuem ao redor de seus olhos. Parece que quer me estrangular, como se eu o tivesse ofendido em uma vida anterior.

— Nossa, Adrian. Eu não sabia que Lia sabia cozinhar. Ela está sempre muito indisposta; achei que já seria um cadáver. — Mikhail toma um gole de uma bebida incolor, me observando com desconfiança.

Que merda.

Não sei por que sinto que um deles vai tirar uma máscara da minha cabeça e me expor por ser uma farsa.

— Ela está melhor — Adrian diz em seu tom calmo habitual.

— É óbvio. É um prazer tê-la conosco. — Sergei me observa de uma forma enervante. Ainda bem que estou usando luvas, porque minhas mãos estão tão suadas que brilhariam sob a luz.

— O prazer é todo meu, *pakhan*. — Não sei como consigo falar em um tom seminormal.

Sergei aponta para uma cadeira vazia ao lado de Igor.

— Sente-se, Adrian.

Não deixo de notar que ele só menciona o nome de Adrian. Meu falso marido hesita por um instante antes de me soltar e se dirigir à cadeira que o chefe lhe designou. Sei o que isso significa: preciso ir embora. Mas não quero ir. Para onde irei no meio de todas essas pessoas que não conheço?

No entanto, forço minha cabeça a se mover em um pequeno aceno de cabeça quando me viro e saio. Quero pensar que Adrian está me protegendo, que Kolya e Yan estão em algum lugar aqui e virão me ajudar, mas minhas pernas tremem conforme me dirijo à varanda mais próxima. Preciso de ar fresco e voltar para casa, para Jeremy. Ficarei feliz até mesmo com o abraço distante de Adrian esta noite.

— Lia!

Meus pés se detêm diante da voz feminina que chama meu nome. Quero fingir que não a ouvi, mas quando chama de novo, sou forçada a me virar.

Uma linda loira com maquiagem impecável acena para que eu me junte ao seu círculo. Rai Sokolov.

A sobrinha-neta de Sergei e a única mulher que pode rivalizar com os homens na irmandade. Ela está ao lado de Damien Orlov e

Kirill Morozov. Ambos são líderes. Outro homem, Aleksander, o guarda mais próximo de Kirill, que ocupa uma posição semelhante à de Kolya, está com eles, mas um passo atrás.

Eu me dirijo ao círculo com passos hesitantes até estar a alguns metros de distância. É quando percebo a barriga de bebê de Rai sob seu vestido azul-royal.

Ela beija minhas bochechas e eu retribuo o gesto.

— Como tem passado, Lia? Faz muito tempo que não a vejo.

— Estou bem, obrigada.

— Ela parece uma lua. — Damien inclina a cabeça para o lado, me observando com atenção. — Me diga a verdade. Adrian está engordando você para oferecê-la como sacrifício aos ancestrais demoníacos dele?

Separo meus lábios para falar e depois os fecho, sem saber se é uma piada ou como responder. Damien é bonito, alto, corpulento e tem um olhar furioso, mas está marcado no documento como imprudente e imprevisível.

— Cale a boca, Damien — Rai o repreende.

— Estou mesmo curioso. — Ele se inclina, observando-me como se eu fosse um manequim em uma loja. — Por que a está escondendo como se você fosse uma versão maluca da Bela Adormecida? Ele faz rituais satânicos que eu precise conhecer?

— Talvez seja ela quem faz os rituais — Kirill diz em voz lenta, reajustando seus óculos de armação preta. Ao contrário dos homens mais velhos, esses dois quase não têm sotaque.

Kirill parece um contador, todo engravatado e com óculos, mas o documento mencionava algumas coisas sobre seu passado suspeito e que ele não pararia por nada para cumprir seus planos.

— O que isso quer dizer? — pergunto com o queixo erguido.

— Não sei, sra. Volkov. Por que não me diz?

— Por que não cai fora? — Rai diz, categórica. — Só quero Sasha por perto, não você.

— *Aleksander* — Kirill enfatiza — é meu guarda, Rai. Nós somos um grupo. Se acostume com isso.

— Tenho certeza de que a única razão pela qual ele está com você é por ter algo contra a cabeça dele.

Rai dá um tapinha na mão de Aleksander.

— Não se preocupe, Sasha. Vou te salvar desse demônio.

Sasha – *Aleksander* –, um guarda que é ainda mais bonito que Yan, abaixa a cabeça, pigarreando sem jeito.

— Que tal eu, Rai? — Damien pega a mão livre dela e a beija. — Quando vai me salvar? Tudo o que precisa fazer é se divorciar de Kyle e então poderemos cavalgar em direção ao pôr do sol... ou ao campo de batalha. Dá na mesma.

Ela afasta a mão dele num gesto rápido.

— Só Kyle pode me tocar. Faça isso de novo e dou um chute em suas bolas.

Eu esperava que Damien ficasse ofendido, mas ele sorri.

— Perversida. Gosto disso.

— Por falar em perversão. — Kirill volta a me encarar. Ele não parou de me observar desde que me juntei a eles. — Adrian aprendeu algo novo nesses dias?

— Ele te mata se souber que está falando com a esposa dele sobre perversão. — Damien aperta o ombro de Kirill. — Descanse em pedaços, filho da puta.

Rai abre a boca, talvez para me defender. Ela está acostumada a fazer isso? Lia era um capacho que deixava qualquer um passar por cima dela?

Mas eu não sou Lia. Sou Winter.

Levantando o queixo, encaro Kirill.

— Essa pergunta é de mau gosto, Kirill. Você não me vê perguntando dos seus assuntos particulares, porque não é da minha conta. Acredito que as coisas que meu marido e eu fazemos na privacidade de nossa casa também não te dizem respeito.

Minha resposta tem o efeito oposto do pretendido. Kirill sorri como se estivesse sabendo de algo.

— Quem é você e o que fez com a muda da Lia? — Damien me observa com interesse. — Você nunca se pronunciou quando a cutucamos.

— Foi por respeito, mas se você não me mostra nenhum, por que eu deveria?

— Essa é a minha garota. — Rai entrelaça o braço no meu. —

Vamos, vamos deixar esses idiotas... com exceção de Sasha.

Eu a sigo com prazer, mas sinto o olhar de Kirill em mim, mesmo depois de desaparecermos em uma varanda tranquila. Solto um suspiro na brisa e Rai sorri.

— Você se saiu muito bem. Estou orgulhosa de você, Lia.

— Obrigada. — Tento não me sentir inferior agora que somos só nós duas. Não se trata apenas de sua aparência espetacular ou de sua altura, *pessoas altas são péssimas*, mas também de seu caráter. Sei que Adrian a considera um membro digno da irmandade, ou não a teria incluído nas primeiras páginas daquele documento.

Talvez alguém como ela, forte e destemida, seja quem Adrian precisa ao seu lado.

Rai se inclina, observando o ambiente ao redor antes de sussurrar:

— Você não me contou o que aconteceu. Eu estava preocupada.

— O-o quê? — Eu a encaro com os lábios entreabertos.

— Você me pediu para ajudá-la a fugir e depois fiquei sabendo que voltou para o lado de Adrian como se nada tivesse acontecido. Imagina como fiquei confusa?

Espera. O quê?

Lia pediu a Rai que a ajudasse a escapar de Adrian? Quando foi isso?

Mas não posso fazer essas perguntas, pois me denunciaria como uma fraude.

Pigarreio.

— Não consegui escapar dele.

— Mas você estava tão empenhada nisso.

— Jeremy — desabafo. — Não posso deixar Jeremy.

— Entendo, mas poderia pelo menos ter ligado ou me deixado uma dica. — Sua voz baixa mais um pouco. — Adrian está no meu pescoço. Ele suspeita que eu tenha algo a ver com sua tentativa de fuga. Já te disse que não o quero como inimigo, Lia. Que a ajudei porque você estava à beira de um colapso.

Lia estava à beira de um colapso quando quis deixar Adrian. Rai a ajudou, mas ela... o quê? Morreu?

— Sinto muito — sussurro.

— Apenas me diga se Adrian viu Ruslan naquele dia.

Ruslan é o guarda sênior dela. É ele que está na entrada da varanda para afastar qualquer pessoa, presumo. É a primeira vez que vejo seu rosto, além da foto no documento.

Ele deve ter ajudado Lia a fugir em nome de Rai, mas não tenho a menor ideia se Adrian o viu.

— Não me lembro bem — digo de forma vaga.

Rai me agarra pelo ombro.

— Pense, Lia. Quando Adrian a perseguiu naquela noite, você escapou de Ruslan. Mas será que Adrian o viu?

— Não, acho que não.

Estou falando apenas por lógica, porque se Ruslan ajudou Lia a escapar e Adrian o viu, ele já estaria morto.

Adrian pode ser calmo, mas é letal. Ele não perdoaria ninguém que tentasse levar sua preciosa Lia. Até mesmo Rai estará em perigo se ele descobrir o envolvimento dela.

— Isso é bom.

Ela solta um suspiro.

— Sinto muito por tê-la envolvido nisso.

Não deveria estar me desculhando em nome de Lia, mas ela era uma mulher egoísta. Não apenas deixou seu filho para trás, mas também envolveu outras pessoas, sabendo muito bem que Adrian as erradicaria.

Por que será que ela tentou fugir dele? Não pode ter sido por se sentir invisível como eu.

Por alguma razão, o fato de saber que o casamento deles não era tão sólido quanto eu pensava me relaxa um pouco.

Sou uma pessoa horrível.

Mas nem mesmo esse pequeno relaxamento dura. Não importa que ela tenha tentado fugir. Adrian ainda se preocupa com ela. Ele ainda gosta de mim porque acha que sou ela.

— Vamos voltar para dentro. — Rai sorri. — Sergei vai nos chamar para jantar a qualquer segundo.

— Tudo bem.

Estou prestes a sair quando sinto olhos me observando. Faço uma pausa na varanda e espio lá embaixo. Há alguns guardas estacionados do lado de fora. Um deles é o motorista de Adrian, que está fumando um cigarro e conversando animado com outro guarda, com certeza em russo. Na casa, todos falam em russo. Até mesmo Adrian se dirige a eles em russo, a menos que eu esteja por perto. É quando ele muda para o inglês. Jeremy também conhece algumas expressões, mas acho que ainda tem dificuldade em conciliar os dois idiomas.

Estou prestes a atribuir a sensação que acabei de sentir à paranoia, mas minha pele se arrepia outra vez. O sentimento é tão forte que me faz estremecer.

Procuro os homens que estão lá embaixo por mais alguns segundos, depois meus olhos percorrem os veículos estacionados à distância. É quando eu vejo. Uma sombra se esgueirando sorrateira entre os carros. Apenas suas costas são visíveis quando desaparece em meio à área de estacionamento.

Igual à sombra de meu pesadelo mais recente.

Minhas pernas tremem e minha respiração se intensifica até que eu esteja ciente de cada inspiração e expiração.

É paranoia. Apenas paranoia.

O pesadelo não passou disso. Um pesadelo. Não é possível que uma sombra do meu subconsciente saltasse para a vida real. Deve ter sido um dos guardas fazendo sua ronda.

Meu celular vibra na minha pequena bolsa e eu dou um pulo, com os nervos à flor da pele.

Só Adrian me manda mensagens por esse celular. A menos que seja Oglá. Pedi a ela que me ligasse se algo acontecesse com Jeremy.

Pego o celular tão rápido que quase o deixo cair.

Não é Oglá.

Uma mensagem de texto de um número desconhecido ilumina a tela. Clico nela, o pavor de alguns segundos atrás me agarrando pela garganta.

Minha bolsa cai no chão quando leio o texto.

Número desconhecido: Você tem uma missão. Aperte o maldito gatilho.

Lia não tem sido ela mesma desde que nos sentamos para jantar.

Seu corpo está rígido e, de vez em quando, um estremecimento a atinge e ela deixa cair o garfo. Depois, torna a pegá-lo e o arrasta pela comida. Suas mãos estão se movendo, mas nunca leva nada à boca. Desde que veio das ruas, as refeições são sagradas para ela.

Não esta.

Sabia que trazê-la aqui não seria isento de problemas. Quando a vi conversando com Damien e Kirill mais cedo, fantasiei sobre as milhões de maneiras pelas quais eu queria cortar a garganta desses dois filhos da puta, mas me conformei em bater os dedos na minha coxa para não mostrar desrespeito a Sergei. Ou pior, dar-lhe um incentivo para atacar.

Ele tem se concentrado em mim mais do que o normal esta noite, e a última coisa que quero é confirmar o que está passando pela sua cabeça.

Vladimir, que agora está sentado à minha frente, não me dirigiu a palavra durante toda a noite. Ele é enorme, corpulento e tem uma barba que lhe dá uma aparência assustadora para o mundo exterior. Ele só fala mais do que o necessário quando Rai está à vista. Jurou protegê-la e preservar o sobrenome Sokolov desde muito jovem. Essa é sua força motriz, o que significa que ele não se preocupa com outros assuntos.

Embora eu não tenha descoberto o que pensa de mim, sei que sua lealdade é profunda em relação a Sergei por causa de seu sobrenome. Se o *pakhan* der uma ordem para me eliminar, Vladimir será o primeiro a fazer isso acontecer.

Na mesa de jantar, há uma conversa descontraída da qual ele não participa e apenas acena com a cabeça quando Rai lhe sussurra algo. Kyle logo rouba a atenção dela porque não gosta de vê-la falando com ninguém além dele.

Lia solta um pequeno suspiro e, embora eu tenha como missão não olhar para ela em público, fico tentado a dar uma espiada. Seria uma ruptura em meu padrão, algo que Vladimir, Rai e, sobretudo, o desgraçado do Kirill perceberiam.

Minha alta vigilância por causa desta noite está me transformando em um idiota paranoico, como Mikhail.

Nos seis anos em que estou casado com Lia, sempre a tratei como uma estranha em público. Todos na irmandade acham que ela não significa nada para mim e que a única razão pela qual tenho uma mulher com cara de boneca doente ao meu lado é por causa de uma gravidez não planejada.

Sergei não hesitou em sugerir que eu deveria deixá-la – mesmo na cara dela. É por isso que aproveitei todas as chances que tive para não a trazer para cá. Sergei e os outros anciãos, Igor e Mikhail, nunca aprovaram suas origens desconhecidas ou seu status de “ninguém”. Eles preferiam que eu me casasse com a filha de Igor e procriasse para produzir uma linhagem russa “pura”.

A agressividade deles em relação a ela é tangível, por isso não quis lhes dar motivos mais tangíveis para agir contra ela. Ela não deve chamar a atenção deles para si mesma. *De forma alguma.*

Lia solta um segundo suspiro e eu me inclino, fingindo pegar um pedaço de pão enquanto sussurro:

— O que há de errado com você?

Ela se retrai, com a mão apertando o garfo ao olhar para mim com uma expressão carregada.

— Por que a pergunta?

— Você não está prestando atenção nem comendo.

— Não é n-nada.

— Lia — aviso em voz baixa.

— É Jeremy — ela desabafa. — Estou preocupada com ele.

Não acredito nela, não porque Lia não esteja preocupada com Jeremy, mas seu tom sugere que é só uma desculpa.

Ela toca com discrição a lateral do meu paletó, suas unhas cravando de leve, quase hesitantes, no tecido.

— Podemos ir para casa?

Não deixo de notar como ela chama minha propriedade de “casa” ou como sua voz treme com a palavra.

Ela deve considerá-la como tal por causa de Jeremy, mas ainda assim paro por um momento para deixar a palavra penetrar em mim ao fitá-la. Seu desespero e a forma como está respirando pesado. Sem

dúvida, há algo errado com ela, e vou descobrir, mas só depois.

Balançando a cabeça uma vez, digo:

— Tenho que participar de uma reunião de negócios.

Lia solta meu paletó e volta a se concentrar na comida, enfiando uma garfada na boca. Eu me forço a desviar o olhar, pois ela teve minha atenção mais do que posso demonstrar.

Percebo o sorriso de Kirill em minha visão periférica. Sentado à minha esquerda, ele lambe o garfo e tem um sorriso astuto. *Filho da puta.*

Durante o resto do jantar, não olho mais na direção dela, nem mesmo quando a vejo me olhando de relance, implorando com os olhos que eu a pegue e vá embora.

Não há nada que eu queira fazer mais do que isso, mas Sergei convocou uma reunião para depois do jantar. Não apenas para os membros de elite da irmandade, mas também pediu que os chefes das outras organizações criminosas se juntassem a nós. Como uma demonstração de respeito à posição de Igor, ele convidou Lazlo, o Don da família Luciano, e seu subchefe. Há também Kai, o segundo comandante da filial da Yakuza em Nova Iorque, e seu líder, Abe, um idoso que tem o temperamento de uma montanha silenciosa. No entanto, ele tem incomodado Damien durante todo o jantar, algo pelo qual nosso próprio touro negro está prestes a despedaçar a mesa. Ele não tem a menor paciência quando se trata de usar métodos diplomáticos.

Outros membros das Tríades também estão sentados à mesa de Sergei. Preciso estar na reunião desta noite. O que significa que terei de deixar Lia mais uma vez. Dadas as circunstâncias, essa é a última coisa que quero, mas pelo menos Kirill e Damien estarão lá comigo e não precisarei me preocupar com eles.

Yan recebeu ordens claras para vigiá-la de longe.

Assim que o jantar termina, todos se levantam. Quando Lia se levanta e começa a me seguir, eu digo, sem me virar para ela:

— Fique aqui.

Se eu a vir, se ficar preso em suas feições suaves e em seus tristes olhos azuis, serei tentado a tocá-la. Não ajuda o fato de eu não a ter satisfeito nos últimos dias para que ela não corte mais o lábio.

— Adrian... — ela murmura.

— O que foi? — digo ríspido, ainda sem olhar para ela, porque

agora Sergei e Kirill estão ali me observando em vez de irem para a reunião.

— Quero te contar uma coisa.

— Não agora.

— Mas...

— Agora não, Lia. — Meu tom é baixo e firme, sem espaço para negociação.

Eu não a vejo, mas posso senti-la rígida atrás de mim.

Quando faço um movimento para sair, Kirill e Sergei enfim se viram e sobem as escadas para seu escritório, onde a reunião será realizada.

Eu os sigo, mas paro na base da escada para dar uma olhada em Lia e me certificar de que ela está bem à vista de Yan. Rai está de braços dados com ela, conduzindo-a para uma seção do bufê. Não quero aquela mulher perto de Lia, mas, ao mesmo tempo, não posso interferir e me fazer notar.

Yan está cerca de três metros atrás de mim e acena com a cabeça quando o vejo. Embora tenha sido um pé no saco esses dias, pelo menos posso confiar que a manterá segura.

Kolya para ao meu lado e sussurra em meu ouvido em russo:

— Lazlo está chegando, senhor.

— Vá na minha frente.

Meu guarda obedece e sincronizo meus passos para que Lazlo e eu sejamos os últimos a subir as escadas. O guarda e o subchefe dele estão um passo à nossa frente, depois de receberem a mensagem de Kolya. Planejamos isso de forma estratégica para que nossa conversa pudesse ocorrer nas escadas sem que ninguém suspeitasse de nós.

Lazlo Luciano tem mais ou menos a mesma idade de Sergei, mas não é tão doente. Seu cabelo é todo branco e ele tem uma cicatriz na bochecha de quando alguém quis esculpir seu rosto com uma faca. Ninguém sabe o destino dessa pessoa ou por que ela fez isso, mas há um boato de que Lazlo a deixou ir. Um boato que significou fraqueza, e os italianos fizeram tudo o que puderam para provar que ele estava errado.

— Faz tempo que não nos vemos, Adrian — ele fala com um sotaque italiano.

— De fato — contraponho com um russo, para destacar minhas

raízes.

— Meus clubes e minha casa são inferiores a você agora?

— Claro que não, Don. Tenho estado ocupado.

— Ocupado. — Ele levanta uma sobrancelha. — Ocupado com o quê, Volkov?

— Assuntos da Bratva.

— Isso não o impediu de me fazer uma visita antes. — Ele me dá uma olhada desviada. — Estamos perdendo a confiança um no outro?

— Não, mas talvez eu esteja perdendo a confiança de Sergei.

Ele faz uma pausa, avaliando a gravidade da afirmação.

— Como assim?

— Você já sabe, Don. A morte de Richard Green serve a você, não à irmandade.

— Sim, sim. Mas podemos fazer isso funcionar, não? A bola não precisa estar sempre no seu campo, Adrian.

— Se você não passar, não terá mais um aliado em mim, Don.

— Está me ameaçando, Volkov?

— Estou expondo os fatos para que possa escolher com sabedoria. Se não nos der uma parte do seu novo candidato, Sergei vai suspeitar que estou traindo a irmandade. Isso significa minha morte.

— Ele não o mataria por algo assim.

— Mataria sim. Ele já está procurando um substituto para mim. O filho mais velho de Igor, Alexei, é o principal favorito.

Na verdade, ele não está, mas é um incentivo para convencer Lazlo da seriedade da situação. Igor não gosta de Lazlo por causa de um antigo rancor, e Alexei segue os passos do pai. Se Lazlo perder seu aliado mais forte dentro da irmandade – eu –, não terá ninguém a quem recorrer.

Ele está se preparando para um novo empreendimento com um dos cartéis mais famosos da Colômbia. A última coisa que precisa é de um relacionamento tenso conosco ou de uma guerra interna. Para isso, uso todos os fatos que conheço sobre ele e seus planos de negócios a meu favor.

— Está esperando que eu compartilhe meu bolo, Volkov?

Trabalhamos tanto para expandir nosso alcance e agora está me dizendo que preciso abrir mão disso?

— Não é abrir mão, mas usar com prudência. — Recuo quando Damien sobe as escadas atrás de nós, acompanhado pelos japoneses.

Ele não presta atenção a essas coisas, mas Kai presta. Seus olhos escuros passam por mim e pelo pequeno encontro que acabei de ter com Lazlo antes de acenar com a cabeça em sinal de respeito.

De certa forma, ele também é aliado de Rai e, só por isso, não confio nele. Sergei, Rai, Vladimir e Kyle são todos farinha do mesmo saco. Caso se dediquem a me destruir, o impacto será maior do que o previsto.

Se fosse em outro momento, eu teria enfrentado todos e dado uma lição em cada um deles. Teria usado meu sistema para destruí-los antes que pudessem me tocar.

No entanto, não se trata mais apenas de mim.

A reunião transcorre bem em sua maior parte. O motivo por trás dela é apenas o fortalecimento dos aliados da irmandade com a família Luciano, a Yakuza e as Tríades. É a mesma conversa deslavada que Mikhail, Sergei e Igor conduzem. Kirill também fala, porque gosta de parecer um bom aliado. Damien passa a maior parte do tempo fumando e afastando as investidas de Abe para lhe servir uma bebida. Vladimir está me observando. Ele está sendo discreto, mas minha mãe me ensinou a saber quando alguém é uma ameaça, mesmo quando não a vejo.

Fico em silêncio, como sempre, a menos que Sergei peça minha opinião. Esta noite, sua intenção é me provocar. Eu os teria ignorado em qualquer outra ocasião, mas minha inquietação sobre esta noite está mais uma vez se enchendo de paranoia. Um sentimento que costumo esmagar antes que se instale.

— Adrian tem as melhores relações com os italianos — Sergei afirma. — Como foi que isso aconteceu?

Ele sabe, mas quer que eu diga.

— Ajudei o Don uma vez.

— Que tipo de ajuda? — Desta vez, é Vladimir quem pergunta.

— Ele salvou minha vida — Lazlo diz com orgulho. — Na noite de um ataque ao meu clube, fui atacado pelos malditos Rozetti e quase morri, mas Adrian, que estava lá por acaso, me salvou.

— Por acaso. — Os olhos de Vladimir se voltam para mim. —

Mas você não acredita em coincidências, não é, Volkov?

— Coincidências acontecem. — Kirill balança as mãos com desdém. — Se não fosse por coincidência, eu não teria nascido.

— Vou brindar a isso. À existência acidental de Kirill. — Damien ergue seu copo e todos os outros o seguem.

O assunto muda de mim para outros tópicos relacionados a crimes que em geral incluem drogas, remessas e alfândega.

Kirill me dá um olhar que diz “de nada”, mas o ignoro.

Quando a reunião termina, estou mais do que pronto para pegar Lia e ir para casa. No caminho para a saída, Vladimir se põe ao meu lado e sussurra em russo para que só eu possa ouvir:

— Sei que você teve envolvimento com a morte de Richard.

— Provas? — Permaneço calmo.

— Eu as encontrarei e, quando isso acontecer, você contará seus dias, Adrian. Acabarei com sua vida com minhas próprias mãos.

— Boa sorte, Vladimir. Falo sério.

E com isso, Kolya e eu descemos as escadas.

— Você viu Yan? — pergunto.

— Acabei de dizer a ele para levar a sra. Volkov até o carro. Chegarão lá antes de nós.

Acelero meus passos até chegar ao estacionamento. Kolya hesita atrás de mim, olhando para seu telefone.

— O que está acontecendo?

Sua sobranceira se franze.

— O carro está se movendo.

— Como assim, está se movendo? — Olho para o GPS em seu telefone e, com certeza, nosso carro principal já saiu da mansão.

Pego meu celular e ligo para Yan. O toque do outro lado da linha é o mais longo e excruciante que já ouvi.

Quando a ligação é atendida, há ruídos e respiração ofegante, mas não é a voz de Yan que me recebe. É a de Lia, suave e em um pequeno sussurro.

— Yan! Yan, abra os olhos!

Eu não falo, porque acho que ela não está sozinha. Não quero

denunciá-la por estar falando comigo.

— Yan! — ela grita. — Adrian e Kolya estão chegando. Eles vão ajudar.

— Cale a boca, vadia — uma voz diz ao fundo e então ela grita.

A linha fica muda.

Aperto o aparelho com força, minha mandíbula se contraindo a ponto de quebrar.

— O que aconteceu? — Kolya pergunta em um tom inseguro.

— Lia foi sequestrada.

Tudo aconteceu muito rápido.

Em um segundo, Yan estava me levando para dentro do carro e, no outro, foi baleado. Foi silencioso, repentino, e eu não teria percebido se ele não tivesse recuado, colidindo comigo.

O sangue cobriu seu ombro, mas ele ainda tentou me empurrar para longe.

No entanto, era tarde demais.

Enquanto me preocupava em tentar estancar o sangramento em seu ombro, mãos implacáveis me puxaram para dentro do carro enquanto ele acelerava.

Yan se agarrou a mim com todas as suas forças. Eles o atingiram de novo no mesmo ombro. Coloquei meu peito junto ao dele para que não pudessem matá-lo e usei toda a minha energia para puxá-lo para dentro comigo.

Posso dizer que não querem que eu morra ou teriam atirado em mim também, então usei meu corpo como escudo contra Yan. Está claro que não queriam que ele se juntasse a nós, e eu deveria tê-lo deixado cair do lado de fora do carro para que os outros o encontrassem e o ajudassem, mas não podia confiar que não o atropelariam na saída, só para se certificarem de que estivesse morto.

Meu corpo ainda está cobrindo o dele depois que um dos homens da frente interrompe minha conversa com Adrian. Espero que as pequenas informações que obtive com meu falso marido permitam que ele e seus homens nos encontrem logo. Não só porque tenho um pressentimento horrível sobre para onde estão nos levando, mas também porque Yan perdeu muito sangue. Minhas luvas brancas ficaram vermelhas de tanto pressionar os dois buracos em seu ombro, mas o sangue não para de sair.

Seus lábios estão pálidos e ele continua tentando me empurrar com sua mão boa, mas me recuso a me mover. Se o fizer, o homem da frente, que está segurando um rifle, não hesitará em matá-lo.

Não prestei atenção para onde estamos indo, mas as estradas são isoladas, silenciosas e escuras. Há dois homens na frente. O que está dirigindo usa uma jaqueta de couro, o cabelo escondido por um

chapéu e uma máscara preta que cobre tudo, menos a boca e o nariz. Ele é o mais calado, aquele que não falou desde que chegamos aqui. O outro está segurando um rifle como se fosse seu animal de estimação. Foi ele quem atirou em Yan, pelo menos a segunda vez, e interrompeu minha ligação com Adrian.

Eles não estão conversando, então não consigo determinar sua nacionalidade, mas Franco-Atirador falou com sotaque inglês há pouco.

Não faço ideia do que está acontecendo, mas tenho quase certeza de que tem a ver com Adrian. Será que estão me sequestrando para forçá-lo a fazer alguma coisa? Não acho que o motivo seja um resgate, ou já teriam feito suas exigências.

No documento, consta que Adrian foi alvo de muitas tentativas de assassinato. Devido à sua posição, ele sabe mais do que deveria e usa esse conhecimento para os benefícios da irmandade. Seja para tomar o poder, para ordenar um golpe ou para roubar contratos. Seu controle de informações críticas o tornou alvo de várias organizações criminosas e cartéis – incluindo os aliados clássicos da Bratva.

Oglá mencionou uma vez que ele trabalha em casa para sua própria segurança, e que o *pakhan* prefere isso porque mantém o bem mais valioso da irmandade, Adrian, longe do perigo.

— Me deixe ir — Yan geme.

Balanço a cabeça contra seu ombro. Estou montada em seu colo, com as duas mãos pressionando seu ferimento.

— Eles vão te matar.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Se não o fizerem, o chefe o fará.

Faço uma careta.

— Este não é o momento de pensar na possessividade estúpida de Adrian.

— Ele vai me matar por ter tocado em você.

— Você não está me tocando. Eu estou. — Olho para trás, para os homens silenciosos. — Quem são eles?

Yan balança a cabeça, e não tenho certeza se significa que não sabe ou que eu não deveria falar deles quando podem nos ouvir. Talvez as duas coisas.

Tudo o que sei é que são homens perigosos – inclusive

profissionais. Conseguiram passar despercebidos pela segurança reforçada da festa de hoje e até saírem sem serem notados. O carro tem vidros fumê, o que ajudou, mesmo assim. Yan e eu fomos pegos completamente desprevenidos.

— Por que está tão calma? — o guarda de Adrian me pergunta, com o suor escorrendo pelas têmporas.

Olho para minhas mãos firmes. Até minha respiração está calma. Não entrei em pânico, nem mesmo quando Yan foi baleado. Meu pensamento imediato foi tirá-lo são e salvo da situação. E continua sendo.

Mas desde que recebi aquela mensagem, tive a premonição de que algo ruim aconteceria.

Foi por isso que quase implorei para Adrian nos levar para casa.

— O pânico não vai nos ajudar em nada, Yan.

— Você é tão diferente. — Ele agarra minha mão com a que não está machucada e tenta me tirar de cima dele.

Eu a afasto o mais devagar possível.

— Pare de se preocupar com a reação de Adrian quando você está sangrando até a morte.

— Não é possível. Nós existimos para ele.

— Meu Deus. Isso é um senso de lealdade muito distorcido.

— Mas ele está tão cego... — Ele se detém, sua voz enfraquece.
— Esqueceu o que é importante...

Pressiono com mais força o ferimento e ele grunhe, franzindo os lábios para abafar um gemido de dor. Posso sentir minha força diminuindo e Yan ainda não para de sangrar.

Não demora muito para que perca a consciência. Ele tenta lutar contra isso, tenho que admitir. Continua tentando abrir as pálpebras quando chamo seu nome, mas logo fica inconsciente.

— Yan! Não desmaie. Pense no estúpido do seu chefe, em Kolya e em Jeremy. — Minha voz é urgente, quase histérica. Ele é o mais próximo de um amigo que tive desde que assumi o lugar de Lia.

Seus lábios secos se contraem, mas ele nem tenta abrir os olhos.

— Yan!

— Cale a boca, vadia! — Franco-Atirador se vira e me acerta no rosto com a ponta de seu rifle. A dor explode em minha têmpora e

sinto o gosto de metal em meus lábios.

A dor aguda enche meus olhos de lágrimas, mas não as derramo. Tampouco libero o corpo inerte e frio de Yan.

O carro para e me aproximo ainda mais de Yan. Se o abandonarem no meio do nada, ele não conseguirá sobreviver.

— É hora de lidar com essa vagabunda. — Franco-Atirador pega um cigarro. — Estou farto dessa voz irritante...

O cigarro cai de seus dedos quando o motorista lhe dá um tiro no meio dos olhos. Sua cabeça se inclina para o lado, o rosto contorcido de surpresa.

Arquejo, meu corpo inteiro rígido. Ele acabou de atirar em seu parceiro.

O motorista inclina a cabeça para baixo, e o chapéu preto esconde sua expressão. Sua mão, coberta por uma luva de couro preta, está apoiada no volante, e a outra, que segura a arma, está em seu colo. Sua postura é relaxada, despreocupada.

— Que cara mais barulhento — ele murmura em tom casual.

Entreabro os lábios quando a percepção se abate sobre mim. É a mesma voz do meu pesadelo.

O mesmo tom.

O mesmo teor.

Você tem uma missão. Aperte o maldito gatilho.

A sombra. A sombra está aqui.

— Faz tempo que não a vejo, Duquesa — ele diz sem se virar. — Sentiu minha falta?

Tento me mover para o lado para vê-lo, mas o chapéu e a máscara ainda camuflam seu rosto.

— Quem é você? — Minha voz é calma, mas cautelosa.

— Quem sou eu é uma maneira interessante de dizer isso. Quem é você, Duquesa? Qual é a sua missão?

— Não tenho nenhuma missão.

— Sim, você tem. — Ele gira a arma em sua mão, com o dedo indicador pressionando o gatilho. — Você sabe. Eu sei. Se não fizer acontecer, pagará o preço.

— Não sei do que está falando. — Meus lábios tremem quando

as palavras saem deles.

— Encontrar oportunidades para falar com você é entediante pra caramba, Duquesa. Pare de desperdiçar meu tempo e resolva isso. Logo verei como você está.

Ele sai do carro e, antes que eu possa respirar, abre a porta e me puxa para fora.

Eu me agarro a Yan e ambos caímos no chão. Está escuro do lado de fora. Tão escuro que mal consigo ver os contornos do rosto de Yan.

A sombra está na minha frente, mas não há como saber quem é. É alto, magro e cheira a... alvejante.

Alvejante... por que ele tem esse cheiro e por que é familiar?

— Não sou um homem paciente, Duquesa. Portanto, não teste meus limites.

E com isso, ele entra no carro. Os pneus guincham no cascalho e na sujeira antes de se distanciar.

Ele vai nos deixar aqui?

Não tenho nem meu celular para ligar para Adrian ou pelo menos usá-lo como lanterna.

Yan solta um gemido e apalpo à minha frente até encontrar algo quente. Sua mão. Graças a Deus é a mão e não outro membro.

— Yan! Abra os olhos.

Não há resposta e, quando toco seu ombro, posso sentir o sangue ainda escorrendo. Se não fizer nada, ele sem dúvida vai morrer.

Faço um esforço para colocá-lo de bruços, depois me agacho à sua frente, coloco seu braço bom em volta do meu pescoço e agarro a bainha de seu paletó com a outra mão.

De pé, tento carregá-lo. Ele é mais pesado, mais alto e mais corpulento do que eu, então essa missão é um fracasso épico desde o início. Mas não o largo, mesmo quando todo o seu peso cai sobre mim.

Eu não paro.

Tiro os saltos e ando descalça para melhorar meu equilíbrio. Seixos penetram na sola dos meus pés como pequenas agulhas. No início, sinto que minhas costas vão se partir em duas, mas depois de alguns passos, uma onda de adrenalina percorre meus membros.

Eu me lembro dos tempos em que passava as noites inteiras no estúdio, dançando e torturando meus pés. Pratiquei várias vezes para aperfeiçoar minha postura, minha técnica e meu desempenho. Se consegui sobreviver àquilo, posso sobreviver a isso. Porque de jeito nenhum eu deixaria Yan para trás. Ele levou aquelas balas por mim. E está morrendo por *minha* causa.

A noite está quieta e escura. Não há nem mesmo uma lua para me ajudar a me orientar. Um calafrio me cobre da cabeça aos pés e meus músculos gritam de dor.

Ando por tanto tempo que começo a perder a sensibilidade em meus pés. Preciso encontrar um lugar para pedir ajuda, e preciso encontrá-lo logo.

Meus dedos tocam uma superfície sólida e sorrio, mesmo quando me esforço para mantê-lo de pé.

— Encontrei uma estrada, Yan. Vamos encontrar um lugar seguro.

Ele não emite qualquer som. Seu pulso sob meus dedos está ficando mais fraco, seu corpo mais pesado.

— Vamos lá. Fique comigo, Yan.

Faróis brilham à distância e tento chegar à estrada. Paro no meio do caminho, recuando quando o carro passa em alta velocidade por nós. Que droga. Foi por pouco. Se eu estivesse na estrada, teríamos sido atingidos.

O carro para logo adiante, com as luzes vermelhas brilhando, antes de dar ré a toda velocidade, parando bem à nossa frente.

Quase choro de alegria quando a porta do passageiro se abre e Adrian sai correndo. Fico olhando para suas feições tensas e sua arma sacada. Ele parece um comandante de guerra pronto para começar uma batalha – e vencê-la.

E nos encontrou.

Não faço ideia de como conseguiu tão rápido, mas estou grata por sua presença. Ele me agarra pelos ombros.

— Você está bem?

Faço um leve aceno com a cabeça e, em seguida, aponto para Yan.

— Ele foi baleado. Duas vezes. Ajude ele.

As palavras não saem por completo antes que Kolya tire Yan de

mim e o carregue. No entanto, não me sinto aliviada com a ausência de seu peso. Na verdade, meus dedos tremem com os pensamentos pessimistas. Pelo menos quando estava apoiado em minhas costas, podia sentir seus batimentos cardíacos, por mais baixos que fossem, e dizer a mim mesma que ainda estava vivo. Agora, parece que está mais perto da morte do que da vida.

Um segundo carro estaciona logo atrás e Kolya coloca Yan com cuidado dentro dele.

— Lia.

— O quê? — respondo distraída, ainda observando o corpo sem vida de Yan.

— Lia!

— O que foi? — grito para Adrian.

Ele está enxugando meus olhos. Sinto o gosto de sal e é aí que percebo que estou chorando. Não faço ideia de quanto tempo, mas já faz tempo suficiente para que eu esteja fungando e tremendo.

Adrian examina minhas mãos, meu vestido e meu casaco.

— Não é meu. É do Yan — digo para explicar o sangue.

O polegar de Adrian passa sob minha bochecha e estremeço quando ele toca meu lábio cortado.

— Onde está o desgraçado que fez isso?

— Ele morreu.

— Morreu?

— O parceiro dele o matou.

— E onde está esse parceiro?

— Foi embora no carro. — Fico olhando para ele enquanto o veículo que transporta Yan dá voltas ao longe. — Ele vai ficar bem?

Posso sentir a hesitação de Adrian. Ele o viu. Viu o sangue. Sabe que seu segundo guarda mais próximo pode não sobreviver.

— Vamos embora.

Ele me leva para o banco de trás e dois de seus guardas vão na frente.

Adrian mantém os braços ao meu redor durante toda a viagem de volta para casa. As lágrimas não param de cair e continuo tremendo como uma folha no inverno.

Ele tira o paletó e o envolve por cima do meu casaco ensanguentado, mas não alivia a dor que sinto no fundo do peito.

Estou chorando, mas não apenas por Yan. Também choro porque acho que conheço aquele homem, a sombra, aquele que disse que eu tinha uma missão.

E algo me diz que essa missão é mais perigosa do que eu poderia imaginar.

Quando o médico diz que Yan vai sobreviver, respiro fundo pela primeira vez desde o incidente.

Ele perdeu muito sangue e ainda está inconsciente, mas não há ameaça imediata à sua vida.

Essas palavras rasgam meu peito e se alojam contra meu coração com uma força que me tira o equilíbrio. Agarro o braço de Adrian e nele me ancoo no quarto de Yan, que fica na casa de hóspedes, o lugar onde Adrian nunca me deixou entrar até agora.

Ele está de barriga para cima, com o peito enfaixado, sem mais sangue saindo do corpo, mas também não abre os olhos. Seu belo rosto de modelo está pálido e seus lábios estão rachados.

Kolya está ao seu lado, verificando sua temperatura, como o médico explicou. Não deixei de notar que eles têm um médico no local, ou que ele não fez nenhuma pergunta sobre por que teve de tratar um paciente baleado na casa de Adrian.

Apenas acenou com a cabeça e foi embora como se fosse uma ocorrência cotidiana.

Talvez seja.

— Como está a temperatura dele? — pergunto a Kolya enquanto ele olha para o aparelho em sua mão.

O quarto é simples, com uma cama no meio e um armário no canto. A única luz vem da lâmpada na mesa de cabeceira, lançando sombras escuras no rosto pálido de Yan.

— Alta, mas não preocupante. — Kolya se endireita e, embora mantenha sua carranca habitual, há uma sutil cautela em sua postura. — Vou me certificar de que diminua durante a noite.

Dou um passo à frente.

— Eu também vou ficar.

— Não. — Adrian me agarra pelo cotovelo e me puxa para trás. — Você fez sua parte. Deixe isso com Kolya agora.

— Ele tem razão, sra. Volkov. Obrigado por tudo o que fez. Se a senhora não o tivesse carregado ou tentado estancar o sangramento,

ele não teria sobrevivido. — Kolya oferece o que se assemelha a um sorriso. Ele é igual ao patrão nesse departamento. Bem que poderiam aprender uma ou duas lições com Yan.

— Não foi nada.

Quero ficar e cuidar de Yan, mas Adrian me carrega em seus braços e deixa a casa de hóspedes, indo para a principal. Ele está fazendo isso desde cedo porque estou sem sapatos, e fico agradecida porque minhas pernas não conseguem me carregar direito. Minhas mãos dentro das luvas ensanguentadas repousam no meu colo e tento não me deixar levar pela visão delas e lembrar o que aconteceu com Yan.

— Segure em mim, Lia — Adrian diz com firmeza.

— Estão ensanguentadas.

— Pareço me importar com isso?

Ele não se importa, mas eu sim. Mesmo quando envolvo meus braços em seu pescoço, tento manter as luvas afastadas. Não quero sujar seu corpo com sangue.

Não deveria haver nenhum sangue perto dele.

Assim que entramos no quarto, me contorço para que ele me solte. Sob a luz forte, posso ver o carmesim em minhas luvas, em todo o meu casaco e no meu vestido. Está em toda parte, como uma segunda pele.

Adrian me coloca de pé e eu me afasto. Ele fecha a porta com um clique e, quando avança em minha direção, seus olhos estão vidrados, escuros, como que armando uma tempestade ou um vulcão, ou ambos.

A camisa branca do seu smoking tem manchas de sangue. Há um pouco em sua testa também. Não gosto disso. Não quero sangue nele e odeio ser a razão pela qual está lá.

Não deveria mesmo haver sangue nele.

Franzo a testa. É a segunda vez que tenho esse pensamento em poucos segundos. Não faço ideia de por que isso me atormenta, mas sei que não consigo ver a cor escarlata nele. A ideia mexe com uma parte sombria de mim, onde existe aquela caixa preta em que eu estava presa.

— Eu... vou tomar um banho. — Passo por ele e me dirijo à porta. — Vou para um dos outros quartos.

Minha mão está na maçaneta quando o seu corpo se choca com o meu por trás, seus músculos duros e sua estatura imponente superando a minha. Sua palma cobre minhas luvas ensanguentadas em cima da maçaneta ao mesmo tempo em que sussurra contra a concha do meu ouvido:

— Aonde pensa que está indo?

— Tomar banho... — Minha voz é baixa, ofegante e soa insincera porque tomar banho é, na verdade, a última coisa que quero fazer agora.

— Faz ideia de como eu estava preocupado? — Ele esfrega o queixo na lateral da minha cabeça enquanto seus dedos soltam os grampos que prendem meu cabelo. Os fios caem em minhas costas e ele encosta o nariz neles, inspirando. — Achei que tinha te perdido de novo, Lia.

Meus olhos se fecham, absorvendo o tom grave e profundo de sua voz e a presença dele por trás de mim. É seguro e tão familiar. Eu não deveria estar tendo esses pensamentos agora, não quando ele está mencionando outra mulher, mas não consigo pensar além de sua proximidade. Seu toque. Suas palavras.

Em vez de álcool, me tornei viciada nele. Suas punições brutais e meus orgasmos avassaladores se tornaram minha nova dose, mas quando me tirou isso, doeu mais do que não beber. Pelo menos com a falta de álcool, era uma dor de cabeça. Com ele, todo o meu corpo está passando por uma abstinência.

Estou faminta há tanto tempo – uma eternidade, ao que parece – e os eventos desta noite só aumentaram minha fome.

Os lábios de Adrian roçam a curva da minha mandíbula e descem até a base do meu pescoço, mordiscando, chupando.

Meus músculos perdem a rigidez de antes e relaxo em seu abraço, meus dedos soltando a maçaneta. Adrian segura meu maxilar com dois dedos, levantando-o para beijar meu pescoço, depois a clavícula, antes de voltar à mandíbula.

O sangue não o detém. É como se ele não existisse.

Adrian me vira e o encaro quando meu traseiro encontra a superfície sólida da porta.

Ele retribui o olhar ao tirar o paletó e depois o meu casaco. Fico em silêncio, conforme uma peça de roupa segue a outra, juntando-se ao meu redor.

Adrian passa os dedos de uma mão pelo meu cabelo enquanto a outra encontra o zíper, abrindo-o em um movimento rápido. O material desliza pelos meus braços antes de se juntar ao resto das roupas espalhadas pelo chão. Estou de pé apenas com um sutiã sem alças e uma calcinha de renda preta.

Embora esteja seminua, não me sinto vulnerável, porque a maneira como Adrian me observa é quente, ardente, diferente de todos os olhares robóticos que ele me deu nos últimos dias.

— Estou tão orgulhoso do que você fez para ajudar Yan, Lenochka — ele murmura contra o meu rosto enquanto passa os dedos na borda da minha calcinha.

— Você está orgulhoso de mim? — Agarro as laterais da camisa dele para me equilibrar.

— Sempre tive orgulho de você. — Ele faz uma pausa. — Vamos mudar isso para “*na maioria das vezes*”.

Quero perguntar se “na maioria das vezes” se refere a mim ou a Lia, mas prefiro não estragar o momento. Não me importa como ele me vê agora, porque sou eu quem está aqui.

Não é Lia.

Sou eu.

Adrian desfaz o cinto e fico olhando com a respiração suspensa enquanto ele deixa a calça e a cueca caírem aos seus pés. É sempre um espetáculo para se ver, algo que não consigo tirar os olhos, mesmo quando meus instintos me dizem que ele é perigoso.

Apesar desse perigo, ou melhor, *por causa dele*, fui apanhada em sua órbita sem chance de escapar.

Ele levanta uma de minhas pernas e a coloca em volta de sua cintura. Eu a mantenho ali, incapaz de desviar o olhar de seu pênis. É duro, grosso e tão pronto que minhas entranhas se agitam com um tipo de desejo carnal.

Adrian entra devagar em mim e, mesmo com o meu interior escorregadio, seu pau força a entrada no meu corpo, me preenchendo sem estar todo dentro. Enquanto se demora, percebo que não é apenas o desejo que está me dominando, rasgando minha carne e encontrando refúgio em meus ossos. É algo mais profundo, mais sombrio e mais sinistro. Neste momento, quero observar a maneira como ele me possui, centímetro por centímetro de agonia. Quero observar como nossos corpos se unem.

Quando um gemido rouco preenche o ar, percebo que é o meu.

Adrian faz uma pausa e um gemido de prazer sai de seus lábios.

— Porra, Lenchka... sabe quantas vezes desejei ouvir sua voz rouca de tesão?

Quero morder o lábio, acabar com isso, evitar que ele ouça minha voz quando ainda me chama pelo nome de outra mulher, mas seu olhar me impede. O cinza é intenso, mas não é severo. É como estar presa em um sonho brilhante e saber que vou acordar logo, então devo aproveitar cada segundo.

— Você é tão linda — ele diz, rebolando os quadris até que seu pênis esteja inteiro dentro de mim. — Você é minha casa.

Arfo com suas palavras e com a forma como ele está me preenchendo a ponto de me dilatar da maneira mais deliciosa possível.

Casa.

Ele me chamou de casa.

Meus braços envolvem seu pescoço e subo por seu corpo, colocando as pernas em volta de sua cintura. Não me importo com o sangue ou que esta seja talvez minha pior aparência até agora.

A única coisa que continua a ressoar em minha cabeça é a palavra “casa”. Na verdade, nunca tive um lar, e o fato de Adrian estar me chamando de sua casa desperta uma parte adormecida de mim que eu não imaginava existir.

A parte que também quer um lar e quer que ele me mostre o quanto eu sou o seu.

Adrian entra lento em mim, a nova posição dando uma profundidade que lhe permite atingir um ponto sensível a cada investida suave.

— Você é tão apertada, Lenchka. Vamos, se abra para mim.

Percebo então que ele só está indo devagar para não me machucar. Apesar de sua natureza implacável e de suas punições impiedosas, Adrian às vezes me trata como se eu fosse um copo de cristal que se quebrará se apertar demais.

Talvez isso seja verdade, pois ele é, de fato, enorme. É tão grande que sinto um ardor toda vez que bate dentro de mim, mesmo que eu esteja encharcada. Mas é do tipo requintado. Do tipo em que as mariposas não se importariam de ser queimadas vivas, desde que pudessem saborear o fogo.

Finco meus calcanhares em sua bunda, incitando-o em silêncio. Os lábios de Adrian capturam os meus à medida que seu ritmo aumenta. Seu beijo combina com a ferocidade de suas investidas. Primeiro, são profundas e sem pressa. Depois, são rápidas e impiedosas, tirando de mim qualquer senso de razão.

É impossível acompanhar o ritmo, mesmo que eu tente. Minhas costas batem na porta, deslizando sobre ela e batendo contra para igualar a força aguda de seus quadris, de seu beijo, de todo o seu corpo.

Sou uma marionete em suas mãos, mas ele não está suprimindo minha lógica. Está se gravando em minha pele. Está roubando meu bom senso e minha respiração. Está abrindo portas dentro de mim que eu não sabia que existiam.

Desde que começou a me beijar, não sinto mais falta de ar. Ele é o meu oxigênio agora. A razão pela qual estou lutando com unhas e dentes para me manter viva.

O orgasmo me atinge com tanta força que não o vejo chegar até que ele explode em meu rosto. Inclino a cabeça para trás e meus lábios deixam os dele por um momento.

— Aaaah... Adrian! Adrian!

— Porra, porra.

Ouvi-lo xingar só aumenta o meu orgasmo. Ele não é do tipo que costuma praguejar, mas parece ter perdido um pouco do seu controle férreo desde que me colocou em seus braços.

Adrian dá as próximas estocadas com uma força animalesca, me fodendo contra a porta com golpes profundos e furiosos.

— Repita. Repita meu nome.

— Adrian — sussurro, depois gemo. — Adrian!

Por um momento, sinto como se estivesse flutuando. Minha cabeça e meu coração estão zonzos. Minha cicatriz não formiga, meu peito não dói.

Estou livre.

Nos braços de Adrian, estou livre de tudo e de todos. Sou apenas eu.

Esses pensamentos expandem a onda do meu orgasmo à medida que ele me engole por inteiro. Não é nada que eu já tenha sentido antes e isso me assusta, mas eu o provo, mesmo assim. Meus dedos se

cravam nos ombros de Adrian enquanto um longo gemido misturado com um lamento sai de meus lábios.

Adrian goza em seguida. Sinto seu esperma aquecendo minhas entranhas e seus ombros se contraem sob meus dedos.

— Porra. — Ele respira contra a curva do meu pescoço.

Mas nem sequer faz uma pausa ao tirar a calça e a cueca boxer e me leva para o banheiro ainda dentro de mim. Tira minhas luvas e meu sutiã, jogando-os para trás. Minhas mãos estão ensanguentadas, mas Adrian não olha para elas com nojo, e sim com orgulho.

Estou orgulhoso de você, ele disse.

Você é o meu lar, ele também disse.

Ainda estou na lua por causa do orgasmo ou se trata de algo diferente?

Ele me coloca de pé e me sinto um pouco instável, então mantém uma mão em meu braço ao sair de dentro de mim. Eu me arrepio com a perda dele, depois meus olhos se arregalam quando seu esperma escorre pelas minhas pernas.

Nossa. Deveria ser excitante?

Adrian contempla a evidência de sua foda profunda enquanto tira a camisa, revelando seus músculos duros e a tinta etérea que decora seus braços.

Quero tocá-las, abraçá-lo, mas sempre parece que não cabe a mim fazer isso. Como se eu não tivesse qualquer direito sobre ele para poder apreciar suas tatuagens.

Adrian aperta o botão e a água nos encharca em um segundo. Ele esfrega o sangue das minhas mãos e usa uma escova para removê-lo das minhas unhas. Em seguida, passa para o meu rosto, pescoço e braços.

Estou prestes a derreter com a maneira como ele me toca.

O cuidado em seus olhos. A suavidade que não combina com seu caráter e que ele demonstra apenas para mim.

Quando termina, passa os braços em volta da minha cintura e me levanta, enfiando as pontas dos dedos na minha bunda. Em seguida, penetra em mim com um único golpe implacável.

E gozo. Assim, sem mais nem menos.

Eu nem estava tão excitada, mas acho que a maneira como me

lavou foi tão estimulante que bastou entrar em mim para que eu chegasse ao orgasmo.

Não é nem mesmo a estimulação física, é o significado por trás dela, a ternura, a preocupação em seus olhos cinzentos que sempre dedicou somente a mim.

Não me preocupo em abafar meus gemidos, meus gritos e minha alegria absoluta ao ser fodida por ele debaixo do chuveiro. Eu o agarro com as duas mãos, sem querer soltá-lo.

Nem agora, nem nunca.

Ele não para de me foder, de me possuir, mudando de posição de vez em quando. Suas mãos estão por toda parte, segurando meus seios, beliscando meus mamilos, puxando meu cabelo para que possa morder um ponto sensível da minha garganta. Adrian me beija e depois morde minha língua. Chupa meu mamilo e depois o puxa. Penetra em mim aos poucos, mas depois aumenta para um nível irregular e enlouquecedor.

É como se não se cansasse de mim e quisesse aprofundar nossa conexão a cada toque. Sua foda é como sua fala, com aparente calma e sutil escuridão.

Estou tão estimulada que sinto como se um orgasmo continuasse a desaguar no outro.

Minha barriga está agora contra o boxe transparente do chuveiro enquanto ele me penetra por trás e prende meus pulsos com uma das mãos no vidro acima de mim.

Minha boca está aberta em um “O”, aceitando cada impulso delicioso e cada pontada de dor que o acompanha.

— Ahhh... Adrian... estou gozando...

Ele aumenta o ritmo, beliscando meus mamilos com a outra mão até ficarem doloridos e eu gritar de dor.

— Tão delicados.

— Adrian! — Desabo sem conseguir aterrissar. Continuo caindo e girando, encontrando uma pausa apenas para que possa cair mais uma vez.

Se soubesse que seria assim, eu o teria deixado ouvir minha voz e ele teria me fodido há muito tempo.

Adrian ainda não gozou. Na verdade, meu orgasmo fez com que ele ficasse mais duro dentro de mim. Seus lábios encontram meu

ouvido e ele sussurra:

— Obrigado por me receber em casa.

E então ele goza de novo dentro de mim. Fecho os olhos para memorizar a sensação e suas palavras.

Obrigada por ser meu lar, estou prestes a sussurrar em resposta, mas sua cabeça cai no espaço entre meu pescoço e meu ombro e ele beija a pele ali.

— Droga, senti sua falta, Lia.

Meu corpo inteiro se afrouxa contra ele. Tudo o que aconteceu esta noite. Sua preocupação, sua paixão desenfreada e até mesmo o modo como mordisca minha pele e balança de leve os quadris nunca foram feitos para mim.

Ele não está *me* vendo. Está vendo apenas Lia.

Esse pensamento me atinge tão fundo que uma lágrima desliza pela minha bochecha, misturando-se com a água e indo para o ralo.

Porque sei, apenas sei que ele nunca me verá como Winter.

Sempre serei Lia.

Não consigo parar.

Digo que vou parar depois de mais uma vez, levantando-a e a colocando de bruços, abrindo bem suas pernas e metendo nela por trás.

Eu disse que pararia depois de comê-la mais uma vez na cama ontem à noite.

Disse que pararia depois de acordá-la, com meus dentes mordiscando seu pescoço e os dedos provocando seu clitóris.

Mas sou um tremendo mentiroso.

Não tenho a menor vontade ou intenção de parar. Quanto mais sinto seu sabor e inalo o aroma tangível de sua excitação, mais me sinto tentado a me banquetear neles. Devorá-la, engoli-la tão fundo que ela nunca pensará em encontrar uma saída. Invento um método após o outro para arrancar dela orgasmos sucessivos.

Em geral, sou do tipo que sabe o momento certo de parar. Não se pode exagerar nem subestimar as coisas. Encontrar esse equilíbrio é impossível para a maioria das pessoas, mas não para mim. Sempre me destaquei por ser o tipo de pessoa “na medida certa”.

Nunca me preocupei demais ou de menos. Nunca exagerei, nem ultrapassei os limites. Nunca tive vícios ou coisas das quais não pudesse me livrar com facilidade.

Lia é a exceção a tudo isso.

Ela é o vício que não vi chegar e, quando enfim a notei, já estava correndo em meu sangue.

Ela é a pessoa cujos limites deveriam ser ultrapassados, mas acabei virando o único em uma confusão de problemas.

Essa mulher é intoxicante. Ela se infiltrou em minha pele e injetou sua magia secreta em meus ossos. Agora, é por causa dela que respiro. Sinto que se parar de tocá-la, se deixá-la ir, ela vai sumir outra vez.

E nunca mais a terei.

Minhas estocadas se aprofundam, tornam-se afiadas e selvagens

ao pensar nisso. Nunca estive tão duro como na noite passada e nesta manhã. Meu pau sente uma necessidade constante de reivindicá-la, possuí-la e ensinar-lhe que ela nunca irá a lugar algum – querendo ou não.

O corpo de Lia se sacode, seus dedos se enroscam no cinto que amarrei em seus pulsos e prendi ao gancho na coluna da cama. Ela é tão linda, tão minha.

Seu corpo é pequeno, frágil e tão delicado que dói pensar no que poderia ter acontecido com ela na noite passada. Cortes marcam as solas de seus pés e há um hematoma se formando sob seu olho. No momento em que a vi ofegante, chorando e em um leve estado de choque, jurei encontrar quem a tocou e quebrar seu pescoço com minhas próprias mãos.

Ao mesmo tempo, quando a vi lutando para manter Yan de pé e sabendo que ela o havia carregado por um bom tempo, a julgar pelos arranhões em seus pés, senti uma profunda sensação de orgulho. Porque, embora Yan devesse protegê-la, eles se viram em uma posição invertida e ela não deixou um homem para trás.

Essa mulher minúscula carregava um homem grande em suas costas como se fosse normal.

Esses pensamentos só me encham de mais desejo por ela, de mais necessidade de me enterrar em sua pele e em seu sangue.

Cravo os dedos em sua bunda e com a outra mão levanto um pouco seu estômago. Com um dos meus joelhos plantado com firmeza entre suas coxas abertas, tenho mais facilidade para penetrá-la.

Lia morde o travesseiro, voltando a abafar seus sons. Ela tem feito isso desde que a tirei do chuveiro ontem à noite. Solto sua bunda e me inclino para que meu peito cubra suas costas.

Seus músculos se contraem ao meu toque, cedendo um pouco enquanto suas paredes se fecham em torno do meu pau. Introduzo dois dedos em sua boca, abrindo-a.

— Não se esconda de mim, Lia. Me deixe ouvir sua voz.

Seus olhos encontram os meus, com umidade acumulada. São calmos, mas desafiadores. Determinados, mas tristes, como um desastre natural que não quer arruinar a vida das pessoas, mas sabe que tem de acontecer, de qualquer forma.

— Lia. *Abra.*

Ela envolve meus dedos com os lábios e morde com força

enquanto suas entranhas me estrangulam. Eu gozo ao mesmo tempo, minhas bolas doendo com a intensidade da ejaculação.

Os joelhos de Lia se dobram e ela cai no colchão. Também quero cair sobre ela, beijar seu pescoço e morder seus mamilos rosados e eretos. Quero adorar todo o seu corpo só para poder fazer tudo de novo.

Mas me afasto dela e me mantenho em uma posição de flexão para não a esmagar com meu peso. Ela é tão pequena que me dói imaginar machucá-la assim.

Lia para de morder meus dedos e os solta, deixando um rastro de saliva e marcas de seus dentes. Ela tenta desviar o olhar, mas coloco um de meus joelhos entre suas pernas e a agarro pelos cabelos, forçando-a a permanecer no lugar.

Passo as pontas dos meus dedos indicador e médio – os que ela acabou de morder – nos seus lábios.

— Se gosta de algo, admita.

Ela olha fixo para os meus dedos, fechando os lábios quando deslizo a ponta da minha língua na sua garganta antes de encontrar sua orelha. Seu corpo inteiro estremece e posso sentir sua luxúria, mesmo sem tocar entre suas pernas. Seus olhos se arregalam, sua respiração se interrompe e sua pele esquenta ao meu toque, um pouco suada, bagunçada e tão perfeita.

— Por que está se silenciando de novo? — sussurro em voz baixa, me esforçando ao máximo para não deixar meu temperamento aflorar.

— Pergunte a si mesmo — ela diz, sem fôlego.

— Estou perguntando a você. Responda.

Ela franze os lábios outra vez.

— Está com vontade de ser castigada, Lia? Já faz algum tempo, então talvez seu corpo esteja desejando aquela chicotada de dor.

Ela escarnece.

— Com essa é um, Lia.

Seu olhar se encontra com o meu e acho que é por causa do castigo, mas ela resmunga por entre os dentes cerrados:

— Eu *não* sou Lia.

— Dois. E você é.

Lágrimas repentinas enchem seus olhos quando Lia se levanta da cama, tentando me empurrar para longe. Eu poderia dominá-la sem problemas, ainda mais com ela amarrada e presa, mas as lágrimas me impedem. Não são lágrimas de prazer de quando soluçava durante o orgasmo ao ser açoitada.

São lágrimas de dor.

Dou espaço a ela, me sentando sobre os joelhos para desatar o cinto de suas mãos. Estou tentando massagear seus pulsos, mas ela os puxa para trás e aponta o polegar para si mesma.

— Winter! Meu nome é Winter. Pare de me chamar de Lia. Pare!

Meu queixo trava.

— Três.

— Que sejam cem. Eu não me importo. — Ela bate em meu peito com o punho fechado. — Você está me apagando, Adrian. Está me varrendo da existência.

Envolvo sua cabeça com uma mão e a puxo para mim, forçando o fim de sua birra. Ela se debate mais um pouco contra mim, com as mãos pequenas me empurrando, os dentes mordendo os músculos do meu peito, mas sua energia diminui quando um soluço sai de sua garganta. É primitivo, mas bate direto em minha caixa torácica e desaparece.

Não estou nem aí para o motivo pelo qual ela está chorando.

Logo depois, seus níveis de respiração se estabilizam, embora seus punhos ainda estejam cerrados contra meu peito. Acho que ela adormeceu até que murmura:

— Winter. Meu nome é Winter...

E então ela desmaia.

Colocando-a na cama, vou ao banheiro e volto com uma toalha molhada para limpá-la. Eu a levanto, tiro os lençóis que estão molhados com meu esperma e sua excitação e a envolvo no edredom grosso.

Ainda há lágrimas em seus olhos e as enxugo com a parte de trás dos meus dedos. Ela se aconchega em meu toque porque, mesmo dormindo, seu corpo está em sintonia comigo.

Depois de me certificar de que está confortável, tomo um banho rápido, me visto e me junto aos meus homens no andar de baixo. É um

pouco cedo, mas nenhuma hora é cedo demais para o que temos de fazer. Todos estão a postos e já recebi relatórios de meus hackers.

Meus olhos se estreitam ao ler o e-mail que pedi a um deles para forçar a entrada no GPS do meu carro depois que ele desapareceu na noite passada. Em sua resposta, informou que o encontraram em um penhasco, não muito longe de onde pagamos Lia e Yan.

Enviei dois de meus guardas para investigar antes que a polícia chegasse ao local do acidente. Se houver algo para limpar, eles também farão isso.

Mas, acima de tudo, preciso saber quem se atreveu a sequestrar minha esposa.

Minha. *Esposa.*

Isso nem aconteceu nas ruas ou em um lugar sem importância. Ousaram levá-la de um evento realizado por Sergei em sua própria casa. Eles têm coragem, isso eu reconheço, mas aproveitarei cada segundo ao cortá-los.

Envio mais alguns guardas para inspecionar a casa de Sergei, caso alguém saiba do incidente. Depois que recebi o telefonema de Lia, meus homens e eu fomos cuidadosos o suficiente para não alertar os outros. Qualquer risco à segurança na presença de outras famílias criminosas teria um efeito negativo na irmandade e em Sergei. Não queria lhe dar mais um motivo para me investigar ou me forçar a descartar Lia. Ele poderia pensar que eu havia encenado todo o sequestro e sacrificado Yan para parecer inocente em relação ao fiasco dos italianos.

Isso é algo que o desgraçado do Kyle faria, não eu. O marido de Rai não hesitaria em se colocar em perigo, desde que pudesse seguir em frente. Eu não sou assim. Nunca sacrificaria meu povo ou colocaria Lia em perigo para meu próprio benefício.

Sergei não tem muitas câmeras no estacionamento, então preciso que meus homens me digam se algo foi filmado, e aí sim me preocupei com isso.

Depois de me certificar de que todos os meus homens estão onde deveriam estar, vou para o quarto de Yan na casa de hóspedes.

Paro um segundo para respirar fundo. Por mais que o desgraçado esteja me irritando, não gosto de pensar na sua morte. Kolya sempre brincava dizendo que ele era como nosso filho, com o quanto o adorávamos, e, de certa forma, ele é mesmo. Vê-lo baleado foi equivalente a ver Jeremy sufocar há alguns meses.

Depois de um momento, abro a porta. Kolya está sentado em uma cadeira ao lado da cama de Yan e segurando uma toalha molhada. Seus olhos estão avermelhados, mas alertas. Ele com certeza não dormiu nada na noite passada porque tem um fraco pelo filho da mãe imprudente deitado na cama.

Meu segundo em comando tenta se levantar, mas faço sinal para que fique no lugar e pergunto em russo:

— Como ele está?

— A febre baixou — Kolya responde no mesmo idioma. — Mas ainda não acordou.

— Ele vai acordar.

— Eu sei. — Ele hesita. — Descobriu alguma coisa?

— Os outros dizem que ainda não tinham recebido a ordem de ir para o carro, então não testemunharam nada do que aconteceu.

— Yan talvez quisesse levar a sra. Volkov para o carro primeiro.

— Sim. — Olho para o peito enfaixado de Yan, batendo o dedo em minha coxa. — Lembra quando Kyle foi baleado fingindo proteger Sergei, quando era ele quem estava por trás do ataque?

Kolya franze a testa, talvez sem saber o que quero dizer, mas acena com a cabeça.

Minha atenção permanece em Yan quando falo:

— Você sabe por que ele fez isso?

— Para cair nas boas graças de Sergei.

— Que era sua camuflagem. Seu disfarce. Ele levou um tiro não fatal como uma forma de sacrifício.

Os olhos de Kolya se arregalam, por fim entendendo meu ponto de vista.

— Não pode estar querendo dizer... não está acusando Yan do mesmo, está?

Minhas batidas param quando os olhos de Yan se contraem.

— Humm. Quem sabe?

— Com todo o respeito, senhor, Yan o serve desde que era criança. O rapaz não é um assassino sem nome como Kyle, que está tentando cair nas boas graças de alguém. Ele levou duas balas por sua

esposa!

— Cuidado com seu tom de voz, Kolya.

Ele aperta os lábios, mas não pede desculpas. Depois de um momento, engole em seco.

— Tudo o que estou dizendo é que Yan não faria isso com você.

— Está dizendo isso porque o conheceu a vida inteira. Acha difícil suspeitar dele por causa do seu vínculo.

— E, pelo visto, você não tem problemas com isso. Parabéns.

— Eu disse para ter cuidado com seu tom de voz, e não, Kolya, não tenho problemas em desconfiar das pessoas.

— E agora? Vai matá-lo?

— Não sou tão cruel. Eu não o mataria sem questioná-lo primeiro.

Posso ver pela expressão de Kolya que ele está furioso, decepcionado e com vontade de me socar na cara. Podemos ter sido criados juntos, mas ele sabe que sou frio e calculista com outras pessoas, não com as minhas. Portanto, o fato de eu estar direcionando essas características para Yan o está irritando como nunca antes.

— Eu sou o próximo? — ele pergunta baixinho. — Depois de Yan, é a minha vez?

— Não me dê um motivo. — Eu me viro. — Me diga quando ele acordar.

— Sabe — ele fala por trás de mim —, por mais que você odeie seus pais, não passa de uma réplica deles.

Não tenho a intenção de responder, e não o faço ao fechar a porta atrás de mim.

Uma réplica deles.

Pode ser.

Afinal de contas, monstros só podem gerar monstros.

Não consigo mais fazer isso.

Não consigo *mesmo*.

Hoje, acordei suando e chorando. Meu corpo inteiro tremia tanto que assustei Jeremy quando ele entrou no meu quarto.

Às vezes, não me lembro de meus pesadelos, mas me lembro desse. Eu me lembro de como Adrian estava transando comigo na cama, com meus braços e pernas em volta dele, e Lia entrou pela porta com uma faca. No entanto, dessa vez, nenhuma sombra me salvou quando ela rasgou minha garganta.

Adrian sequer olhou para mim quando ela estava no quarto. Enquanto eu apertava meu pescoço sangrando, ele saiu de mim e foi até ela.

E a abraçou de uma forma que nunca havia feito comigo. Respirou seu perfume e beijou suas têmporas.

— Senti sua falta, Lenochka — ele sussurrou enquanto ela segurava a faca ensanguentada que cortou minha garganta. — Você está em casa, afinal — murmurou entre beijos na bochecha, na boca e no pescoço dela, e eu fiquei ali, gorgolejando, me debatendo e *chorando*.

Socorro!, gritei em minha cabeça. *Adrian, me ajude!*

Ele não o fez.

Toda a sua atenção estava em Lia, no rosto, nas bochechas, na garganta, na boca dela. Mas a mulher olhou para mim. Seus olhos encontraram os meus, idênticos, e ela sorriu enquanto abraçava Adrian de volta e dizia:

— Meu.

Foi quando eu morri.

Mas então fui lançada em outro pesadelo, em que um homem envolveu sua mão na minha e me forçou a puxar o gatilho. O sangue cobriu minha pele enquanto eu gritava a plenos pulmões.

Depois, tudo acabou.

Jeremy era quem estava tentando me acordar, em pé ao lado da cama, segurando um de seus soldadinhos.

Ele recuou quando me levantei e me sentei.

Agora, de pé perto da cama, seu rosto está pálido e seus lábios tremem.

— Você é um fantasma, mamãe?

Minha respiração se acalma de imediato e um tipo diferente de preocupação me toma. Jeremy parece ter medo de mim e isso dói mais do que eu gostaria de admitir.

Estendo a mão para ele.

— Sinto muito, Jeremy. Mamãe acabou de ter um pesadelo. Já passou.

— Sério?

Ele não parece convencido, mesmo quando olha para minha mão.

— Sério.

— Você não vai ser a mamãe fantasma?

— Claro que não, meu anjo.

Jeremy dá um passo à frente com cautela e coloca sua pequena mão na minha. Sorrio e ele retribui o sorriso.

— Você é a minha mamãe.

— Eu sou.

Ele sobe na cama e me enlaça com seus bracinhos.

— Pode ser sempre a minha mamãe?

O desespero e a exasperação de antes entalam em minha garganta enquanto penso no que responder.

Não vou mais ficar aqui.

Não me importo se a polícia me prender. Só não posso, sob nenhuma circunstância, ficar em uma casa que me dá arrepios com um homem que está me apagando da existência.

Já se passou uma semana desde o ataque. Sete dias inteiros desde que ele me comeu pela primeira vez.

Desde então, tem feito isso sem parar. Às vezes, duas vezes por dia. Outras, como forma de punição. Ontem à noite, foi porque

percebeu que eu havia passado a maior parte do dia cuidando de Yan – algo de que ele não gosta.

Ele foi duro, inflexível e não se afastou de mim até que meus lábios sangrassem de tanto que eu os mordida. Ainda bem que me limpou e cobriu meu corpo com uma camisola, porque a última coisa que quero é que Jeremy me veja nesse estado.

Mas, por outro lado, Adrian oferece os melhores cuidados posteriores que já vi. Só conheci homens egoístas que prestavam atenção em seu próprio prazer e não no meu. Adrian não apenas se certifica de que eu goze primeiro – e várias vezes –, mas também nunca me deixa suja e vai embora. Ele sempre me dá banho, me veste, escova meu cabelo, me aconchega e até mesmo diz a Oglá para me trazer refeições na cama quando sente que estou dolorida demais para me mover.

Quero me convencer de que não gosto de nada disso. Que não tenho escolha a não ser aceitar. Mas será que esse é o caso se meu corpo sempre se desfaz? Se eu o desejo assim que sua mão está em mim?

Não é o toque dele que odeio. É ele e o fato de nunca ter me chamado pelo meu nome.

Parei de pedir isso porque, além de ser inútil, sempre sou punida. Com força, com mais dor do que prazer, como se ele quisesse apagar esse pensamento do meu cérebro.

E é por isso que preciso fugir. Meu coração dói por ter que deixar Jeremy, que me encara com expectativa, com seus olhos cinzentos enormes. A menos que...

Meu coração dispara quando uma ideia maluca se forma em minha cabeça.

— Mamãe?

— Sim?

— Você não me respondeu.

Dou uma risadinha. Ele sem dúvida está assumindo a personalidade exigente do pai.

— Eu sempre serei sua mamãe, Jer. Nada mudará isso.

— Podemos brincar juntos hoje?

— Sim, mas temos que visitar Yan primeiro.

— Ele ainda está doente porque a salvou, mamãe?

— Está.

— Então, vou lhe dar um dos meus brinquedos.

— Você é um menino tão bom, Jer. Vamos lá. Vamos nos arrumar.

Depois de nos vestirmos, levo Jeremy para o andar de baixo para tomar o café da manhã. Oglá me observa de forma peculiar, mas nada diz. Estou arrumando algumas torradas e geleia quando ela resolve falar:

— Para onde está levando isso, sra. Volkov?

— Para Yan e Kolya. Eles mal tomam café da manhã de verdade hoje em dia. — Embora eu mal os tenha visto, ou os outros guardas, comecem antes, sei que Oglá costuma levar suas refeições para algum prédio nos fundos, onde moram e se alimentam.

— Você não tem permissão para visitar Yan.

Levanto a cabeça, interrompendo minha tarefa.

— O que foi?

— Antes de sair esta manhã, o sr. Volkov deu ordens específicas de que você não pode visitar Yan.

— Ah, foda-se ele e suas ordens *específicas*.

Os olhos sem brilho de Oglá se arregalam, como se não acreditasse no que acabei de dizer. Pela primeira vez, eu a deixei sem palavras.

Jeremy dá uma risadinha ao puxar meu vestido.

— Palavrão, mamãe.

— Desculpe, meu anjo. — Eu sorrio, depois direciono meu olhar para Oglá. — Diga ao seu chefe que ele não pode me impedir de cuidar de um paciente.

E com isso, pego a comida e digo a Jeremy para vir comigo.

Entramos na casa de hóspedes. Ao contrário dos outros guardas, Kolya e Yan parecem morar aqui. Como de costume, há dois guardas armados em frente ao prédio. Estou pronta para dar-lhes uma bronca se tentarem me impedir, mas não o fazem.

Quando entramos no quarto de Yan, o encontramos dormindo. Ele acordou há alguns dias, mas o médico lhe deu um analgésico que o faz dormir mais.

Um edredom cinza foi puxado até o queixo e uma leve barba por fazer cresce em seu queixo, mas ele não está tão pálido quanto nos primeiros dias.

Kolya está sentado ao seu lado, mexendo no notebook. Estou surpresa por encontrá-lo aqui, porque ele costuma ser a sombra de Adrian e, como Oglá me disse que Adrian tinha negócios externos hoje, pensei que Kolya estaria com ele.

Porém, por outro lado, tem havido uma tensão latente entre os dois desde o acidente de Yan. Mal se dirigem um ao outro, mesmo em russo. Adrian tem saído bastante durante o dia com os outros homens, e Kolya quase não deixa o lado de Yan.

Quando entramos, ele fecha o laptop e se levanta.

— Ele está melhor? — Ofereço comida a Kolya.

Ele a aceita e a coloca sobre a mesa de cabeceira.

— Sim. Acredito que sim.

Jeremy se senta no chão, passando seu boneco no lençol, mas longe o suficiente de Yan para que não lhe cause desconforto.

— Sra. Volkov.

Minha atenção passa de Jeremy para Kolya.

— Sim?

— Por favor, saia. O chefe deu instruções claras para não a receber mais aqui.

Cerro os dentes. Maldito idiota.

— Não vou embora. — Cruzo os braços. — E se Adrian reclamar, diga que insisti.

O rosto de Kolya permanece estoico ao murmurar:

— A senhora está piorando o caso de Yan, não melhorando, sra. Volkov.

— Ele não machucaria o homem ferido só porque quis visitá-lo.

— Não, mas vai suspeitar mais dele.

Franzo a testa.

— Suspeitar dele?

— O chefe acha que Yan pode estar por trás de seu sequestro.

— Como assim? Ele foi baleado. *Duas vezes.*

A mandíbula de Kolya se contrai.

— Ele acha que Yan pode ter feito isso de propósito para se safar.

— Puta merda. Seu chefe é um verdadeiro ditador.

Percebo que Kolya quer defender Adrian, mas algo o impede. Ou alguém. O corpo inerte de Yan. Então, esse é o motivo da tensão entre eles. Adrian suspeita de Yan, e o guarda sênior não gosta disso.

— Contou a ele sua versão dos fatos, sra. Volkov?

— Claro que sim.

O desgraçado me fez repetir várias vezes para ter certeza de que eu não estava inventando nada e que o relato era fiel ao ocorrido.

Não mencionei a sombra do homem e o que ele disse. Errei alguns detalhes para fazer parecer que os sequestradores nos jogaram para fora do carro e foram embora. Ouvi Adrian falar com um de seus homens, que disse ter encontrado um cadáver desfigurado com o carro que caiu no penhasco. Deve ter sido Franco-Atirador.

Ninguém mencionou nada sobre o outro homem. A sombra, que disse que eu tinha uma missão e me chamou de Duquesa. Duvidei que isso ajudasse Adrian de alguma forma, além de que seria ruim para mim.

Porque até eu ainda não entendo o significado de suas palavras.

Entretanto, não pensei que Adrian acreditaria que Yan o havia traído. Ele é um canalha por suspeitar das pessoas mais próximas.

— Mamãe. — Jeremy puxa meu vestido.

— Sim, anjo?

— Quero trazer minha zona de guerra para cá.

— Está bem. — Faço uma pausa antes de concordar. — Consegue fazer isso, Kolya?

— Estou cuidando de Yan.

— Eu faço isso.

— É melhor que não faça. O chefe não gosta disso.

— Eu já disse que não me importo com o que ele gosta ou deixa de gostar.

Kolya permanece ali por alguns segundos e, quando fica claro que não vou me mexer, solta um pequeno suspiro.

— Muito bem.

— Eu também quero ir! Eu também quero ir! — Jeremy me solta e vai até o guarda mais próximo de seu pai. — Me leve junto, Kolya.

— Fique de olho nele. — Kolya inclina a cabeça na direção de Yan e aceno com a cabeça.

Depois que a porta se fecha atrás deles, eu puxo as cobertas um pouco para cima de seu corpo.

— Sinto muito que seu chefe seja um grande idiota, Yan.

Seus lábios se movem no que parece ser um sorriso antes de seus olhos se abrirem. Quando fala, sua voz é rouca.

— Ele sempre foi assim. Só está vendo isso agora?

— Yan! Precisa de alguma coisa? Posso te dar água, comida ou...

Minhas palavras se interrompem quando ele levanta a mão e segura a minha.

— Obrigado por me salvar.

— Claro...

A expressão de seus olhos, aliada ao seu toque, me deixa confusa. Há algo por trás deles, mas o quê?

Como se percebesse minha reação, ele retira sua mão da minha.

— Para demonstrar minha gratidão, quero que vá a um lugar.

— Um lugar?

— Kolya é o único guarda lá dentro. Então não haverá ninguém para impedi-la, agora que ele não está aqui.

— Me impedir de quê?

— O segundo andar, sra. Volkov. Aquele que você está observando há semanas.

Meu coração salta para a garganta quando registro suas palavras. Ele percebeu.

Tenho pensado em ir até lá desde que tive a chance de vir aqui e visitar Yan, mas Kolya sempre, sem exceção, me escolta para fora depois de cada visita.

E não tive coragem de voltar durante a noite, ainda mais com a

frequência com que desmaio por conta das fodas exaustivas de Adrian.

— Kolya é o homem número um e confidente de Adrian — Yan diz. — Sua lealdade está com ele e sempre vai estar, não importa o que o chefe faça. Não se engane, se ele a encontrar, não vai hesitar em entregá-la, então é melhor se apressar.

— E quanto a você, Yan? Isso não o colocaria em apuros?

— Sou apenas um paciente dormindo. Vou fingir que não sei de nada. — Ele pisca, e meu coração dispara.

Puta merda. Já vi essa piscadela antes, mas onde? *Onde?*

— Vá — ele sussurra.

Uma parte de mim não quer ir, uma parte de mim quer enterrar minha cabeça sob a areia como um avestruz.

Mas essa parte não vence.

Porque a maior parte de mim quer ir até lá e descobrir o que está acontecendo. Talvez, se eu fizer isso, possa encontrar uma solução para a situação em que me encontro. Talvez consiga me livrar dos pesadelos de uma vez por todas.

Aperto o braço de Yan como agradecimento e saio do quarto. Subo as escadas, duas de cada vez, porque sei que Kolya não vai demorar para voltar. Assim que chego ao segundo andar, uma sensação desagradável rasteja por minha pele.

Cordas de marionete estalam em meu pescoço enquanto dou passos mecânicos pelo corredor. Eu não deveria saber para onde estou indo e, no entanto, parece que sei.

Não abro a primeira nem a segunda porta e, em vez disso, paro em frente à última à direita. A que tem a janela que vi naquele dia.

Meus dedos tremem quando giro a maçaneta. Espero que ela se feche e me deixe do lado de fora, mas um clique suave ecoa no ar.

Quando se abre, as dobradiças produzem um leve rangido, como os de filmes de terror e de suspense de tirar o fôlego.

Não sei por que acho que um monstro está me esperando do outro lado.

Não está.

É muito pior.

Há alguém deitado em uma cama modesta.

Há fios conectados ao braço da pessoa. Ela está parada, imóvel, como se estivesse morta. Mas a máquina à direita mostra um batimento normal.

Bip.

Bip.

Bip.

Meus dedos suados soltam a maçaneta à medida que me aproximo devagar do leito. Meus pés estão prestes a falhar, meu coração batendo tão alto que teria quebrado a máquina se estivesse conectado a uma.

Cubro a boca com as mãos ao olhar para a pessoa deitada.

Ela usa uma camisola branca como no pesadelo, seus cabelos escuros espalhados por todo o travesseiro e sua pele branca e pastosa.

O lençol de lã a cobre até os seios e suas mãos estão cruzadas sobre o estômago, como se estivesse em um caixão.

Lia Volkov.

A verdadeira Lia Volkov.

Pensei que ela estivesse morta. Como poderia estar...? Por que ela está...?

Meus pensamentos se atropelam sem uma direção definida, e uma sensação nauseante se instala em meu estômago, exigindo que eu vomite o café da manhã.

Seus olhos se abrem, o azul deles se chocando com os meus.

Cambaleio para trás e minha boca se abre em um grito.

É um pesadelo.

Só pode ser. Não é possível que eu tenha acordado esta manhã e esteja tendo outro pesadelo.

Fecho os olhos e volto a abri-los.

Lia ainda está ali, encarando, mas não a mim. Seu olhar não me seguiu quando tropecei.

Eu me belisco em uma tentativa desesperada de acordar, mas só sinto uma dor aguda.

Meu corpo inteiro treme quando me reaproximo dela. Ela continua fitando, mas nada em seu corpo se move. Nem suas mãos, nem seus membros.

É como se estivesse dormindo com os olhos abertos.

— Lia — sussurro, com medo de que qualquer som mais alto faça com que ela salte da cama e corte minha garganta, como fez em meu sonho mais recente.

Ela não demonstra qualquer reação ao me ouvir. Seus olhos continuam olhando para a frente, presos em terras longínquas. Passo a mão diante de seu rosto, mas ela não a segue.

Nem sequer pisca, num transe absoluto. Agora que não estou mais em choque, posso ver que seus olhos são vazios, mais claros que os meus, como se os sentimentos que os tornavam brilhantes tivessem desaparecido por completo.

Toco seu ombro de leve, embora meu corpo esteja virado para o outro lado, pronto para sair correndo a qualquer momento.

Lia não se move. Nem mesmo um centímetro.

Será que está paralisada? Com morte cerebral? O que leva uma pessoa a ficar nesse estado sem fazer um único movimento?

— Lia... — murmuro mais uma vez.

Nada.

Mas não sinto alívio. Ao contrário, o pavor e a escuridão de antes me atingem a caixa torácica e apertam um nó em meu coração.

Quando minha perna vibra, fico ofegante, achando que Lia me tocou.

É o telefone. *Apenas o telefone.*

Com os dedos trêmulos, eu o pego. A mensagem que vejo aprofunda meu estado de tremor.

Número desconhecido: Já descobriu sua missão?

Meu olhar desliza da tela para Lia e depois de volta, meu coração martelando na garganta.

Será que... será que a sombra tem algo a ver com isso? Digito uma resposta.

Lia: Tem algo a ver com Lia?

Número desconhecido: Você se tornou Lia Volkov por um motivo. Encontre ela. Faça isso. Estou perdendo a paciência, Duquesa.

— O que diabos isso quer dizer? — resmungo baixinho.

A cabeça de Lia se inclina para o lado em um ângulo não natural, como se estivesse prestes a quebrar. Seus olhos piscam depressa e sua boca se abre quando um longo gemido de dor sai dela. É primitivo, profundo e perturbador.

Saio correndo do quarto, batendo a porta atrás de mim. Meus dedos tremem ao redor do telefone enquanto corro. Não paro até estar do lado de fora.

Meu coração pulsa na garganta e tenho quase certeza de que os guardas perceberam, mas, se perceberam, não comentaram nada.

Eu me forço a andar em um ritmo moderado até chegar à casa principal. Subo as escadas correndo, entro no quarto e me escondo debaixo das cobertas.

Minha mão ainda está segurando o telefone com força, como se fosse uma linha segura contra os dedos fantasmagóricos que sinto tentando tirar as cobertas de mim ou os fios de marionete tentando me direcionar para um túnel escuro.

E se Lia me seguiu? E se ela me matar agora?

O suor cobre minha testa e meus dedos estão rígidos quando olho para a luz do telefone sob a escuridão das cobertas.

As mensagens do número desconhecido me encaram de volta. Ele sabe de alguma coisa. Disse que tomei o lugar dela por um motivo. Mas qual? Além de ter sido coagida por Adrian a fazer isso, eu não tinha motivo para ser Lia. Não *quero* ser Lia.

Então, a percepção do que vi me atinge como uma marreta.

Ela está viva.

Lia Volkov está viva.

Antes, eu estava por um fio, mas agora que sei que ela está viva, me sinto dez vezes pior do que me sentia hoje de manhã.

Tudo o que Adrian fez comigo foi horrível, e pensei que estava enfrentando alguém morto, que não existe. Mas ela *existe*. Ela *respira*. E está ali, na mesma casa, enquanto uma sócia sem-teto transa com seu marido dia após dia.

Eu tirei sua vida, seu filho, seu marido. Tudo.

Acho que vou vomitar.

Não é à toa que tive pesadelos com ela me matando ou tentando me matar. Eu teria feito o mesmo. Se meu marido, o homem que amo, trouxesse outra mulher para foder sob meu teto, eu o mataria com minhas próprias mãos.

Não me importaria que ele a chamasse pelo meu nome ou que a trouxesse apenas como substituta. Eu não sou ela.

Isso é traição.

É *errado* pra caramba.

Eu poderia ter ficado calada a esse respeito antes, mas agora que sei, não posso continuar.

Não sou tão doente quanto Adrian. Não sou uma destruidora de lares.

A outra.

Trazendo à tona minha conversa com a sombra, sei que ele é o único que pode me permitir uma fuga.

Final de contas, ele me sequestrou naquela festa de aniversário, em meio a toda aquela segurança, apenas para uma conversa. Pode fazer isso de novo se eu mentir e disser que conheço a missão.

Desta vez, não voltarei para o lado de Adrian e seus jogos doentios e perversos.

Desta vez, terei que ir embora.

Quando entro em nosso quarto, a primeira coisa que sinto é o cheiro de... rosas.

Há algumas velas acesas na mesinha de cabeceira, com suas luzes tremeluzindo na escuridão do quarto.

Paro na entrada e tiro o paletó. O dia foi tedioso pra caramba e a reunião na mesa de Sergei foi só para dar umas cutucadas. Embora eu costume não ligar para isso, a ameaça visível que Vladimir e Sergei estão demonstrando em relação a mim me deixou cauteloso.

Por sorte, as câmeras da mansão de Sergei não captaram nada do sequestro daquela noite. Eu mesmo as assisti, fingindo que tinha perdido meu cartão, mas essa parte foi cortada da filmagem. A última coisa registrada foi Yan conduzindo Lia para dentro do meu carro antes que ela agarrasse seu ombro e o puxasse para dentro com ela.

Assisti à filmagem das câmeras opostas, depois dei uma pausa e aumentei o zoom para ver os rostos dos agressores, mas ambos usavam máscaras. O motorista estava de boné e nunca levantou a cabeça o bastante para que eu visse seu rosto.

O outro não foi tão cuidadoso, e faz sentido, pois presumo que foi quem encontramos no fundo do penhasco. Era um Spetsnaz que se tornou assassino. Um mercenário, sem alianças reais e, como a maioria dos Spetsnaz profissionais, é impossível rastrear como entrou em contato com seus clientes.

Eu estava – e ainda estou – mais interessado no filho da puta que escondeu o rosto o tempo todo, porque é quem parecia ter as rédeas da operação. Assisti a todas as filmagens do estacionamento naquele dia e até estendi a análise para mais uma semana. Ele não apareceu na câmera. De forma alguma. O que significa que sabia tudo sobre eles e se certificou de estar em seus pontos cegos.

Também soube como atirar em Yan de uma forma que não fosse capturado pela câmera e usou estradas sem vigilância.

Agora, essa é a parte que não faz sentido algum. Por que se deu a todo esse trabalho só para deixá-los ir embora? Poderia ter causado mais danos a mim se tivesse me ameaçado com a vida de Lia.

Se Yan não faz parte disso, e tenho noventa e nove por cento de

certeza de que não faz, ele poderia apenas ter matado meu guarda.

Então, por que liberou os dois?

A menos que seu objetivo nunca tenha sido capturá-los.

Yan disse que estava inconsciente durante a maior parte da viagem de carro e que não se lembrava de muita coisa. Ele está mentindo. Sei dizer quando Yan mente. Mas ainda não consigo entender o motivo, então disse a ele que seu ganha-pão depende se ele lembra ou não do que aconteceu naquele carro.

Kolya me lançou um olhar sujo antes de perceber que não deveria estar me encarando. Meu segundo em comando tem o coração mole quando se trata de Yan, tanto que até ele foi enganado por seu desempenho. Ele só vê sua dor, mas eu vejo muito além disso.

Compreendo o vínculo que ele formou com Lia durante o tempo em que a está observando – por mais que eu odeie. Vejo como sua lealdade a mim não é mais absoluta. Está dividida entre mim e ela, e isso só o prejudicará a longo prazo.

Fecho a porta do quarto atrás de mim. Quando Ogla e Kolya disseram que Lia havia desafiado minha ordem de ficar longe de Yan, eu estava a caminho daqui com a intenção de puni-la, mas isso foi antes de ter essa visão.

Lia, sentada em sua cômoda, penteando o cabelo sobre o ombro fino e delicado. A camisola de cetim azul que está usando combina com a cor de seus olhos brilhantes.

A alça cai na curva macia de seu ombro e ela não se preocupa em segurá-la. Sua atenção está voltada para o espelho, enquanto escova os fios brilhantes de seu cabelo escuro.

Abandono o paletó na cadeira e meus pés se movem em sua direção. Não tenho escolha quando se trata do desejo de estar perto dela. Está gravado na medula de meus ossos, sem opção de ser eliminado.

O perfume de rosas enche minhas narinas quando chego perto dela. Como se sentisse minha presença, os dedos de Lia se detêm na escova e ela encontra meu olhar através do espelho, com a boca entreaberta.

Seus lábios estão pintados com um batom vermelho-escuro sobre o qual quero deslizar minha língua e espalhar em suas bochechas rosadas.

— Você voltou — ela murmura.

— Voltei — falo baixinho ao colocar minhas mãos em seus ombros. Em vez de levantar a alça, empurro a outra pelo braço dela. O material escorrega, revelando seus seios pálidos e seus mamilos rosados e macios.

Solto um de seus ombros e apalpo um seio. Ele se encaixa com perfeição, como se tivesse sido feito para a minha mão. Meu polegar acaricia o mamilo e ela respira fundo, com as duas mãos apoiadas no colo.

— Velas? — pergunto com indiferença, como se não estivesse, de fato, pensando em transar com ela no chão agora mesmo. Parece tão tentadora, como se minha fantasia mais louca estivesse se tornando realidade.

Estou falando para distrair o animal que há em mim de agir de acordo com esses desejos carnis e para, de alguma forma, acalmar minha ereção furiosa.

No momento, essa estratégia está falhando.

— Elas têm um cheiro gostoso. — A voz dela é ofegante, erótica pra caramba, e isso não ajuda na minha missão. — Não acha?

— Tem mesmo. — Mexo em seus cabelos e os levo até meu nariz, inalando-os fundo. — Mas não mais do que você.

— Sério?

— De verdade.

— Qual é o meu cheiro?

— Como rosas e vícios.

— Como sabe qual é o cheiro dos vícios?

— Eu não sabia. Até você chegar.

— *Eu?* — ela arrasta a palavra.

— Sim, você. Humm. Se não soubesse, diria que está me seduzindo, Lenchka. — Belisco seu mamilo e ela suspira antes de morder o lábio inferior.

O fato de ela estar se silenciando deveria ser um fator de desestímulo, mas estou longe demais para que essa mulher registre isso.

Solto seu cabelo e enfio dois dedos em sua boca, esperando que ela me morda. Pelo menos posso sentir o quanto ela me deseja dessa forma. Quanto mais forte for a mordida, mais ela está interessada em

mim, tanto quanto estou nela.

É um senso de autoafirmação maluco. Algo que me mantém à tona. Tenho plena consciência de que ela se afastará de mim depois que terminarmos. Que vai se voltar para o seu lado e vai me dar as costas, me apagando de seu mundo. Mas neste momento, enquanto a estou tocando, ela é minha para ser tomada.

Minha para ter.

Minha para possuir.

Em vez de morder, Lia passa a língua em meus dedos. Seus olhos se encontram com os meus através do espelho, com mil brilhos passando por eles ao mesmo tempo.

Aperto seu mamilo, puxando o broto rosado e apertado, e ela suspira ao redor de meus dedos. Eu os tiro antes de voltar a enfiá-los. Ela os chupa, com diligência e energia renomadas, seus olhos nunca deixando os meus.

— Que se dane. — Eu a levanto, com um braço envolvendo sua cintura. Ela é tão pequena que se aconchega contra mim, mesmo com uma mão.

Com a outra, derrubo o que está em sua cômoda e ela suspira quando seus dedos se cravam em meus ombros. Algumas garrafas se espatifam no chão e outras coisas caem. Por sorte, nenhuma das velas está aqui, caso contrário, eu teria provocado um incêndio.

A melhor opção teria sido carregá-la para a cama, ser um ser humano de verdade, mas não tenho paciência para chegar até a cama agora. A pequena distância parece estar a um ano-luz daqui. Meu controle de ação não existe quando se trata dessa mulher.

É por isso que a mantenho longe da irmandade. Que prefiro que não saiamos em público. Sempre me sinto tentado a matar se alguém sequer olha na direção dela, quanto mais falar com ela. Sempre me sinto tentado a nos trancar em um lugar onde ninguém possa nos encontrar.

Abro o zíper da minha calça e a puxo para baixo junto com a cueca boxer para liberar meu pênis inchado. Lia me observa, sem piscar, imóvel. Até para de respirar por um segundo.

Ela costuma observar minha ereção com uma expressão meio atordoada, meio excitada, e estou rezando para que a parte excitada vença, porque estou a ponto de explodir.

— Vou fodê-la com força e rápido esta noite, Lia. Não vou ser

gentil. Não posso ser gentil, mas se eu te machucar, se ficar insuportável, fale.

O peito dela sobe e desce pesado, os seios rosados empurrando para cima e para baixo a cada movimento.

— Entendeu, Lia?

Ela acena com a cabeça uma vez, seu olhar deslizando para o meu.

— Use suas palavras. Quero ouvi-la.

— Ouvir?

— Sua voz. Quero ouvi-la, Lia. Então, quando eu transar com você, não se cale para mim.

— Por que isso é tão importante para você? — ela sussurra.

— Porque é tudo sobre você. — E porque ela será minha Lia. *Toda. Por inteiro.*

Meu braço ainda está em volta de sua cintura quando uso minha outra mão para abrir suas coxas e rasgar sua calcinha. Ela se desfaz de uma só vez, acompanhada de seu suspiro, e penetro em seu calor úmido.

Ela me acolhe em sua calidez, com as paredes se apertando e as pernas tremendo. Seu corpo se enrosca no meu e seus braços envolvem meus ombros, com as unhas arranhando minha pele a cada movimento de meus quadris.

Como prometido, eu a tomo com força e rapidez. Suas costas batem no espelho a cada uma de minhas investidas. Posso senti-la se apertando ao meu redor em preparação para o orgasmo.

Mas ainda não.

Eu a tiro de dentro de mim e ela solta um som que fica entre um suspiro e um gemido. Mordo seu lábio antes de soltá-lo e virá-la para que fique de frente para o espelho.

Seus olhos se arregalam quando ela se vê seminua, com a camisola enrolada na cintura. Em seguida, abaixa a cabeça quando a penetro. Agarro sua mandíbula, os dedos cravados em sua pele, e viro sua cabeça na direção do espelho.

— Olhe para o seu rosto enquanto a fodo. Veja como seu corpo reage a mim.

Ela tenta quebrar o contato visual, parecendo envergonhada

com o que vê, mas mantenho meu aperto firme em seu maxilar, imobilizando-a.

— Olhe para mim, Lia.

Ela não olha, então giro meus quadris, batendo mais fundo nela, com as pontas dos meus dedos afundando em sua perna.

— Olhe para mim.

Seus olhos se encontram com os meus através do espelho, hesitantes, quase como se estivesse com medo do que encontraria em meu rosto. Não tenho certeza do que vê – pode ser minha necessidade animal por ela, minha obsessão sombria ou os segredos e mentiras que envolvem nossas vidas juntas.

Seja o que for, ela se mantém firme no lugar conforme a fodo com mais força, penetrando-a com uma urgência enlouquecedora. Coloco uma mão protetora ao redor de seu estômago para que ela não bata na borda da cama com cada uma de minhas investidas violentas.

Seus seios pequenos e empinados balançam e suas pernas tremem com a potência dos meus quadris.

— Adrian... — ela geme com a voz mais doce, erótica e rouca que já ouvi.

Ela não morde o lábio, nem mesmo tenta desviar o olhar de mim.

Os gemidos de Lia se elevam no ar como na vez em que a fodi após seu sequestro. São primitivos e famintos, saindo dos recônditos de sua alma e batendo em cheio na minha.

Isso só me faz ficar mais duro, meu ritmo aumenta e meus movimentos fogem do controle.

O fato de ela me deixar ouvir sua voz, sem amarras, sem alterações, enche minha virilha e meu peito com uma sensação inigualável de luxúria, de posse e de algo diferente.

Sempre tive a intenção de arruinar essa mulher, mas também posso possuí-la.

Confiscá-la.

Tê-la só para mim.

Lia goza com um grito rouco, seus dedos se agarrando à borda da cama. Eu me junto a ela logo em seguida, derramando meu esperma dentro dela e me impondo.

Uma respiração áspera preenche o ar enquanto ambos descemos aos poucos de nosso pico. Lia ainda não desvia o olhar de mim, como se seus olhos encantadores estivessem presos em um transe.

Encosto meus lábios em seus ombros. Uma camada de suor cobre sua pele, mas não estou nem aí para isso. Tudo nela é perfeito.

— Adrian? — ela sussurra.

— Humm? — murmuro, continuando a morder sua pele. Estou apenas lhe dando um tempo de descanso antes de levá-la para a cama e transar de novo. Mais devagar dessa vez. Embora eu tenha certeza de que, quando estiver dentro dela, não conseguirei me controlar.

Mais uma vez.

— Eu me comportei bem?

— Muito, Lenchka.

— Mereço um prêmio?

— Humm. — Deslizo minha língua por sua garganta antes de meus lábios encontrarem sua orelha. — O que você quer?

— Quero ir lá fora com Jeremy.

— Você faz isso, todos os dias.

Volto a morder seu pescoço, com os dedos acariciando seus seios e mamilos, fazendo-a arfar.

— Não para o jardim.

— Então onde?

— No parque. Um lugar com crianças de verdade e pessoas que ele possa ver.

— Risco de segurança. Não.

— Adrian, por favor. — Ela se vira de frente, de modo que fica entre mim e a cômoda, e coloca uma mão suave no meu peito. — Crianças da idade dele precisam sair e conhecer outras crianças. Será só por algumas horas, e tenho certeza de que seus guardas ficarão de olho em nós.

Não gosto que eles fiquem do lado de fora, nem mesmo com meus guardas. Mas sei que ela está estressada. Tenho percebido isso em seus gestos distraídos e na intensidade crescente de seus pesadelos. Se não liberar essa tensão, ela pode – e vai – começar a se comportar

mal em breve.

Embora eu não tenha certeza da extensão do que acontece, os padrões não mentem, e ela está desenvolvendo um.

Mas, em vez de concordar de imediato, levanto uma sobrancelha.

— Com uma condição.

Seus olhos se iluminam.

— Qual?

— De agora em diante, você vai me deixar ouvir sua voz.

Lia engole em seco, hesitando antes de assentir. Não gosto desse momento de hesitação, de como ela quer dizer não, mas sabe que precisa dizer sim para conseguir o que quer.

Mas não significa que eu não a obrigue a isso.

Levanto seu queixo.

— A partir desta noite.

— Isso quer dizer que vai nos deixar sair?

— Farei os preparativos.

— Obrigada. — Ela dá um sorriso largo, e beijo esse sorriso. E me delicio com ele, enfiando minha língua e a beijando com uma violência que a deixa sem ar.

Adoro fazê-la feliz. Adoro como ela se derrete em meus braços e pretendo mostrar a ela o quanto gosto disso a noite toda.

Mas até eu sei que essa fase chegará ao fim. Que nós dois precisamos enfrentar nossos demônios.

Eu a carrego em meus braços em direção à cama.

Vou me preocupar com isso quando acontecer, porque, no momento, minha esposa é a única pessoa que importa.

Winter

Nunca pensei que Adrian nos deixaria sair.

Quando elaborei o plano, a única variável era Adrian. Ele sempre me mantém em uma torre de marfim que, de alguma forma, é bloqueada do mundo exterior.

Por isso, quando pedi que deixasse eu e Jeremy sairmos, imaginei que se recusaria, mesmo que eu usasse meu corpo para relaxá-lo um pouco. Bem, *usar* é um exagero. Aproveitei cada segundo do sexo de ontem à noite. Na verdade, gostei tanto que senti certo medo do desejo puro que vi em meu reflexo no espelho.

Mas também usei isso a meu favor.

Adrian fica mais aberto quando está dentro de mim. Não diria que baixa a guarda, mas fica mais sintonizado comigo. E, para isso, tive que me soltar por completo, sacrificar minha luta para que ele caísse mais em mim. Não teria conseguido se tivesse fingido ou resistido. Ele é muito perspicaz, tão metódico que prendi a respiração a noite inteira achando que me pegaria.

Ainda estou prendendo a respiração.

Jeremy está brincando com o carrinho de brinquedo enquanto estamos sentados no banco de um parque próximo. Dois dos guardas de Adrian não estão muito longe de nós, mas os convenci a nos dar espaço. Os dois são corpulentos, carrancudos e assustadores. Atrairiam mais atenção em vez de evitá-la.

O céu está nublado, o ar está gelado e o vento é um lembrete constante da estação fria toda vez que sopra meu cabelo para trás.

No entanto, o parque está movimentado, como eu esperava. As crianças se divertem com seus brinquedos e os adultos correm ou andam de bicicleta. É o tipo de caos que está mantendo os guardas atentos e que trabalhará a meu favor.

O número de telefone desconhecido – ou “sombra”, como gosto de chamá-lo – disse que entraria em contato. Eu lhe enviei uma mensagem dizendo que estaria no parque hoje antes de excluir toda a conversa.

Não tenho certeza se Adrian está mexendo no meu telefone,

então não podia correr riscos.

Esperar que a sombra faça contato é um conceito novo de nervosismo. Estive observando meus arredores durante a última meia hora como um viciado em busca de sua próxima dose. Eu me forcei a ficar calma para não alertar os guardas. Eles não são Kolya nem Yan, mas são homens de Adrian mesmo assim. Estão alertas e não hesitarão em informar seu chefe se perceberem algo suspeito.

Meu telefone vibra na bolsa.

Meu coração dispara quando o pego. Adrian.

Embora devesse ficar desapontada por não ser a sombra, minha pulsação dispara ainda mais.

Gostaria que houvesse uma maneira de me impedir de ter essa reação sempre que Adrian está envolvido. Gostaria de não desejar um homem casado.

Que merda.

Não é apenas luxúria. É algo mais, e foi isso que me levou às lágrimas esta manhã no chuveiro.

Mas não importa. Ele não é meu e nunca será. É por isso que preciso ir embora.

Ele não costuma me ligar – por outro lado, *costuma* me vigiar em casa.

Pigarreando, respondo:

— Oi.

— Você e Jeremy estão se divertindo? — Ouço sua voz calma e sofisticada. Posso visualizá-lo sentado atrás da mesa e batendo o dedo no móvel.

— Sim.

Olho de relance para Jeremy, que agora está preocupado em observar um exército de formigas desaparecendo atrás do banco.

— Está frio.

— Estamos de casacos, cachecóis e luvas. Você se certificou disso, lembra?

— Sim.

— Estamos bem, Adrian. Estamos mesmo.

— Gosto disso. — Sua voz baixa de tom.

— Do quê?

— De vocês dois estarem bem.

Você quer dizer Lia e Jeremy. Mas não verbalizo isso, preferindo ficar em silêncio.

— Tenha um encontro comigo hoje à noite.

— Um e-encontro?

— Sim. É quando duas pessoas passam um tempo juntas.

— Sei o que é um encontro. Só não sei por que você quer isso.

— Você já está tendo um encontro com Jeremy. Por que não comigo?

— Tem ciúme de seu próprio filho?

— Às vezes. O que diz?

— Sobre o quê?

— Do encontro.

— Posso recusar?

— Pode, mas é mais divertido se não recusar.

— Tudo bem.

— Vejo você mais tarde, Lenchka.

— Vá ver sua maldita esposa em coma — murmuro para a linha morta e solto um suspiro áspero.

Sei que é tudo encenação, mas está ficando entediante e quero acabar com toda essa farsa. Quero apagar o dia em que conheci Adrian. Quero voltar a ser uma incógnita nas ruas, pensando em minha próxima refeição com Larry.

Será que vou encontrar meu velho amigo agora?

— Mamãe, olhe! — Jeremy exclama, apontando para um pequeno circo que está de passagem.

Alguns palhaços caminham com grandes balões nas mãos. Um homem em pernas de pau joga bolas no ar e outro, com olhos pintados de branco e preto, toca gaita. A atenção da multidão se volta para eles. As crianças – incluindo Jeremy – estão cativadas pelo show.

Eles param perto de nós, os palhaços dançando e pegando as crianças pelas mãos. Um deles se aproxima de Jeremy e lhe dá um balão.

Meu anjinho o pega com um sorriso enorme no rosto. Os guardas de Adrian começam a cruzar a distância entre nós, talvez vendo os palhaços como uma ameaça.

Minha coluna estremece, mas por um motivo diferente. O circo está cercado Jeremy. Ele dança com eles, rindo e me chamando. Tento alcançá-lo, mas eles me impedem enquanto sorriem e fazem malabarismos com bolas no ar.

Eu me empurro entre eles, com as palmas das mãos suadas.

— Jeremy!

Um aperto firme se fecha ao redor do meu pulso e grito ao ser puxada para trás, mas o som é abafado por uma mão contra minha boca.

Só consigo respirar couro conforme sou arrastada para longe da multidão. Tento chutá-lo, mas ele me agarra pelos cabelos.

— Fique quieta, Duquesa. Não queremos quebrar seu lindo pescoço agora, queremos?

— Jeremy! — murmuro contra sua palma, mas quase não sai como uma palavra.

Ele não me solta até que estejamos em um beco, com minhas costas pressionadas contra uma parede. Respiro com dificuldade ao encará-lo. Ele usa um chapéu preto e uma máscara que cobre o nariz e a boca. Somente seus olhos são visíveis, castanhos, profundos e familiares.

— Eu te disse que vou levar Jeremy comigo — digo, ofegante.

Ele dá uma risadinha, com um tom condescendente.

— Acha mesmo que Adrian vai deixar seu único filho sair de sua vista? Ele vai virar o mundo de cabeça para baixo pelo moleque.

— Mesmo assim...

— Cale a boca com suas lamúrias, Duquesa. Você disse que tem algo para mim.

— Não vou te contar até que leve Jeremy e eu para longe.

— *Para longe?* Sua missão é aqui. Por que deveria ir embora?

— Mas...

— Você não se lembra, não é? — Ele solta um suspiro exagerado. — Você é uma tremenda chateação, Duquesa. Sempre foi.

— O quê?

Ele tira a máscara e arquejo. Seu rosto, aquele com a barba rala e o nariz reto. É o mesmo do meu pesadelo. O homem que estava segurando minha mão enquanto eu pegava a arma e puxava o gatilho.

— Você!

— Sim, eu. Seu primeiro e único... ou o que quer que seja.

— Mas você não é real. Foi um pesadelo.

Ele belisca minha bochecha. Com força.

— Ai. Por que fez isso?

— É como você diferencia a realidade de uma alucinação, Duquesa. Dor significa que é real. A falta de dor significa que é um jogo doentio em sua cabeça.

Minha boca se abre.

— Como... como sabe disso?

— Sei muitas coisas sobre você, mas o mais importante é que sei que não cumpriu sua missão, Lia.

— Não sou Lia — murmuro. Pela primeira vez, as palavras parecem insinceras.

— Sim, você é, Duquesa.

— Não. A verdadeira Lia está deitada numa cama, olhando para o nada.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Mas ela é real? Você testou sua dor?

Minha língua gruda no céu da boca e eu a forço a descer ao murmurar:

— Não. Eu não sou Lia.

Sou *Winter*.

— Você acredita mesmo nessa merda, não é? Até onde você foi dessa vez?

— É verdade — digo. — Não sou Lia.

Ele se inclina para sussurrar:

— Então, como me ajudou na tentativa de assassinato de Adrian há um ano? O pesadelo em que me viu? Sim, foi uma

lembrança, Duquesa.

Sacudo a cabeça sem parar, não querendo ouvir, não querendo deixar que o surto de energia que está fluindo em minhas veias atinja minha cabeça.

Meus membros tremem e estou aterrorizada com o que esse influxo vai trazer.

— Eu sou Winter. Meu nome é Winter Cavanaugh e...

Um flashback me atinge com tanta força que minhas palavras morrem em minha garganta.

Estou em pé no meio de uma igreja, murmurando “Aceito” enquanto olho para Adrian. Ele usa um smoking que o deixa dez vezes mais bonito, e eu estou usando um vestido de noiva branco.

Sua mão forte envolve a minha nuca e ele me puxa contra o peito:

— *Agora você é minha, sra. Volkov.*

Seus lábios se encontram com os meus em um beijo intenso que rouba meu fôlego.

Eu não o beijo de volta.

Só penso em como acabar com sua vida.

Arquejo quando sou impelida de volta ao presente.

— Lembra agora? — Luca pergunta. Esse é o nome dele. Luca. Meu parceiro nessa história toda.

E eu me lembro.

É verdade.

Meu nome é Lia. Lia Volkov.

Sobre a Autora

Rina Kent é autora best-seller do USA Today e nº 1 da Amazon de romances *enemies to lovers*.

Ela é conhecida por criar anti-heróis e vilões sem remorsos porque já se apaixonou por homens pelos quais ninguém torce. Seus livros são salpicados com um toque de escuridão, uma pitada de angústia e uma dose doentia de intensidade.

Ela passa a privacidade de seus dias em Londres, rindo como uma mestra do mal ao acrescentar o caos ao seu universo em expansão. Quando não está escrevendo, Rina viaja, faz caminhadas e mima os seus gatos assim como eles merecem.